

Organizadora

Luise Soares Pereira de
Souza

Carmilla

Uma história de vampira em
quatro versões



Belo Horizonte
FALE/UFMG
2016

Sumário

Diretora da Faculdade de Letras

Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretor

Rui Rothe-Neves

Comissão editorial

Elisa Amorim Vieira

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Reinildes Dias

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Normalização

Lilian Martins

Revisão de texto

Laila Silva

Diagramação

Olívia Almeida

Revisão de provas

Bárbara Turci

Natalia Soares

ISBN

978-85-7758-274-7 (impresso)

978-85-7758-272-3 (digital)

Endereço para correspondência

Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: vivavozufmg@gmail.com

site: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

5	Às voltas com vampiros
11	Carmilla
85	Carmilla: Morrer de Prazer
135	Carmilla
213	Carmilla: A Vampira de Karnstein
291	Sobre as edições

Às voltas com vampiros

Em se tratando de histórias de vampiro, não faltam opções dentre as quais escolher. Aos apreciadores do gênero, há números contos, romances e novelas para seu entretenimento, e esses são apenas as opções literárias — quando expandimos a busca para as outras mídias, é até fácil se perder entre tantos filmes, seriados de TV, programas de rádio ou na internet e até mesmo videogames que tratam do assunto. A popularidade do vampiro é inegável, e têm o sido, se não desde sua primeira aparição na literatura — que teoriza-se ter ocorrido com o conto “The Vampyre”, de William Polidori — ao menos desde a publicação e consequente sucesso de Drácula, de Bram Stoker. O conto de Polidori, de 1819, apesar de não ser a primeira menção a vampiros na literatura - Byron, em “The Giaour”, e Robert Southey em “Thalaba, o destruidor” fazem alusões à criatura¹ — é o primeiro que o coloca na posição de protagonista. De sua publicação até o surgimento do aclamado Drácula, em 1897, passam-se quase 80 anos, e é exatamente neste período que Sheridan Le Fanu publica “Carmilla”, estória sob a qual revolve esta edição.

“Carmilla” foi publicado pela primeira vez entre dezembro de 1871 e março de 1872 na revista The Dark Blue, e foi, após um ano, incorporada a uma coletânea de contos do autor.² É interessante notar que sua

¹ LUCKHURST, Roger. Before Bram: a timeline of vampire literature. *In*: Oxford University Press Blog. Disponível em: <http://blog.oup.com/2015/04/timeline-vampire-literature-pre-dracula/>, acessado em 13/05/2016.

² NEWMAN, Kim. Sheridan Le Fanu’s gothic spirit lives on. *In*: The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/booksblog/2014/aug/28/sheridan-le-fanu-two-centuries-birth-vampire-ghost-stories>, acessado em 13/04/2016.

data de publicação precede em mais de vinte anos o famoso romance Drácula. Devido a alguns pontos similares entre as duas narrativas, há quem diga que o conto de Le Fanu serviu de inspiração para Stoker, e há até quem teorize que o motivo para o tamanho sucesso da obra mais tardia e não de "Carmilla" são os claros tons homoafetivos presentes no conto do Irlandês e a falta de um controle masculino sendo exercido sobre as personagens principais, Laura e Carmilla; enquanto em Drácula o controle masculino sobre as relações entre mulheres é restaurado.³

Apesar de não ser a obra mais famosa de seu gênero, "Carmilla" certamente é o conto mais conhecido de Le Fanu. O irlandês, nascido em 28 de agosto de 1814, cresceu no meio rural até ingressar na Trinity College, em Dublin — seu contato com o folclore e as superstições locais na infância influenciaram fortemente sua escrita. Le Fanu escreveu predominantemente histórias sombrias e sobre o sobrenatural; seu primeiro conto, "The Ghost and the Bonesetter", foi publicado em 1838 na Dublin University Magazine, da qual Le Fanu posteriormente se tornou editor e dono. Sua última obra foi publicada postumamente em 1880, chamada *The Purcell Papers*, uma coletânea de seus doze primeiros contos que são apresentados como manuscritos do Rev. Francis Purcell e "Billy Maloney's Taste of Love and Glory", conto de 1850 e único que não faz menção ao Rev. Purcell. No Brasil, apenas uma pequena fração de seus trabalhos foi publicada: os contos "Carmilla", "Chá Verde", e "O quarto no dragão voador". Enquanto "Carmilla" e "O quarto no dragão voador" foram publicados independentemente, "Chá Verde" está presente apenas em um volume que conta também com "Carmilla".

O gênero textual das obras mencionadas é um ponto passível de discussão. Geralmente chamados de contos, as histórias mais longas de Le Fanu não são longas o bastante para ganhar serem consideradas romances, mas ultrapassam o tamanho usual de um conto. A denominação Novela geralmente é utilizada para tratar desse gênero, um meio-termo entre os contos e os romances. Esse é um termo pouco utilizado, com o uso de nomes como "conto longo" ou "romance curto" muitas vezes sendo preferido, de acordo com minha observação. Por preferência

³ SIGNOROTTI, Elizabeth. *Repossessing the Body: Transgressive Desire in "Carmilla" and Dracula*. In: *Criticism* Vol. 38, No. 4 (fall, 1996), p. 607-632

pessoal, o termo novela será utilizado daqui em diante para tratar de "Carmilla".

Outro ponto que foi definido por preferência pessoal para essa coletânea foi seu subtítulo. A palavra versão, no que se diz respeito ao mundo da tradução, é geralmente usada para tratar de um texto que foi traduzido do português a uma língua estrangeira, de modo a diferenciá-lo de um texto que foi traduzido de um outro idioma ao português. Neste volume, no entanto, as três traduções da novela para o português serão chamadas de as três versões de "Carmilla".

Uma pesquisa ao acervo da Biblioteca Nacional revelou que "Carmilla" foi publicado no Brasil cinco vezes, quatro vezes em na língua portuguesa e uma em espanhol. Fui capaz de adquirir quatro das publicações encontradas, e destas, as três em português estão presentes nesta coletânea. Vários anos separam cada edição, e cada uma foi publicada por uma casa editorial diferente e traduzida por diferentes tradutores. Apesar da novela ser um pouco mais longa que um conto normal, em dois casos a publicação não é apenas uma edição de "Carmilla", mas sim uma compilação. A primeira, de 1985, da editora Brasiliense, contém também uma edição de "Chá Verde" em sua única publicação no Brasil; a publicação mais recente trata-se de uma antologia de 2010 da editora Berlendis & Vertecchia, que apresenta várias histórias que abordam o assunto do vampirismo. Apenas a edição de bolso da editora Hedra, de 2010, conta com apenas a novela, sendo também a única edição que obtive que conta com uma ilustração — Carmilla/The Dark Blue de David Henry Friston — que precede o texto.

Além dos volumes já mencionados, uma outra publicação foi identificada em uma busca nos registros da Biblioteca Nacional. A primeira edição de "Carmilla" no Brasil foi publicada pela editora Bruguera em 1971, com tradução de Pedro Porto Carreiro Ramires, parte da coleção Trevo Negro. A editora Bruguera, mais conhecida pelas obras pulp que fizeram muito sucesso na década de setenta, e uma filial da homônima espanhola, não está mais no mercado.⁴

⁴ TORRES, Bolivar. Papa do pulp, R. F. Lucchetti prepara a sua volta. In: *O Globo*, disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/papa-do-pulp-f-lucchetti-prepara-sua-volta-14207123>, acessado em 29/01/2016.

Conforme já mencionado, a novela foi publicada em uma coletânea de contos do autor, denominada *In a Glass Darkly*. A publicação conta com cinco histórias, sendo “Carmilla” a última, que Le Fanu conecta por meio de prefácios criados para a *In a Glass Darkly*, supostamente escritos pelo editor de Dr. Hesselius, personagem do conto “Chá Verde”.⁵ Por ter sido adicionado apenas em *In A Glass Darkly*, é possível encontrar edições em inglês de “Carmilla” com e sem o prefácio, o que serve justificativa para sua ausência em duas das versões para o português. Apenas a versão da editora Berlendis & Vertecchia, conta com esse. Curiosamente, essa é a única tradução que está em uma coletânea do assunto e não publicada independentemente – ou apenas com outro conto de Le Fanu. Essa edição traz também um texto introdutório sobre o autor e a novela que apresenta mais informações que as demais edições obtidas. Novamente, um fato curioso – seria de se esperar que as edições exclusivamente sobre Le Fanu contivessem mais dados sobre o autor.

É interessante também observar que a tradução publicada em 1985, apesar de não conter essa informação em nenhuma paratexto, não apresenta a versão integral do texto. É possível perceber a condensação do texto antes mesmo de lê-lo, pela observação do número de capítulos, que vai de dezesseis no original em inglês a doze na versão em questão. Uma outra forma de abreviação que percebemos nessa versão está (ou não está) no título dos capítulos, que além da numeração não têm mais nenhuma informação — os nomes foram omitidos.

Como foram retiradas de diferentes editoras, cada qual com seu próprio manual de estilos, decisões sobre a formatação do texto se fizeram necessárias. Para a representação da fala, por exemplo, foi utilizado o travessão; salvo no texto original em inglês, onde as aspas duplas foram mantidas, conforme dita a tradição dos Estados Unidos. Para a numeração dos capítulos foram utilizados algarismos romanos, tal como no original em inglês, que por sua aparência mais sóbria e tradicional aparentam ser a escolha intuitiva para uma história cujo tema é gótico.

Apesar de menos famosa que as demais obras do gênero, “Carmilla” também conta com um número das geralmente chamadas adaptações,

⁵ HASLAM, Richard. Theory, Empiricism, and “providential hermeneutics”: reading and misreading Sheridan Le Fanu’s *Carmilla* and “Schalken the Painter”. In: *Papers on Language & Literature*: Southern Illinois University, Outono 2011, 47.4, p. 339

ou intermodalizações conforme denominação de Genette, tanto intraquanto intermodais.⁶ A mais recente, e que redespertou o interesse na obra nos últimos anos, foi uma adaptação em série de curtos vídeos no youtube. Os 36 episódios, que têm aproximadamente 4 minutos de duração cada, foram lançados semanalmente em 2014 e alcançaram um grande sucesso, e a série já está em sua segunda temporada no site da internet. Esses são as chamadas webséries, um formato midiático consideravelmente recente que tem se mostrado muito acessível, e que apresenta desde notícias, discussões e críticas sobre determinados assuntos e histórias originais e adaptadas. Há várias webséries literárias que têm despertado, principalmente nos jovens, o interesse em textos obscuros e até mesmo clássicos, que não seriam tão atraentes caso não fossem apresentados neste novo formato. O acesso a estes, após o primeiro contato, é fácil, uma vez que eles frequentemente já se encontram no domínio público, como é o caso de “Carmilla”. A novela está disponível integralmente na internet, além de poder ser baixada de graça na loja do iTunes em inglês – texto que é apresentado neste livro – francês e espanhol.

Há também outras adaptações, principalmente para o cinema. O filme franco-germano *Vampyr* de 1932, *O Vampiro* no Brasil, do diretor dinamarquês Carl Dreyer, utiliza não apenas “Carmilla” mas também outros contos de Le Fanu como inspiração — sendo seu protagonista, Allan Grey, inspirado pelo personagem Dr. Hesselius, e com uma cena retirada de “O quarto no dragão voador”. Em 1960, o diretor francês Roger Vadim lançou o filme *Et mourir de plaisir* (Le sang et la rose), *Rosas de sangue* no Brasil, que diferente da primeira intermodalização para o cinema, não omite o erotismo e as referências ao lesbianismo presentes na história. Outra versão cinematográfica é o britânico *The Vampire Lovers* de 1970, com o título no Brasil de *Carmilla — A Vampira de Karnstein*; esse é na verdade o primeiro filme da trilogia *Karnstein*, cujos filmes seguintes, *Lust for a Vampire* e *Twins of Evil*, apresentam uma continuação à novela.

As conexões e referências não param por aí. Podemos citar uma música da banda italiana de gothic metal Theatre des Vampires intitulada “Carmilla”, que faz claras referências à novela. Além disso, por ter sido

⁶ GENETTE, Gerard. *Palimpsests*. Translated by Channa Newman and Claude Doubinsky. Lincoln and London: Nebraska University Press, 1997, 57, p. 277

uma das primeiras histórias publicadas sobre vampiros, o nome Carmilla se tornou característico da temática e é possível encontrar personagens que ganharam esse nome nas mais diversas histórias, mesmo que essas não demonstrem qualquer outra ligação com a novela em questão. Há, por exemplo, uma vampira denominada Carmilla no jogo *Castlevania: Lord of Shadows* da empresa Konami, que foi lançado em 2010.

Em se tratando de mídias em geral, a figura do vampiro é uma que aparece recorrentemente nas mais diversas formas. De maneira quase que cíclica, obras que protagonizam vampiros tornam-se ponto focal da cultura pop, seja por meio de livros/filmes ou outros formatos. Nos últimos dez anos houve a febre incitada pela série *Crepúsculo*, da autora norte americana Stephenie Meyer, que apesar de seu valor literário questionável, obteve um indubitável sucesso. Os livros deram origem a adaptações cinematográficas e várias obras similares que apareceram logo em seguida, na esperança emprestar um pouco do sucesso comercial, inclusive o filme *Matadores de Vampiras Lésbicas* de 2009, que conta com uma vampira chamada Carmilla. Fenômenos similares ocorreram no início dos anos 2000, com a série americana *Buffy: A caça vampiros*, e nos anos 90 com a adaptação ao cinema de *Entrevista com o vampiro*, do livro homônimo de Anne Rice de 1974. Com a proximidade destas datas, é fácil concluir que o interesse do público pelo tema é constante e que sempre haverá leitores para uma boa história de vampiros, ou, neste caso específico, vampira.

Carmilla

Prologue

Upon a paper attached to the Narrative which follows, Doctor Hesselius has written a rather elaborate note, which he accompanies with a reference to his Essay on the strange subject which the MS. illuminates.

This mysterious subject he treats, in that Essay, with his usual learning and acumen, and with remarkable directness and condensation. It will form but one volume of the series of that extraordinary man's collected papers.

As I publish the case, in this volume, simply to interest the "laity," I shall forestall the intelligent lady, who relates it, in nothing; and after due consideration, I have determined, therefore, to abstain from presenting any précis of the learned Doctor's reasoning, or extract from his statement on a subject which he describes as "involving, not improbably, some of the profoundest arcana of our dual existence, and its intermediates."

I was anxious on discovering this paper, to reopen the correspondence commenced by Doctor Hesselius, so many years before, with a person so clever and careful as his informant seems to have been. Much to my regret, however, I found that she had died in the interval.

She, probably, could have added little to the Narrative which she communicates in the following pages, with, so far as I can pronounce, such conscientious particularity.

I — An Early Fright

In Styria, we, though by no means magnificent people, inhabit a castle, or schloss. A small income, in that part of the world, goes a great way. Eight or nine hundred a year does wonders. Scantly enough ours would have answered among wealthy people at home. My father is English, and I bear an English name, although I never saw England. But here, in this lonely and primitive place, where everything is so marvelously cheap, I really don't see how ever so much more money would at all materially add to our comforts, or even luxuries.

My father was in the Austrian service, and retired upon a pension and his patrimony, and purchased this feudal residence, and the small estate on which it stands, a bargain.

Nothing can be more picturesque or solitary. It stands on a slight eminence in a forest. The road, very old and narrow, passes in front of its drawbridge, never raised in my time, and its moat, stocked with perch, and sailed over by many swans, and floating on its surface white fleets of water lilies.

Over all this the schloss shows its many-windowed front; its towers, and its Gothic chapel.

The forest opens in an irregular and very picturesque glade before its gate, and at the right a steep Gothic bridge carries the road over a stream that winds in deep shadow through the wood. I have said that this is a very lonely place. Judge whether I say truth. Looking from the hall door towards the road, the forest in which our castle stands extends fifteen miles to the right, and twelve to the left. The nearest inhabited village is about seven of your English miles to the left. The nearest inhabited schloss of any historic associations, is that of old General Spielsdorf, nearly twenty miles away to the right.

I have said "the nearest inhabited village," because there is, only three miles westward, that is to say in the direction of General Spielsdorf's schloss, a ruined village, with its quaint little church, now roofless, in the aisle of which are the mouldering tombs of the proud family of Karnstein, now extinct, who once owned the equally desolate chateau which, in the thick of the forest, overlooks the silent ruins of the town.

Respecting the cause of the desertion of this striking and melancholy spot, there is a legend which I shall relate to you another time.

I must tell you now, how very small is the party who constitute the inhabitants of our castle. I don't include servants, or those dependents who occupy rooms in the buildings attached to the schloss. Listen, and wonder! My father, who is the kindest man on earth, but growing old; and I, at the date of my story, only nineteen. Eight years have passed since then.

I and my father constituted the family at the schloss. My mother, a Styrian lady, died in my infancy, but I had a good-natured governess, who had been with me from, I might almost say, my infancy. I could not remember the time when her fat, benignant face was not a familiar picture in my memory.

This was Madame Perrodon, a native of Berne, whose care and good nature now in part supplied to me the loss of my mother, whom I do not even remember, so early I lost her. She made a third at our little dinner party. There was a fourth, Mademoiselle De Lafontaine, a lady such as you term, I believe, a "finishing governess." She spoke French and German, Madame Perrodon French and broken English, to which my father and I added English, which, partly to prevent its becoming a lost language among us, and partly from patriotic motives, we spoke every day. The consequence was a Babel, at which strangers used to laugh, and which I shall make no attempt to reproduce in this narrative. And there were two or three young lady friends besides, pretty nearly of my own age, who were occasional visitors, for longer or shorter terms; and these visits I sometimes returned.

These were our regular social resources; but of course there were chance visits from "neighbors" of only five or six leagues distance. My life was, notwithstanding, rather a solitary one, I can assure you.

My gouvernantes had just so much control over me as you might conjecture such sage persons would have in the case of a rather spoiled girl, whose only parent allowed her pretty nearly her own way in everything.

The first occurrence in my existence, which produced a terrible impression upon my mind, which, in fact, never has been effaced, was

one of the very earliest incidents of my life which I can recollect. Some people will think it so trifling that it should not be recorded here. You will see, however, by-and-by, why I mention it. The nursery, as it was called, though I had it all to myself, was a large room in the upper story of the castle, with a steep oak roof. I can't have been more than six years old, when one night I awoke, and looking round the room from my bed, failed to see the nursery maid. Neither was my nurse there; and I thought myself alone. I was not frightened, for I was one of those happy children who are studiously kept in ignorance of ghost stories, of fairy tales, and of all such lore as makes us cover up our heads when the door cracks suddenly, or the flicker of an expiring candle makes the shadow of a bed-post dance upon the wall, nearer to our faces. I was vexed and insulted at finding myself, as I conceived, neglected, and I began to whimper, preparatory to a hearty bout of roaring; when to my surprise, I saw a solemn, but very pretty face looking at me from the side of the bed. It was that of a young lady who was kneeling, with her hands under the coverlet. I looked at her with a kind of pleased wonder, and ceased whimpering. She caressed me with her hands, and lay down beside me on the bed, and drew me towards her, smiling; I felt immediately delightfully soothed, and fell asleep again. I was wakened by a sensation as if two needles ran into my breast very deep at the same moment, and I cried loudly. The lady started back, with her eyes fixed on me, and then slipped down upon the floor, and, as I thought, hid herself under the bed.

I was now for the first time frightened, and I yelled with all my might and main. Nurse, nursery maid, housekeeper, all came running in, and hearing my story, they made light of it, soothing me all they could meanwhile. But, child as I was, I could perceive that their faces were pale with an unwonted look of anxiety, and I saw them look under the bed, and about the room, and peep under tables and pluck open cupboards; and the housekeeper whispered to the nurse: "Lay your hand along that hollow in the bed; someone did lie there, so sure as you did not; the place is still warm."

I remember the nursery maid petting me, and all three examining my chest, where I told them I felt the puncture, and pronouncing that there was no sign visible that any such thing had happened to me.

The housekeeper and the two other servants who were in charge of the nursery, remained sitting up all night; and from that time a servant always sat up in the nursery until I was about fourteen.

I was very nervous for a long time after this. A doctor was called in, he was pallid and elderly. How well I remember his long saturnine face, slightly pitted with smallpox, and his chestnut wig. For a good while, every second day, he came and gave me medicine, which of course I hated.

The morning after I saw this apparition I was in a state of terror, and could not bear to be left alone, daylight though it was, for a moment.

I remember my father coming up and standing at the bedside, and talking cheerfully, and asking the nurse a number of questions, and laughing very heartily at one of the answers; and patting me on the shoulder, and kissing me, and telling me not to be frightened, that it was nothing but a dream and could not hurt me.

But I was not comforted, for I knew the visit of the strange woman was not a dream; and I was awfully frightened.

I was a little consoled by the nursery maid's assuring me that it was she who had come and looked at me, and lain down beside me in the bed, and that I must have been half-dreaming not to have known her face. But this, though supported by the nurse, did not quite satisfy me.

I remembered, in the course of that day, a venerable old man, in a black cassock, coming into the room with the nurse and housekeeper, and talking a little to them, and very kindly to me; his face was very sweet and gentle, and he told me they were going to pray, and joined my hands together, and desired me to say, softly, while they were praying, "Lord hear all good prayers for us, for Jesus' sake." I think these were the very words, for I often repeated them to myself, and my nurse used for years to make me say them in my prayers.

I remembered so well the thoughtful sweet face of that white-haired old man, in his black cassock, as he stood in that rude, lofty, brown room, with the clumsy furniture of a fashion three hundred years old about him, and the scanty light entering its shadowy atmosphere through the small lattice. He kneeled, and the three women with him, and he prayed aloud with an earnest quavering voice for, what appeared

to me, a long time. I forget all my life preceding that event, and for some time after it is all obscure also, but the scenes I have just described stand out vivid as the isolated pictures of the phantasmagoria surrounded by darkness.

II — A Guest

I am now going to tell you something so strange that it will require all your faith in my veracity to believe my story. It is not only true, nevertheless, but truth of which I have been an eyewitness.

It was a sweet summer evening, and my father asked me, as he sometimes did, to take a little ramble with him along that beautiful forest vista which I have mentioned as lying in front of the schloss.

"General Spielsdorf cannot come to us so soon as I had hoped," said my father, as we pursued our walk.

He was to have paid us a visit of some weeks, and we had expected his arrival next day. He was to have brought with him a young lady, his niece and ward, Mademoiselle Rheinfeldt, whom I had never seen, but whom I had heard described as a very charming girl, and in whose society I had promised myself many happy days. I was more disappointed than a young lady living in a town, or a bustling neighborhood can possibly imagine. This visit, and the new acquaintance it promised, had furnished my day dream for many weeks.

"And how soon does he come?" I asked.

"Not till autumn. Not for two months, I dare say," he answered. "And I am very glad now, dear, that you never knew Mademoiselle Rheinfeldt."

"And why?" I asked, both mortified and curious.

"Because the poor young lady is dead," he replied. "I quite forgot I had not told you, but you were not in the room when I received the General's letter this evening."

I was very much shocked. General Spielsdorf had mentioned in his first letter, six or seven weeks before, that she was not so well as he would wish her, but there was nothing to suggest the remotest suspicion of danger.

"Here is the General's letter," he said, handing it to me. "I am afraid he is in great affliction; the letter appears to me to have been written very nearly in distraction."

We sat down on a rude bench, under a group of magnificent lime trees. The sun was setting with all its melancholy splendor behind the sylvan horizon, and the stream that flows beside our home, and passes under the steep old bridge I have mentioned, wound through many a group of noble trees, almost at our feet, reflecting in its current the fading crimson of the sky. General Spielsdorf's letter was so extraordinary, so vehement, and in some places so self-contradictory, that I read it twice over—the second time aloud to my father—and was still unable to account for it, except by supposing that grief had unsettled his mind.

It said "I have lost my darling daughter, for as such I loved her. During the last days of dear Bertha's illness I was not able to write to you.

Before then I had no idea of her danger. I have lost her, and now learn all, too late. She died in the peace of innocence, and in the glorious hope of a blessed futurity. The fiend who betrayed our infatuated hospitality has done it all. I thought I was receiving into my house innocence, gaiety, a charming companion for my lost Bertha. Heavens! what a fool have I been!

I thank God my child died without a suspicion of the cause of her sufferings. She is gone without so much as conjecturing the nature of her illness, and the accursed passion of the agent of all this misery. I devote my remaining days to tracking and extinguishing a monster. I am told I may hope to accomplish my righteous and merciful purpose. At present there is scarcely a gleam of light to guide me. I curse my conceited incredulity, my despicable affectation of superiority, my blindness, my obstinacy—all—too late. I cannot write or talk collectedly now. I am distracted. So soon as I shall have a little recovered, I mean to devote myself for a time to enquiry, which may possibly lead me as far as Vienna. Some time in the autumn, two months hence, or earlier if I live, I will see you—that is, if you permit me; I will then tell you all that I scarce dare put upon paper now. Farewell. Pray for me, dear friend."

In these terms ended this strange letter. Though I had never seen Bertha Rheinfeldt my eyes filled with tears at the sudden intelligence; I was startled, as well as profoundly disappointed.

The sun had now set, and it was twilight by the time I had returned the General's letter to my father.

It was a soft clear evening, and we loitered, speculating upon the possible meanings of the violent and incoherent sentences which I had just been reading. We had nearly a mile to walk before reaching the road that passes the schloss in front, and by that time the moon was shining brilliantly. At the drawbridge we met Madame Perrodon and Mademoiselle De Lafontaine, who had come out, without their bonnets, to enjoy the exquisite moonlight.

We heard their voices gabbling in animated dialogue as we approached. We joined them at the drawbridge, and turned about to admire with them the beautiful scene.

The glade through which we had just walked lay before us. At our left the narrow road wound away under clumps of lordly trees, and was lost to sight amid the thickening forest. At the right the same road crosses the steep and picturesque bridge, near which stands a ruined tower which once guarded that pass; and beyond the bridge an abrupt eminence rises, covered with trees, and showing in the shadows some grey ivy-clustered rocks.

Over the sward and low grounds a thin film of mist was stealing like smoke, marking the distances with a transparent veil; and here and there we could see the river faintly flashing in the moonlight.

No softer, sweeter scene could be imagined. The news I had just heard made it melancholy; but nothing could disturb its character of profound serenity, and the enchanted glory and vagueness of the prospect.

My father, who enjoyed the picturesque, and I, stood looking in silence over the expanse beneath us. The two good governesses, standing a little way behind us, discoursed upon the scene, and were eloquent upon the moon.

Madame Perrodon was fat, middle-aged, and romantic, and talked and sighed poetically. Mademoiselle De Lafontaine—in right of her father who was a German, assumed to be psychological, metaphysical, and

something of a mystic—now declared that when the moon shone with a light so intense it was well known that it indicated a special spiritual activity. The effect of the full moon in such a state of brilliancy was manifold. It acted on dreams, it acted on lunacy, it acted on nervous people, it had marvelous physical influences connected with life. Mademoiselle related that her cousin, who was mate of a merchant ship, having taken a nap on deck on such a night, lying on his back, with his face full in the light on the moon, had wakened, after a dream of an old woman clawing him by the cheek, with his features horribly drawn to one side; and his countenance had never quite recovered its equilibrium.

"The moon, this night," she said, "is full of idyllic and magnetic influence—and see, when you look behind you at the front of the schloss how all its windows flash and twinkle with that silvery splendor, as if unseen hands had lighted up the rooms to receive fairy guests."

There are indolent styles of the spirits in which, indisposed to talk ourselves, the talk of others is pleasant to our listless ears; and I gazed on, pleased with the tinkle of the ladies' conversation.

"I have got into one of my moping moods tonight," said my father, after a silence, and quoting Shakespeare, whom, by way of keeping up our English, he used to read aloud, he said:

"In truth I know not why I am so sad.

It wearies me: you say it wearies you;

But how I got it—came by it.'

"I forget the rest. But I feel as if some great misfortune were hanging over us. I suppose the poor General's afflicted letter has had something to do with it."

At this moment the unwonted sound of carriage wheels and many hoofs upon the road, arrested our attention.

They seemed to be approaching from the high ground overlooking the bridge, and very soon the equipage emerged from that point. Two horsemen first crossed the bridge, then came a carriage drawn by four horses, and two men rode behind.

It seemed to be the traveling carriage of a person of rank; and we were all immediately absorbed in watching that very unusual spectacle. It became, in a few moments, greatly more interesting, for just as the

carriage had passed the summit of the steep bridge, one of the leaders, taking fright, communicated his panic to the rest, and after a plunge or two, the whole team broke into a wild gallop together, and dashing between the horsemen who rode in front, came thundering along the road towards us with the speed of a hurricane.

The excitement of the scene was made more painful by the clear, long-drawn screams of a female voice from the carriage window.

We all advanced in curiosity and horror; me rather in silence, the rest with various ejaculations of terror.

Our suspense did not last long. Just before you reach the castle drawbridge, on the route they were coming, there stands by the roadside a magnificent lime tree, on the other stands an ancient stone cross, at sight of which the horses, now going at a pace that was perfectly frightful, swerved so as to bring the wheel over the projecting roots of the tree.

I knew what was coming. I covered my eyes, unable to see it out, and turned my head away; at the same moment I heard a cry from my lady friends, who had gone on a little.

Curiosity opened my eyes, and I saw a scene of utter confusion. Two of the horses were on the ground, the carriage lay upon its side with two wheels in the air; the men were busy removing the traces, and a lady with a commanding air and figure had got out, and stood with clasped hands, raising the handkerchief that was in them every now and then to her eyes.

Through the carriage door was now lifted a young lady, who appeared to be lifeless. My dear old father was already beside the elder lady, with his hat in his hand, evidently tendering his aid and the resources of his schloss. The lady did not appear to hear him, or to have eyes for anything but the slender girl who was being placed against the slope of the bank.

I approached; the young lady was apparently stunned, but she was certainly not dead. My father, who piqued himself on being something of a physician, had just had his fingers on her wrist and assured the lady, who declared herself her mother, that her pulse, though faint and irregular, was undoubtedly still distinguishable. The lady clasped her hands and looked upward, as if in a momentary transport of gratitude;

but immediately she broke out again in that theatrical way which is, I believe, natural to some people.

She was what is called a fine looking woman for her time of life, and must have been handsome; she was tall, but not thin, and dressed in black velvet, and looked rather pale, but with a proud and commanding countenance, though now agitated strangely.

"Who was ever being so born to calamity?" I heard her say, with clasped hands, as I came up. "Here am I, on a journey of life and death, in prosecuting which to lose an hour is possibly to lose all. My child will not have recovered sufficiently to resume her route for who can say how long. I must leave her: I cannot, dare not, delay. How far on, sir, can you tell, is the nearest village? I must leave her there; and shall not see my darling, or even hear of her till my return, three months hence."

I plucked my father by the coat, and whispered earnestly in his ear: "Oh! papa, pray ask her to let her stay with us—it would be so delightful. Do, pray."

"If Madame will entrust her child to the care of my daughter, and of her good gouvernante, Madame Perrodon, and permit her to remain as our guest, under my charge, until her return, it will confer a distinction and an obligation upon us, and we shall treat her with all the care and devotion which so sacred a trust deserves."

"I cannot do that, sir, it would be to task your kindness and chivalry too cruelly," said the lady, distractedly.

"It would, on the contrary, be to confer on us a very great kindness at the moment when we most need it. My daughter has just been disappointed by a cruel misfortune, in a visit from which she had long anticipated a great deal of happiness. If you confide this young lady to our care it will be her best consolation. The nearest village on your route is distant, and affords no such inn as you could think of placing your daughter at; you cannot allow her to continue her journey for any considerable distance without danger. If, as you say, you cannot suspend your journey, you must part with her tonight, and nowhere could you do so with more honest assurances of care and tenderness than here."

There was something in this lady's air and appearance so distinguished and even imposing, and in her manner so engaging, as to impress

one, quite apart from the dignity of her equipage, with a conviction that she was a person of consequence.

By this time the carriage was replaced in its upright position, and the horses, quite tractable, in the traces again.

The lady threw on her daughter a glance which I fancied was not quite so affectionate as one might have anticipated from the beginning of the scene; then she beckoned slightly to my father, and withdrew two or three steps with him out of hearing; and talked to him with a fixed and stern countenance, not at all like that with which she had hitherto spoken.

I was filled with wonder that my father did not seem to perceive the change, and also unspeakably curious to learn what it could be that she was speaking, almost in his ear, with so much earnestness and rapidity.

Two or three minutes at most I think she remained thus employed, then she turned, and a few steps brought her to where her daughter lay, supported by Madame Perrodon. She kneeled beside her for a moment and whispered, as Madame supposed, a little benediction in her ear; then hastily kissing her she stepped into her carriage, the door was closed, the footmen in stately liveries jumped up behind, the outriders spurred on, the postilions cracked their whips, the horses plunged and broke suddenly into a furious canter that threatened soon again to become a gallop, and the carriage whirled away, followed at the same rapid pace by the two horsemen in the rear.

III — We Compare Notes

We followed the *cortege* with our eyes until it was swiftly lost to sight in the misty wood; and the very sound of the hoofs and the wheels died away in the silent night air.

Nothing remained to assure us that the adventure had not been an illusion of a moment but the young lady, who just at that moment opened her eyes. I could not see, for her face was turned from me, but she raised her head, evidently looking about her, and I heard a very sweet voice ask complainingly, "Where is mamma?"

Our good Madame Perrodon answered tenderly, and added some comfortable assurances.

I then heard her ask:

"Where am I? What is this place?" and after that she said, "I don't see the carriage; and Matska, where is she?"

Madame answered all her questions in so far as she understood them; and gradually the young lady remembered how the misadventure came about, and was glad to hear that no one in, or in attendance on, the carriage was hurt; and on learning that her mamma had left her here, till her return in about three months, she wept.

I was going to add my consolations to those of Madame Perrodon when Mademoiselle De Lafontaine placed her hand upon my arm, saying:

"Don't approach, one at a time is as much as she can at present converse with; a very little excitement would possibly overpower her now."

As soon as she is comfortably in bed, I thought, I will run up to her room and see her.

My father in the meantime had sent a servant on horseback for the physician, who lived about two leagues away; and a bedroom was being prepared for the young lady's reception.

The stranger now rose, and leaning on Madame's arm, walked slowly over the drawbridge and into the castle gate.

In the hall, servants waited to receive her, and she was conducted forthwith to her room. The room we usually sat in as our drawing room is long, having four windows, that looked over the moat and drawbridge, upon the forest scene I have just described.

It is furnished in old carved oak, with large carved cabinets, and the chairs are cushioned with crimson Utrecht velvet. The walls are covered with tapestry, and surrounded with great gold frames, the figures being as large as life, in ancient and very curious costume, and the subjects represented are hunting, hawking, and generally festive. It is not too stately to be extremely comfortable; and here we had our tea, for with his usual patriotic leanings he insisted that the national beverage should make its appearance regularly with our coffee and chocolate.

We sat here this night, and with candles lighted, were talking over the adventure of the evening.

Madame Perrodon and Mademoiselle De Lafontaine were both of our party. The young stranger had hardly lain down in her bed when

she sank into a deep sleep; and those ladies had left her in the care of a servant.

"How do you like our guest?" I asked, as soon as Madame entered. "Tell me all about her?"

"I like her extremely," answered Madame, "she is, I almost think, the prettiest creature I ever saw; about your age, and so gentle and nice."

"She is absolutely beautiful," threw in Mademoiselle, who had peeped for a moment into the stranger's room.

"And such a sweet voice!" added Madame Perrodon.

"Did you remark a woman in the carriage, after it was set up again, who did not get out," inquired Mademoiselle, "but only looked from the window?"

"No, we had not seen her."

Then she described a hideous black woman, with a sort of colored turban on her head, and who was gazing all the time from the carriage window, nodding and grinning derisively towards the ladies, with gleaming eyes and large white eyeballs, and her teeth set as if in fury.

"Did you remark what an ill-looking pack of men the servants were?" asked Madame.

"Yes," said my father, who had just come in, "ugly, hang-dog looking fellows as ever I beheld in my life. I hope they mayn't rob the poor lady in the forest. They are clever rogues, however; they got everything to rights in a minute."

"I dare say they are worn out with too long traveling," said Madame.

"Besides looking wicked, their faces were so strangely lean, and dark, and sullen. I am very curious, I own; but I dare say the young lady will tell you all about it tomorrow, if she is sufficiently recovered."

"I don't think she will," said my father, with a mysterious smile, and a little nod of his head, as if he knew more about it than he cared to tell us.

This made us all the more inquisitive as to what had passed between him and the lady in the black velvet, in the brief but earnest interview that had immediately preceded her departure.

We were scarcely alone, when I entreated him to tell me. He did not need much pressing.

"There is no particular reason why I should not tell you. She expressed a reluctance to trouble us with the care of her daughter, saying she was in delicate health, and nervous, but not subject to any kind of seizure—she volunteered that—nor to any illusion; being, in fact, perfectly sane."

"How very odd to say all that!" I interpolated. "It was so unnecessary."

"At all events it was said," he laughed, "and as you wish to know all that passed, which was indeed very little, I tell you. She then said, 'I am making a long journey of vital importance—she emphasized the word—rapid and secret; I shall return for my child in three months; in the meantime, she will be silent as to who we are, whence we come, and whither we are traveling.' That is all she said. She spoke very pure French. When she said the word 'secret,' she paused for a few seconds, looking sternly, her eyes fixed on mine. I fancy she makes a great point of that. You saw how quickly she was gone. I hope I have not done a very foolish thing, in taking charge of the young lady."

For my part, I was delighted. I was longing to see and talk to her; and only waiting till the doctor should give me leave. You, who live in towns, can have no idea how great an event the introduction of a new friend is, in such a solitude as surrounded us.

The doctor did not arrive till nearly one o'clock; but I could no more have gone to my bed and slept, than I could have overtaken, on foot, the carriage in which the princess in black velvet had driven away.

When the physician came down to the drawing room, it was to report very favorably upon his patient. She was now sitting up, her pulse quite regular, apparently perfectly well. She had sustained no injury, and the little shock to her nerves had passed away quite harmlessly. There could be no harm certainly in my seeing her, if we both wished it; and, with this permission I sent, forthwith, to know whether she would allow me to visit her for a few minutes in her room.

The servant returned immediately to say that she desired nothing more.

You may be sure I was not long in availing myself of this permission.

Our visitor lay in one of the handsomest rooms in the schloss. It was, perhaps, a little stately. There was a somber piece of tapestry opposite the foot of the bed, representing Cleopatra with the asps to her bosom; and other solemn classic scenes were displayed, a little faded, upon the other walls. But there was gold carving, and rich and varied color enough in the other decorations of the room, to more than redeem the gloom of the old tapestry.

There were candles at the bedside. She was sitting up; her slender pretty figure enveloped in the soft silk dressing gown, embroidered with flowers, and lined with thick quilted silk, which her mother had thrown over her feet as she lay upon the ground.

What was it that, as I reached the bedside and had just begun my little greeting, struck me dumb in a moment, and made me recoil a step or two from before her? I will tell you.

I saw the very face which had visited me in my childhood at night, which remained so fixed in my memory, and on which I had for so many years so often ruminated with horror, when no one suspected of what I was thinking.

It was pretty, even beautiful; and when I first beheld it, wore the same melancholy expression.

But this almost instantly lighted into a strange fixed smile of recognition.

There was a silence of fully a minute, and then at length she spoke; I could not.

"How wonderful!" she exclaimed. "Twelve years ago, I saw your face in a dream, and it has haunted me ever since."

"Wonderful indeed!" I repeated, overcoming with an effort the horror that had for a time suspended my utterances. "Twelve years ago, in vision or reality, I certainly saw you. I could not forget your face. It has remained before my eyes ever since."

Her smile had softened. Whatever I had fancied strange in it, was gone, and it and her dimpling cheeks were now delightfully pretty and intelligent.

I felt reassured, and continued more in the vein which hospitality indicated, to bid her welcome, and to tell her how much pleasure her

accidental arrival had given us all, and especially what a happiness it was to me.

I took her hand as I spoke. I was a little shy, as lonely people are, but the situation made me eloquent, and even bold. She pressed my hand, she laid hers upon it, and her eyes glowed, as, looking hastily into mine, she smiled again, and blushed.

She answered my welcome very prettily. I sat down beside her, still wondering; and she said:

"I must tell you my vision about you; it is so very strange that you and I should have had, each of the other so vivid a dream, that each should have seen, I you and you me, looking as we do now, when of course we both were mere children. I was a child, about six years old, and I awoke from a confused and troubled dream, and found myself in a room, unlike my nursery, wainscoted clumsily in some dark wood, and with cupboards and bedsteads, and chairs, and benches placed about it. The beds were, I thought, all empty, and the room itself without anyone but myself in it; and I, after looking about me for some time, and admiring especially an iron candlestick with two branches, which I should certainly know again, crept under one of the beds to reach the window; but as I got from under the bed, I heard someone crying; and looking up, while I was still upon my knees, I saw you—most assuredly you—as I see you now; a beautiful young lady, with golden hair and large blue eyes, and lips—your lips—you as you are here.

"Your looks won me; I climbed on the bed and put my arms about you, and I think we both fell asleep. I was aroused by a scream; you were sitting up screaming. I was frightened, and slipped down upon the ground, and, it seemed to me, lost consciousness for a moment; and when I came to myself, I was again in my nursery at home. Your face I have never forgotten since. I could not be misled by mere resemblance. *You are* the lady whom I saw then."

It was now my turn to relate my corresponding vision, which I did, to the undisguised wonder of my new acquaintance.

"I don't know which should be most afraid of the other," she said, again smiling — "If you were less pretty I think I should be very much afraid of you, but being as you are, and you and I both so young, I feel

only that I have made your acquaintance twelve years ago, and have already a right to your intimacy; at all events it does seem as if we were destined, from our earliest childhood, to be friends. I wonder whether you feel as strangely drawn towards me as I do to you; I have never had a friend—shall I find one now?" She sighed, and her fine dark eyes gazed passionately on me.

Now the truth is, I felt rather unaccountably towards the beautiful stranger. I did feel, as she said, "drawn towards her," but there was also something of repulsion. In this ambiguous feeling, however, the sense of attraction immensely prevailed. She interested and won me; she was so beautiful and so indescribably engaging.

I perceived now something of languor and exhaustion stealing over her, and hastened to bid her good night.

"The doctor thinks," I added, "that you ought to have a maid to sit up with you tonight; one of ours is waiting, and you will find her a very useful and quiet creature."

"How kind of you, but I could not sleep, I never could with an attendant in the room. I shan't require any assistance—and, shall I confess my weakness, I am haunted with a terror of robbers. Our house was robbed once, and two servants murdered, so I always lock my door. It has become a habit—and you look so kind I know you will forgive me. I see there is a key in the lock."

She held me close in her pretty arms for a moment and whispered in my ear, "Good night, darling, it is very hard to part with you, but good night; tomorrow, but not early, I shall see you again."

She sank back on the pillow with a sigh, and her fine eyes followed me with a fond and melancholy gaze, and she murmured again "Good night, dear friend."

Young people like, and even love, on impulse. I was flattered by the evident, though as yet undeserved, fondness she showed me. I liked the confidence with which she at once received me. She was determined that we should be very near friends.

Next day came and we met again. I was delighted with my companion; that is to say, in many respects.

Her looks lost nothing in daylight—she was certainly the most beautiful creature I had ever seen, and the unpleasant remembrance of the face presented in my early dream, had lost the effect of the first unexpected recognition.

She confessed that she had experienced a similar shock on seeing me, and precisely the same faint antipathy that had mingled with my admiration of her. We now laughed together over our momentary horrors.

IV — Her Habits — A Saunter

I told you that I was charmed with her in most particulars.

There were some that did not please me so well.

She was above the middle height of women. I shall begin by describing her.

She was slender, and wonderfully graceful. Except that her movements were languid—very languid—indeed, there was nothing in her appearance to indicate an invalid. Her complexion was rich and brilliant; her features were small and beautifully formed; her eyes large, dark, and lustrous; her hair was quite wonderful, I never saw hair so magnificently thick and long when it was down about her shoulders; I have often placed my hands under it, and laughed with wonder at its weight. It was exquisitely fine and soft, and in color a rich very dark brown, with something of gold. I loved to let it down, tumbling with its own weight, as, in her room, she lay back in her chair talking in her sweet low voice, I used to fold and braid it, and spread it out and play with it. Heavens! If I had but known all!

I said there were particulars which did not please me. I have told you that her confidence won me the first night I saw her; but I found that she exercised with respect to herself, her mother, her history, everything in fact connected with her life, plans, and people, an ever wakeful reserve. I dare say I was unreasonable, perhaps I was wrong; I dare say I ought to have respected the solemn injunction laid upon my father by the stately lady in black velvet. But curiosity is a restless and unscrupulous passion, and no one girl can endure, with patience, that hers should be baffled by another. What harm could it do anyone to tell me what I so ardently desired to know? Had she no trust in my good sense or

honor? Why would she not believe me when I assured her, so solemnly, that I would not divulge one syllable of what she told me to any mortal breathing.

There was a coldness, it seemed to me, beyond her years, in her smiling melancholy persistent refusal to afford me the least ray of light.

I cannot say we quarreled upon this point, for she would not quarrel upon any. It was, of course, very unfair of me to press her, very ill-bred, but I really could not help it; and I might just as well have let it alone.

What she did tell me amounted, in my unconscionable estimation—to nothing.

It was all summed up in three very vague disclosures:

First — Her name was Carmilla.

Second — Her family was very ancient and noble.

Third — Her home lay in the direction of the west.

She would not tell me the name of her family, nor their armorial bearings, nor the name of their estate, nor even that of the country they lived in.

You are not to suppose that I worried her incessantly on these subjects. I watched opportunity, and rather insinuated than urged my inquiries. Once or twice, indeed, I did attack her more directly. But no matter what my tactics, utter failure was invariably the result. Reproaches and caresses were all lost upon her. But I must add this, that her evasion was conducted with so pretty a melancholy and deprecation, with so many, and even passionate declarations of her liking for me, and trust in my honor, and with so many promises that I should at last know all, that I could not find it in my heart long to be offended with her.

She used to place her pretty arms about my neck, draw me to her, and laying her cheek to mine, murmur with her lips near my ear, "Dearest, your little heart is wounded; think me not cruel because I obey the irresistible law of my strength and weakness; if your dear heart is wounded, my wild heart bleeds with yours. In the rapture of my enormous humiliation I live in your warm life, and you shall die—die, sweetly die—into mine. I cannot help it; as I draw near to you, you, in your turn, will draw near to others, and learn the rapture of that cruelty, which yet

is love; so, for a while, seek to know no more of me and mine, but trust me with all your loving spirit."

And when she had spoken such a rhapsody, she would press me more closely in her trembling embrace, and her lips in soft kisses gently glow upon my cheek.

Her agitations and her language were unintelligible to me.

From these foolish embraces, which were not of very frequent occurrence, I must allow, I used to wish to extricate myself; but my energies seemed to fail me. Her murmured words sounded like a lullaby in my ear, and soothed my resistance into a trance, from which I only seemed to recover myself when she withdrew her arms.

In these mysterious moods I did not like her. I experienced a strange tumultuous excitement that was pleasurable, ever and anon, mingled with a vague sense of fear and disgust. I had no distinct thoughts about her while such scenes lasted, but I was conscious of a love growing into adoration, and also of abhorrence. This I know is paradox, but I can make no other attempt to explain the feeling.

I now write, after an interval of more than ten years, with a trembling hand, with a confused and horrible recollection of certain occurrences and situations, in the ordeal through which I was unconsciously passing; though with a vivid and very sharp remembrance of the main current of my story.

But, I suspect, in all lives there are certain emotional scenes, those in which our passions have been most wildly and terribly roused, that are of all others the most vaguely and dimly remembered.

Sometimes after an hour of apathy, my strange and beautiful companion would take my hand and hold it with a fond pressure, renewed again and again; blushing softly, gazing in my face with languid and burning eyes, and breathing so fast that her dress rose and fell with the tumultuous respiration. It was like the ardor of a lover; it embarrassed me; it was hateful and yet over-powering; and with gloating eyes she drew me to her, and her hot lips traveled along my cheek in kisses; and she would whisper, almost in sobs, "You are mine, you *shall* be mine, you and I are one for ever." Then she had thrown herself back in her chair, with her small hands over her eyes, leaving me trembling.

"Are we related," I used to ask; "what can you mean by all this? I remind you perhaps of someone whom you love; but you must not, I hate it; I don't know you—I don't know myself when you look so and talk so."

She used to sigh at my vehemence, then turn away and drop my hand.

Respecting these very extraordinary manifestations I strove in vain to form any satisfactory theory—I could not refer them to affectation or trick. It was unmistakably the momentary breaking out of suppressed instinct and emotion. Was she, notwithstanding her mother's volunteered denial, subject to brief visitations of insanity; or was there here a disguise and a romance? I had read in old storybooks of such things. What if a boyish lover had found his way into the house, and sought to prosecute his suit in masquerade, with the assistance of a clever old adventuress. But there were many things against this hypothesis, highly interesting as it was to my vanity.

I could boast of no little attentions such as masculine gallantry delights to offer. Between these passionate moments there were long intervals of commonplace, of gaiety, of brooding melancholy, during which, except that I detected her eyes so full of melancholy fire, following me, at times I might have been as nothing to her. Except in these brief periods of mysterious excitement her ways were girlish; and there was always a languor about her, quite incompatible with a masculine system in a state of health.

In some respects her habits were odd. Perhaps not so singular in the opinion of a town lady like you, as they appeared to us rustic people. She used to come down very late, generally not till one o'clock, she would then take a cup of chocolate, but eat nothing; we then went out for a walk, which was a mere saunter, and she seemed, almost immediately, exhausted, and either returned to the schloss or sat on one of the benches that were placed, here and there, among the trees. This was a bodily languor in which her mind did not sympathize. She was always an animated talker, and very intelligent.

She sometimes alluded for a moment to her own home, or mentioned an adventure or situation, or an early recollection, which indicated a people of strange manners, and described customs of which we knew

nothing. I gathered from these chance hints that her native country was much more remote than I had at first fancied.

As we sat thus one afternoon under the trees a funeral passed us by. It was that of a pretty young girl, whom I had often seen, the daughter of one of the rangers of the forest. The poor man was walking behind the coffin of his darling; she was his only child, and he looked quite heartbroken.

Peasants walking two-and-two came behind, they were singing a funeral hymn.

I rose to mark my respect as they passed, and joined in the hymn they were very sweetly singing.

My companion shook me a little roughly, and I turned surprised.

She said brusquely, "Don't you perceive how discordant that is?"

"I think it very sweet, on the contrary," I answered, vexed at the interruption, and very uncomfortable, lest the people who composed the little procession should observe and resent what was passing.

I resumed, therefore, instantly, and was again interrupted. "You pierce my ears," said Carmilla, almost angrily, and stopping her ears with her tiny fingers. "Besides, how can you tell that your religion and mine are the same; your forms wound me, and I hate funerals. What a fuss! Why you must die—everyone must die; and all are happier when they do. Come home."

"My father has gone on with the clergyman to the churchyard. I thought you knew she was to be buried today."

"She? I don't trouble my head about peasants. I don't know who she is," answered Carmilla, with a flash from her fine eyes.

"She is the poor girl who fancied she saw a ghost a fortnight ago, and has been dying ever since, till yesterday, when she expired."

"Tell me nothing about ghosts. I shan't sleep tonight if you do."

"I hope there is no plague or fever coming; all this looks very like it," I continued. "The swineherd's young wife died only a week ago, and she thought something seized her by the throat as she lay in her bed, and nearly strangled her. Papa says such horrible fancies do accompany some forms of fever. She was quite well the day before. She sank afterwards, and died before a week."

"Well, *her* funeral is over, I hope, and *her* hymn sung; and our ears shan't be tortured with that discord and jargon. It has made me nervous. Sit down here, beside me; sit close; hold my hand; press it hard-hard-harder."

We had moved a little back, and had come to another seat.

She sat down. Her face underwent a change that alarmed and even terrified me for a moment. It darkened, and became horribly livid; her teeth and hands were clenched, and she frowned and compressed her lips, while she stared down upon the ground at her feet, and trembled all over with a continued shudder as irrepressible as ague. All her energies seemed strained to suppress a fit, with which she was then breathlessly tugging; and at length a low convulsive cry of suffering broke from her, and gradually the hysteria subsided. "There! That comes of strangling people with hymns!" she said at last. "Hold me, hold me still. It is passing away."

And so gradually it did; and perhaps to dissipate the somber impression which the spectacle had left upon me, she became unusually animated and chatty; and so we got home.

This was the first time I had seen her exhibit any definable symptoms of that delicacy of health which her mother had spoken of. It was the first time, also, I had seen her exhibit anything like temper.

Both passed away like a summer cloud; and never but once afterwards did I witness on her part a momentary sign of anger. I will tell you how it happened.

She and I were looking out of one of the long drawing room windows, when there entered the courtyard, over the drawbridge, a figure of a wanderer whom I knew very well. He used to visit the schloss generally twice a year.

It was the figure of a hunchback, with the sharp lean features that generally accompany deformity. He wore a pointed black beard, and he was smiling from ear to ear, showing his white fangs. He was dressed in buff, black, and scarlet, and crossed with more straps and belts than I could count, from which hung all manner of things. Behind, he carried a magic lantern, and two boxes, which I well knew, in one of which was a salamander, and in the other a mandrake. These monsters used to make

my father laugh. They were compounded of parts of monkeys, parrots, squirrels, fish, and hedgehogs, dried and stitched together with great neatness and startling effect. He had a fiddle, a box of conjuring apparatus, a pair of foils and masks attached to his belt, several other mysterious cases dangling about him, and a black staff with copper ferrules in his hand. His companion was a rough spare dog, that followed at his heels, but stopped short, suspiciously at the drawbridge, and in a little while began to howl dismally.

In the meantime, the mountebank, standing in the midst of the courtyard, raised his grotesque hat, and made us a very ceremonious bow, paying his compliments very volubly in execrable French, and German not much better.

Then, disengaging his fiddle, he began to scrape a lively air to which he sang with a merry discord, dancing with ludicrous airs and activity, that made me laugh, in spite of the dog's howling.

Then he advanced to the window with many smiles and salutations, and his hat in his left hand, his fiddle under his arm, and with a fluency that never took breath, he gabbled a long advertisement of all his accomplishments, and the resources of the various arts which he placed at our service, and the curiosities and entertainments which it was in his power, at our bidding, to display.

"Will your ladyships be pleased to buy an amulet against the oupire, which is going like the wolf, I hear, through these woods," he said dropping his hat on the pavement. "They are dying of it right and left and here is a charm that never fails; only pinned to the pillow, and you may laugh in his face."

These charms consisted of oblong slips of vellum, with cabalistic ciphers and diagrams upon them.

Carmilla instantly purchased one, and so did I.

He was looking up, and we were smiling down upon him, amused; at least, I can answer for myself. His piercing black eye, as he looked up in our faces, seemed to detect something that fixed for a moment his curiosity,

In an instant he unrolled a leather case, full of all manner of odd little steel instruments.

"See here, my lady," he said, displaying it, and addressing me, "I profess, among other things less useful, the art of dentistry. Plague take the dog!" he interpolated. "Silence, beast! He howls so that your ladyships can scarcely hear a word. Your noble friend, the young lady at your right, has the sharpest tooth,—long, thin, pointed, like an awl, like a needle; ha, ha! With my sharp and long sight, as I look up, I have seen it distinctly; now if it happens to hurt the young lady, and I think it must, here am I, here are my file, my punch, my nippers; I will make it round and blunt, if her ladyship pleases; no longer the tooth of a fish, but of a beautiful young lady as she is. Hey? Is the young lady displeased? Have I been too bold? Have I offended her?"

The young lady, indeed, looked very angry as she drew back from the window.

"How dares that mountebank insult us so? Where is your father? I shall demand redress from him. My father would have had the wretch tied up to the pump, and flogged with a cart whip, and burnt to the bones with the cattle brand!"

She retired from the window a step or two, and sat down, and had hardly lost sight of the offender, when her wrath subsided as suddenly as it had risen, and she gradually recovered her usual tone, and seemed to forget the little hunchback and his follies.

My father was out of spirits that evening. On coming in he told us that there had been another case very similar to the two fatal ones which had lately occurred. The sister of a young peasant on his estate, only a mile away, was very ill, had been, as she described it, attacked very nearly in the same way, and was now slowly but steadily sinking.

"All this," said my father, "is strictly referable to natural causes. These poor people infect one another with their superstitions, and so repeat in imagination the images of terror that have infested their neighbors."

"But that very circumstance frightens one horribly," said Carmilla.

"How so?" inquired my father.

"I am so afraid of fancying I see such things; I think it would be as bad as reality."

"We are in God's hands: nothing can happen without his permission, and all will end well for those who love him. He is our faithful creator; He has made us all, and will take care of us."

"Creator! Nature!" said the young lady in answer to my gentle father. "And this disease that invades the country is natural. Nature. All things proceed from Nature—don't they? All things in the heaven, in the earth, and under the earth, act and live as Nature ordains? I think so."

"The doctor said he would come here today," said my father, after a silence. "I want to know what he thinks about it, and what he thinks we had better do."

"Doctors never did me any good," said Carmilla.

"Then you have been ill?" I asked.

"More ill than ever you were," she answered.

"Long ago?"

"Yes, a long time. I suffered from this very illness; but I forget all but my pain and weakness, and they were not so bad as are suffered in other diseases."

"You were very young then?"

"I dare say, let us talk no more of it. You would not wound a friend?"

She looked languidly in my eyes, and passed her arm round my waist lovingly, and led me out of the room. My father was busy over some papers near the window.

"Why does your papa like to frighten us?" said the pretty girl with a sigh and a little shudder.

"He doesn't, dear Carmilla, it is the very furthest thing from his mind."

"Are you afraid, dearest?"

"I should be very much if I fancied there was any real danger of my being attacked as those poor people were."

"You are afraid to die?"

"Yes, every one is."

"But to die as lovers may—to die together, so that they may live together."

Girls are caterpillars while they live in the world, to be finally butterflies when the summer comes; but in the meantime there are grubs

and larvae, don't you see—each with their peculiar propensities, necessities and structure. So says Monsieur Buffon, in his big book, in the next room.”

Later in the day the doctor came, and was closeted with papa for some time.

He was a skilful man, of sixty and upwards, he wore powder, and shaved his pale face as smooth as a pumpkin. He and papa emerged from the room together, and I heard papa laugh, and say as they came out:

“Well, I do wonder at a wise man like you. What do you say to hip-pogriffs and dragons?”

The doctor was smiling, and made answer, shaking his head—

“Nevertheless life and death are mysterious states, and we know little of the resources of either.”

And so they walked on, and I heard no more. I did not then know what the doctor had been broaching, but I think I guess it now.

V — A Wonderful Likeness

This evening there arrived from Gratz the grave, dark-faced son of the picture cleaner, with a horse and cart laden with two large packing cases, having many pictures in each. It was a journey of ten leagues, and whenever a messenger arrived at the schloss from our little capital of Gratz, we used to crowd about him in the hall, to hear the news.

This arrival created in our secluded quarters quite a sensation. The cases remained in the hall, and the messenger was taken charge of by the servants till he had eaten his supper. Then with assistants, and armed with hammer, ripping chisel, and turnscrew, he met us in the hall, where we had assembled to witness the unpacking of the cases.

Carmilla sat looking listlessly on, while one after the other the old pictures, nearly all portraits, which had undergone the process of renovation, were brought to light. My mother was of an old Hungarian family, and most of these pictures, which were about to be restored to their places, had come to us through her.

My father had a list in his hand, from which he read, as the artist rummaged out the corresponding numbers. I don't know that the pictures

were very good, but they were, undoubtedly, very old, and some of them very curious also. They had, for the most part, the merit of being now seen by me, I may say, for the first time; for the smoke and dust of time had all but obliterated them.

“There is a picture that I have not seen yet,” said my father. “In one corner, at the top of it, is the name, as well as I could read, ‘Marcia Karnstein,’ and the date ‘1698’; and I am curious to see how it has turned out.”

I remembered it; it was a small picture, about a foot and a half high, and nearly square, without a frame; but it was so blackened by age that I could not make it out.

The artist now produced it, with evident pride. It was quite beautiful; it was startling; it seemed to live. It was the effigy of Carmilla!

“Carmilla, dear, here is an absolute miracle. Here you are, living, smiling, ready to speak, in this picture. Isn't it beautiful, Papa? And see, even the little mole on her throat.”

My father laughed, and said “Certainly it is a wonderful likeness,” but he looked away, and to my surprise seemed but little struck by it, and went on talking to the picture cleaner, who was also something of an artist, and discoursed with intelligence about the portraits or other works, which his art had just brought into light and color, while I was more and more lost in wonder the more I looked at the picture.

“Will you let me hang this picture in my room, papa?” I asked.

“Certainly, dear,” said he, smiling, “I'm very glad you think it so like.

It must be prettier even than I thought it, if it is.”

The young lady did not acknowledge this pretty speech, did not seem to hear it. She was leaning back in her seat, her fine eyes under their long lashes gazing on me in contemplation, and she smiled in a kind of rapture.

“And now you can read quite plainly the name that is written in the corner.

It is not Marcia; it looks as if it was done in gold. The name is Mircalla, Countess Karnstein, and this is a little coronet over and underneath A.D.

1698. I am descended from the Karnsteins; that is, mamma was."
"Ah!" said the lady, languidly, "so am I, I think, a very long descent, very ancient. Are there any Karnsteins living now?"

"None who bear the name, I believe. The family were ruined, I believe, in some civil wars, long ago, but the ruins of the castle are only about three miles away."

"How interesting!" she said, languidly. "But see what beautiful moonlight!" She glanced through the hall door, which stood a little open. "Suppose you take a little ramble round the court, and look down at the road and river."

"It is so like the night you came to us," I said.

She sighed; smiling.

She rose, and each with her arm about the other's waist, we walked out upon the pavement.

In silence, slowly we walked down to the drawbridge, where the beautiful landscape opened before us.

"And so you were thinking of the night I came here?" she almost whispered.

"Are you glad I came?"

"Delighted, dear Carmilla," I answered.

"And you asked for the picture you think like me, to hang in your room," she murmured with a sigh, as she drew her arm closer about my waist, and let her pretty head sink upon my shoulder. "How romantic you are, Carmilla," I said. "Whenever you tell me your story, it will be made up chiefly of some one great romance."

She kissed me silently.

"I am sure, Carmilla, you have been in love; that there is, at this moment, an affair of the heart going on."

"I have been in love with no one, and never shall," she whispered, "unless it should be with you."

How beautiful she looked in the moonlight!

Shy and strange was the look with which she quickly hid her face in my neck and hair, with tumultuous sighs, that seemed almost to sob, and pressed in mine a hand that trembled.

Her soft cheek was glowing against mine. "Darling, darling," she murmured, "I live in you; and you would die for me, I love you so."

I started from her.

She was gazing on me with eyes from which all fire, all meaning had flown, and a face colorless and apathetic.

"Is there a chill in the air, dear?" she said drowsily. "I almost shiver; have I been dreaming? Let us come in. Come; come; come in."

"You look ill, Carmilla; a little faint. You certainly must take some wine," I said.

"Yes. I will. I'm better now. I shall be quite well in a few minutes. Yes, do give me a little wine," answered Carmilla, as we approached the door.

"Let us look again for a moment; it is the last time, perhaps, I shall see the moonlight with you."

"How do you feel now, dear Carmilla? Are you really better?" I asked.

I was beginning to take alarm, lest she should have been stricken with the strange epidemic that they said had invaded the country about us.

"Papa would be grieved beyond measure," I added, "if he thought you were ever so little ill, without immediately letting us know. We have a very skilful doctor near us, the physician who was with papa today."

"I'm sure he is. I know how kind you all are; but, dear child, I am quite well again. There is nothing ever wrong with me, but a little weakness."

People say I am languid; I am incapable of exertion; I can scarcely walk as far as a child of three years old: and every now and then the little strength I have falters, and I become as you have just seen me. But after all I am very easily set up again; in a moment I am perfectly myself. See how I have recovered."

So, indeed, she had; and she and I talked a great deal, and very animated she was; and the remainder of that evening passed without any recurrence of what I called her infatuations. I mean her crazy talk and looks, which embarrassed, and even frightened me.

But there occurred that night an event which gave my thoughts quite a new turn, and seemed to startle even Carmilla's languid nature into momentary energy.

VI — A Very Strange Agony

When we got into the drawing room, and had sat down to our coffee and chocolate, although Carmilla did not take any, she seemed quite herself again, and Madame, and Mademoiselle De Lafontaine, joined us, and made a little card party, in the course of which papa came in for what he called his "dish of tea."

When the game was over he sat down beside Carmilla on the sofa, and asked her, a little anxiously, whether she had heard from her mother since her arrival.

She answered "No."

He then asked whether she knew where a letter would reach her at present.

"I cannot tell," she answered ambiguously, "but I have been thinking of leaving you; you have been already too hospitable and too kind to me. I have given you an infinity of trouble, and I should wish to take a carriage tomorrow, and post in pursuit of her; I know where I shall ultimately find her, although I dare not yet tell you."

"But you must not dream of any such thing," exclaimed my father, to my great relief. "We can't afford to lose you so, and I won't consent to your leaving us, except under the care of your mother, who was so good as to consent to your remaining with us till she should herself return. I should be quite happy if I knew that you heard from her: but this evening the accounts of the progress of the mysterious disease that has invaded our neighborhood, grow even more alarming; and my beautiful guest, I do feel the responsibility, unaided by advice from your mother, very much. But I shall do my best; and one thing is certain, that you must not think of leaving us without her distinct direction to that effect. We should suffer too much in parting from you to consent to it easily."

"Thank you, sir, a thousand times for your hospitality," she answered, smiling bashfully. "You have all been too kind to me; I have

seldom been so happy in all my life before, as in your beautiful chateau, under your care, and in the society of your dear daughter."

So he gallantly, in his old-fashioned way, kissed her hand, smiling and pleased at her little speech.

I accompanied Carmilla as usual to her room, and sat and chatted with her while she was preparing for bed.

"Do you think," I said at length, "that you will ever confide fully in me?"

She turned round smiling, but made no answer, only continued to smile on me.

"You won't answer that?" I said. "You can't answer pleasantly; I ought not to have asked you."

"You were quite right to ask me that, or anything. You do not know how dear you are to me, or you could not think any confidence too great to look for.

But I am under vows, no nun half so awfully, and I dare not tell my story yet, even to you. The time is very near when you shall know everything. You will think me cruel, very selfish, but love is always selfish; the more ardent the more selfish. How jealous I am you cannot know. You must come with me, loving me, to death; or else hate me and still come with me. and hating me through death and after. There is no such word as indifference in my apathetic nature."

"Now, Carmilla, you are going to talk your wild nonsense again," I said hastily.

"Not I, silly little fool as I am, and full of whims and fancies; for your sake I'll talk like a sage. Were you ever at a ball?"

"No; how you do run on. What is it like? How charming it must be."

"I almost forget, it is years ago."

I laughed.

"You are not so old. Your first ball can hardly be forgotten yet."

"I remember everything about it—with an effort. I see it all, as divers see what is going on above them, through a medium, dense, rippling, but transparent. There occurred that night what has confused the picture, and made its colours faint. I was all but assassinated in my bed, wounded here," she touched her breast, "and never was the same since."

"Were you near dying?"

"Yes, very—a cruel love—strange love, that would have taken my life. Love will have its sacrifices. No sacrifice without blood. Let us go to sleep now; I feel so lazy. How can I get up just now and lock my door?"

She was lying with her tiny hands buried in her rich wavy hair, under her cheek, her little head upon the pillow, and her glittering eyes followed me wherever I moved, with a kind of shy smile that I could not decipher.

I bid her good night, and crept from the room with an uncomfortable sensation.

I often wondered whether our pretty guest ever said her prayers. I certainly had never seen her upon her knees. In the morning she never came down until long after our family prayers were over, and at night she never left the drawing room to attend our brief evening prayers in the hall.

If it had not been that it had casually come out in one of our careless talks that she had been baptised, I should have doubted her being a Christian. Religion was a subject on which I had never heard her speak a word. If I had known the world better, this particular neglect or antipathy would not have so much surprised me.

The precautions of nervous people are infectious, and persons of a like temperament are pretty sure, after a time, to imitate them. I had adopted Carmilla's habit of locking her bedroom door, having taken into my head all her whimsical alarms about midnight invaders and prowling assassins. I had also adopted her precaution of making a brief search through her room, to satisfy herself that no lurking assassin or robber was "ensconced."

These wise measures taken, I got into my bed and fell asleep. A light was burning in my room. This was an old habit, of very early date, and which nothing could have tempted me to dispense with.

Thus fortified I might take my rest in peace. But dreams come through stone walls, light up dark rooms, or darken light ones, and their persons make their exits and their entrances as they please, and laugh at locksmiths.

I had a dream that night that was the beginning of a very strange agony.

I cannot call it a nightmare, for I was quite conscious of being asleep.

But I was equally conscious of being in my room, and lying in bed, precisely as I actually was. I saw, or fancied I saw, the room and its furniture just as I had seen it last, except that it was very dark, and I saw something moving round the foot of the bed, which at first I could not accurately distinguish. But I soon saw that it was a sooty-black animal that resembled a monstrous cat. It appeared to me about four or five feet long for it measured fully the length of the hearthrug as it passed over it; and it continued to-ing and fro-ing with the lithe, sinister restlessness of a beast in a cage. I could not cry out, although as you may suppose, I was terrified. Its pace was growing faster, and the room rapidly darker and darker, and at length so dark that I could no longer see anything of it but its eyes. I felt it spring lightly on the bed. The two broad eyes approached my face, and suddenly I felt a stinging pain as if two large needles darted, an inch or two apart, deep into my breast. I waked with a scream. The room was lighted by the candle that burnt there all through the night, and I saw a female figure standing at the foot of the bed, a little at the right side. It was in a dark loose dress, and its hair was down and covered its shoulders. A block of stone could not have been more still. There was not the slightest stir of respiration. As I stared at it, the figure appeared to have changed its place, and was now nearer the door; then, close to it, the door opened, and it passed out.

I was now relieved, and able to breathe and move. My first thought was that Carmilla had been playing me a trick, and that I had forgotten to secure my door. I hastened to it, and found it locked as usual on the inside. I was afraid to open it—I was horrified. I sprang into my bed and covered my head up in the bedclothes, and lay there more dead than alive till morning.

VII — Descending

It would be vain my attempting to tell you the horror with which, even now, I recall the occurrence of that night. It was no such transitory terror as a dream leaves behind it. It seemed to deepen by time, and

communicated itself to the room and the very furniture that had encompassed the apparition.

I could not bear next day to be alone for a moment. I should have told papa, but for two opposite reasons. At one time I thought he would laugh at my story, and I could not bear its being treated as a jest; and at another I thought he might fancy that I had been attacked by the mysterious complaint which had invaded our neighborhood. I had myself no misgiving of the kind, and as he had been rather an invalid for some time, I was afraid of alarming him.

I was comfortable enough with my good-natured companions, Madame Perrodon, and the vivacious Mademoiselle Lafontaine. They both perceived that I was out of spirits and nervous, and at length I told them what lay so heavy at my heart.

Mademoiselle laughed, but I fancied that Madame Perrodon looked anxious.

"By-the-by," said Mademoiselle, laughing, "the long lime tree walk, behind Carmilla's bedroom window, is haunted!"

"Nonsense!" exclaimed Madame, who probably thought the theme rather inopportune, "and who tells that story, my dear?"

"Martin says that he came up twice, when the old yard gate was being repaired, before sunrise, and twice saw the same female figure walking down the lime tree avenue."

"So he well might, as long as there are cows to milk in the river fields," said Madame.

"I daresay; but Martin chooses to be frightened, and never did I see fool more frightened."

"You must not say a word about it to Carmilla, because she can see down that walk from her room window," I interposed, "and she is, if possible, a greater coward than I."

Carmilla came down rather later than usual that day.

"I was so frightened last night," she said, so soon as were together, "and I am sure I should have seen something dreadful if it had not been for that charm I bought from the poor little hunchback whom I called such hard names. I had a dream of something black coming round my bed, and I awoke in a perfect horror, and I really thought, for some seconds, I

saw a dark figure near the chimneypiece, but I felt under my pillow for my charm, and the moment my fingers touched it, the figure disappeared, and I felt quite certain, only that I had it by me, that something frightful would have made its appearance, and, perhaps, throttled me, as it did those poor people we heard of."

"Well, listen to me," I began, and recounted my adventure, at the recital of which she appeared horrified.

"And had you the charm near you?" she asked, earnestly.

"No, I had dropped it into a china vase in the drawing room, but I shall certainly take it with me tonight, as you have so much faith in it."

At this distance of time I cannot tell you, or even understand, how I overcame my horror so effectually as to lie alone in my room that night. I remember distinctly that I pinned the charm to my pillow. I fell asleep almost immediately, and slept even more soundly than usual all night.

Next night I passed as well. My sleep was delightfully deep and dreamless.

But I wakened with a sense of lassitude and melancholy, which, however, did not exceed a degree that was almost luxurious.

"Well, I told you so," said Carmilla, when I described my quiet sleep, "I had such delightful sleep myself last night; I pinned the charm to the breast of my nightdress. It was too far away the night before. I am quite sure it was all fancy, except the dreams. I used to think that evil spirits made dreams, but our doctor told me it is no such thing. Only a fever passing by, or some other malady, as they often do, he said, knocks at the door, and not being able to get in, passes on, with that alarm."

"And what do you think the charm is?" said I.

"It has been fumigated or immersed in some drug, and is an antidote against the malaria," she answered.

"Then it acts only on the body?"

"Certainly; you don't suppose that evil spirits are frightened by bits of ribbon, or the perfumes of a druggist's shop? No, these complaints, wandering in the air, begin by trying the nerves, and so infect the brain, but before they can seize upon you, the antidote repels them. That I am sure is what the charm has done for us. It is nothing magical, it is simply natural."

I should have been happier if I could have quite agreed with Carmilla, but I did my best, and the impression was a little losing its force.

For some nights I slept profoundly; but still every morning I felt the same lassitude, and a languor weighed upon me all day. I felt myself a changed girl. A strange melancholy was stealing over me, a melancholy that I would not have interrupted. Dim thoughts of death began to open, and an idea that I was slowly sinking took gentle, and, somehow, not unwelcome, possession of me. If it was sad, the tone of mind which this induced was also sweet.

Whatever it might be, my soul acquiesced in it.

I would not admit that I was ill, I would not consent to tell my papa, or to have the doctor sent for.

Carmilla became more devoted to me than ever, and her strange paroxysms of languid adoration more frequent. She used to gloat on me with increasing ardor the more my strength and spirits waned. This always shocked me like a momentary glare of insanity.

Without knowing it, I was now in a pretty advanced stage of the strangest illness under which mortal ever suffered. There was an unaccountable fascination in its earlier symptoms that more than reconciled me to the incapacitating effect of that stage of the malady. This fascination increased for a time, until it reached a certain point, when gradually a sense of the horrible mingled itself with it, deepening, as you shall hear, until it discolored and perverted the whole state of my life.

The first change I experienced was rather agreeable. It was very near the turning point from which began the descent of Avernus.

Certain vague and strange sensations visited me in my sleep. The prevailing one was of that pleasant, peculiar cold thrill which we feel in bathing, when we move against the current of a river. This was soon accompanied by dreams that seemed interminable, and were so vague that I could never recollect their scenery and persons, or any one connected portion of their action. But they left an awful impression, and a sense of exhaustion, as if I had passed through a long period of great mental exertion and danger.

After all these dreams there remained on waking a remembrance of having been in a place very nearly dark, and of having spoken to people

whom I could not see; and especially of one clear voice, of a female's, very deep, that spoke as if at a distance, slowly, and producing always the same sensation of indescribable solemnity and fear. Sometimes there came a sensation as if a hand was drawn softly along my cheek and neck. Sometimes it was as if warm lips kissed me, and longer and longer and more lovingly as they reached my throat, but there the caress fixed itself. My heart beat faster, my breathing rose and fell rapidly and full drawn; a sobbing, that rose into a sense of strangulation, supervened, and turned into a dreadful convulsion, in which my senses left me and I became unconscious.

It was now three weeks since the commencement of this unaccountable state.

My sufferings had, during the last week, told upon my appearance. I had grown pale, my eyes were dilated and darkened underneath, and the languor which I had long felt began to display itself in my countenance.

My father asked me often whether I was ill; but, with an obstinacy which now seems to me unaccountable, I persisted in assuring him that I was quite well.

In a sense this was true. I had no pain, I could complain of no bodily derangement. My complaint seemed to be one of the imagination, or the nerves, and, horrible as my sufferings were, I kept them, with a morbid reserve, very nearly to myself.

It could not be that terrible complaint which the peasants called the oupire, for I had now been suffering for three weeks, and they were seldom ill for much more than three days, when death put an end to their miseries.

Carmilla complained of dreams and feverish sensations, but by no means of so alarming a kind as mine. I say that mine were extremely alarming. Had I been capable of comprehending my condition, I would have invoked aid and advice on my knees. The narcotic of an unsuspected influence was acting upon me, and my perceptions were benumbed.

I am going to tell you now of a dream that led immediately to an odd discovery.

One night, instead of the voice I was accustomed to hear in the dark, I heard one, sweet and tender, and at the same time terrible, which said,

"Your mother warns you to beware of the assassin." At the same time a light unexpectedly sprang up, and I saw Carmilla, standing, near the foot of my bed, in her white nightdress, bathed, from her chin to her feet, in one great stain of blood.

I wakened with a shriek, possessed with the one idea that Carmilla was being murdered. I remember springing from my bed, and my next recollection is that of standing on the lobby, crying for help.

Madame and Mademoiselle came scurrying out of their rooms in alarm; a lamp burned always on the lobby, and seeing me, they soon learned the cause of my terror.

I insisted on our knocking at Carmilla's door. Our knocking was unanswered.

It soon became a pounding and an uproar. We shrieked her name, but all was vain.

We all grew frightened, for the door was locked. We hurried back, in panic, to my room. There we rang the bell long and furiously. If my father's room had been at that side of the house, we would have called him up at once to our aid. But, alas! he was quite out of hearing, and to reach him involved an excursion for which we none of us had courage.

Servants, however, soon came running up the stairs; I had got on my dressing gown and slippers meanwhile, and my companions were already similarly furnished. Recognizing the voices of the servants on the lobby, we sallied out together; and having renewed, as fruitlessly, our summons at Carmilla's door, I ordered the men to force the lock. They did so, and we stood, holding our lights aloft, in the doorway, and so stared into the room.

We called her by name; but there was still no reply. We looked round the room. Everything was undisturbed. It was exactly in the state in which I had left it on bidding her good night. But Carmilla was gone.

VIII — Search

At sight of the room, perfectly undisturbed except for our violent entrance, we began to cool a little, and soon recovered our senses sufficiently to dismiss the men. It had struck Mademoiselle that possibly Carmilla had been wakened by the uproar at her door, and in her first

panic had jumped from her bed, and hid herself in a press, or behind a curtain, from which she could not, of course, emerge until the majordomo and his myrmidons had withdrawn. We now recommenced our search, and began to call her name again.

It was all to no purpose. Our perplexity and agitation increased. We examined the windows, but they were secured. I implored of Carmilla, if she had concealed herself, to play this cruel trick no longer—to come out and to end our anxieties. It was all useless. I was by this time convinced that she was not in the room, nor in the dressing room, the door of which was still locked on this side. She could not have passed it. I was utterly puzzled. Had Carmilla discovered one of those secret passages which the old housekeeper said were known to exist in the schloss, although the tradition of their exact situation had been lost? A little time would, no doubt, explain all—utterly perplexed as, for the present, we were.

It was past four o'clock, and I preferred passing the remaining hours of darkness in Madame's room. Daylight brought no solution of the difficulty.

The whole household, with my father at its head, was in a state of agitation next morning. Every part of the chateau was searched. The grounds were explored. No trace of the missing lady could be discovered. The stream was about to be dragged; my father was in distraction; what a tale to have to tell the poor girl's mother on her return. I, too, was almost beside myself, though my grief was quite of a different kind.

The morning was passed in alarm and excitement. It was now one o'clock, and still no tidings. I ran up to Carmilla's room, and found her standing at her dressing table. I was astounded. I could not believe my eyes. She beckoned me to her with her pretty finger, in silence. Her face expressed extreme fear.

I ran to her in an ecstasy of joy; I kissed and embraced her again and again. I ran to the bell and rang it vehemently, to bring others to the spot who might at once relieve my father's anxiety.

"Dear Carmilla, what has become of you all this time? We have been in agonies of anxiety about you," I exclaimed. "Where have you been? How did you come back?"

"Last night has been a night of wonders," she said.

"For mercy's sake, explain all you can."

"It was past two last night," she said, "when I went to sleep as usual in my bed, with my doors locked, that of the dressing room, and that opening upon the gallery. My sleep was uninterrupted, and, so far as I know, dreamless; but I woke just now on the sofa in the dressing room there, and I found the door between the rooms open, and the other door forced. How could all this have happened without my being wakened? It must have been accompanied with a great deal of noise, and I am particularly easily wakened; and how could I have been carried out of my bed without my sleep having been interrupted, I whom the slightest stir startles?"

By this time, Madame, Mademoiselle, my father, and a number of the servants were in the room. Carmilla was, of course, overwhelmed with inquiries, congratulations, and welcomes. She had but one story to tell, and seemed the least able of all the party to suggest any way of accounting for what had happened.

My father took a turn up and down the room, thinking. I saw Carmilla's eye follow him for a moment with a sly, dark glance.

When my father had sent the servants away, Mademoiselle having gone in search of a little bottle of valerian and salvolatile, and there being no one now in the room with Carmilla, except my father, Madame, and myself, he came to her thoughtfully, took her hand very kindly, led her to the sofa, and sat down beside her.

"Will you forgive me, my dear, if I risk a conjecture, and ask a question?"

"Who can have a better right?" she said. "Ask what you please, and I will tell you everything. But my story is simply one of bewilderment and darkness. I know absolutely nothing. Put any question you please, but you know, of course, the limitations mamma has placed me under."

"Perfectly, my dear child. I need not approach the topics on which she desires our silence. Now, the marvel of last night consists in your having been removed from your bed and your room, without being wakened, and this removal having occurred apparently while the windows were still secured, and the two doors locked upon the inside. I will tell you my theory and ask you a question."

Carmilla was leaning on her hand dejectedly; Madame and I were listening breathlessly.

"Now, my question is this. Have you ever been suspected of walking in your sleep?"

"Never, since I was very young indeed."

"But you did walk in your sleep when you were young?"

"Yes; I know I did. I have been told so often by my old nurse."

My father smiled and nodded.

"Well, what has happened is this. You got up in your sleep, unlocked the door, not leaving the key, as usual, in the lock, but taking it out and locking it on the outside; you again took the key out, and carried it away with you to some one of the five-and-twenty rooms on this floor, or perhaps upstairs or downstairs. There are so many rooms and closets, so much heavy furniture, and such accumulations of lumber, that it would require a week to search this old house thoroughly. Do you see, now, what I mean?"

"I do, but not all," she answered.

"And how, papa, do you account for her finding herself on the sofa in the dressing room, which we had searched so carefully?"

"She came there after you had searched it, still in her sleep, and at last awoke spontaneously, and was as much surprised to find herself where she was as any one else. I wish all mysteries were as easily and innocently explained as yours, Carmilla," he said, laughing. "And so we may congratulate ourselves on the certainty that the most natural explanation of the occurrence is one that involves no drugging, no tampering with locks, no burglars, or poisoners, or witches—nothing that need alarm Carmilla, or anyone else, for our safety."

Carmilla was looking charmingly. Nothing could be more beautiful than her tints. Her beauty was, I think, enhanced by that graceful languor that was peculiar to her. I think my father was silently contrasting her looks with mine, for he said:

"I wish my poor Laura was looking more like herself"; and he sighed.

So our alarms were happily ended, and Carmilla restored to her friends.

IX — The Doctor

As Carmilla would not hear of an attendant sleeping in her room, my father arranged that a servant should sleep outside her door, so that she would not attempt to make another such excursion without being arrested at her own door.

That night passed quietly; and next morning early, the doctor, whom my father had sent for without telling me a word about it, arrived to see me.

Madame accompanied me to the library; and there the grave little doctor, with white hair and spectacles, whom I mentioned before, was waiting to receive me.

I told him my story, and as I proceeded he grew graver and graver.

We were standing, he and I, in the recess of one of the windows, facing one another. When my statement was over, he leaned with his shoulders against the wall, and with his eyes fixed on me earnestly, with an interest in which was a dash of horror.

After a minute's reflection, he asked Madame if he could see my father.

He was sent for accordingly, and as he entered, smiling, he said:

"I dare say, doctor, you are going to tell me that I am an old fool for having brought you here; I hope I am."

But his smile faded into shadow as the doctor, with a very grave face, beckoned him to him.

He and the doctor talked for some time in the same recess where I had just conferred with the physician. It seemed an earnest and argumentative conversation. The room is very large, and I and Madame stood together, burning with curiosity, at the farther end. Not a word could we hear, however, for they spoke in a very low tone, and the deep recess of the window quite concealed the doctor from view, and very nearly my father, whose foot, arm, and shoulder only could we see; and the voices were, I suppose, all the less audible for the sort of closet which the thick wall and window formed.

After a time my father's face looked into the room; it was pale, thoughtful, and, I fancied, agitated.

"Laura, dear, come here for a moment. Madame, we shan't trouble you, the doctor says, at present."

Accordingly I approached, for the first time a little alarmed; for, although I felt very weak, I did not feel ill; and strength, one always fancies, is a thing that may be picked up when we please.

My father held out his hand to me, as I drew near, but he was looking at the doctor, and he said:

"It certainly is very odd; I don't understand it quite. Laura, come here, dear; now attend to Doctor Spielsberg, and recollect yourself."

"You mentioned a sensation like that of two needles piercing the skin, somewhere about your neck, on the night when you experienced your first horrible dream. Is there still any soreness?"

"None at all," I answered.

"Can you indicate with your finger about the point at which you think this occurred?"

"Very little below my throat—here," I answered.

I wore a morning dress, which covered the place I pointed to.

"Now you can satisfy yourself," said the doctor. "You won't mind your papa's lowering your dress a very little. It is necessary, to detect a symptom of the complaint under which you have been suffering."

I acquiesced. It was only an inch or two below the edge of my collar.

"God bless me!—so it is," exclaimed my father, growing pale.

"You see it now with your own eyes," said the doctor, with a gloomy triumph.

"What is it?" I exclaimed, beginning to be frightened.

"Nothing, my dear young lady, but a small blue spot, about the size of the tip of your little finger; and now," he continued, turning to papa, "the question is what is best to be done?"

"Is there any danger?" I urged, in great trepidation.

"I trust not, my dear," answered the doctor. "I don't see why you should not recover. I don't see why you should not begin immediately to get better. That is the point at which the sense of strangulation begins?"

"Yes," I answered.

"And—recollect as well as you can—the same point was a kind of center of that thrill which you described just now, like the current of a cold stream running against you?"

"It may have been; I think it was."

"Ay, you see?" he added, turning to my father. "Shall I say a word to Madame?"

"Certainly," said my father.

He called Madame to him, and said:

"I find my young friend here far from well. It won't be of any great consequence, I hope; but it will be necessary that some steps be taken, which I will explain by-and-by; but in the meantime, Madame, you will be so good as not to let Miss Laura be alone for one moment. That is the only direction I need give for the present. It is indispensable."

"We may rely upon your kindness, Madame, I know," added my father.

Madame satisfied him eagerly.

"And you, dear Laura, I know you will observe the doctor's direction."

"I shall have to ask your opinion upon another patient, whose symptoms slightly resemble those of my daughter, that have just been detailed to you—very much milder in degree, but I believe quite of the same sort. She is a young lady—our guest; but as you say you will be passing this way again this evening, you can't do better than take your supper here, and you can then see her. She does not come down till the afternoon."

"I thank you," said the doctor. "I shall be with you, then, at about seven this evening."

And then they repeated their directions to me and to Madame, and with this parting charge my father left us, and walked out with the doctor; and I saw them pacing together up and down between the road and the moat, on the grassy platform in front of the castle, evidently absorbed in earnest conversation.

The doctor did not return. I saw him mount his horse there, take his leave, and ride away eastward through the forest.

Nearly at the same time I saw the man arrive from Dranfield with the letters, and dismount and hand the bag to my father.

In the meantime, Madame and I were both busy, lost in conjecture as to the reasons of the singular and earnest direction which the doctor and my father had concurred in imposing. Madame, as she afterwards told me, was afraid the doctor apprehended a sudden seizure, and that, without prompt assistance, I might either lose my life in a fit, or at least be seriously hurt.

The interpretation did not strike me; and I fancied, perhaps luckily for my nerves, that the arrangement was prescribed simply to secure a companion, who would prevent my taking too much exercise, or eating unripe fruit, or doing any of the fifty foolish things to which young people are supposed to be prone.

About half an hour after my father came in—he had a letter in his hand—and said:

"This letter had been delayed; it is from General Spielsdorf. He might have been here yesterday, he may not come till tomorrow or he may be here today."

He put the open letter into my hand; but he did not look pleased, as he used when a guest, especially one so much loved as the General, was coming.

On the contrary, he looked as if he wished him at the bottom of the Red Sea. There was plainly something on his mind which he did not choose to divulge.

"Papa, darling, will you tell me this?" said I, suddenly laying my hand on his arm, and looking, I am sure, imploringly in his face.

"Perhaps," he answered, smoothing my hair caressingly over my eyes.

"Does the doctor think me very ill?"

"No, dear; he thinks, if right steps are taken, you will be quite well again, at least, on the high road to a complete recovery, in a day or two," he answered, a little dryly. "I wish our good friend, the General, had chosen any other time; that is, I wish you had been perfectly well to receive him."

"But do tell me, papa," I insisted, "what does he think is the matter with me?"

"Nothing; you must not plague me with questions," he answered, with more irritation than I ever remember him to have displayed before; and seeing that I looked wounded, I suppose, he kissed me, and added, "You shall know all about it in a day or two; that is, all that I know. In the meantime you are not to trouble your head about it."

He turned and left the room, but came back before I had done wondering and puzzling over the oddity of all this; it was merely to say that he was going to Karnstein, and had ordered the carriage to be ready at twelve, and that I and Madame should accompany him; he was going to see the priest who lived near those picturesque grounds, upon business, and as Carmilla had never seen them, she could follow, when she came down, with Mademoiselle, who would bring materials for what you call a picnic, which might be laid for us in the ruined castle.

At twelve o'clock, accordingly, I was ready, and not long after, my father, Madame and I set out upon our projected drive.

Passing the drawbridge we turn to the right, and follow the road over the steep Gothic bridge, westward, to reach the deserted village and ruined castle of Karnstein.

No sylvan drive can be fancied prettier. The ground breaks into gentle hills and hollows, all clothed with beautiful wood, totally destitute of the comparative formality which artificial planting and early culture and pruning impart.

The irregularities of the ground often lead the road out of its course, and cause it to wind beautifully round the sides of broken hollows and the steeper sides of the hills, among varieties of ground almost inexhaustible.

Turning one of these points, we suddenly encountered our old friend, the General, riding towards us, attended by a mounted servant. His portmanteaus were following in a hired wagon, such as we term a cart.

The General dismounted as we pulled up, and, after the usual greetings, was easily persuaded to accept the vacant seat in the carriage and send his horse on with his servant to the schloss.

X — Bereaved

It was about ten months since we had last seen him: but that time had sufficed to make an alteration of years in his appearance. He had grown thinner; something of gloom and anxiety had taken the place of that cordial serenity which used to characterize his features. His dark blue eyes, always penetrating, now gleamed with a sterner light from under his shaggy grey eyebrows. It was not such a change as grief alone usually induces, and angrier passions seemed to have had their share in bringing it about.

We had not long resumed our drive, when the General began to talk, with his usual soldierly directness, of the bereavement, as he termed it, which he had sustained in the death of his beloved niece and ward; and he then broke out in a tone of intense bitterness and fury, inveighing against the "hellish arts" to which she had fallen a victim, and expressing, with more exasperation than piety, his wonder that Heaven should tolerate so monstrous an indulgence of the lusts and malignity of hell.

My father, who saw at once that something very extraordinary had befallen, asked him, if not too painful to him, to detail the circumstances which he thought justified the strong terms in which he expressed himself.

"I should tell you all with pleasure," said the General, "but you would not believe me."

"Why should I not?" he asked.

"Because," he answered testily, "you believe in nothing but what consists with your own prejudices and illusions. I remember when I was like you, but I have learned better."

"Try me," said my father; "I am not such a dogmatist as you suppose."

Besides which, I very well know that you generally require proof for what you believe, and am, therefore, very strongly predisposed to respect your conclusions."

"You are right in supposing that I have not been led lightly into a belief in the marvelous—for what I have experienced is marvelous—and I have been forced by extraordinary evidence to credit that which ran counter, diametrically, to all my theories. I have been made the dupe of a preternatural conspiracy."

Notwithstanding his professions of confidence in the General's penetration, I saw my father, at this point, glance at the General, with, as I thought, a marked suspicion of his sanity.

The General did not see it, luckily. He was looking gloomily and curiously into the glades and vistas of the woods that were opening before us.

"You are going to the Ruins of Karnstein?" he said. "Yes, it is a lucky coincidence; do you know I was going to ask you to bring me there to inspect them. I have a special object in exploring. There is a ruined chapel, ain't there, with a great many tombs of that extinct family?"

"So there are—highly interesting," said my father. "I hope you are thinking of claiming the title and estates?"

My father said this gaily, but the General did not recollect the laugh, or even the smile, which courtesy exacts for a friend's joke; on the contrary, he looked grave and even fierce, ruminating on a matter that stirred his anger and horror.

"Something very different," he said, gruffly. "I mean to unearth some of those fine people. I hope, by God's blessing, to accomplish a pious sacrilege here, which will relieve our earth of certain monsters, and enable honest people to sleep in their beds without being assailed by murderers. I have strange things to tell you, my dear friend, such as I myself would have scouted as incredible a few months since."

My father looked at him again, but this time not with a glance of suspicion—with an eye, rather, of keen intelligence and alarm.

"The house of Karnstein," he said, "has been long extinct: a hundred years at least. My dear wife was maternally descended from the Karnsteins. But the name and title have long ceased to exist. The castle is a ruin; the very village is deserted; it is fifty years since the smoke of a chimney was seen there; not a roof left."

"Quite true. I have heard a great deal about that since I last saw you; a great deal that will astonish you. But I had better relate everything in the order in which it occurred," said the General. "You saw my dear ward—my child, I may call her. No creature could have been more beautiful, and only three months ago none more blooming."

"Yes, poor thing! when I saw her last she certainly was quite lovely," said my father. "I was grieved and shocked more than I can tell you, my dear friend; I knew what a blow it was to you."

He took the General's hand, and they exchanged a kind pressure. Tears gathered in the old soldier's eyes. He did not seek to conceal them. He said:

"We have been very old friends; I knew you would feel for me, childless as I am. She had become an object of very near interest to me, and repaid my care by an affection that cheered my home and made my life happy. That is all gone. The years that remain to me on earth may not be very long; but by God's mercy I hope to accomplish a service to mankind before I die, and to subserve the vengeance of Heaven upon the fiends who have murdered my poor child in the spring of her hopes and beauty!"

"You said, just now, that you intended relating everything as it occurred," said my father. "Pray do; I assure you that it is not mere curiosity that prompts me."

By this time we had reached the point at which the Drunstall road, by which the General had come, diverges from the road which we were traveling to Karnstein.

"How far is it to the ruins?" inquired the General, looking anxiously forward.

"About half a league," answered my father. "Pray let us hear the story you were so good as to promise."

XI — The Story

"With all my heart," said the General, with an effort; and after a short pause in which to arrange his subject, he commenced one of the strangest narratives I ever heard.

"My dear child was looking forward with great pleasure to the visit you had been so good as to arrange for her to your charming daughter." Here he made me a gallant but melancholy bow. "In the meantime we had an invitation to my old friend the Count Carlsfeld, whose schloss is about six leagues to the other side of Karnstein. It was to attend the

series of fetes which, you remember, were given by him in honor of his illustrious visitor, the Grand Duke Charles.”

“Yes; and very splendid, I believe, they were,” said my father.

“Princely! But then his hospitalities are quite regal. He has Aladdin’s lamp. The night from which my sorrow dates was devoted to a magnificent masquerade. The grounds were thrown open, the trees hung with colored lamps. There was such a display of fireworks as Paris itself had never witnessed. And such music—music, you know, is my weakness—such ravishing music! The finest instrumental band, perhaps, in the world, and the finest singers who could be collected from all the great operas in Europe. As you wandered through these fantastically illuminated grounds, the moon-lighted chateau throwing a rosy light from its long rows of windows, you would suddenly hear these ravishing voices stealing from the silence of some grove, or rising from boats upon the lake. I felt myself, as I looked and listened, carried back into the romance and poetry of my early youth.

“When the fireworks were ended, and the ball beginning, we returned to the noble suite of rooms that were thrown open to the dancers. A masked ball, you know, is a beautiful sight; but so brilliant a spectacle of the kind I never saw before.

“It was a very aristocratic assembly. I was myself almost the only ‘nobody’ present.

“My dear child was looking quite beautiful. She wore no mask. Her excitement and delight added an unspeakable charm to her features, always lovely. I remarked a young lady, dressed magnificently, but wearing a mask, who appeared to me to be observing my ward with extraordinary interest. I had seen her, earlier in the evening, in the great hall, and again, for a few minutes, walking near us, on the terrace under the castle windows, similarly employed. A lady, also masked, richly and gravely dressed, and with a stately air, like a person of rank, accompanied her as a chaperon.

Had the young lady not worn a mask, I could, of course, have been much more certain upon the question whether she was really watching my poor darling.

I am now well assured that she was.

“We were now in one of the salons. My poor dear child had been dancing, and was resting a little in one of the chairs near the door; I was standing near. The two ladies I have mentioned had approached and the younger took the chair next my ward; while her companion stood beside me, and for a little time addressed herself, in a low tone, to her charge.

“Availing herself of the privilege of her mask, she turned to me, and in the tone of an old friend, and calling me by my name, opened a conversation with me, which piqued my curiosity a good deal. She referred to many scenes where she had met me—at Court, and at distinguished houses. She alluded to little incidents which I had long ceased to think of, but which, I found, had only lain in abeyance in my memory, for they instantly started into life at her touch.

“I became more and more curious to ascertain who she was, every moment. She parried my attempts to discover very adroitly and pleasantly. The knowledge she showed of many passages in my life seemed to me all but unaccountable; and she appeared to take a not unnatural pleasure in foiling my curiosity, and in seeing me flounder in my eager perplexity, from one conjecture to another.

“In the meantime the young lady, whom her mother called by the odd name of Millarca, when she once or twice addressed her, had, with the same ease and grace, got into conversation with my ward.

“She introduced herself by saying that her mother was a very old acquaintance of mine. She spoke of the agreeable audacity which a mask rendered practicable; she talked like a friend; she admired her dress, and insinuated very prettily her admiration of her beauty. She amused her with laughing criticisms upon the people who crowded the ballroom, and laughed at my poor child’s fun. She was very witty and lively when she pleased, and after a time they had grown very good friends, and the young stranger lowered her mask, displaying a remarkably beautiful face. I had never seen it before, neither had my dear child. But though it was new to us, the features were so engaging, as well as lovely, that it was impossible not to feel the attraction powerfully. My poor girl did so. I never saw anyone more taken with another at first sight, unless, indeed, it was the stranger herself, who seemed quite to have lost her heart to her.

"In the meantime, availing myself of the license of a masquerade, I put not a few questions to the elder lady.

"You have puzzled me utterly," I said, laughing. "Is that not enough?"

"Won't you, now, consent to stand on equal terms, and do me the kindness to remove your mask?"

"Can any request be more unreasonable?" she replied. "Ask a lady to yield an advantage! Beside, how do you know you should recognize me? Years make changes."

"As you see," I said, with a bow, and, I suppose, a rather melancholy little laugh.

"As philosophers tell us," she said; "and how do you know that a sight of my face would help you?"

"I should take chance for that," I answered. "It is vain trying to make yourself out an old woman; your figure betrays you."

"Years, nevertheless, have passed since I saw you, rather since you saw me, for that is what I am considering. Millarca, there, is my daughter; I cannot then be young, even in the opinion of people whom time has taught to be indulgent, and I may not like to be compared with what you remember me.

You have no mask to remove. You can offer me nothing in exchange."

"My petition is to your pity, to remove it."

"And mine to yours, to let it stay where it is," she replied.

"Well, then, at least you will tell me whether you are French or German; you speak both languages so perfectly."

"I don't think I shall tell you that, General; you intend a surprise, and are meditating the particular point of attack."

"At all events, you won't deny this," I said, "that being honored by your permission to converse, I ought to know how to address you. Shall I say Madame la Comtesse?"

"She laughed, and she would, no doubt, have met me with another evasion—if, indeed, I can treat any occurrence in an interview every circumstance of which was prearranged, as I now believe, with the profoundest cunning, as liable to be modified by accident.

"As to that," she began; but she was interrupted, almost as she opened her lips, by a gentleman, dressed in black, who looked particularly

elegant and distinguished, with this drawback, that his face was the most deadly pale I ever saw, except in death. He was in no masquerade—in the plain evening dress of a gentleman; and he said, without a smile, but with a courtly and unusually low bow: —

"Will Madame la Comtesse permit me to say a very few words which may interest her?"

"The lady turned quickly to him, and touched her lip in token of silence; she then said to me, 'Keep my place for me, General; I shall return when I have said a few words.'

"And with this injunction, playfully given, she walked a little aside with the gentleman in black, and talked for some minutes, apparently very earnestly. They then walked away slowly together in the crowd, and I lost them for some minutes.

"I spent the interval in cudgeling my brains for a conjecture as to the identity of the lady who seemed to remember me so kindly, and I was thinking of turning about and joining in the conversation between my pretty ward and the Countess's daughter, and trying whether, by the time she returned, I might not have a surprise in store for her, by having her name, title, chateau, and estates at my fingers' ends. But at this moment she returned, accompanied by the pale man in black, who said:

"I shall return and inform Madame la Comtesse when her carriage is at the door."

"He withdrew with a bow."

XII — A Petition

"Then we are to lose Madame la Comtesse, but I hope only for a few hours," I said, with a low bow.

"It may be that only, or it may be a few weeks. It was very unlucky his speaking to me just now as he did. Do you now know me?"

"I assured her I did not.

"You shall know me," she said, "but not at present. We are older and better friends than, perhaps, you suspect. I cannot yet declare myself. I shall in three weeks pass your beautiful schloss, about which I have been making enquiries. I shall then look in upon you for an hour or two, and renew a friendship which I never think of without a thousand

pleasant recollections. This moment a piece of news has reached me like a thunderbolt. I must set out now, and travel by a devious route, nearly a hundred miles, with all the dispatch I can possibly make. My perplexities multiply. I am only deterred by the compulsory reserve I practice as to my name from making a very singular request of you. My poor child has not quite recovered her strength. Her horse fell with her, at a hunt which she had ridden out to witness, her nerves have not yet recovered the shock, and our physician says that she must on no account exert herself for some time to come. We came here, in consequence, by very easy stages—hardly six leagues a day. I must now travel day and night, on a mission of life and death—a mission the critical and momentous nature of which I shall be able to explain to you when we meet, as I hope we shall, in a few weeks, without the necessity of any concealment.’

“She went on to make her petition, and it was in the tone of a person from whom such a request amounted to conferring, rather than seeking a favor.

This was only in manner, and, as it seemed, quite unconsciously. Than the terms in which it was expressed, nothing could be more deprecatory. It was simply that I would consent to take charge of her daughter during her absence.

“This was, all things considered, a strange, not to say, an audacious request. She in some sort disarmed me, by stating and admitting everything that could be urged against it, and throwing herself entirely upon my chivalry. At the same moment, by a fatality that seems to have predetermined all that happened, my poor child came to my side, and, in an undertone, besought me to invite her new friend, Millarca, to pay us a visit. She had just been sounding her, and thought, if her mamma would allow her, she would like it extremely.

“At another time I should have told her to wait a little, until, at least, we knew who they were. But I had not a moment to think in. The two ladies assailed me together, and I must confess the refined and beautiful face of the young lady, about which there was something extremely engaging, as well as the elegance and fire of high birth, determined me; and, quite overpowered, I submitted, and undertook, too easily, the care of the young lady, whom her mother called Millarca.

“The Countess beckoned to her daughter, who listened with grave attention while she told her, in general terms, how suddenly and peremptorily she had been summoned, and also of the arrangement she had made for her under my care, adding that I was one of her earliest and most valued friends.

“I made, of course, such speeches as the case seemed to call for, and found myself, on reflection, in a position which I did not half like.

“The gentleman in black returned, and very ceremoniously conducted the lady from the room.

“The demeanor of this gentleman was such as to impress me with the conviction that the Countess was a lady of very much more importance than her modest title alone might have led me to assume.

“Her last charge to me was that no attempt was to be made to learn more about her than I might have already guessed, until her return. Our distinguished host, whose guest she was, knew her reasons.

“‘But here,’ she said, ‘neither I nor my daughter could safely remain for more than a day. I removed my mask imprudently for a moment, about an hour ago, and, too late, I fancied you saw me. So I resolved to seek an opportunity of talking a little to you. Had I found that you had seen me, I would have thrown myself on your high sense of honor to keep my secret some weeks. As it is, I am satisfied that you did not see me; but if you now suspect, or, on reflection, should suspect, who I am, I commit myself, in like manner, entirely to your honor. My daughter will observe the same secrecy, and I well know that you will, from time to time, remind her, lest she should thoughtlessly disclose it.’

“She whispered a few words to her daughter, kissed her hurriedly twice, and went away, accompanied by the pale gentleman in black, and disappeared in the crowd.

“‘In the next room,’ said Millarca, ‘there is a window that looks upon the hall door. I should like to see the last of mamma, and to kiss my hand to her.’

“We assented, of course, and accompanied her to the window. We looked out, and saw a handsome old-fashioned carriage, with a troop of couriers and footmen. We saw the slim figure of the pale gentleman in black, as he held a thick velvet cloak, and placed it about her shoulders

and threw the hood over her head. She nodded to him, and just touched his hand with hers. He bowed low repeatedly as the door closed, and the carriage began to move.

"She is gone," said Millarca, with a sigh.

"She is gone," I repeated to myself, for the first time—in the hurried moments that had elapsed since my consent—reflecting upon the folly of my act.

"She did not look up," said the young lady, plaintively.

"The Countess had taken off her mask, perhaps, and did not care to show her face," I said; "and she could not know that you were in the window."

"She sighed, and looked in my face. She was so beautiful that I relented. I was sorry I had for a moment repented of my hospitality, and I determined to make her amends for the unavowed churlishness of my reception.

"The young lady, replacing her mask, joined my ward in persuading me to return to the grounds, where the concert was soon to be renewed. We did so, and walked up and down the terrace that lies under the castle windows.

Millarca became very intimate with us, and amused us with lively descriptions and stories of most of the great people whom we saw upon the terrace. I liked her more and more every minute. Her gossip without being ill-natured, was extremely diverting to me, who had been so long out of the great world. I thought what life she would give to our sometimes lonely evenings at home.

"This ball was not over until the morning sun had almost reached the horizon. It pleased the Grand Duke to dance till then, so loyal people could not go away, or think of bed.

"We had just got through a crowded saloon, when my ward asked me what had become of Millarca. I thought she had been by her side, and she fancied she was by mine. The fact was, we had lost her.

"All my efforts to find her were vain. I feared that she had mistaken, in the confusion of a momentary separation from us, other people for her new friends, and had, possibly, pursued and lost them in the extensive grounds which were thrown open to us.

"Now, in its full force, I recognized a new folly in my having undertaken the charge of a young lady without so much as knowing her name; and fettered as I was by promises, of the reasons for imposing which I knew nothing, I could not even point my inquiries by saying that the missing young lady was the daughter of the Countess who had taken her departure a few hours before.

"Morning broke. It was clear daylight before I gave up my search. It was not till near two o'clock next day that we heard anything of my missing charge.

"At about that time a servant knocked at my niece's door, to say that he had been earnestly requested by a young lady, who appeared to be in great distress, to make out where she could find the General Baron Spielsdorf and the young lady his daughter, in whose charge she had been left by her mother.

"There could be no doubt, notwithstanding the slight inaccuracy, that our young friend had turned up; and so she had. Would to heaven we had lost her!

"She told my poor child a story to account for her having failed to recover us for so long. Very late, she said, she had got to the house-keeper's bedroom in despair of finding us, and had then fallen into a deep sleep which, long as it was, had hardly sufficed to recruit her strength after the fatigues of the ball.

"That day Millarca came home with us. I was only too happy, after all, to have secured so charming a companion for my dear girl."

XIII — The Woodman

"There soon, however, appeared some drawbacks. In the first place, Millarca complained of extreme languor—the weakness that remained after her late illness—and she never emerged from her room till the afternoon was pretty far advanced. In the next place, it was accidentally discovered, although she always locked her door on the inside, and never disturbed the key from its place till she admitted the maid to assist at her toilet, that she was undoubtedly sometimes absent from her room in the very early morning, and at various times later in the day, before she wished it to be understood that she was stirring. She was repeatedly

seen from the windows of the schloss, in the first faint grey of the morning, walking through the trees, in an easterly direction, and looking like a person in a trance. This convinced me that she walked in her sleep. But this hypothesis did not solve the puzzle. How did she pass out from her room, leaving the door locked on the inside? How did she escape from the house without unbarring door or window?

"In the midst of my perplexities, an anxiety of a far more urgent kind presented itself.

"My dear child began to lose her looks and health, and that in a manner so mysterious, and even horrible, that I became thoroughly frightened.

"She was at first visited by appalling dreams; then, as she fancied, by a specter, sometimes resembling Millarca, sometimes in the shape of a beast, indistinctly seen, walking round the foot of her bed, from side to side.

Lastly came sensations. One, not unpleasant, but very peculiar, she said, resembled the flow of an icy stream against her breast. At a later time, she felt something like a pair of large needles pierce her, a little below the throat, with a very sharp pain. A few nights after, followed a gradual and convulsive sense of strangulation; then came unconsciousness."

I could hear distinctly every word the kind old General was saying, because by this time we were driving upon the short grass that spreads on either side of the road as you approach the roofless village which had not shown the smoke of a chimney for more than half a century.

You may guess how strangely I felt as I heard my own symptoms so exactly described in those which had been experienced by the poor girl who, but for the catastrophe which followed, would have been at that moment a visitor at my father's chateau. You may suppose, also, how I felt as I heard him detail habits and mysterious peculiarities which were, in fact, those of our beautiful guest, Carmilla!

A vista opened in the forest; we were on a sudden under the chimneys and gables of the ruined village, and the towers and battlements of the dismantled castle, round which gigantic trees are grouped, overhung us from a slight eminence.

In a frightened dream I got down from the carriage, and in silence, for we had each abundant matter for thinking; we soon mounted the ascent, and were among the spacious chambers, winding stairs, and dark corridors of the castle.

"And this was once the palatial residence of the Karnsteins!" said the old General at length, as from a great window he looked out across the village, and saw the wide, undulating expanse of forest. "It was a bad family, and here its bloodstained annals were written," he continued. "It is hard that they should, after death, continue to plague the human race with their atrocious lusts. That is the chapel of the Karnsteins, down there."

He pointed down to the grey walls of the Gothic building partly visible through the foliage, a little way down the steep. "And I hear the axe of a woodman," he added, "busy among the trees that surround it; he possibly may give us the information of which I am in search, and point out the grave of Mircalla, Countess of Karnstein. These rustics preserve the local traditions of great families, whose stories die out among the rich and titled so soon as the families themselves become extinct."

"We have a portrait, at home, of Mircalla, the Countess Karnstein; should you like to see it?" asked my father.

"Time enough, dear friend," replied the General. "I believe that I have seen the original; and one motive which has led me to you earlier than I at first intended, was to explore the chapel which we are now approaching."

"What! see the Countess Mircalla," exclaimed my father; "why, she has been dead more than a century!"

"Not so dead as you fancy, I am told," answered the General.

"I confess, General, you puzzle me utterly," replied my father, looking at him, I fancied, for a moment with a return of the suspicion I detected before. But although there was anger and detestation, at times, in the old General's manner, there was nothing flighty.

"There remains to me," he said, as we passed under the heavy arch of the Gothic church — for its dimensions would have justified its being so styled — "but one object which can interest me during the few years that

remain to me on earth, and that is to wreak on her the vengeance which, I thank God, may still be accomplished by a mortal arm."

"What vengeance can you mean?" asked my father, in increasing amazement.

"I mean, to decapitate the monster," he answered, with a fierce flush, and a stamp that echoed mournfully through the hollow ruin, and his clenched hand was at the same moment raised, as if it grasped the handle of an axe, while he shook it ferociously in the air.

"What?" exclaimed my father, more than ever bewildered.

"To strike her head off."

"Cut her head off!"

"Aye, with a hatchet, with a spade, or with anything that can cleave through her murderous throat. You shall hear," he answered, trembling with rage. And hurrying forward he said:

"That beam will answer for a seat; your dear child is fatigued; let her be seated, and I will, in a few sentences, close my dreadful story."

The squared block of wood, which lay on the grass-grown pavement of the chapel, formed a bench on which I was very glad to seat myself, and in the meantime the General called to the woodman, who had been removing some boughs which leaned upon the old walls; and, axe in hand, the hardy old fellow stood before us.

He could not tell us anything of these monuments; but there was an old man, he said, a ranger of this forest, at present sojourning in the house of the priest, about two miles away, who could point out every monument of the old Karnstein family; and, for a trifle, he undertook to bring him back with him, if we would lend him one of our horses, in little more than half an hour.

"Have you been long employed about this forest?" asked my father of the old man.

"I have been a woodman here," he answered in his patois, "under the forester, all my days; so has my father before me, and so on, as many generations as I can count up. I could show you the very house in the village here, in which my ancestors lived."

"How came the village to be deserted?" asked the General.

"It was troubled by revenants, sir; several were tracked to their graves, there detected by the usual tests, and extinguished in the usual way, by decapitation, by the stake, and by burning; but not until many of the villagers were killed.

"But after all these proceedings according to law," he continued — "so many graves opened, and so many vampires deprived of their horrible animation — the village was not relieved. But a Moravian nobleman, who happened to be traveling this way, heard how matters were, and being skilled — as many people are in his country — in such affairs, he offered to deliver the village from its tormentor. He did so thus: There being a bright moon that night, he ascended, shortly after sunset, the towers of the chapel here, from whence he could distinctly see the churchyard beneath him; you can see it from that window. From this point he watched until he saw the vampire come out of his grave, and place near it the linen clothes in which he had been folded, and then glide away towards the village to plague its inhabitants.

"The stranger, having seen all this, came down from the steeple, took the linen wrappings of the vampire, and carried them up to the top of the tower, which he again mounted. When the vampire returned from his prowlings and missed his clothes, he cried furiously to the Moravian, whom he saw at the summit of the tower, and who, in reply, beckoned him to ascend and take them. Whereupon the vampire, accepting his invitation, began to climb the steeple, and so soon as he had reached the battlements, the Moravian, with a stroke of his sword, clove his skull in twain, hurling him down to the churchyard, whither, descending by the winding stairs, the stranger followed and cut his head off, and next day delivered it and the body to the villagers, who duly impaled and burnt them.

"This Moravian nobleman had authority from the then head of the family to remove the tomb of Mircalla, Countess Karnstein, which he did effectually, so that in a little while its site was quite forgotten."

"Can you point out where it stood?" asked the General, eagerly.

The forester shook his head, and smiled.

"Not a soul living could tell you that now," he said; "besides, they say her body was removed; but no one is sure of that either."

Having thus spoken, as time pressed, he dropped his axe and departed, leaving us to hear the remainder of the General's strange story.

XIV — The Meeting

"My beloved child," he resumed, "was now growing rapidly worse. The physician who attended her had failed to produce the slightest impression on her disease, for such I then supposed it to be. He saw my alarm, and suggested a consultation. I called in an abler physician, from Gratz.

Several days elapsed before he arrived. He was a good and pious, as well as a learned man. Having seen my poor ward together, they withdrew to my library to confer and discuss. I, from the adjoining room, where I awaited their summons, heard these two gentlemen's voices raised in something sharper than a strictly philosophical discussion. I knocked at the door and entered. I found the old physician from Gratz maintaining his theory. His rival was combating it with undisguised ridicule, accompanied with bursts of laughter. This unseemly manifestation subsided and the altercation ended on my entrance.

"Sir," said my first physician, "my learned brother seems to think that you want a conjuror, and not a doctor."

"Pardon me," said the old physician from Gratz, looking displeased, "I shall state my own view of the case in my own way another time. I grieve, Monsieur le General, that by my skill and science I can be of no use.

Before I go I shall do myself the honor to suggest something to you."

"He seemed thoughtful, and sat down at a table and began to write.

Profoundly disappointed, I made my bow, and as I turned to go, the other doctor pointed over his shoulder to his companion who was writing, and then, with a shrug, significantly touched his forehead.

"This consultation, then, left me precisely where I was. I walked out into the grounds, all but distracted. The doctor from Gratz, in ten or fifteen minutes, overtook me. He apologized for having followed me, but said that he could not conscientiously take his leave without a few words

more. He told me that he could not be mistaken; no natural disease exhibited the same symptoms; and that death was already very near. There remained, however, a day, or possibly two, of life. If the fatal seizure were at once arrested, with great care and skill her strength might possibly return. But all hung now upon the confines of the irrevocable. One more assault might extinguish the last spark of vitality which is, every moment, ready to die.

"And what is the nature of the seizure you speak of?" I entreated.

"I have stated all fully in this note, which I place in your hands upon the distinct condition that you send for the nearest clergyman, and open my letter in his presence, and on no account read it till he is with you; you would despise it else, and it is a matter of life and death. Should the priest fail you, then, indeed, you may read it."

"He asked me, before taking his leave finally, whether I would wish to see a man curiously learned upon the very subject, which, after I had read his letter, would probably interest me above all others, and he urged me earnestly to invite him to visit him there; and so took his leave.

"The ecclesiastic was absent, and I read the letter by myself. At another time, or in another case, it might have excited my ridicule. But into what quackeries will not people rush for a last chance, where all accustomed means have failed, and the life of a beloved object is at stake?

"Nothing, you will say, could be more absurd than the learned man's letter.

It was monstrous enough to have consigned him to a madhouse. He said that the patient was suffering from the visits of a vampire! The punctures which she described as having occurred near the throat, were, he insisted, the insertion of those two long, thin, and sharp teeth which, it is well known, are peculiar to vampires; and there could be no doubt, he added, as to the well-defined presence of the small livid mark which all concurred in describing as that induced by the demon's lips, and every symptom described by the sufferer was in exact conformity with those recorded in every case of a similar visitation.

"Being myself wholly skeptical as to the existence of any such portent as the vampire, the supernatural theory of the good doctor furnished,

in my opinion, but another instance of learning and intelligence oddly associated with some one hallucination. I was so miserable, however, that, rather than try nothing, I acted upon the instructions of the letter.

"I concealed myself in the dark dressing room, that opened upon the poor patient's room, in which a candle was burning, and watched there till she was fast asleep. I stood at the door, peeping through the small crevice, my sword laid on the table beside me, as my directions prescribed, until, a little after one, I saw a large black object, very ill-defined, crawl, as it seemed to me, over the foot of the bed, and swiftly spread itself up to the poor girl's throat, where it swelled, in a moment, into a great, palpitating mass.

"For a few moments I had stood petrified. I now sprang forward, with my sword in my hand. The black creature suddenly contracted towards the foot of the bed, glided over it, and, standing on the floor about a yard below the foot of the bed, with a glare of skulking ferocity and horror fixed on me, I saw Millarca. Speculating I know not what, I struck at her instantly with my sword; but I saw her standing near the door, unscathed. Horrified, I pursued, and struck again. She was gone; and my sword flew to shivers against the door.

"I can't describe to you all that passed on that horrible night. The whole house was up and stirring. The specter Millarca was gone. But her victim was sinking fast, and before the morning dawned, she died."

The old General was agitated. We did not speak to him. My father walked to some little distance, and began reading the inscriptions on the tombstones; and thus occupied, he strolled into the door of a side chapel to prosecute his researches. The General leaned against the wall, dried his eyes, and sighed heavily. I was relieved on hearing the voices of Carmilla and Madame, who were at that moment approaching. The voices died away.

In this solitude, having just listened to so strange a story, connected, as it was, with the great and titled dead, whose monuments were moldering among the dust and ivy round us, and every incident of which bore so awfully upon my own mysterious case—in this haunted spot, darkened by the towering foliage that rose on every side, dense and high above its noiseless walls—a horror began to steal over me, and my heart

sank as I thought that my friends were, after all, not about to enter and disturb this triste and ominous scene.

The old General's eyes were fixed on the ground, as he leaned with his hand upon the basement of a shattered monument.

Under a narrow, arched doorway, surmounted by one of those demoniacal grotesques in which the cynical and ghastly fancy of old Gothic carving delights, I saw very gladly the beautiful face and figure of Carmilla enter the shadowy chapel.

I was just about to rise and speak, and nodded smiling, in answer to her peculiarly engaging smile; when with a cry, the old man by my side caught up the woodman's hatchet, and started forward. On seeing him a brutalized change came over her features. It was an instantaneous and horrible transformation, as she made a crouching step backwards. Before I could utter a scream, he struck at her with all his force, but she dived under his blow, and unscathed, caught him in her tiny grasp by the wrist. He struggled for a moment to release his arm, but his hand opened, the axe fell to the ground, and the girl was gone.

He staggered against the wall. His grey hair stood upon his head, and a moisture shone over his face, as if he were at the point of death.

The frightful scene had passed in a moment. The first thing I recollect after, is Madame standing before me, and impatiently repeating again and again, the question, "Where is Mademoiselle Carmilla?"

I answered at length, "I don't know—I can't tell—she went there," and I pointed to the door through which Madame had just entered; "only a minute or two since."

"But I have been standing there, in the passage, ever since Mademoiselle Carmilla entered; and she did not return."

She then began to call "Carmilla," through every door and passage and from the windows, but no answer came.

"She called herself Carmilla?" asked the General, still agitated.

"Carmilla, yes," I answered.

"Aye," he said; "that is Millarca. That is the same person who long ago was called Mircalla, Countess Karnstein. Depart from this accursed ground, my poor child, as quickly as you can. Drive to the clergyman's

house, and stay there till we come. Begone! May you never behold Carmilla more; you will not find her here."

XV — Ordeal and Execution

As he spoke one of the strangest looking men I ever beheld entered the chapel at the door through which Carmilla had made her entrance and her exit. He was tall, narrow-chested, stooping, with high shoulders, and dressed in black. His face was brown and dried in with deep furrows; he wore an oddly-shaped hat with a broad leaf. His hair, long and grizzled, hung on his shoulders. He wore a pair of gold spectacles, and walked slowly, with an odd shambling gait, with his face sometimes turned up to the sky, and sometimes bowed down towards the ground, seemed to wear a perpetual smile; his long thin arms were swinging, and his lank hands, in old black gloves ever so much too wide for them, waving and gesticulating in utter abstraction.

"The very man!" exclaimed the General, advancing with manifest delight. "My dear Baron, how happy I am to see you, I had no hope of meeting you so soon." He signed to my father, who had by this time returned, and leading the fantastic old gentleman, whom he called the Baron to meet him. He introduced him formally, and they at once entered into earnest conversation. The stranger took a roll of paper from his pocket, and spread it on the worn surface of a tomb that stood by. He had a pencil case in his fingers, with which he traced imaginary lines from point to point on the paper, which from their often glancing from it, together, at certain points of the building, I concluded to be a plan of the chapel. He accompanied, what I may term, his lecture, with occasional readings from a dirty little book, whose yellow leaves were closely written over.

They sauntered together down the side aisle, opposite to the spot where I was standing, conversing as they went; then they began measuring distances by paces, and finally they all stood together, facing a piece of the sidewall, which they began to examine with great minuteness; pulling off the ivy that clung over it, and rapping the plaster with the ends of their sticks, scraping here, and knocking there. At length they

ascertained the existence of a broad marble tablet, with letters carved in relief upon it.

With the assistance of the woodman, who soon returned, a monumental inscription, and carved escutcheon, were disclosed. They proved to be those of the long lost monument of Mircalla, Countess Karnstein.

The old General, though not I fear given to the praying mood, raised his hands and eyes to heaven, in mute thanksgiving for some moments.

"Tomorrow," I heard him say; "the commissioner will be here, and the Inquisition will be held according to law."

Then turning to the old man with the gold spectacles, whom I have described, he shook him warmly by both hands and said:

"Baron, how can I thank you? How can we all thank you? You will have delivered this region from a plague that has scourged its inhabitants for more than a century. The horrible enemy, thank God, is at last tracked."

My father led the stranger aside, and the General followed. I know that he had led them out of hearing, that he might relate my case, and I saw them glance often quickly at me, as the discussion proceeded.

My father came to me, kissed me again and again, and leading me from the chapel, said:

"It is time to return, but before we go home, we must add to our party the good priest, who lives but a little way from this; and persuade him to accompany us to the schloss."

In this quest we were successful: and I was glad, being unspeakably fatigued when we reached home. But my satisfaction was changed to dismay, on discovering that there were no tidings of Carmilla. Of the scene that had occurred in the ruined chapel, no explanation was offered to me, and it was clear that it was a secret which my father for the present determined to keep from me.

The sinister absence of Carmilla made the remembrance of the scene more horrible to me. The arrangements for the night were singular. Two servants, and Madame were to sit up in my room that night; and the ecclesiastic with my father kept watch in the adjoining dressing room.

The priest had performed certain solemn rites that night, the purport of which I did not understand any more than I comprehended the reason of this extraordinary precaution taken for my safety during sleep.

I saw all clearly a few days later.

The disappearance of Carmilla was followed by the discontinuance of my nightly sufferings.

You have heard, no doubt, of the appalling superstition that prevails in Upper and Lower Styria, in Moravia, Silesia, in Turkish Serbia, in Poland, even in Russia; the superstition, so we must call it, of the Vampire.

If human testimony, taken with every care and solemnity, judicially, before commissions innumerable, each consisting of many members, all chosen for integrity and intelligence, and constituting reports more voluminous perhaps than exist upon any one other class of cases, is worth anything, it is difficult to deny, or even to doubt the existence of such a phenomenon as the Vampire.

For my part I have heard no theory by which to explain what I myself have witnessed and experienced, other than that supplied by the ancient and well-attested belief of the country.

The next day the formal proceedings took place in the Chapel of Karnstein.

The grave of the Countess Mircalla was opened; and the General and my father recognized each his perfidious and beautiful guest, in the face now disclosed to view. The features, though a hundred and fifty years had passed since her funeral, were tinted with the warmth of life. Her eyes were open; no cadaverous smell exhaled from the coffin. The two medical men, one officially present, the other on the part of the promoter of the inquiry, attested the marvelous fact that there was a faint but appreciable respiration, and a corresponding action of the heart. The limbs were perfectly flexible, the flesh elastic; and the leaden coffin floated with blood, in which to a depth of seven inches, the body lay immersed.

Here then, were all the admitted signs and proofs of vampirism. The body, therefore, in accordance with the ancient practice, was raised, and a sharp stake driven through the heart of the vampire, who uttered a

piercing shriek at the moment, in all respects such as might escape from a living person in the last agony. Then the head was struck off, and a torrent of blood flowed from the severed neck. The body and head was next placed on a pile of wood, and reduced to ashes, which were thrown upon the river and borne away, and that territory has never since been plagued by the visits of a vampire.

My father has a copy of the report of the Imperial Commission, with the signatures of all who were present at these proceedings, attached in verification of the statement. It is from this official paper that I have summarized my account of this last shocking scene.

XVI — Conclusion

I write all this you suppose with composure. But far from it; I cannot think of it without agitation. Nothing but your earnest desire so repeatedly expressed, could have induced me to sit down to a task that has unstrung my nerves for months to come, and reinduced a shadow of the unspeakable horror which years after my deliverance continued to make my days and nights dreadful, and solitude insupportably terrific.

Let me add a word or two about that quaint Baron Vordenburg, to whose curious lore we were indebted for the discovery of the Countess Mircalla's grave.

He had taken up his abode in Gratz, where, living upon a mere pittance, which was all that remained to him of the once princely estates of his family, in Upper Styria, he devoted himself to the minute and laborious investigation of the marvelously authenticated tradition of Vampirism. He had at his fingers' ends all the great and little works upon the subject.

"Magia Posthuma," "Phlegon de Mirabilibus," "Augustinus de cura pro Mortuis," "Philosophicae et Christianae Cogitationes de Vampiris," by John Christofer Herenberg; and a thousand others, among which I remember only a few of those which he lent to my father. He had a voluminous digest of all the judicial cases, from which he had extracted a system of principles that appear to govern—some always, and others occasionally only—the condition of the vampire. I may mention, in passing, that the deadly pallor attributed to that sort of revenants, is a mere melodramatic fiction. They present, in the grave, and when they show themselves in

human society, the appearance of healthy life. When disclosed to light in their coffins, they exhibit all the symptoms that are enumerated as those which proved the vampire-life of the long-dead Countess Karnstein.

How they escape from their graves and return to them for certain hours every day, without displacing the clay or leaving any trace of disturbance in the state of the coffin or the cerements, has always been admitted to be utterly inexplicable. The amphibious existence of the vampire is sustained by daily renewed slumber in the grave. Its horrible lust for living blood supplies the vigor of its waking existence. The vampire is prone to be fascinated with an engrossing vehemence, resembling the passion of love, by particular persons. In pursuit of these it will exercise inexhaustible patience and stratagem, for access to a particular object may be obstructed in a hundred ways. It will never desist until it has satiated its passion, and drained the very life of its coveted victim. But it will, in these cases, husband and protract its murderous enjoyment with the refinement of an epicure, and heighten it by the gradual approaches of an artful courtship. In these cases it seems to yearn for something like sympathy and consent. In ordinary ones it goes direct to its object, overpowers with violence, and strangles and exhausts often at a single feast.

The vampire is, apparently, subject, in certain situations, to special conditions. In the particular instance of which I have given you a relation, Mircalla seemed to be limited to a name which, if not her real one, should at least reproduce, without the omission or addition of a single letter, those, as we say, anagrammatically, which compose it.

Carmilla did this; so did Millarca.

My father related to the Baron Vordenburg, who remained with us for two or three weeks after the expulsion of Carmilla, the story about the Moravian nobleman and the vampire at Karnstein churchyard, and then he asked the Baron how he had discovered the exact position of the long-concealed tomb of the Countess Mircalla? The Baron's grotesque features puckered up into a mysterious smile; he looked down, still smiling on his worn spectacle case and fumbled with it. Then looking up, he said:

"I have many journals, and other papers, written by that remarkable man; the most curious among them is one treating of the visit of

which you speak, to Karnstein. The tradition, of course, discolors and distorts a little. He might have been termed a Moravian nobleman, for he had changed his abode to that territory, and was, beside, a noble. But he was, in truth, a native of Upper Styria. It is enough to say that in very early youth he had been a passionate and favored lover of the beautiful Mircalla, Countess Karnstein. Her early death plunged him into inconsolable grief. It is the nature of vampires to increase and multiply, but according to an ascertained and ghostly law.

"Assume, at starting, a territory perfectly free from that pest. How does it begin, and how does it multiply itself? I will tell you. A person, more or less wicked, puts an end to himself. A suicide, under certain circumstances, becomes a vampire. That specter visits living people in their slumbers; they die, and almost invariably, in the grave, develop into vampires. This happened in the case of the beautiful Mircalla, who was haunted by one of those demons. My ancestor, Vordenburg, whose title I still bear, soon discovered this, and in the course of the studies to which he devoted himself, learned a great deal more.

"Among other things, he concluded that suspicion of vampirism would probably fall, sooner or later, upon the dead Countess, who in life had been his idol. He conceived a horror, be she what she might, of her remains being profaned by the outrage of a posthumous execution. He has left a curious paper to prove that the vampire, on its expulsion from its amphibious existence, is projected into a far more horrible life; and he resolved to save his once beloved Mircalla from this.

"He adopted the stratagem of a journey here, a pretended removal of her remains, and a real obliteration of her monument. When age had stolen upon him, and from the vale of years, he looked back on the scenes he was leaving, he considered, in a different spirit, what he had done, and a horror took possession of him. He made the tracings and notes which have guided me to the very spot, and drew up a confession of the deception that he had practiced. If he had intended any further action in this matter, death prevented him; and the hand of a remote descendant has, too late for many, directed the pursuit to the lair of the beast."

We talked a little more, and among other things he said was this:

“One sign of the vampire is the power of the hand. The slender hand of Mircalla closed like a vice of steel on the General’s wrist when he raised the hatchet to strike. But its power is not confined to its grasp; it leaves a numbness in the limb it seizes, which is slowly, if ever, recovered from.”

The following Spring my father took me a tour through Italy. We remained away for more than a year. It was long before the terror of recent events subsided; and to this hour the image of Carmilla returns to memory with ambiguous alternations—sometimes the playful, languid, beautiful girl; sometimes the writhing fiend I saw in the ruined church; and often from a reverie I have started, fancying I heard the light step of Carmilla at the drawing room door.

Texto original de 1872 de Sheridan Le Fanu, disponível como e-book na biblioteca do iTunes.

Carmilla — Morrer de Prazer

Capítulo I

Sem possuir uma fortuna principesca, morávamos, na Stýria, em um desses castelos que na região são chamados *de schloss*. Lá, magros rendimentos permitem levar uma vida confortável. Com o que ganhávamos, mal teríamos passado por ricos na Inglaterra, pátria de meu pai. Mas nesse país primitivo, onde a fatura está ao seu alcance, nosso conforto e nosso luxo eram tão grandes quanto podiam materialmente ser.

Meu pai havia servido no exército austríaco. Sua pensão, reunida ao seu património, permitira-lhe retirar-se e adquirir, por uma soma reduzida, essa moradia feudal e o domínio à sua volta.

O lugar era isolado e pitoresco. O castelo se erguia sobre uma elevação no meio da floresta. Uma estrada estreita e antiga passava diante da ponte levadiça, que nunca levantávamos, e no fosso flutuavam cisnes e vagavam nenúfares. O castelo projetava na água sua fachada de inumeráveis janelas, suas torres, sua capela gótica. Diante da grade de entrada, uma clareira irregular abria-se na floresta e a estrada atravessava uma ponte sobre um pequeno riacho serpenteando na sombra do bosque.

A floresta estendia-se por léguas ao redor. A aldeia habitada mais próxima ficava a cerca de sete milhas e o castelo menos afastado, o do velho general Spielsdorf, a quase vinte milhas. Existia também, a três milhas, na direção do castelo do general, uma aldeia deserta com casas em ruínas. Na sua igreja sem telhado encontravam-se as sepulturas

deterioradas da orgulhosa família dos Karnstein, agora extinta, mas outrora proprietária do castelo que domina a aldeia.

Se excetuarmos os empregados alojados nas dependências de serviço, éramos pouco numerosos no castelo. Meu pai e eu, que na época tinha dezenove anos, formávamos toda a família. Minha mãe, uma senhora styreana, havia morrido pouco depois do meu nascimento, e a partir desse dia uma governanta tinha estado sempre comigo. Essa mulher extremamente devotada chamava-se Sra. Perrodon e era originária de Berna; Além dela, uma quarta pessoa partilhava nossa intimidade: minha ala, Srta. de Lafontaine.

Duas ou três moças da minha idade compunham o meu único círculo de amigas. De vez em quando elas vinham ficar no castelo e, em troca, eu também ia à casa delas. Com as visitas imprevistas de nossos “vizinhos” fixados a cinco ou seis léguas de distância, eram esses os nossos únicos contatos sociais. E, assim, minha vida se escoava monótona.

O primeiro acontecimento marcante de minha existência remonta à minha mais tenra infância. Foi um incidente que produziu no meu espírito uma impressão terrível e indelével. Eu não tinha mais de seis anos quando, acordando uma noite em meu quarto, não vi em torno de mim nem minha babá, nem minha governanta. Pensei que estava sozinha. Eu não tinha medo, não era dessas crianças criadas no temor dos fantasmas e na crença dos contos de fadas. Mas fiquei descontente de me ver abandonada e me pus a choramingar. De repente, vi com surpresa alguém ao lado da minha cama: uma jovem mulher ajoelhada, de rosto grave mas muito bonito, me olhando. Vendo-a parei de chorar. Ela me acariciou, depois estendeu-se ao meu lado, apertando-me contra ela e sorrindo. Imediatamente acalmada, voltei a dormir. Mas fui acordada de novo pela sensação de duas agulhas me transpassando simultaneamente a garganta, e gritei de dor. A mulher se retirou de um salto, os olhos fixos em mim, depois deslizou para o chão e, pareceu-me, escondeu-se sob a cama.

Só então tive medo e me pus a gritar. A governanta, a babá e a porteira acorreram. Elas escutaram minha história e me consolaram,

fingindo não me levar a sério, mas eu podia ver nos seus rostos uma expressão de ansiedade contida. E ouvi a porteira cochichar para a babá: “Ponha a mão neste vão da cama; alguém esteve deitado aí, o lugar ainda está quente”.

Eu me lembro que elas examinaram minha garganta, no lugar em que eu dizia ter sentido aquela dor aguda. Mas não havia nenhuma marca de picada.

Desde então, e até os meus catorze anos, sempre houve uma criada para me velar durante a noite. Eu continuei nervosa por longo tempo depois desse incidente. Meu pai me assegurava que eu tinha tido apenas um sonho, beijando-me e dando-me palmadinhas no rosto. Mas eu continuava aterrorizada, pois *sabia* que não era um sonho, sabia que tinha visto realmente a estranha mulher à minha cabeceira.

Final a babá me contou que, entrando para me olhar, ela havia deitado perto de mim na cama e que eu, semi-adormecida, não a tinha reconhecido. Mas essa explicação, ainda que confirmada pela governanta, não me convenceu inteiramente.

Eu me lembro também de que um padre foi ao meu quarto — um velho de cabelos brancos e sorriso doce — e me convidou a juntar as mãos para rezar com ele. Eu o revejo nitidamente, ajoelhado naquele cômodo sombrio, com as três mulheres que repetiam com ele as orações, durante um tempo que me pareceu muito longo. Esqueci todos os fatos de minha vida anteriores a esse acontecimento, e bom número dos que o seguiram, mas essas cenas permanecem na minha memória, como os detalhes isolados de uma fantasmagoria cercada de sombra.

Capítulo II

A aventura que contarei agora é tão estranha que poderá parecer inacreditável, mas nem por isso é menos verídica. Foi comigo, pessoalmente, que ela aconteceu.

Tudo começou numa noite de verão. Meu pai e eu passeávamos na floresta esplêndida que cerca nosso castelo, pouco antes do pôr-do-sol. Meu pai tinha uma carta na mão e me anunciou:

- O general Spielsdorf não poderá vir tão cedo como esperava.
- E quando ele virá?, perguntei.

— Não antes do outono. Ele me informa nesta carta que sua infeliz sobrinha está morta.

O general devia vir, em companhia da sobrinha, para uma temporada na nossa casa. Eu tinha me alegrado muito com a visita dessa moça que eu não conhecia. A notícia de sua morte súbita, imprevisível, causou-me estupor.

Meu pai e eu nos sentamos num banco de pedra na alameda das tílias. O sol desaparecia no horizonte e o riacho margeado de árvores majestosas refletia o rosa do céu.

— Aqui está a carta do general, diz meu pai. Temo que ele tenha sido muito afetado por sua dor. Ela é bastante incoerente.

De fato, a carta era, em certos trechos, tão veemente, tão contraditória, que li pela segunda vez sem chegar a compreendê-la melhor. Eis o que dizia:

“Perdi minha criança querida, que eu considerava como minha própria filha. Durante os últimos dias de sua doença, não pude escrever-lhe. E anteriormente, ignorava o perigo que ela corria. Agora eu sei *tudo*, mas é muito tarde. O demônio que traiu nossa hospitalidade é culpado de tudo. Eu acreditava estar recebendo em minha casa a inocência, a alegria, uma companhia encantadora para a minha querida filha. Deus, que leviano eu fui! Graças aos céus, ela morreu sem desconfiar da causa de seu mal, nem da paixão funesta do autor dos seus sofrimentos. O resto de meus dias será consagrado a perseguir e a exterminar o monstro. Espero ter condições de cumprir esse dever, ainda que no momento eu tenha apenas um fraco vislumbre para me guiar. Maldigo minha incredulidade, minha cegueira mas, ainda uma vez, é tarde demais. É impossível eu escrever com sangue-frio, estou muito perturbado. Assim que estiver um pouco restabelecido, começarei minha investigação. Irei vê-lo por volta do outono e então lhe direi tudo aquilo que não ouse escrever-lhe hoje. Adeus, meu caro amigo. Reze por mim.”

O sol tinha-se posto, agora o crepúsculo nos envolvia. Devolvi a meu pai aquela carta estranha. Retomando nosso caminho, nos interrogávamos sobre seu significado. Por que aquela violência e aquele tom descosido?

Quando retomamos, uma milha adiante, a estrada que passava na frente do castelo, a lua já brilhava no céu. Diante da ponte levadiça, encontramos a Sra. Perrodon e a Srta. de Lafontaine que tinham vindo olhar a paisagem.

Juntos contemplamos a orla da floresta, a estrada que serpenteava através das árvores, a ponte sob a qual corria o riacho. Sob a luz da lua, esse espetáculo tinha um encanto cheio de doçura e de serenidade. Era a custo que as notícias que eu acabava de receber o tingiam de melancolia aos meus olhos.

A Srta. de Lafontaine, que se gabava de ser versada em psicologia e metafísica, declarou que um luar tão intenso indicava uma atividade espiritual especial. Segundo ela, a lua cheia tinha numerosos efeitos; influenciava os sonhos, a loucura, as pessoas nervosas e tinha também reflexos extraordinários no plano material. A Srta. de Lafontaine contou que seu primo, que era imediato em um navio mercante, tinha adormecido na ponte numa noite semelhante, o rosto exposto ao luar. Em sonho, ele havia visto uma velha arranhar-lhe o rosto e, quando despertou, encontrou-se desfigurado, os traços puxados para o lado. E ele jamais se restabeleceu.

— A lua, esta noite, disse ela, está cheia de influências magnéticas. Olhem para trás: a fachada do castelo tem suas janelas iluminadas, como se mãos invisíveis tivessem iluminado todos os quartos para receber hóspedes mágicos.

Pouco inclinada a falar, eu ouvia distraidamente a conversa, deixando-me embalar pelo som de suas vozes.

— Sinto-me abatido esta noite, diz meu pai, depois de um silêncio. Tenho como que a impressão de que uma grave desgraça nos ameaça. Suponho que a carta do pobre general tem algo a ver com isso.

Nesse momento, um ruído insólito de rodas de carro e de cascos de cavalo na estrada atraiu nossa atenção. O ruído se aproximou e logo vimos surgir dois cavaleiros, seguidos de uma carruagem puxada por quatro cavalos e dois outros cavaleiros, que fechavam a marcha.

Essa comitiva atravessou a ponte e nós a observamos com curiosidade, pois parecia tratar-se do carro de uma pessoa de alta posição. Essa curiosidade logo se transformou em ansiedade quando, um pouco depois da ponte, um dos cavalos da parelha disparou, comunicando seu pânico aos outros. Seguiu-se um galope desenfreado e os animais, atropelando os dois cavaleiros que os precediam, desceram a estrada em massa direção numa velocidade de furacão.

Gritos de mulher elevaram-se da carruagem. Nós acorremos, lançando exclamações aterrorizadas. Os cavalos iam cada vez mais depressa. Uma grande tília e uma elevação de pedra margeavam cada lado da estrada e, lá chegando, eles fizeram uma parada brusca. Uma das rodas foi de encontro às raízes protuberantes da árvore.

Sabendo o que ia acontecer, cobri os olhos com as mãos, para evitar esse espetáculo. Minhas amigas tinham se afastado de mim. Eu as ouvi gritar.

Quando olhei de novo, uma cena confusa se ofereceu à minha vista. Dois dos cavalos estavam caídos e a carruagem estava tombada com as rodas no ar. Homens afobavam-se junto dos arreios e uma senhora de aspecto enérgico mantinha-se perto da carruagem, um lenço nas mãos cerradas. Pela portinhola, tiravam agora uma moça inanimada. Meu pai tinha se apresentado à senhora de idade madura para oferecer-lhe sua ajuda. Mas ela só tinha olhos para a alta e frágil jovem que era estendida contra a rampa da estrada.

Eu me aproximei. Felizmente, a jovem só estava desmaiada; meu pai, tomando-lhe o pulso, assegurou que batia normalmente. Ao saber disso, a senhora exteriorizou o seu alívio com veemência, as mãos juntas e os olhos voltados para o céu. Era uma mulher alta, pálida, vestida de veludo preto e que devia ter sido muito bonita. Ela exclamou em seguida num tom teatral:

— Que terrível catástrofe! Uma viagem que para nós é uma questão de vida ou morte! Tudo pode estar perdido se tivermos uma hora de atraso. Minha filha não estará restabelecida a tempo para seguir caminho; é preciso que eu a deixe aqui. O senhor pode indicar-me a aldeia mais próxima? Eu a deixarei lá e só poderei levá-la de volta quando passar de novo dentro de três meses.

Eu puxei uma ponta do casaco de meu pai e cochichei-lhe:

— Ah! papai, peça-lhe para nos deixar sua filha. Seria delicioso. Eu lhe peço.

— Senhora, se quiser aceitar nossa hospitalidade, sua filha será nossa convidada até a sua volta. Nós nos ocuparemos dela com todo o cuidado e devotamento de que somos capazes.

— Não posso aceitar, senhor. Seria abusar da sua hospitalidade, disse a senhora, com um ar um pouco desorientado.

— Ao contrário, a senhora nos daria um grande prazer. Minha filha esperava uma visita que não virá mais e está infinitamente decepcionada. Ela ficará encantada por ter companhia. Além disso, não há nas vizinhanças aldeia onde pudesse encontrar um albergue conveniente. Sua filha não estará em nenhum lugar melhor do que em nossa casa.

Entretanto, a carruagem havia sido reerguida. Os cavalos, agora, calmos, estavam arreados de novo e prontos para partir.

A senhora lançou à filha um olhar menos afetuoso do que o começo da cena teria feito esperar. Depois fez sinal ao meu pai, chamando-o de lado. Falou-lhe num tom categórico e frio, muito diferente do que havia empregado até então. Eu estava atônita por meu pai parecer não notar essa mudança de atitude e estava louca para saber o que podia ela sussurrar-lhe com tanta firmeza.

Ao fim de dois ou três minutos, ela deixou meu pai e dirigiu-se para a sua filha, que havia recuperado a consciência e estava aos cuidados da Sra. Perrodon. Ela se ajoelhou ao lado dela e lhe disse alguma coisa ao ouvido, tão baixo que ninguém a ouviu. Depois beijou-a apressadamente e subiu na carruagem. A portinhola foi fechada, os criados de libré subiram atrás, os batedores se puseram em movimento, os cocheiros estalaram seus chicotes e os cavalos atiraram-se ao galope. A comitiva afastou-se rapidamente, seguida na mesma velocidade pelos dois cavaleiros que fechavam a marcha.

Capítulo III

Nós seguimos a carruagem com o olhar, até que ela tivesse desaparecido nos bosques tornados pela bruma. O ruído das rochas e dos cascos esfumou-se no ar silencioso da noite.

Tudo isso poderia ter sido um sonho, se a jovem não estivesse lá para nos assegurar dá realidade desse momento. Ela acabava de abrir os olhos. Eu não via o seu rosto, pois ela havia desviado a cabeça, como à procura de alguém à sua volta. Perguntou num tom queixoso: “Onde está mamãe?”

A Sra. Perrodon dirigiu-lhe ternamente algumas palavras de conforto.

— Onde estou?, continuou ela. Que lugar é este? Não vejo a carruagem. E Matska, onde está ela?

Depois, pouco a pouco, pareceu lembrar-se do acidente. Ficou contente de saber que ninguém tinha sido ferido. Mas-quando lhe dissemos que sua mãe a havia deixado e não voltaria antes de três meses, ela se pôs a chorar.

Enfim, ela se levantou e nós a acompanhamos até o castelo. Meu pai, entretanto, tinha enviado um empregado a cavalo para buscar o médico que morava a duas léguas de lá, e havia ordenado que se preparasse um quarto para ela.

Nós passamos a noite no cômodo que habitualmente nos servia de sala de visitas: um compartimento comprido cujas quatro janelas davam para o fosso, a ponte levadiça e a floresta. Tinha móveis de carvalho esculpido e cadeiras de veludo carmesim de Utrècht. Nas paredes, tapeçarias representavam cenas de caça ou de festins, com personagens em escala humana. Era sempre lá que nos reuníamos para tomar o chá.

Naquela noite, enquanto a jovem estrangeira descansava no seu quarto, nós discutimos a aventura. Eu perguntei à Sra. Perrodon o que ela achava da nossa convidada.

— Ela me agrada imensamente, diz ela. É, creio, a criatura mais bonita que já encontrei. É gentil e doce, e mais ou menos da sua idade.

A Srta.de Lafontaine perguntou:

— Vocês notaram uma outra mulher na carruagem, quando ela foi desvirada? Ela não saiu, apenas olhou pela portinhola.

Nós não tínhamos visto nada. Então ela nos descreveu uma horrível mulher morena, com a cabeça coberta por uma espécie de turbante colorido, que se debruçou o tempo todo na portinhola, balançando

a cabeça e fazendo caretas com ar zombeteiro em direção às mulheres, com grandes olhos salientes e um ricto de cólera.

— E os criados, vocês viram suas caras de criminosos?, disse a Sra. Perrodon.

Meu pai entrava nesse momento.

— Sim, disse ele, indivíduos repulsivos. Espero que não saqueiem aquela pobre senhora na floresta. Em todo caso, são muito fortes, colocaram tudo de pé sem demora.

— Tudo isso é curioso, diz a Sra. Perrodon. Espero que amanhã essa jovem nos dê algumas explicações, se já estiver restabelecida.

— Não creio que ela o faça, declarou meu pai, com um sorriso misterioso e um meneio de cabeça, como se soubesse mais do que quisesse dizer.

Intrigada; mais tarde insisti em saber o que a senhora de preto lhe: havia dito durante a breve conversa que tiveram antes de ela partir. Nesse momento estávamos sozinhos na sala e meu pai não se fez de rogado.

Não vejo razão para esconder isso de você. Aquela senhora me expressou o seu desgosto por nos importunar confiando-nos sua filha, que tem saúde delicada e os nervos frágeis — ainda que seja perfeitamente sã de espirito.

— Que coisa bizarra!, observei. Para que dizer isso?

— Ela disse que fazia uma viagem importante cujo motivo era *vital*, dizia ela — e que devia permanecer secreta. “Virei buscar minha filha dentro de três meses”, acrescentou. “Até lá, ela não poderá revelar-lhes nossa identidade, nem o lugar de onde viemos ou o objetivo de nossa viagem.” Isso foi” tudo ó que disse. Pronunciando a palavra “secreto”, ela parou de falar e fixou-me intensamente. Você viu com que pressa ela partiu. Espero não ter sido imprudente recolhendo essa moça.

De minha parte, estava encantada com a perspectiva de ter uma amiga, na solidão em que vivíamos. Eu esperava com impaciência a autorização do médico para ir vê-la. Ele só veio a uma hora da manhã. Quando desceu novamente para a sala, foi para nos dar um diagnóstico favorável. A jovem doente havia recuperado as forças, seu pulso batia regularmente e não estava ferida. Minha visita não a incomodaria.

Nossa visitante repousava num dos mais belos quartos do castelo. Velas ardiam perto da cama. Ela estava deitada, seu corpo gracioso e magro envolvido num roupão de seda bordado com flores. Mas, aproximando-me dela, fiquei muda e recuei um passo, gelada pelo estupro. Eu acabava de reconhecer o seu rosto. Era o mesmo rosto do pesadelo da minha infância, aquele rosto que havia permanecido inscrito na minha memória e me feito meditar durante anos, apavorada.

Ele era bonito, belo mesmo. Quando o percebi, tinha uma expressão melancólica, mas se iluminou quase imediatamente com um estranho sorriso maquinal — o sorriso que se tem ao reconhecer alguém.

Passou-se **um** minuto de silêncio, depois *ela* falou. Eu teria sido incapaz de fazê-lo.

— Que prodígio, exclamou ela. Há doze anos, vi o seu rosto num sonho, e ele jamais deixou de me obcecar.

— É um prodígio, de fato, disse por minha vez, comum esforço para dominar o meu terror. Pois também a vi, há doze anos, seja sonho ou realidade. Jamais pude esquecer seu rosto depois disso.

Seu sorriso tomara-se suave. Eu não percebia nada de estranho nele. E agora a sua fisionomia era apenas encanto.

Tranquilizada, retomei a palavra, para lhe expressar a acolhida que me ditavam as regras da hospitalidade. Falei-lhe do prazer que me causava a sua vinda. Falando, tomei-lhe a mão. Como todas as pessoas solitárias, eu era tímida, mas a situação me tornava eloqüente e até me inspirava a ousadia. Ela apertou minha mão na sua e seus olhos brilhantes mergulharam nos meus, depois, enrubescendo, voltou a sorrir.

Em seguida, ela respondeu de bom grado à minha acolhida. Ainda sob o impacto da surpresa, sentei-me ao seu lado.

— Vou lhe contar a visão que tive de você, disse ela. Como é estranho que a gente tenha podido ver uma à outra, assim, em sonho, e com o nosso aspecto atual, quando então éramos crianças. Eu devia ter seis anos, acordei uma noite, saindo de um sonho confuso e perturbado, e o quarto que me rodeava não era mais o meu. Era um cômodo guarnecido de painéis de madeira escura, com armários, camas, cadeiras e bancos ao longo das paredes. Todas as camas estavam vazias e o quarto parecia deserto. Olhei ao redor, admirando em particular um candelabro de ferro

forjado, de dois braços, que eu reconheceria sem erro se visse de novo. Depois, esgueirei-me sob uma cama para chegar à janela. Passando à cama, ouvi alguém chorar; eu me endireitei, ainda ajoelhada, e foi você que vi — você, sem a menor dúvida — tal como vejo agora. Uma bela moça de cabelos loiros e grandes olhos azuis, e de lábios — *seus* lábios... sim, você inteira, como está aqui. O espetáculo que você me oferecia me seduziu, voltei para a cama tomando-a nos meus braços e creio que adormecemos. Um grito me acordou; era você que gritava sentada na cama e me fez sentir aterrorizada. Deslizei para o chão e perdi a consciência. Voltando a mim, encontrei-me novamente em meu quarto. Desde então seu rosto jamais me abandonou, e não se trata de simples semelhança: você é aquela que eu vi.

Por minha vez, contei minha visão, para a surpresa não disfarçada de minha nova amiga.

— Não sei qual de nós duas deveria ter mais medo da outra, ela disse enfim, com um novo sorriso. Acho que eu teria muito medo se você não fosse tão bonita. Mas apenas tenho a impressão de já ter conhecido você há muito tempo, e de ter o direito de entrar na sua intimidade. Como se desde a infância estívéssemos destinadas a ser amigas. Eu me pergunto se também sente essa atração estranha que me impulsiona para você. Eu nunca tive amiga — será possível que tenha encontrado uma?

Ela suspirou e fixou-me apaixonadamente com seus belos olhos negros.

Ela havia falado de atração. Para dizer a verdade, eu também me sentia atraída por ela. Mas a isso se misturava uma espécie de repulsa. Contudo, nesse sentimento ambíguo, a atração prevalecia de longe. Ela era tão bela, dotada de um charme tão indescritível, que eu estava conquistada por sua presença.

Mas me apressei em lhe desejar boa-noite, pois notava nela sinais de cansaço.

— O doutor aconselhou que uma criada fique à sua cabeceira, disse eu. Uma das nossas estará à sua disposição.

— É muita bondade, mas eu não conseguiria dormir — a presença de outra pessoa no meu quarto me incomoda. E — devo confessar? — eu sou obcecada por medo dos ladrões, Um dia assaltantes devastaram

nossa casa e mataram dois empregados, depois disso sempre fecho minha porta à chave. É um hábito que eu não saberia abandonar. Estou certa de que você me perdoará. Vejo que há uma chave na fechadura.

Ela me manteve um instante apertada em seus braços e murmurou no meu ouvido: "Boa-noite, querida — é penoso deixá-la, mas sei que vou revê-la. Até amanhã... não muito cedo." Depois ela apoiou a cabeça no travesseiro e lhe seguiu com o olhar, com uma expressão nostálgica, repetindo: "Boa-noite, minha querida."

Os seres jovens amam, na amizade como no amor, deixando-se guiar por seus impulsos. Eu estava lisonjeada, ainda que me julgando indigna, pela ternura que ela me dedicava, pela confiança que demonstrava ter em mim, decidindo por antecipação o nosso entendimento.

O dia seguinte chegou e nós nos reencontramos. Eu estava encantada com minha companheira, que me agradava em muitos pontos. A luz plena não ofuscava o seu aspecto. Ao contrário, jamais alguém tinha me parecido tão bela. Quanto ao choque desagradável ligado à lembrança do meu sonho de infância, havia desaparecido.

Ela confessou-me que tinha experimentado uma sensação idêntica ao me ver, e a mesma ligeira antipatia que havia alterado por um instante a minha admiração por ela. E a partir daí ríamos de nossos temores.

Capítulo IV

Eu disse que muitas coisas nela me agradavam.

Outras me eram menos agradáveis.

Mas, em primeiro lugar, devo descrevê-la. Ela era mais alta do que a maioria das mulheres, magra e de uma graça surpreendente. Apesar da languidez — da *extrema* languidez — de seus gestos, nada fazia supor que fosse doente. Tinha uma pele brilhante, traços de enorme finura, grandes olhos cintilantes e escuros, cabelos magníficos. Eu nunca tinha visto cabelos tão espessos, tão longos, quando caíam sobre seus ombros. Quantas vezes os retive nas mãos, maravilhando-me com seu peso! Eles eram deliciosamente sedosos e de um castanho quente, com reflexos dourados. Ao seu lado no seu quarto, enquanto ela, estendida numa espreguiçadeira, me falava na sua voz baixa e doce, eu gostava de

soltá-los, embaraçando-os nos meus dedos, depois trançá-los, enrolá-los, alisá-los e brincar com eles.

Contudo, como acabo de dizer, certos traços de seu caráter me desagradavam. Na primeira noite, ela havia me conquistado por sua franqueza; depois, eu a censurava por sua repulsa em falar de si mesma e de tudo que estivesse ligado à sua vida. Eu deveria respeitar a recomendação feita a meu pai pela senhora de preto, mas a curiosidade é uma paixão devoradora. Que mal havia em revelar-me o que eu desejava tão ardentemente saber? Não tinha confiança em mim, quando eu lhe jurava tão contar a ninguém o que ela pudesse me dizer?

Mas com uma obstinação que parecia acima de sua idade, ela persistia na sua recusa em me revelar qualquer pista. Tudo o que ela me contou resumia-se a alguns fatos vagos. Chamava-se Carmilla, sua família era de nobreza muito antiga, ela morava para o lado do oeste. Mas não mencionou nem seu nome de família, nem seu grau de nobreza, nem o nome do seu domínio e nem mesmo o do país onde vivia.

E, sempre se esquivando, ela me dirigia, com suave melancolia, desculpas tão encantadoras, confissões tão insistentes da sua confiança e da sua inclinação por mim, misturadas às promessas de tudo me dizer um dia, que por ora eu não podia guardar-lhe rancor.

Ela enlaçava meu pescoço com seus braços bonitos, puxava-me para ela e, pousando sua face contra a minha, murmurava, roçando os lábios na minha orelha:

— Minha querida, não pense que sou dura porque cedo à lei irresistível que faz a minha força e a minha fraqueza. Se seu coração está ferido, o meu sangra com ele. Eu vivo da sua vida quente e você, você morrerá — morrerá docemente — da minha. É assim, não posso impedi-lo. Como eu vou para você, você por sua vez irá para outras e conhecerá a embriaguez dessa crueldade que é, apesar de tudo, amor. Mas, por ora, não procure saber mais nada, contente-se em confiar em mim e em me amar.

E ao final da sua tirada, ela me apertava ainda mais estreitamente contra ela, num abraço trémulo, enquanto seus lábios queimavam meu rosto com beijos ternos.

Essa emoção, essa linguagem eram incompreensíveis para mim.

Eu teria querido libertar-me desses abraços loucos, de resto muito pouco frequentes. Mas toda resistência parecia abandonar-me. O murmúrio de sua voz era uma borboleta volteando no meu ouvido, minha energia se esvaía, e eu cedia a uma espécie de êxtase, para só sair dele no instante em que seus braços me soltavam.

Eu não a amava quando ela se entregava a esse humor misterioso. Uma perturbação bizarra me invadia, onde o prazer se misturava a um desgosto vagamente tonificado. Durante essas cenas eu não tinha pensamentos nítidos em relação a ela, mas parecia que me inspirava ao mesmo tempo adoração e repulsa, o que é paradoxal, mas me é impossível descrevê-lo de outro modo.

Às vezes, depois de uma hora de apatia, minha estranha e bela companheira tomava minha mão e a apertava; numa sequência de pressões repetidas. Depois, com um leve rubor nas faces, ela me encarava com um olhar penetrante, e sua respiração rápida agitava seu corpete, a tal ponto se fazia tumultuada. Era como o ardor de um amante e eu ficava constringida; e, por mais que detestasse esses excessos, abandonava-me a eles. Com olhos brilhantes e ávidos, estreitava-me contra ela, sua boca ardente devastava o meu rosto de beijos. E num sussurro entrecortado, dizia-me: “Você é minha, você *será* minha, e ficaremos unidas para sempre.” Depois ela se lançava para trás na sua espreguiçadeira, cobrindo os olhos com suas mãos pequenas, deixando-me toda arrebatada.

Eu queria saber por que ela agia assim. Perguntava-me que laço entre nós podia justificar tal conduta. “Talvez eu lembre alguém que você ama”, dizia eu. “Mas não deve, isso me é insuportável. Quando você me olha, quando me fala dessa maneira, não a reconheço mais e não reconheço mais a mim mesma.” Então ela suspirava e desviava a cabeça.

Eu não conseguia explicar esse comportamento extraordinário, amontoava teorias inutilmente. Não era simulação ou brincadeira de sua parte. Havia de fato nela a explosão de uma emoção ou de um instinto, reprimidos. Seria ela, apesar da garantia de sua mãe, sujeita a acessos passageiros de loucura? Ou então seu verdadeiro sexo estava travestido? Eu havia lido tais histórias nos livros antigos. Um jovem apaixonado se

teria introduzido na casa para me fazer a corte disfarçado? Mas por lisonjeira que fosse tal hipótese, numerosos fatos a desmentiam.

Ela não tinha comigo nenhuma das atenções da galanteria masculina. Nos intervalos em que sua paixão não se manifestava, tinha uma atitude comum, ora alegre, ora melancólica, e se eu não a tivesse surpreendido a seguir-me com os olhos, seria apenas indiferença. Suas maneiras eram todas femininas, fora aqueles breves períodos de exaltação, e sua perpétua languidez não correspondia em nada a um temperamento viril.

Em certos aspectos, seus hábitos eram extravagantes, ao menos para pessoas do campo como nós. Ela descia do seu quarto muito tarde, raramente antes da uma da tarde e tomava uma xícara de chocolate sem comer nada. Em seguida, íamos passear no parque, mas ela ficava quase imediatamente esgotada e voltava ao castelo, ou sentava-se num banco no meio das árvores. Contudo, essa lassidão física não atingia seu espírito. Sua conversa continuava viva e animada.

Às vezes, ela fazia uma alusão fugidia à sua casa, mencionando uma aventura, uma situação ou uma lembrança de infância que denotavam educação e costumes estrangeiros. A partir desses indícios, eu supunha que o seu país natal devia ser muito mais distante do que eu tinha imaginado.

Uma tarde em que estávamos sentadas sob as árvores, um enterro passou diante de nós. Era o da filha de um dos guardas-florestais, uma bonita moça que eu havia visto muitas vezes. Levantei-me em sinal de respeito diante do cortejo e juntei minha voz ao hino cantado pelos acompanhantes. Então Carmilla me sacudiu brutalmente o braço.

— Você não percebe como isso é falso?, disse ela com aspereza.

— Não, acho que essa ária é bonita, respondi, vexada com essa interrupção e constringida diante das pessoas que poderiam nos observar.

Eu voltei a cantar, mas Carmilla continuou, tapando os ouvidos com raiva:

— Você me fura os tímpanos. Para começar, como você pode garantir que a sua religião é também a minha? Eu detesto os seus ritos — e detesto esses enterros. Quanto embaraço por tão pouca coisa! É preciso morrer, *todo mundo* morre, e se é bem mais feliz depois. Venha, voltemos.

— Eu achava que você sabia que o enterro dela era hoje.
— Quem? Não sei nem mesmo de quem se trata, ela disse com uma chama sombria no olhar.

— É aquela pobre moça que acreditou ter visto um fantasma há quinze dias. Depois disso ela definhou dia a dia e morreu ontem.

— Não me fale de fantasmas. Você vai me impedir de dormir esta noite.

— Espero que não seja uma epidemia que se abate sobre a região, continuei. A mulher do guardador de porcos também morreu, na última semana. Ela teve a impressão de ter sido agarrada pela garganta e semi-estrangulada. Papai diz que alucinações horríveis acompanham certas febres. Ainda na véspera, ela estava perfeitamente normal. Em seguida, ficou de cama e morreu ao fim de alguns dias;

— Pois bem, o enterro dela está acabado e os cânticos também, agora nossos ouvidos não vão mais ser feridos. Isso me deixou nervosa. Sente-se aqui, perto de mim... mais perto... segure minha mão, aperte-a... mais forte, mais forte...

Nós havíamos chegado a um outro banco e ali nos instalamos. Nesse instante, a expressão do seu rosto me deu medo. Estava desfigurado como se sob o efeito de uma metamorfose, uma palidez horrível o invadia. Depois ela crispou os lábios sobre os dentes cerrados e suas mãos se contraíram; um tremor nervoso sacudiu todo o seu corpo enquanto ela olhava fixamente o chão. Parecia que lutava com todas as suas forças, a ponto de perder o fôlego, contra uma crise nervosa. Afinal lançou um grito abafado e, pouco a pouco, acalmou-se.

— Eis no que dá sufocar as pessoas com cânticos!, disse ela. Segure-me, segure-me ainda um pouco. Isto já vai passar.

E, de fato, seu comportamento voltou ao normal. E, talvez para dissipar a impressão desagradável que esse espetáculo me tinha causado, da mostrou-se especialmente viva e alegre durante o caminho de volta.

Era a primeira vez que eu testemunhava um desses desfalecimentos nervosos a que sua mãe havia aludido. A primeira vez também que eu a via dar uma demonstração de mau humor.

Essa crise dissipou-se como uma nuvem de verão. Em seguida, apenas uma outra vez eu a surpreendi num acesso de raiva.

Aconteceu no dia em que veio ao castelo um mascate que conhecíamos bem, e que nos visitava duas vezes por ano. Era um corcunda de barba escura e sorriso aberto até as orelhas, mostrando seus dentes quebrados. Carmilla e eu estávamos numa janela da sala quando ele entrou no pátio.

Carregava nas costas uma lanterna mágica e duas caixas contendo, segundo ele, uma salamandra e uma mandrágora. Esses monstros, que faziam meu pai rir, eram na verdade compostos de pedaços dissecados e costurados de diversos animais: macacos, papagaios, esquilos, peixes, ouriços. Tinha ainda um violino, uma caixa de talismãs contra a má sorte, um par de floretes, máscaras presas à cintura e várias outras caixas misteriosas penduradas ao redor de seu corpo.

Ele foi para o meio do pátio e, tirando o chapéu, nos fez uma saudação cerimoniosa declamando seus cumprimentos. Depois pôs-se a arranhar alegremente o seu violino, entregando-se a uma pantomima cômica. Afinal, veio para perto da nossa janela para se lançar a uma longa arenga, enumerando todas as curiosidades que tinha para nos oferecer.

— Estas damas querem comprar um amuleto contra o upiro que, dizem-me, percorre estes bosques como o lobo?, exclamou ele. À direita, à esquerda, todos morrem quando o encontram, mas aqui está um talismã infalível. É só pregá-lo à noite no travesseiro, e poderá rir na sua cara.

Esses talismãs eram folhas de pergaminho cobertas de diagramas e de sinais cabalísticos. Carmilla comprou um imediatamente, e eu a imitei.

O corcunda nos olhava e nós lhe sorriamos, divertidas — pelo menos posso dizê-lo no que me diz respeito. Mas, de repente, seus olhos pareceram descobrir um detalhe que reteve sua curiosidade.

Ele se pôs a abrir um estojo de couro cheio de pequenos instrumentos de aço:

— Veja, senhorita, disse-me, apresentando-o a mim, entre outros talentos tenho também o de ser dentista. Sua nobre amiga, a jovem senhorita à sua direita, tem os caninos mais aguçados que se possa imaginar — longos, finos, pontudos como um dardo... ah! ah! Tenho o olhar

penetrante, vi isso distintamente. Assim, como pode ser que ela sofra com isso, eu lhe proponho minha lima e minhas pinças. Se ela quiser eu os deixarei redondos e polidos, não mais como dentes de peixe mas como devem ser os de uma moça bonita como ela. Hem? A senhorita zangou-se? Fui muito audacioso? Eu a ofendi?

Carmilla parecia estar furiosa ao afastar-se da janela.

— Como esse charlatão ousa nos insultar? Se meu pai estivesse aqui, ele seria castigado como merece.

Ela foi sentar-se, mas sua raiva desapareceu imediatamente com a partida do corcunda. Ela retomou seu tom habitual e pareceu ter esquecido as bobagens que ele tinha dito.

Meu pai voltou muito agitado nesse dia. Depois das duas mortes que já tinham acontecido, outro caso semelhante acabava de ser constatado na vizinhança. A irmã de um jovem camponês estava muito mal, depois de ter sido, segundo ela, atacada da mesma maneira que as outras.

— Tudo isso, diz meu pai, pode ser explicado por causas estritamente naturais. Mas a superstição é contagiosa, e essas pobres pessoas recriam, cada uma por sua vez, as mesmas alucinações.

— Nem é preciso mais para conhecer o medo, disse Carmilla.

— O que você quer dizer?, perguntou meu pai.

— Imaginar que vejo tais coisas me causa tanto medo que a realidade não poderia ser pior.

— O doutor virá aqui, retomou meu pai depois de uma pausa. Eu gostaria de saber o que ele pensa disso e o que recomenda fazer.

— Eu não gosto dos médicos, diz Carmilla. Eles nunca me fizeram bem.

— Então você esteve doente?, perguntei.

— Mais do que você jamais esteve.

— Faz muito tempo?

— Sim, bastante tempo. Sofri de uma doença que não se esquece mais. Posso esquecer tudo, menos esse sofrimento.

— Você era muito jovem?

— Claro, mas não falemos mais disso. Você não quer fazer sua amiga sofrer, não? Ela mergulhou seus olhos nos meus, passou seu braço

amorosamente em torno da minha cintura e me puxou de lado. Meu pai estava ocupado examinando papéis perto da janela. "Por que seu pai insiste em nos assustar?", ela perguntou, com um leve estremecimento.

— Mas ele não quer isso, cara Carmilla. Esse seria o último dos seus pensamentos.

— Você está com medo, querida?

— Eu teria muito medo se acreditasse correr o risco de ser atacada como essas infelizes.

— Você tem medo da morte?

— Sim, como todo mundo.

— Mas morrer como os-amantes... morrer junto, para poder viver junto. Neste mundo as moças são lagartas que, no verão seguinte, devem tornar-se borboletas. Mas, no intervalo, há as larvas e as-crisálidas, você entende — com suas tendências particulares, sua natureza, suas necessidades. Assim disse o Senhor de Buffon, no grosso livro que se encontra no cômodo ao lado.

O médico veio visitar meu pai mais tarde, nesse dia. Era um prático extremamente hábil, de uns sessenta anos de idade. Quando saíram da sala onde tinham se trancado para conversar, ouvi meu pai rir dizendo:

— Realmente, vindo de um homem tão ponderado quanto o senhor, isso me surpreende... E o que o senhor diz dos hipogrifos e dos dragões?

O médico, sorrindo, respondeu balançando a cabeça:

— Não é menos verdade que a vida e a morte são estados misteriosos, cujos recursos nós conhecemos mal.

Eles se afastaram e eu não ouvi mais nada. Não sabia, então, a que o doutor aludia. Mas, hoje, acho que o compreendo.

Capítulo V

Naquela noite apareceu o restaurador de quadros de Gratz, nossa pequena capital, distante seis léguas. Na sua carriola, duas grandes caixas continham toda as telas que lhe tinham sido confiadas e que ele trazia de volta ao castelo. Tal chegada, na nossa região isolada, era um acontecimento. Depois do jantar, para o qual convidamos o artista, nos reunimos todos para o desencaixotamento das telas.

Carmilla olhava displicentemente o espetáculo, enquanto um após outro, os quadros restaurados eram descobertos. Todos eram retratos antigos, vindos de minha mãe. Eu via a maior parte deles pela primeira vez, pois anteriormente as telas estavam encobertas pela poeira e pela umidade.

Meu pai consultava uma lista em voz alta, enquanto o artista retirava os números correspondentes.

— Aqui está um retrato no qual nunca pude distinguir nada, disse, falando de um deles. Apenas se podia ler um nome num canto: *Marcia de Karnstein*, e uma data: 1698. Estou curioso de ver como ficou.

Eu me lembrava: era uma tela completamente enegrecida. O artista a exibiu com orgulho. Agora o quadro estava maravilhoso. Ele vivia. E se diria que era o próprio retrato de Carmilla!

— Carmilla querida, é absolutamente prodigioso! Poderíamos jurar que é você, só lhe falta falar. Não é surpreendente, papai? Veja: até a pinta na garganta.

Meu pai se pôs a rir, dizendo: “De fato, é uma semelhança curiosa”; depois, absorvido na sua tarefa, continuou a se ocupar dos outros quadros. Sua indiferença me surpreendeu. Quanto mais eu observava o quadro, mais essa semelhança me confundia.

— Posso pendurá-lo no meu quarto, papai?

— Certamente, minha querida, disse meu pai, sorrindo. Estou contente que você o ache tão parecido. Se for este o caso, ele deve ser ainda mais bonito do que eu pensava.

Carmilla pareceu não ouvir o cumprimento. Estendida em um sofá, ela me contemplava com teus belos olhos/velados por longos cílios, e sorria com uma expressão de arrebatamento.

E agora é possível ler claramente o nome inscrito no canto. Parece escrito com letras de ouro. Não é Marcia, é Mircalla, condessa de Karntein, e há em cima uma pequena coroa, com a data 1698. Eu sou uma descendente dos Karnstein, já que mamãe o era.

— Ah!, disse Carmilla num tom displicente, eu também, creio, mas de uma descendência muito antiga. Existem ainda os Karnstein?

— Creio que o nome está extinto. Mas as ruínas do castelo ainda permanecem, a algumas léguas daqui.

— Como é interessante!, disse ela na sua voz lânguida. Mas você viu esse magnífico luar? Ela deu uma olhada pela porta de entrada que estava entreaberta. E se fôssemos passear um pouco lá fora, para olhar a estrada e o riacho?

— Esta noite se parece tanto com a da sua chegada, disse eu.

— Com um sorriso, ela levantou-se e, abraçadas pela cintura, saímos para o pátio.

Em silêncio, fomos lentamente até a ponte levadiça, onde a paisagem se revelou aos nossos olhos.

— Então você pensava na noite em que cheguei aqui?, murmurou ela. Você está contente que eu esteja aqui?

— Encantada, Carmilla querida, respondi.

— E você pediu para colocar no seu quarto o retrato que se parece comigo, sussurrou ela, suspirando.

Estreitou seu abraço em torno da minha cintura e deixou sua bela cabeça repousar no meu ombro.

— Como você é romântica, Carmilla. Quando você me contar sua vida, vai ser todo um romance.

Ela me beijou sem dizer nada.

— Estou certa, Carmilla, que você esteve apaixonada, que você ama alguém neste momento mesmo.

— Eu nunca amei nem nunca amarei ninguém, murmurou ela, só você.

Como ela era bela ao luar!

Lançando-me um estranho olhar tímido, ela escondeu o rosto nos meus cabelos, na base do meu pescoço, e sua mão trêmula procurou a minha para apertá-la. Seus suspiros pareciam soluços, e sua face parecia fogo contra as minhas têmporas.

Ela diz: — Querida, ah! querida, eu vivo em você, e você morrerá em mim, eu a amo tanto.

Eu me afastei dela.

Ela me fixava com olhos inexpressivos, e seu rosto estava pálido e imobilizado.

— O ar está mais fresco, querida?, disse ela com uma voz um pouco entorpecida. Estou quase tremendo. Sonhei? Voltemos. Venha, vamos entrar logo.

— Carmilla, você parece doente. Sem dúvida, é uma pequena vertigem. Você deveria beber um pouco de vinho.

— Vou beber. Já me sinto melhor, estarei completamente boa em alguns minutos. Sim, dê-me um pouco de vinho, respondeu Carmilla quando nos aproximamos da porta. Vamos olhar ainda um instante, continuou ela. Talvez seja a última vez que vejo o luar com você.

— Como você se sente agora, Carmilla querida? Você está realmente melhor?

Eu começava a temer que ela tivesse sido atingida pela estranha epidemia que, dizia-se, reinava na região.

— Papai ficaria atormentado, acrescentei, se você estivesse adontada sem nos dizer. Temos um excelente médico perto daqui, aquele que veio hoje.

Vocês todos são muito gentis, respondeu ela. Mas eu estou mesmo melhor. Não tenho nada de grave, é apenas um pouco de fraqueza. Diz-Se que eu sofro de uma doença de debilitação; sou incapaz do menor-esforço, não posso caminhar mais que uma criança de três anos. E, de tempos em tempos, as poucas forças que tenho me abandonam, e você viu como fico. Mas eu me recomponho facilmente, um momento depois não tenho mais nada. Veja como me sinto bem.

De fato, ela estava restabelecida. Em seguida, nós conversamos longamente, e ela se mostrou bastante animada. O resto da noite passou sem que as suas extravagâncias se reproduzissem. Com isso quero dizer suas palavras insensatas, seus olhares estranhos que me deixavam pouco à vontade e até me davam medo.

Mas nessa noite teve lugar um acontecimento que perturbou meus pensamentos e que pareceu transformar até mesmo a languidez natural de Carmilla em energia passageira.

Capítulo VI

Nós tínhamos voltado para a sala e a noite chegava ao seu final, quando meu pai perguntou a Carmilla se ela tinha tido notícias de sua mãe desde a sua chegada aqui.

Ela lhe respondeu que não. Ele lhe perguntou então se ela sabia como lhe fazer chegar uma carta.

Carmilla teve uma resposta ambígua:

— Eu não posso lhes dizer. Mas pretendo deixá-los. Foram muito bons e eu abuso da sua hospitalidade. Já lhes causei muitos aborrecimentos. Amanhã, eu gostaria de partir de carro, sei onde encontrar minha mãe, ainda que esteja proibida de lhes revelar isso.

Para meu grande alívio, meu pai exclamou:

— Nem pense nisso. Não temos o direito de deixá-la partir. Esse mal misterioso que se espalha na vizinhança é alarmante e, na ausência de sua mãe, sou tanto mais responsável por você. Além disso, ficaríamos muito desgostosos de ser privados da sua presença.

— Como agradecê-lo o bastante, senhor?, disse ela com um sorriso afável. Todos são tão gentis comigo. Raramente fui tão feliz ao longo da minha vida como na sua bela casa, sob a sua guarda e na companhia da sua querida filha.

Meu pai, encantado com esse pequeno discurso, beijou-lhe a mão galantemente, à sua maneira antiquada.

Um pouco mais tarde, acompanhei Carmilla ao seu quarto, como de hábito, e conversávamos enquanto ela se preparava para deitar-se.

— Eu me pergunto, disse afinal, se alguma vez você confiou plenamente em mim.

Ela sorriu e se desviou sem responder.

— Você não diz nada. Você não pode responder sim. Eu não deveria ter feito esta pergunta.

— Você tem o direito de me fazer todas as perguntas. Não sabe a que ponto estou ligada a você, ou não duvidaria da extensão da minha confiança. Mas estou presa como por um voto, não posso revelar minha história a ninguém, nem mesmo a você. Chegará o dia, entretanto, em que saberá tudo. Você me achará cruel, egoísta, mas o amor é sempre egoísta, na medida do seu ardor. Você não pode saber como o meu é

exclusivo. Você virá comigo e me amará até a morte. Ou me odiará, vindo assim mesmo comigo e me odiando ainda para além da morte. Comigo, a palavra “indiferença” não existe.

— Cale-se, Carmilla, você recomeça a divagar, disse vivamente.

— Você tem razão, louca que eu sou, com a cabeça cheia de fantasias! Por amor a você, falarei sensatamente. Você já foi a um baile?

— Não. Você tem o dom de mudar de assunto! Mas conte-me. Deve ser delicioso.

— Quase já esqueci; faz tanto tempo.

Eu me pus a rir.

— Você não é tão velha. Não pode ter esquecido o seu primeiro baile.

— Sim, me lembro de tudo... fazendo um esforço. Mas vejo tudo isso como um mergulhador que olha o que se passa na superfície — através das ondulações de um véu líquido. E há aquela noite que aconteceu, em que o quadro se torna indistinto e suas cores embaçadas. Fui assassinada, ou quase, na minha cama — feriram-me *aqui*... (ela tocou no alto do peito) e depois não fui mais a mesma.

— Você quase morreu?

— Sim. Por causa de um amor cruel — de um estranho amor, que queria tirar-me a vida. O amor exige sacrifícios. E só há sacrifício pelo sangue. Vamos dormir agora... Sinto-me tão cansada. Como me levantar para fechar a porta à chave?

Ela estava deitada, sua cabeça pequena sobre o travesseiro, suas mãos frágeis enterradas sob a face no espesso emaranhado de seus longos cabelos, e seguia com seus olhos brilhantes cada um dos meus movimentos, com um sorriso tímido e indecifrável.

Eu lhe dei boa-noite e saí do quarto com um sentimento de mal-estar.

As manias dessas pessoas nervosas são contagiosas, sobretudo para aqueles que são eles próprios inclinados a elas. A exemplo de Carmilla, eu tinha pego o hábito de fechar meu quarto à chave antes de dormir. Eu havia adotado seus terrores fantasiosos com relação a ladrões e outros saqueadores. Até tomava o cuidado de inspecionar o cômodo toda noite para me assegurar de que ninguém se escondia ali.

Uma vez tomadas essas precauções, eu me deitei naquela noite e adormeci. Uma vela queimava no quarto — outro hábito, mas de longa data, de que jamais me desliguei.

Assim garantida, eu pensava poder gozar de um repouso tranquilo. Mas os sonhos transpõem paredes e brincam com as fechaduras. E nessa noite eu tive um sonho que marcou o início de uma angústia muito estranha.

Eu tinha consciência de estar adormecida no meu quarto, deitada na minha cama, como estava na realidade. Percebia o cômodo e os móveis tais como os havia visto antes de adormecer, com a diferença de que estava muito escuro. E nessa penumbra, eu distinguia alguma coisa imprecisa que movia-se em volta da minha cama. Logo me dei conta de que se tratava de um animal negro como carvão, semelhante a um gato monstruoso. Ele me pareceu ter perto de um metro e cinquenta de comprimento, pois tinha a dimensão do tapetinho sobre o qual passou. E ele continuava as suas idas e vindas, com a agitação sinistra de uma fera enjaulada. Eu estava aterrorizada, e não podia chamar por socorro. O ritmo da sua caminhada se acelerava e ao mesmo tempo a obscuridade se tomava cada vez mais espessa, a ponto de eu não ver mais que seus olhos. Eu o senti subir com um salto ligeiro para a minha cama. Os dois olhos enormes se aproximaram do meu rosto. E, de repente, uma dor penetrante me atravessou, como se duas grandes agulhas, afastadas alguns centímetros, tivessem perfurado profundamente minha garganta. Eu gritei, acordando. O quarto estava iluminado pelo clarão incerto da vela — e ao pé da minha cama, um pouco para a direita, vi uma forma feminina. Ela estava vestida com um roupão flutuante e escuro, seus cabelos soltos cobriam-lhe os ombros. Um bloco de pedra não teria sido mais rígido. Nenhum sopro perturbava o silêncio. Depois, bruscamente, sem que eu a tivesse abandonado com o olhar, a silhueta pareceu ter mudado de lugar — agora estava perto da porta... mais perto ainda — depois a porta se abriu e ela desapareceu.

Eu fui como que liberada de um torno, e capaz de respirar de novo e de me mover. Meu primeiro pensamento foi que Carmilla tivesse feito uma brincadeira comigo e que eu tinha esquecido de fechar a porta. Corri até ela, mas a encontrei fechada por dentro, como de costume.

Tive medo demais para abri-la. Terrificada, saltei para a cama, escondi a cabeça sob os lençóis e fiquei assim, mais morta que viva, até a manhã seguinte.

Capítulo VII

Ainda hoje, a lembrança dessa noite me causa um horror que seria inútil descrever. Eu não sentia o pavor passageiro deixado por um sonho. Meu medo crescia com o tempo, as próprias paredes de meu quarto acabaram por contê-lo.

No dia seguinte, não pude ficar sozinha. Hesitava em prevenir meu pai, temendo as suas brincadeiras, temendo também que ele me julgasse vítima do mal misterioso que se havia abatido sobre a região. Mas fiquei na companhia da Sra. Perrodon e da amável Srta. de Lafontaine. Elas perceberam minha perturbação e, com o tempo, confiei-lhes o que me perturbava.

A Srta. zombou de mim, mas a Sra. Perrodon ficou com um ar inquieto.

— A propósito, disse a Srta. de Lafontaine rindo, a grande alameda de tílias sob a janela do quarto de Carmilla é mal-assombrada!

— Ridículo!, exclamou a Sra. Perrodon. Quem lhe disse isso?

— Martin. Vindo consertar a velha cerca, ele viu por duas vezes, antes do nascer do sol, uma forma feminina caminhar pela alameda.

— Ele a verá de novo enquanto houver vacas por ordenhar no prado à beira do riacho!

— Contudo, Martin não se assusta por nada, e eu nunca vi um homem aterrorizado a esse ponto.

Eu interferi:

— Não digam nada a Carmilla, sobretudo. Ela é ainda mais medrosa do que eu.

Carmilla desceu mais tarde que de costume nesse dia.

— Tive tanto medo esta noite, disse-me ela, quando ficamos juntas. Eu sonhei com uma coisa preta que rastejava em volta da minha cama. Acordei aterrorizada e, por alguns segundos, acreditei realmente ver uma silhueta escura perto da lareira. Mas toquei o talismã do corcundinha sob

o travesseiro, e imediatamente a silhueta desapareceu. Se ela tivesse se aproximado, estou certa de que teria acontecido alguma coisa terrível — talvez eu tivesse sido estrangulada, como as pobres pessoas de que ouvimos falar,

— Ouça-me, disse-lhe, então, e contei-lhe minha aventura, que pareceu apavorá-la.

— O talismã não estava perto de você?, perguntou ela vivamente.

— Não, eu o havia jogado num vaso da sala, mas esta noite o levei comigo se você acredita tanto nele.

— Não sei como consegui superar o meu temor em dormir sozinha no quarto, na noite seguinte. Prendi o talismã no travesseiro, depois adormeci. Meu sonho foi profundo e sem sonhos, mas acordei com uma sensação de lassidão e langor, suficientemente difusa, contudo, para gerar uma espécie de volúpia.

Descrevi meu sono tranquilo a Carmilla. “Bem que eu lhe havia dito”, disse ela. Para mim também, a noite foi deliciosa. Eu tinha colocado o talismã contra o peito, preso à minha camisola. Na outra noite ele estava muito afastado de mim. Estou certa de que nós simplesmente sonhamos e a nossa imaginação fez o resto. Antigamente eu pensava que os maus espíritos engendravam os sonhos, mas nosso médico me disse que não é nada disso. É uma febre ou uma doença que passa, dizia ele, e que não podendo nos invadir, afasta-se de nós deixando essa angústia.”

— E o que você acha que seja esse talismã?, perguntei.

— Ele deve ter sido fervido ou imerso em alguma droga, e é um antídoto contra a malária.

— Então ele só age sobre o corpo?

— Certamente. Não há nada de mágico nisso.

Fiz um esforço para ficar convencida com os argumentos de Carmilla, e minha impressão da manhã apagou-se um pouco.

Nas noites seguintes, meu sono continuou profundo. Mas ainda me sentia fraca e cansada ao acordar, e essa sensação perdurava ao longo do dia. Eu estava atormentada por uma melancolia que nem mesmo desejava ver interrompida. Pensamentos de morte habitavam minha mente e a idéia da minha morte se apossava do meu coração docemente, quase

amavelmente. Á própria tristeza dessa idéia me era doce. Eu me abandonava a ela inteiramente.

Entretanto, eu não queria me acreditar doente e me recusava a informar meu pai ou a chamar um médico.

Carmilla se mostrava mais do que nunca devotada a mim e suas estranhas crises de adoração por mim se tornavam mais frequentes. Ela me devorava com os olhos com um ardor crescente, à medida que minhas forças e meu espírito enfraqueciam. Isso me chocava sempre, como a marca de relâmpagos de loucura passageiros.

Sem saber, eu estava, então, em um estágio avançado da mais estranha doença de que jamais foi vítima um ser humano. Até então, o fascínio que os seus sintomas exerciam sobre mim tinha permitido que eu aceitasse o meu declínio físico. Essa fascinação ainda aumentou, até certo grau, depois, pouco a pouco se misturou a ela um sentimento de horror, que em seguida iria desnaturar toda a minha existência.

Eu passei a experimentar certas impressões vagas durante o sono. A que dominava era um calafrio gelado, como o que se sente nadando na contracorrente de um riacho. Vieram em seguida sonhos intermináveis, tão confusos que eu não, podia me lembrar do cenário, da ação, dos personagens que os obcecavam. Eles me deixavam uma sensação horrível, mergulhavam-me num estado de esgotamento Semelhante ao que acarreta uma longa tensão nervosa. Minha única lembrança ao acordar era de ter estado num lugar escuro, de ter falado com pessoas invisíveis para mim, e principalmente de ter ouvido uma voz de mulher muito grave e como que distante, cujas palavras lentas me causavam um terror solene. Algumas vezes parecia-me que uma mão deslizava suavemente ao longo da minha face e do meu pescoço. De outras, que lábios ardentes me beijavam, mais longamente e mais apaixonadamente à medida que se aproximavam da minha garganta, onde se detinha enfim a carícia. As batidas do meu coração se aceleravam, minha respiração se precipitava e parava como se cortada bruscamente. Um estertor enchia minha garganta, depois eu sucumbia a uma sensação de estrangulamento, e enfim uma convulsão terrível me fazia perder os sentidos.

Esse estado inexplicável durava três semanas. Ao longo da última, ele havia me marcado fisicamente. Eu estava pálida, meus olhos estavam dilatados, com olheiras, e a languidez sentida há longo tempo se tornava visível. Meu pai, percebendo, perguntou o que eu tinha. Mas, com uma obstinação que hoje me custa imaginar, eu persistia em afirmar a minha boa saúde.

É verdade que eu não sofria, não era vítima de nenhum mal-estar físico. Não podia ser esse mal terrível que os camponeses chamam de upiro. Eles morriam ao fim de três dias, quando muito. Não, eu deveria antes acusar minha imaginação ou meus nervos.

Carmilla também se queixava de sonhos e de impressões febris, mas que nada tinham de alarmante. O meu próprio estado é que era alarmante, e isso eu não podia compreender. Era como se uma influência oculta agisse sobre os meus sentidos, como um narcótico, para entorpecer minhas percepções.

Vou contar agora um sonho que acarretou uma curiosa descoberta.

Uma noite, em lugar da voz que eu costumava ouvir no escuro, elevou-se uma outra voz, ao mesmo tempo terrível e terna, que dizia: "Sua mãe a avisa para desconfiar do assassino." No mesmo instante, o cômodo minha volta se iluminou de repente e eu vi Carmilla, de pé perto da minha cama, com a camisola molhada de sangue.

Eu acordei gritando, convencida de que Carmilla tinha sido morta. Levantei, chamei a Sra. Perredon e a Srta. de Lafontaine, a quem contei a causa do meu pavor. Juntas batemos à porta de Carmilla, sem obter resposta. Por mais que batêssemos repetidamente e gritássemos seu nome, foi inútil.

Então tivemos medo, pois a porta estava fechada à chave. Não tivemos coragem de ir procurar meu pai, que dormia em outra ala do castelo, mas chamamos os empregados, depois de nos vestirmos rapidamente. Por minha ordem, eles forçaram a fechadura. Nós entrámos, chamamos Carmilla, segurando nossos castiçais no alto.

Não tivemos nenhuma resposta. O quarto estava vazio. Tudo se encontrava no estado em que eu o havia deixado ao dizer boa-noite a Carmilla. Mas ela havia desaparecido.

Capítulo VIII

À vista do quarto intacto, nós nos acalmamos um pouco. Talvez Carmilla tivesse tido medo, despertando sobressaltada por nossos chamados, e tivesse se escondido sob o efeito de um pânico impensado. Nós dispensamos os empregados e revistamos o quarto. Mas sem resultado.

Nossa angústia redobrou. Eu implorava a Carmilla que pusesse fim a essa brincadeira cruel — se é que era brincadeira — e aparecesse. Mas ela não podia estar em parte alguma. As janelas estavam hermeticamente fechadas, a porta do toucador vizinho ao quarto estava trancada do nosso lado quando a abrimos. A ausência de Carmilla era um enigma. Teria ela descoberto uma dessas antigas passagens secretas de que as lendas garantem a existência no castelo? As horas passaram e o amanhecer não trouxe nenhuma solução para o problema.

Todo o pessoal da casa, meu pai à frente, estava em comoção na manhã seguinte. Os menores recantos do castelo foram revistados. Os campos e os bosques foram explorados. Nenhuma pista da desaparecida foi descoberta. Preparávamos a dragagem do riacho. Meu pai estava desorientado: o que diria ele à mãe de Carmilla na sua volta? Eu também tinha perdido todo o controle, ainda que o meu pesar fosse de uma natureza completamente diferente.

Assim, a manhã se passou na agitação. À uma hora, ainda não sabíamos nada de novo. Foi então que subi ao quarto de Carmilla... e a encontrei sentada diante da penteadeira. Fiquei assombrada, recusando-me a acreditar nos meus olhos. Em silêncio, ela fez um sinal com o dedo para que me aproximasse. Seu rosto exprimia um terror extremo.

Louca de alegria, corri para ela, abraçando-a e beijando-a até perder o fôlego. Depois toquei a sineta com todas as minhas forças, a fim de prevenir os outros e acalmar a angústia de meu pai.

— Carmilla querida, o que aconteceu? Estávamos doentes de inquietação. Onde você esteve? Como voltou?

— Esta noite se passaram acontecimentos extraordinários, disse ela.

— Pelo amor de Deus, explique-se.

— Eram mais de duas horas quando me deitei, depois de ter trancado as duas portas, como de costume: a do toucador e a que dá para o

corredor. Meu sono foi sem sonhos e, pelo que sei, nada o interrompeu. Mas, agora mesmo, acabo de acordar *lá*, sobre um sofá do toucador, e encontrei a porta de comunicação aberta e a outra forçada. Como tudo isso pode ter se passado sem que eu tivesse sido acordada pelo ruído? E eu tenho o sono particularmente leve. Como imaginar que eu possa ter sido transportada para fora da minha cama sem perceber, eu que sou sensível, ao menor sopro?

Nesse momento, a Sra. Perrodon, a Srta. de Lafontaine, meu pai e alguns empregados chegaram. Carmilla foi assaltada por exclamações e perguntas. Ela se ateve ao que havia me dito: não sabia de mais nada.

Os empregados foram dispensados e meu pai se pôs a andar pelo quarto, com ar pensativo. Por um momento, vi Carmilla fixá-lo com um olhar furtivo e sombrio. Depois meu pai se dirigiu para ela, tomou-lhe a mão e a fez sentar-se num sofá, onde se instalou perto dela.

— Você me permite, minha cara filha, arriscar uma hipótese e fazer-lhe uma pergunta?

— Pergunte-me o que quiser. Mas minha história é tão obscura e desnorteante. Eu mesma não sei explicar nada.

Carmilla, que parecia muito deprimida, apoiava a cabeça na mão.

— Pois bem, você já teve acessos de sonambulismo?

— Não depois da minha mais tenra infância.

— Mas nessa época você teve essas crises?

— Sim, minha velha ama me disse isso muitas vezes.

Meu pai sorriu.

— Aí está, portanto, a explicação. Você se levantou dormindo; abriu a porta do seu quarto, mas em vez de deixar a chave no lugar, trancou-a pelo lado de fora e levou a chave com você; depois, perambulou ao acaso pelos vinte e cinco cômodos desta ala, neste andar ou nos andares superiores. Há tantos quartos e quatinhos de despejo, e um tamanho acúmulo de móveis, que seria preciso uma semana para inspecionar de ponta a ponta esta velha morada. Você compreende agora o que quero dizer?

— Sim, mas não inteiramente, disse ela.

— E como você explica, papai, que ela se encontrasse no sofá do toucador, quando nós havíamos examinado o lugar?

— Porque foi depois das buscas que ela foi para lá, sempre dormindo, e ficou lá até despertar. Aí está o mistério esclarecido, concluiu meu pai, rindo, sem a intervenção de bandidos, sequestradores, assassinos ou feiticeiras. E Carmilla está forte e robusta.

Eu olhei Carmilla. Sua pele tinha, de fato, um aveludado e um brilho particulares. E a languidez graciosa da sua figura realçava ainda mais sua beleza. Meu pai devia estar comparando silenciosamente sua fisionomia com a minha, pois suspirou:

— Eu gostaria muito que a minha pobre Laura recuperasse as forças. Assim nossos temores se desfizeram e Carmilla nos foi devolvida.

Capítulo IX

Na manhã seguinte, o médico, que meu pai havia chamado sem me prevenir, veio ver-me. Eu lhe descrevi meu estado; ele ouviu-me em silêncio eu via seu rosto tornar-se sombrio ao longo da minha exposição. Quando terminei, ele me olhou fixamente, com uma expressão de temor. Depois, pediu para falar com meu pai,

Este chegou dizendo: “Espero que eu seja um velho louco e que o tenha incomodado à toa”. Mas se calou ao ver o ar inquieto do médico. Os dois começaram um conciliábulo na outra extremidade do cômodo; eu não podia ouvir suas palavras. Meu pai voltou, afinal, para perto de mim, pensativo e perturbado.

— Laura, minha querida, venha um pouco até aqui. Ele me estendeu a mão enquanto eu me aproximava, mas olhava para o médico. — Agora, ouça bem o doutor e procure lembrar-se.

— Você falou de uma sensação de picada, na noite do seu primeiro pesadelo, como se duas agulhas perfurassem sua pele não longe do pescoço. Você não sente mais nada?

— Absolutamente nada, respondi.

— Você pode precisar o lugar?

— Um pouco abaixo da garganta... *aqui*.

Eu indicava o lugar com o dedo.

— Foi nesse mesmo lugar que você sentiu uma impressão de estrangulamento?

— Sim.

— E esse ponto era como o centro do calafrio que você me descreveu... essa corrente fria atravessando-a da cabeça aos pés?

— De fato.

— Posso pedir-lhe para desabotoar seu corpete? É preciso, para identificar esse sintoma da sua doença.

Eu estava com um vestido de gola alta. Obedeci. Era a apenas alguns centímetros abaixo do decote.

— Deus, então é verdade!, exclamou meu pai, empalidecendo.

— O senhor viu?, disse o médico.

— Mas o quê, afinal?, perguntei, amedrontada.

— Nada, cara jovem. Nada mais que uma marca azul do tamanho da ponta do seu mindinho. Agora, continuou ele voltando-se para meu pai, resta saber que conduta adotar.

— Eu sofro de alguma doença perigosa?

— Não, você ficará curada. Deveria mesmo sentir o seu estado melhorar *imediatamente*.

Depois ele chamou a Sra. Perrodon, que se achava nas proximidades.

— Nossa jovem amiga não vai bem, ele disse, mas isso não terá conseqüências, sem dúvida. No tempo certo, tomaremos as medidas que lhe explicarei. Até lá, limite-se a não deixá-la sozinha nem por um instante. Isto é uma prescrição formal.

— Há uma moça hospedada na nossa casa, acrescentou meu pai, e cujo estado de fraqueza não deixa de lembrar o de Laura. Já que o senhor deve voltar esta noite, poderá examiná-la também. Ela nunca desce antes da tarde.

Ele acompanhou o médico e os dois, afastando-se, absorveram-se numa conversa animada. Nós ficamos perplexas, a Sra. Perrodon e eu. O que significava a injunção do doutor? Temeraria ele que eu fosse vítima de uma crises-repentina, que seria fatal se ninguém estivesse ao meu lado para me socorrer imediatamente? Nos perdíamos em conjeturas.

Quando revi meu pai, uma meia hora mais tarde, ele tinha uma carta na mão.

— O correio acaba de trazer esta carta, ele me disse, mas ela está atrasada. É o general Spielsdorf que nos anuncia sua vinda para ontem; nós o veremos, sem dúvida, hoje ou amanhã.

Mas ele parecia contrariado, como se essa visita de ura amigo, mesmo íntimo, o desagradasse.

— Papai querido, diga-me a verdade. O médico acha que estou com uma doença grave?, perguntei.

— Não, ele acredita que se tomarmos as precauções necessárias, logo você estará recuperada, respondeu ele, bastante seco. Mas o general podia ter escolhido um outro momento. Eu gostaria que você estivesse com boa saúde para recebê-lo.

— Mas o doutor pensa que eu sou do quê?

— De absolutamente nada. Não me faça tantas perguntas, disse ele, irritado como jamais o vira antes. Depois, vendo que tinha me magoado, ele me beijou. Em um ou dois dias você saberá... Pelo menos o que eu mesmo sei. Enquanto isso, não se atormente.

Depois ele me disse que ia a Karnstein e me propôs acompanhá-lo, com a Sra. Perrodon. Ele ia ver, a negócios, o padre que morava perto das ruínas do castelo. Carmilla, que ainda não tinha levantado, poderia nos encontrar mais tarde com a Srta. de Lafontaine, e levariam o necessário para um piquenique.

Partimos por volta do meio-dia. O passeio de carro era maravilhoso. A estrada serpenteava entre colinas arborizadas e vales verdes e selvagens. E, de repente, numa curva, vimos o general Spielsdorf vir ao nosso encontro, a cavalo e acompanhado de um empregado. Sua bagagem seguia atrás, numa carriola.

Uma vez feitas as trocas de cumprimentos, ele se deixou persuadir a tomar lugar no nosso carro para participar da nossa excursão. Seu empregado seguiu a estrada em direção ao castelo com o cavalo e as bagagens.

Fazia dez meses que não víamos o general, mas esse período de tempo havia sido suficiente para fazer dele um outro homem. Ele tinha emagrecido, seus olhos tinham perdido o brilho. Poderíamos dizer que havia envelhecido vários anos.

Mal tínhamos retomado a estrada, ele falou da dor que lhe causava a morte da sobrinha. Atacou violentamente as "forças diabólicas" que a

tinham levado, tomando o céu por testemunha e se deixando levar por uma tirada tumultuosa. Sua atitude era tão incomum que meu pai pediu-lhe que se explicasse, na medida em que seu pesar o permitisse.

— Se eu lhe dissesse tudo, respondeu o general, você se recusaria a acreditar-me. É uma história que fere demais a lógica. Em seu lugar, antigamente, eu teria a mesma reação.

— Mas eu sei, diz meu pai, que você não afirma nada sem provas. Portanto, estou pronto a me deixar convencer.

— Você tem razão, não foi levemente que cheguei a acreditar no sobrenatural — pois é de sobrenatural que se trata. O que contraria todas as minhas antigas teorias.

Apesar das profissões de fé com que o havia gratificado, meu pai o olhava com ar incrédulo. O general examinou a paisagem de floresta pela portinhola.

— Você se dirige para as ruínas de Karnstein?, disse ele. É uma feliz coincidência. Eu pensava exatamente em pedir-lhe para me levar até lá. Tenho razões especiais para explorar o lugar. Há mesmo uma capela em ruínas, não é, com as sepulturas dessa família extinta?

— Você tem a intenção de reivindicar o título e as terras?, disse meu pai, brincando, mas o general sequer esboçou um sorriso.

— O que quero fazer é bem diferente, resmungou o general. Tenho a intenção de exumar alguns desses belos personagens. Espero, assim, livrar a terra de certos monstros e permitir que as pessoas honestas durmam em paz sem ser assaltadas nas suas camas. Tenho fatos estranhos para contar-lhe, caro amigo, fatos que eu não teria acreditado possíveis há alguns meses. Mas é melhor que eu lhe conte desde o começo.

Desta vez meu pai o observou com um olhar perscrutador e inquieto.

Neste momento, estávamos no ponto em que a estrada de Drunstall, que o general havia seguido, separava-se da que seguíamos para chegar a Karnstein.

— A que distância estamos das ruínas?, perguntou o general.

— A uma meia légua, mais ou menos, respondeu meu pai. Conte-nos tudo, desde o começo.

Capítulo X

(Depois de um breve silêncio, o general falou:)

Minha sobrinha se alegrava infinitamente com a perspectiva de visitá-lo e conhecer a sua encantadora filha. No entanto, havíamos recebido um convite de meu amigo, o Conde de Calrsfeld, cujo castelo fica a seis léguas do outro lado de Karnstein. Ele dava uma festa suntuosa. Os jardins estavam iluminados e foram lançados fogos de artifício, depois houve um baile à fantasia que reuniu convidados dos mais elegantes.

Minha sobrinha não usava fantasia. Ela estava especialmente bonita naquela noite, seu prazer a embelezava ainda mais. Eu notei várias vezes uma jovem fantasiada, magnificamente vestida, que parecia observá-la com insistência. Uma senhora igualmente fantasiada, com a postura de uma pessoa de alta posição, acompanhava a jovem. As duas acabaram se aproximando, aproveitando o momento em que minha sobrinha descansava entre duas danças.

A senhora iniciou a conversa comigo, chamando-me pelo nome e dizendo me ter encontrado muitas vezes, no passado. De fato, ela evocava detalhes de recepções a que eu tinha comparecido, fazendo mesmo alusão a incidentes que eu havia esquecido, mas que suas palavras me devolveram à memória. Eu sentia minha curiosidade despertada vivamente, mas ela se esquivava de todos os meus esforços para identificá-la, parecendo divertir-se muito com a minha perplexidade.

Durante esse tempo, a jovem, por seu lado, tinha começado uma conversa com minha sobrinha, alegando que sua mãe era um dos meus velhos conhecimentos. Ela lhe falava como a uma amiga, com a audácia que o uso da máscara permite, dirigindo-lhe cumprimentos amáveis por sua beleza e por seu vestido, ou caçoando espirituosamente dos pares de dançarinos que víamos passar. Às duas riam alegremente e logo a jovem retirou a máscara, revelando um rosto de extrema beleza.

Esse rosto nos era desconhecido, mas era impossível não nos sentirmos atraídos por ele. Minha pobre filha estava conquistada. Jamais vi alguém subjugado a esse ponto, desde o primeiro olhar, ainda que fosse a estrangeira, na verdade, que parecesse ter perdido a cabeça por ela.

Mas a mãe, esta, recusava-se a tirar a máscara.

— Os anos passaram, disse ela, rindo. Millarca, que aqui está, é minha filha. O senhor compreende, portanto, que já não sou jovem. Não quero que me compare com a imagem que possa ter conservado de mim.

Nesse instante fomos interrompidos pela chegada de um homem vestido de preto, muito elegante e distinto. Ele não estava fantasiado e usava simplesmente um fraque. Sem o menor sorriso, ele inclinou-se e disse:

— A senhora Condessa me permitirá dizer-lhe algumas palavras que podem interessá-la?

Ela voltou-se vivamente para ele, colocando um dedo sobre a boca para ordenar-lhe silêncio. Depois ela me pediu que a desculpasse e guardasse o seu lugar.

Ela se afastou para conversar com o homem de preto, depois ambos se distanciaram lentamente e desapareceram na multidão.

Eu torturava o cérebro inutilmente para descobrir quem ela podia ser, e ia misturar-me à conversa das duas moças, para tentar recolher alguma pista, quando ela voltou, seguida do homem de preto.

Ele declarou: “Eu prevenirei a senhora Condessa quando o carro estiver pronto.” Depois cumprimentou, retirando-se.

— Então, disse eu, vamos perdê-la. Mas apenas por algumas horas, espero.

— Antes algumas semanas, temo! Que aborrecimento, que esse homem tenha vindo justamente neste momento, E agora, reconhece-me?

Eu lhe assegurei que não.

— O senhor saberá quem sou, disse ela, mas não hoje. Em três semanas passarei pelo seu belo castelo. Permanecerei lá o tempo de reanimar uma amizade que me deixa tantas lembranças agradáveis. A notícia que acabo de receber atingiu-me como um raio. Devo partir imediatamente e com toda pressa, por um atalho, para uma viagem de várias centenas de léguas. Minha reserva em relação ao senhor deveria impedir-me de lhe formular um pedido singular. Minha filha sofreu recentemente uma queda de cavalo da qual mal se recuperou. Chegamos aqui

por pequenas etapas, pois o médico lhe proibiu o menor cansaço. E a viagem para a qual parto será esgotante; não poderei me deter, dia ou noite.

E, pouco a pouco, nas entrelinhas, tendo menos o ar de solicitar um favor que de aceitar a sua ocorrência, ela me fez compreender que queria simplesmente que me encarregasse de sua filha durante sua ausência.

Era um pedido bastante ousado. Mas ela me desarmou antecipadamente, admitindo que nada podia justificá-la e que ela contava unicamente com a minha cortesia. Nesse instante, o azar quis que minha pobre filha viesse suplicar-me, em voz baixa, que convidasse sua nova amiga Millarca. Em qualquer outra ocasião, eu teria preferido esperar antes de me comprometer levemente. Mas as duas mulheres me cercavam, literalmente. E devo dizer que o rosto sedutor da moça pesou na minha decisão. Cometi, finalmente, o desatino de aceitar.

Ela dirigiu algumas últimas recomendações à sua filha, dizendo-lhe em termos vagos que era chamada urgentemente para cumprir uma missão delicada. Fiz um discurso de circunstância, um pouco aborrecido, no fundo, pelo rumo dos acontecimentos. Depois o homem de preto voltou e nós o seguimos para fora do salão; ele escoltava cerimoniosamente a condessa, sua deferência parecendo indicar que ela tinha direito, de fato, a um título muito mais elevado.

Antes de partir, ela me pediu mais uma vez para não tentar nada para descobrir a sua identidade.

— Eu apelo ao seu senso de honra, concluiu ela. Se o senhor suspeitar do meu nome, não o revele a ninguém. Minha filha manterá o mesmo silêncio até a minha volta.

Ela beijou apressadamente a filha, cochichando-lhe algumas palavras ao ouvido. Depois desapareceu na multidão com o homem de preto.

— Na sala vizinha, diz Millarca, há uma janela que dá para a porta de entrada. Eu gostaria de aproveitar para dizer adeus a mamãe uma última vez.

Nós a acompanhamos até essa janela e vimos uma bela carruagem à moda antiga, com um grupo de cocheiros e de criados. O homem de preto estendia à senhora uma espessa capa de veludo, a colocava sobre os seus ombros e lhe erguia o capuz. Ela lhe fez um sinal de cabeça, tocou

sua mão com as pontas dos dedos. Ele a saudou várias vezes enquanto a porta se fechava e a carruagem partiu.

— Ela partiu, disse Millarca com um suspiro.

— Ela partiu, repeti, pensando pela primeira vez no absurdo de meu ato.

— Ela nem mesmo ergueu a cabeça na nossa direção, disse ela tristemente.

— Sem dúvida, ela retirou sua máscara e não queria mostrar o rosto, disse eu. Aliás, ela não podia saber que você estava na janela.

Ela me olhou, suspirando. Era tão bela que me comovi. Tive vergonha de estar arrependido da minha hospitalidade e me prometi reparar essa atitude inconfessada.

Durante as horas seguintes, minha simpatia por ela foi aumentando. Conversamos, os três, da mais íntima maneira e sua conversa me distraía enormemente. Eu me alegrava pensando na animação que ela traria às bossas noites solitárias.

O baile só terminou ao amanhecer. Nós acabávamos de -atravessar um salão superlotado quando minha sobrinha me perguntou onde estava Millarca. Pensávamos que ela estava ao nosso lado, mas de lato a tínhamos perdido.

Nós a procuramos em vão e eu temi que ela tivesse se perdido naqueles vastos jardins. Agora eu me dava conta da loucura que havia feito, aceitando a guarda de uma jovem da qual ignorava até mesmo o nome. E, preso à minha promessa de respeitar esse segredo, não podia fazer nada para: tentar me informar a esse respeito.

A manhã nasceu. Eu só abandonei minhas buscas em pleno dia. Apenas às duas horas da tarde tivemos notícias dela, sabendo por um criado que uma moça, aparentemente em aflição, perguntava insistentemente pelo general Spielsdorf e sua filha.

Ela contou uma história à minha pobre criança para justificar essa longa ausência. Tarde da noite, depois de nos ter procurado por muito tempo, refugiou-se, dizia ela, na casa da porteira, e, com o cansaço do baile, adormeceu profundamente.

Nesse mesmo dia, Millarca voltou para casa conosco. No final das contas, eu estava contente, apesar de tudo, de ter encontrado para a minha sobrinha uma companhia tão encantadora.

Mas logo certos detalhes fizeram diminuir minhas expectativas. Millarca se queixava de um estado de extrema languidez e nunca aparecia antes do começo da tarde. Seu quarto estava sempre fechado à chave; contudo, descobrimos acidentalmente que lhe acontecia estar ausente de manhã bem cedo. Ela foi percebida várias vezes ao amanhecer, caminhando entre as árvores, na direção do leste, com o ar de uma pessoa em transe. Isso me fez acreditar que era sonâmbula. Mas essa hipótese não explicava certos mistérios. Como era possível que deixasse o quarto mantendo a porta fechada por dentro? E como ela saía da casa sem abrir nenhuma porta ou janela?

Essas perguntas me perturbavam, mas um motivo de ansiedade mais sério se apresentou. Minha cara sobrinha definhava de maneira estranha e inquietante. Sonhos horríveis a assaltavam; ela imaginava ver de noite um espectro, que tinha ora a aparência de Millarca, ora a de um animal preto movendo-se aos pés da sua cama. E experimentava sensações dolorosas de picadas na base da garganta e de estrangulamento, em conseqüência dos quais perdia a consciência...

Capítulo XI

Nesse momento, nos aproximamos da aldeia abandonada de telhados fendidos, de onde nenhuma fumaça se elevava há mais de meio século. Eu havia ouvido claramente as últimas palavras do general, pois nesse lugar a estrada estava invadida pela grama, na qual rodávamos sem ruído.

Pode-se avaliar o meu estupor ao reconhecer, nos detalhes descritos pelo general, os sintomas do meu próprio mal e o próprio comportamento de nossa bela amiga Carmilla!

O carro parou numa clareira dominada pelas chaminés e casas em ruínas, assim como por torres e seteiras do castelo desmantelado. Eu descí com a impressão de ser torturada por um sonho mau. Nós todos nos calamos, pois cada um devia ter inúmeros assuntos no pensamento.

Depois de termos escalado a rocha escarpada que levava ao castelo, penetramos nele e vagamos pelas vastas salas, escadas em espiral e escuros corredores que se sucediam.

— Eis então, disse enfim o general, o que foi o palácio dos Karnstein. Ele se debruçou numa janela para examinar a paisagem.

—Era uma família terrível, continuou ele, e sua história inclui páginas sangrentas. É penoso pensar que mesmo depois de mortos, eles ainda continuem a torturar a humanidade. Olhem, lá está sua capela.

Ele apontava os muros cinzentos de uma construção gótica, cercada de folhagens.

— Ouve-se o machado de um lenhador, acrescentou ele. Talvez ele possa dar-me as informações de que preciso e indicar-me a sepultura da condessa Mircalla de Karnstein. Esses camponeses muitas vezes conservam as tradições das velhas famílias extintas.

Nós descemos na direção da capela, e meu pai declarou:

— Tenho um retrato da condessa de Karnstein. Quer vê-lo?

— Inútil, respondeu o general. Creio que a conheço em pessoa.

— Mas ela está morta há mais de um século.

— Não tanto quanto acredita, disse o general, e eu vi meu pai olhá-lo novamente com uma expressão inquieta, a mesma do começo de nosso trajeto.

Tínhamos chegado diante da capela e atravessamos o pórtico.

— Meu único objetivo neste mundo, daqui para a frente, continuou o general, é exercer a minha vingança contra ela — a única vingança de que um set humano é capaz.

— Que vingança?, perguntou meu pai.

— Tenho simplesmente a intenção de decapitar o monstro, disse o general.

— O quê?, exclamou meu pai, no auge da perturbação.

— Exatamente, cortar-lhe a cabeça. Com uma pá, um machado, qualquer coisa que possa cortar sua garganta de assassina! O general tremia de raiva e apressou o passo na nossa frente. Esta viga nos servirá de assento. Sua filha está cansada, vamos nos sentar e saberão o final da minha história.

O bloco de madeira estava colocado sobre as lajes da capela, entre as quais crescia a grama. Eu me instalei. Enquanto isso, o general chamava de longe o lenhador ocupado em podar os galhos sobre os velhos muros. Com o machado na mão, ele veio até nós.

Não podia nos informar, disse-nos ele, sobre as sepulturas dos Karnstein. Meu pai perguntou a ele se morava ali há muito tempo, e ele respondeu que seus antepassados sempre tinham vivido na aldeia.

— Por que a aldeia foi abandonada?, perguntou o general.

— Este lugar era frequentado por fantasmas, senhor. Muitos foram perseguidos até nas suas sepulturas e exterminados, mas não sem terem levado muitos aldeões à morte. Entretanto, a aldeia ainda não tinha sido libertada, até o dia em que um nobre da Morávia, passando pela região, ouviu falar desse flagelo e se propôs a combatê-lo.

Eis o que fez: numa noite de lua cheia, ele subiu à torre desta capela, de onde podia vigiar o cemitério. Assim, viu o vampiro sair da sepultura largando a sua mortalha e introduzir-se na aldeia. Na sua ausência, ele desceu até o cemitério e apoderou-se do sudário, que levou para a torre. Quando o vampiro voltou e não encontrou mais a sua vestimenta, pôs-se a insultar o fidalgo morávio que via debruçado no topo da torre. Este, em resposta, fez-lhe sinal para que viesse buscar a mortalha. O vampiro caiu na armadilha e, mal tinha atingido o alto da escada, foi atacado pelo morávio, que lhe fendeu a cabeça em dois com um golpe de espada depois jogou seu corpo no cemitério.

O nobre desceu, então, da torre, foi até o cemitério e cortou-lhe a cabeça. No dia seguinte, os aldeões empalaram o corpo e o queimaram segundo o ritual. O nobre morávio foi autorizado pelo chefe da família nessa época a fazer desaparecer a sepultura da condessa de Karnstein, Mircalla. O que faz com que a localização dessa sepultura tenha sido esquecida.

— É realmente impossível localizá-la?, perguntou o general veementemente.

O lenhador balançou a cabeça.

— Ninguém poderia fazer isso, E, além disso, afirma-se que o corpo foi retirado.

Dito isso, ele apoiou o machado no muro e se afastou, enquanto o general começava o final do seu relato.

— Minha pobre criança estava cada vez pior, retomou ele, e nosso médico não conseguia definir sua doença. Ele decidiu mandar vir de Gratz um especialista; ambos examinaram minha sobrinha e depois entraram numa discussão que parecia ser violenta, a julgar pelas frases soltas que surpreendi. Quando me juntei a eles, meu médico me diz com ironia:

— Caro senhor, meu eminente colega parece acreditar que é de um feiticeiro que o senhor precisa, e não de um doutor.

— Vou lhe expor minha teoria outra vez, disse com humor o médico de Gratz. Temo, senhor general, que seu caso não seja da minha competência. Mas, antes de partir, eu lhe proporei um remédio.

Ele sentou-se a uma mesa e começou a escrever uma carta, sob o olhar zombeteiro do meu médico, cuja atitude significava claramente que o tomava por louco.

Entregando-me a carta antes de partir, ele me disse simplesmente que minha sobrinha estava perdida, a menos que a agressão fatal de que era vítima fosse interrompida imediatamente. Eu lhe perguntei de que agressão ela falava. Disse que tudo estava estabelecido na nota que havia redigido. E terminou indicando-me o nome de um homem versado nessas questões, em Gratz, e aconselhando-me a consultá-lo.

Depois da partida dos dois médicos, abri a carta. Em outros tempos, seu teor me teria parecido de uma zombaria monstruosa. Ela afirmava que a doente não era nada menos que o alvo das visitas de um vampiro! As picadas sentidas por ela na base da garganta vinham das incisões causadas pelos dentes pontudos do vampiro. E a origem da pequena marca azulada que ela trazia não deixava nenhuma dúvida: era a marca deixada pela sucção dos lábios do demônio. Cada sintoma descrito por minha sobrinha correspondia aos anotados nos casos similares.

Ainda assim, eu estava cético em relação à teoria do médico. Mas na minha confusão, resolvi seguir as suas instruções. Na noite seguinte, escondi-me no toucador que dá para o quarto da minha sobrinha, onde uma vela estava acesa. Por volta de uma hora da manhã, percebi uma forma negra, de contornos indefiníveis, rastejar para a cama e saltar

na garganta de minha sobrinha, transformando-se numa grande massa palpitante.

Segundo as ordens do médico, eu havia pego minha espada. Atirei-me brandindo-a. O monstro negro pareceu, então, contrair-se e encolher-se sobre si mesmo ao pé da cama, depois deslizou pelas cobertas e, de repente, vi, em pé ao lado da: canta, fixando-me com um olhar feroz e horrorizado, Millarca. Não sei o que pensei, mas a ataquei imediatamente a golpes de espada — e ao mesmo tempo eu a vi, ilesa, mantendo-se perto da porta. Eu a persegui, golpeando de novo. Minha espada quebrou-se contra a porta. Ela havia desaparecido!

Não posso descrever-lhes o final dessa noite pavorosa. Toda a casa ficou de pernas para o ar. O espectro Millarca havia fugido. Mas sua vítima enfraquecia rapidamente, e morreu ao amanhecer.

O general calou-se, presa de uma emoção violenta, e nós respeitamos o seu silêncio. Meu pai afastou-se alguns passos e se pôs a ler as inscrições sobre as pedras dos túmulos. Depois, continuando seu exame, avançou sob o pórtico de uma capela lateral. Nesse instante, ouvi com alívio as vozes de Carmilla e da Sra. Perrodon, que vinham encontrarmos. Depois as vozes dissiparam-se.

Nesse lugar solitário, no meio dos túmulos enterrados no pó e na hera, e depois de um relato tão lúgubre, senti verdadeira angústia pensando que minhas amigas iam passar sem entrar.

Mas, de repente, sob uma arcada estreita, coroada de demónios esculpidos com esgares nas faces, vi aparecer, com alegria, Carmilla, seu rosto bonito, sua figura graciosa.

Ia levantar-me para acolhê-la quando, com um grito, o general pegou o machado do lenhador e ergueu-se. O rosto de Carmilla alterou-se brutalmente quando o viu. Os traços desfigurados por uma metamorfose horrível, ela recuou, parecendo cair, achatando-se sobre si mesma. Não tive nem tempo de gritar e ele já a golpeava com todas as suas forças com o machado. Mas ela evitou o golpe desviando-se e, com sua mãozinha, segurou-lhe o punho. Ele lutou um momento para libertar-se, mas sua mão abriu-se, o machado caiu, e Carmilla não estava mais lá.

Essa cena atroz desenrolou-se num relâmpago. A única coisa que me lembro é ter visto em seguida a Sra. Perrodon, em pé perto de mim, repetindo: — Onde está a Srta. Carmilla? Onde está a Srta. Carmilla?

Enfim, pude responder: — Não sei... Ela saiu por ali... Eu apontava a porta por onde a Sra. Perrodon acabava de entrar.

— Mas eu fiquei todo o tempo nessa galeria, depois que ela entrou. Ela não voltou para lá.

Então ela se pôs a gritar: "Carmilla!" em todas as direções, mas não houve resposta.

— Ela se fazia chamar de Carmilla?, perguntou o general, que estava apoiado contra um muro, o rosto desfeito.

— Sim, Carmilla, disse eu.

— Sim, disse ele, é Millarca. A mesma que outrora se chamava Mircalla, condessa de Karnstein. Deixe este lugar maldito, minha pobre criança, tão depressa quanto puder. E tomara que jamais reencontre Carmilla.

Capítulo XII

Enquanto o general dizia essas palavras, vi entrar na capela um homem de aspecto curioso. Alto e magro, estava vestido de preto e tinha o rosto sulcado por muitas rugas. Usava um curioso chapéu com plumas; seus cabelos caíam até os ombros; usava óculos de armação de ouro. Ele avançava lentamente com um passo arrastado, um perpétuo sorriso nos lábios.

— O homem que eu precisava!, exclamou o general, indo ao seu encontro. Meu caro barão, eu não esperava vê-lo tão cedo.

Ele apresentou o personagem ao meu pai, dizendo que era o nobre recomendado pelo médico de Gratz. Ele lhe havia pedido para vir encontrá-lo aqui, para que desse sua contribuição nas escavações do cemitério de Karnstein.

O estrangeiro tirou do bolso um rolo de papel, que estendeu sobre a pedra desgastada de uma sepultura. Com um lápis, traçou linhas imaginárias de um ponto a outro no papel. Como seus olhares se voltavam ao mesmo tempo para diversos lugares do edifício, concluí que se tratava de uma planta da capela. O fidalgo se reportava por instantes a um

pequeno caderno cujas páginas amarelcidas estavam cobertas por uma escrita miúda.

Os três dirigiram-se para uma nave lateral, no lado oposto do lugar onde eu me encontrava. Depois puseram-se a medir distâncias contando os seus passos. Enfim, agruparam-se diante de um lanço de muro que examinaram minuciosamente, arrancando a hera que crescia ali, raspando o reboco com a ponta das suas bengalas. Descobriram, então, os vestígios de uma grande placa de mármore, onde se encontravam letras gravadas.

Com a ajuda do lenhador, que havia voltado, puseram a nu uma inscrição monumental e um brasão esculpido. Era exatamente a sepultura há muito perdida de Mircalla, condessa de Karnstein.

O velho general levantou as mãos para o céu em sinal de agradecimento.

— Amanhã, disse ele, o comissário do governo estará aqui e poderemos proceder à exumação de acordo com a lei.

Depois, voltando-se para o barão: “Como posso agradecer?. Graças ao senhor a região ficará livre de um flagelo secular. O horrível inimigo foi acossado, afinal.”

Meu pai conduziu, então, os dois homens de lado e pude ver — pelos olhares que me dirigiam de vez em quando — que ele lhes contava o meu caso.

Em seguida voltamos ao castelo, levando conosco o padre que morava nas proximidades das ruínas e que tínhamos ido procurar. A sinistra ausência de Carmilla tornava ainda mais horrível a lembrança da cena que eu tinha assistido. As precauções tomadas naquela noite foram extraordinárias. A Sra. Perrodon e duas criadas ficaram comigo no quarto, enquanto meu pai e o padre permaneciam no toucador ao lado. O padre havia cumprido certos ritos solenes, cujo sentido não compreendi.

Com o desaparecimento de Carmilla, meus sofrimentos noturnos foram interrompidos.

No dia seguinte, teve lugar a exumação oficial na capela de Karnstein. A sepultura da condessa Mircalla foi aberta. O general e meu pai identificaram sua bela e pérvida convidada. O rosto, cento e cinquenta anos depois do sepultamento, ainda tinha as marcas das calorosas cores

da vida. Os olhos estavam bem abertos. Nenhum odor cadavérico emanava do caixão. Os dois médicos presentes observaram uma respiração fraca mas perceptível, assim como leves batimentos de coração. Os membros estavam perfeitamente flexíveis, a carne elástica. O fundo do caixão de chumbo estava recoberto por uma camada de quinze centímetros de sangue, que banhava o corpo.

Patenteadas as provas do vampirismo, o corpo foi, segundo a prática antiga, posto de pé e transpassado por uma estaca aguda no lugar do coração. Nesse instante, o vampiro lançou um grito penetrante, em tudo semelhante ao de um ser vivo em agonia. Depois a cabeça foi cortada e um fio de sangue jorrou do pescoço cortado. Em seguida, o corpo e a cabeça foram colocados numa fogueira e reduzidos a cinzas, e estas foram espalhadas e jogadas no riacho. E nunca mais depois disso esse território foi infestado pelas visitas de um vampiro.

Meu pai possui uma cópia da ata da comissão de inquérito, e é desse relatório que extraio o relato dessa cena penosa.

Resta-me dizer algumas palavras sobre o barão Vordenburg, que nos permitiu descobrir a sepultura da condessa Mircalla. Esse erudito, que vivia modestamente de um magro rendimento, se tinha consagrado ao estudo da tradição do vampirismo. Ele havia reunido todos os livros que tratam do assunto e possuía os relatórios oficiais de todos os casos conhecidos.

Ele os tinha utilizado para codificar as leis que regem a condição dos vampiros. Posso mencionar, de passagem, que a palidez espectral atribuída a essa categoria de fantasmas não passa de ficção melodramática. Tanto na sepultura como em público, eles têm a aparência da vida e da saúde. Quando são descobertos nos seus caixões, apresentam todos os sintomas do vampirismo, semelhantes aos constatados na condessa de Karnstein quando de sua exumação.

O meio pelo qual escapam da sepultura e voltam a ela regularmente, sem deslocar a terra em tomo nem deixar vestígio de desordem, permanece um mistério. A existência anfíbia do vampiro é sustentada por um sono cotidiano renovado na sepultura. Seu horrível apetite de sangue

fresco fornece-lhe o vigor em estado de vigília. O vampiro é inclinado a experimentar em relação a certas pessoas uma fascinação de intensidade crescente, análoga à paixão do amor. Para se aproximar dessas pessoas, empregará estratégias de um luxo inaudito, e demonstrará uma paciência inesgotável a fim de atingir os seus objetivos. Ele não renunciará antes de ter saciado sua paixão, de ter bebido até a última gota do sangue da vítima cobiçada. Nesse caso, cultivará e prolongará seu prazer criminoso com o refinamento de um epicurista, entregando-se a uma conquista assídua para seduzir pouco a pouco o objeto de seu desejo. Aspira, então, a receber, da parte deste, um sentimento de simpatia e de consentimento, enquanto nos casos ordinários, vai direto ao objetivo, violentando sem rodeios as suas vítimas e muitas vezes estrangulando-as ao fartar-se delas.

Em certas situações, o vampiro está aparentemente sujeito a condições especiais. Assim, Mircalla parecia destinada a carregar um nome que era a reprodução por anagrama, sem omissão ou acréscimo de uma única letra, do seu próprio.

Mais tarde, meu pai contou, ao barão Vordenburg a história do fidalgo morávio e do vampiro do cemitério de Karnstein, e perguntou-lhe como ele havido podido localizar a sepultura desaparecida da condessa Mircalla. O barão suspirou misteriosamente, depois nos explicou:

— Eu possuo vários documentos redigidos por esse homem notável. O mais curioso é o que diz respeito à sua visita a Karnstein. É claro que a lenda o altera um pouco. Ele tinha se fixado efetivamente na Morávia e era de ascendência nobre. Mas, na realidade, era natural da Alta-Styria. Acrescentarei que é meu ancestral...

Na sua primeira juventude, ficou perdidamente apaixonado pela bela Mircalla, condessa de Karnstein. E sua morte prematura deixou-o inconsolável.

Faz parte da natureza dos vampiros crescer e multiplicar-se, segundo uma espécie de lei de hereditariedade. Tomemos de início um território isento desse flagelo. Como ele nasce e se expande ali? Eu vou lhes dizer. Se um ser mais ou menos corrompido se suicida, poderá, em certas circunstâncias, tornar-se vampiro. E na sepultura, a maior parte das suas vítimas se transformará em vampiro por sua vez. Este foi o caso da bela Mircalla, que um desses demônios havia perseguido.

Meu ancestral descobriu a causa de sua morte e, ao longo dos estudos a que se entregou, ele chegou a certas conclusões. Entre outras coisas, soube que o vampirismo ameaçava Mircalla e que, um dia ou outro, ela arriscava-se a ter seus restos profanados por uma execução póstuma. Essa perspectiva lhe era insuportável, qualquer que fosse o monstro que sua bem-amada morta pudesse ser. Ele deixou um escrito curioso para provar que o vampiro, expulso de sua existência anfíbia, é lançado numa vida bem mais atroz ainda. E ele resolveu poupar Mircalla dessa sorte.

Adotou o esquema da viagem a este lugar, simulou raptar seus despojos e não fez senão apagar os vestígios da sua sepultura. Na sua velhice, reconsiderando a paisagem que legava ao vale do tempo, deu-se conta do horror do seu ato. Então, escreveu as notas e traçou o plano que me guiaram, ao redigir sua confissão. Se ele tinha a intenção de reparar o que havia feito, a morte o impediu. E fui eu, seu longínquo descendente, que capturei o monstro no seu covil.

Ao longo de nossas conversas, o barão nos forneceu ainda este último detalhe:

— Uma das características do vampiro é a força de sua mão. No presente caso, a mãozinha de Mircalla apertou como um torno de aço o punho do general, quando ele brandiu o machado para atacá-la. Mas o poder dessa mão não se limita a isso. Ela deixa uma certa paralisia no membro tocado, de que acontece jamais haver cura.

Na primavera seguinte, meu pai, levou-me para uma viagem à Itália. Ficamos fora mais de um ano. Precisei de um longo tempo para esquecer o horror desses acontecimentos. E ainda hoje a imagem de Carmilla volta à minha memória, sob aspectos difusos e alternados. É algumas vezes a jovem alegre, displicente e bela, outras vezes o monstro disforme da igreja em ruína. E, frequentemente, em meio a um devaneio, estremeço, acreditando ouvir, na porta da sala, o passo leve de Carmilla.

Tradução de Maria Lucia Machado, publicada no Rio de Janeiro em 1985, pela editora Brasiliense.

Carmilla

Prólogo

O Dr. Hesselius anexou à narrativa que se segue uma nota bastante detalhada, na qual faz referência ao seu ensaio sobre o estranho assunto abordado pelo manuscrito.

Naquele estudo, ele trata o misterioso assunto com sua erudição é sua argúcia de sempre, e de maneira admiravelmente direta e concisa. O ensaio constituirá um dos muitos volumes da coletânea de escritos desse homem extraordinário.

Uma vez que publico aqui o caso pensando somente no que possa interessar ao público leigo, não vou antecipar coisa alguma às palavras da inteligente senhora que o relata. Assim, depois de considerar a questão devidamente, resolvi abster-me de apresentar qualquer resumo da argumentação do erudito Doutor, ou mesmo de citar suas considerações sobre uma matéria que, como ele afirma, "provavelmente envolve alguns dos enigmas mais profundos de nossa existência dual, e de suas forças intermediárias".

Quando li esse material, tentei restabelecer a correspondência que fora iniciada pelo Dr. Hesselius, muitos anos antes, com uma pessoa tão perspicaz e meticulosa, como parece ter sido sua informante. Para meu imenso pesar, porém, soube que nesse meio tempo ela tinha falecido.

Ela provavelmente teria bem pouco a acrescentar à narrativa das páginas seguintes que nos conta, julgo eu, com tão minuciosa precisão.

I — Um susto precoce

Mesmo longe de sermos gente ilustre, moramos em um castelo — ou Schloss, como o chamam — na Estíria.⁷ Naquela parte do mundo, uma pequena renda vale um bocado. Com oitocentas ou novecentas libras por ano é possível fazer maravilhas. Na Inglaterra, isso mal nos colocaria na condição de gente próspera. Meu pai é inglês e eu carrego um sobrenome inglês, embora jamais tenha visto a Inglaterra. Mas aqui, neste lugar primitivo e isolado, onde tudo é tão maravilhosamente barato, não vejo como um dinheiro a mais acrescentaria algo às nossas comodidades, ou mesmo luxos.

Meu pai servira no exército austríaco e se reformou; juntando a aposentadoria ao seu patrimônio, comprou essa residência feudal e a pequena propriedade que a circunda por uma pechincha.

Nada pode ser mais pitoresco e solitário. O castelo fica sobre uma pequena colina, no meio de uma floresta. A estrada, bastante velha e estreita, passa em frente de sua ponte levadiça — que nunca vi ser erguida — e de seu fosso, repleto de tilápias e singrado por muitos cisnes, e em sua superfície bóiam esquadras brancas de ninfeias.

Acima de tudo isso, o Schloss mostra sua fachada com muitas janelas, suas torres e sua capela gótica.

A floresta se abre numa clareira irregular e muito pitoresca na frente do portão; à direita, uma ponte arqueada em estilo gótico conduz a estrada sobre um riacho que serpenteia na sombra profunda através da floresta. Eu disse que este é um lugar muito solitário. Julgue se digo a verdade. Olhando da porta de entrada para a estrada, a floresta onde se situa o nosso castelo se estende por quinze milhas à direita e doze à esquerda. A aldeia habitada mais próxima fica a cerca de sete de suas milhas inglesas à esquerda. O castelo habitado mais próximo, e que até possui algum valor histórico, é o do velho General Spielsdorf, a cerca de vinte milhas à direita.

Falei da “aldeia habitada mais próxima” porque existe um vilarejo em ruínas a apenas três milhas a oeste, ou seja, na direção do Schloss do General Spielsdorf. Ali há uma curiosa igreja agora destelhada, em cuja nave estão as deterioradas tumbas da orgulhosa família Karnstein,

agora extinta, antiga proprietária do igualmente desolado chateau que olha do alto, na densidade da floresta, as silenciosas ruínas do povoado.

O motivo pelo qual esse impressionante e melancólico lugarejo foi abandonado é objeto de uma lenda que vou lhe relatar em outra ocasião.

Agora preciso contar-lhe como pequeno é o grupo dos habitantes de nosso castelo. Não incluo os criados, nem aqueles dependentes que ocupam aposentos nas construções adjacentes ao Schloss. Ouça-me e surpreenda-se! Meu pai, que é o homem mais gentil do mundo, mas está envelhecendo, e eu, com apenas dezenove anos à época desta história. Oito anos se passaram desde então.

Eu e meu pai constituíamos toda a família do Schloss. Minha mãe, nascida na Estíria, morreu na minha mais tenra infância. Mas eu tinha uma bondosa governanta que cuidara de mim, creio eu, desde a primeira infância. Não consigo lembrar-me do tempo, em que seu rosto bonachão e rechonchudo não fosse uma imagem familiar na minha memória. Era Madame Perrodon, nativa de Berna, cujos cuidados e cuja boa índole em parte supriram para mim a perda de minha mãe, de quem não consigo me lembrar, tão pequena eu era quando a perdi. Ela era a terceira pessoa que comia à nossa mesa. Havia uma quarta, Mademoiselle de Lafontaine, que era, como acredito que vocês denominem, uma “preceptora de boas maneiras”. Falava francês e alemão, ao passo que Madame Perrodon falava francês e um péssimo inglês. A isso acrescentávamos, meu pai e eu, o inglês, em parte para evitar que a língua se perdesse entre nós, em parte por motivos patrióticos. A consequência era uma verdadeira Babel, motivo de risada para os nossos visitantes, e que não tentarei reproduzir nesta narrativa. E havia ainda duas ou três senhoritas amigas mais ou menos da minha idade, que eram visitantes ocasionais por períodos mais longos ou mais curtos, e de quando em vez eu retribuía essas visitas.

Nosso círculo social do dia a dia se resumia a isso — mas havia, é claro, eventuais visitas de “vizinhos” que moravam a apenas cinco ou seis léguas. Não obstante, minha vida era um tanto quanto solitária, posso assegurar-lhe.

Minhas governantas só tinham controle sobre mim na medida do que seria razoável imaginar no nosso caso — elas eram pessoas instruídas,

⁷ Estado situado na região centro-oriental da Áustria, cuja capital é Graz. (N.T.)

e eu, uma garota bastante mimada cujo pai viúvo praticamente a deixava fazer tudo do seu próprio jeito.

O primeiro incidente em minha existência — que produziu em minha mente uma terrível impressão, que na verdade nunca foi apagada — foi um dos eventos mais precoces de minha vida de que consigo me lembrar. Algumas pessoas vão achá-lo tão trivial que nem deveria ser registrado aqui. No entanto, mais adiante entenderá por que eu o menciono. O quarto das crianças, como era chamado, embora eu o tivesse só para mim, era um aposento amplo no andar superior do castelo, com um teto de carvalho pontiagudo. Eu não devia ter mais de seis anos quando numa noite acordei e ao olhar em volta da cama não encontrei a camareira. Tampouco minha babá, estava ali, e então pensei estar sozinha. Não fiquei assustada, pois eu era uma dessas crianças felizes a quem se tinha o cuidado de não contar histórias de fantasmas, de contos de fadas e de todas aquelas lendas que nos fazem cobrir a cabeça quando a porta range de repente, ou quando a chama de uma vela, ao se extinguir, projeta sombras que dançam na parede, perto da nossa cara. Fiquei irritada e ofendida por achar que tinha sido negligenciada, e comecei a choramingar. Estava a ponto de armar um berreiro quando, para minha surpresa, vi um rosto solene, mas muito gracioso, olhando para mim ao lado da cama. Era o rosto de uma jovem ajoelhada, com as mãos sob a colcha. Olhei para ela com certo espanto agradável, e parei de choramingar. Ela me acariciou com as mãos, deitou-se ao meu lado na cama e então me puxou para junto dela, sorrindo. Logo me senti deliciosamente tranquilizada e voltei a dormir. Fui acordada pela sensação de que duas agulhas penetravam a fundo no meu peito ao mesmo tempo, e então gritei. A moça recuou com os olhos fixos em mim, depois deslizou para o chão e, assim me pareceu, escondeu-se debaixo da cama.

Pela primeira vez na vida fiquei apavorada e gritei com todas as minhas forças. A babá, a camareira, a governanta da casa, todas acorreram, e ao ouvir minha história não lhe deram muita importância, procurando me acalmar o tempo todo. Mas pude perceber, criança como eu era, que seus rostos empalideceram com uma expressão de ansiedade incomum, e as vi olhar sob a cama, em volta do quarto, espiar sob as mesas e abrir os armários. A governanta cochichou para a babá:

— Passe a mão por aquele lugar afundado na cama. Alguém *realmente* se deitou ali, e com certeza não foi você. O lugar ainda está quente.

Lembro-me da camareira afagando-me, das três examinando o meu peito, onde eu lhes dissera ter sentido as picadas, e dizendo não haver sinal visível de que aquilo tivesse me acontecido.

A governanta e as duas criadas encarregadas do quarto das crianças permaneceram ali sentadas a noite toda, e a partir de então sempre havia uma criada sentada ao meu lado, até que eu tivesse uns catorze anos.

Depois disso, fiquei nervosa por muito tempo. Chamaram um médico, pálido e idoso. Lembro-me bem de seu rosto longo e triste, marcado pela varíola, e de sua peruca castanha. Durante um bom tempo, em dias alternados, ele vinha e me dava um remédio, que evidentemente eu detestava.

Na manhã seguinte à aparição eu estava aterrorizada, e não queria que me deixassem sozinha nem por um momento, mesmo durante o dia.

Lembro-me de meu pai entrando no quarto, de que ficou em pé ao lado da minha cama falando carinhosamente, fazendo várias perguntas à babá e rindo com vontade a uma de suas respostas. Dando-me tapinhas no ombro beijou-me, dizendo-me que não ficasse assustada, que não fora nada, só um sonho que não poderia me fazer mal.

Mas não fiquei tranquila, pois sabia que a visita daquela estranha mulher não fora um sonho e eu estava *terrivelmente* assustada.

Consolei-me um pouco quando a camareira me assegurou que fora ela que viera, me olhara e se deitara ao meu lado na cama: eu devia estar meio adormecida para não tê-la reconhecido. Mas isso, ainda que confirmado pela babá, não me satisfez muito.

Lembro-me que naquele dia apareceu um velho venerável vestindo uma batina preta. Ele entrou no meu quarto com a babá e a governanta, conversou um pouco com elas e depois falou comigo de um jeito muito bondoso. Tinha um semblante meigo e gentil, e me disse que iam rezar; juntou as minhas mãos e pediu que eu dissesse, suavemente, enquanto rezavam:

— Senhor, escutai todas as boas orações por nós, pelo amor de Jesus. — Acho que as palavras foram exatamente essas, pois muitas

vezes as repeti para mim mesma, e minha babá me fez repeti-las nas minhas preces por muitos anos.

Lembro-me muito bem do semblante pensativo daquele velho de cabelos brancos, em sua batina preta, em pé naquele quarto rústico e altivo, rodeado pela mobília pesada, num estilo datado de trezentos anos antes, e da escassa luminosidade que penetrava em sua atmosfera sombria através da pequena treliça. Ele se ajoelhou, e as três mulheres com ele, e rezou em voz alta e tremula durante, assim me pareceu, um longo tempo. Esqueci-me de toda a minha vida anterior àquele episódio, e o que se passou por algum tempo depois também é obscuro para mim, mas as cenas que acabo de descrever sobressaem vívidas como imagens isoladas de uma fantasmagoria envolta em trevas.

II — Uma hóspede

Agora vou lhe contar uma história tão estranha que vai requerer toda a sua confiança na minha veracidade para acreditar nela. Não obstante, não só é uma história verdadeira, mas também um fato de que fui testemunha ocular.

Era uma agradável tarde de verão, e meu pai me pediu, como às vezes fazia, que o acompanhasse em um passeio ao longo da esplêndida floresta que, como já disse, ficava em frente de nosso castelo.

— O General Spielsdorf não poderá vir tão cedo quanto eu esperava — disse-me ele enquanto caminhávamos.

Ele iria nos visitar por algumas semanas, e havíamos esperado sua chegada para o dia seguinte. Traria consigo sua jovem sobrinha e pupila, Mademoiselle Rheinfeldt, que eu nunca vira, mas de quem eu ouvira, falar como uma garota muito encantadora, e sua companhia prometia muitos dias felizes para mim. Fiquei mais decepcionada do que qualquer mocinha que more numa cidade ou numa vizinhança movimentada possa imaginar. Essa visita, e a nova amizade que prometia, haviam alimentado minha fantasia por várias semanas.

— E quando virá? — perguntei.

— Não antes do outono. Não antes de dois meses, eu suponho — respondeu ele. — E agora estou muito contente, minha querida, de que você nunca tenha conhecido Mademoiselle Rheinfeldt.

— Por quê? — perguntei, aborrecida e curiosa ao mesmo tempo.

— Porque a pobre moça morreu — ele respondeu. — Esqueci de lhe dizer, mas você não estava no quarto quando recebi a carta do General esta tarde.

Fiquei bastante chocada. O General Spielsdorf havia mencionado em sua primeira carta, seis ou sete semanas antes, que ela não estava tão bem quanto ele gostaria, mas nada havia que sugerisse a mais remota suspeita de perigo.

— Aqui está a carta do general — disse ele, estendendo-a para mim. — Receio que ele esteja sofrendo muito. A carta me parece ter sido escrita sob um estado de extrema perturbação.

Sentamo-nos num banco rústico, à sombra de magníficas tílias. O sol estava se pondo por trás do arvoredor com todo o seu melancólico esplendor, e o riacho que corre ao lado de nossa casa, passando sob a velha ponte arqueada que mencionei, serpenteava em meio a muitos grupos de árvores majestosas, quase aos nossos pés, refletindo em suas águas a desvanecente vermelhidão do céu. A carta do general Spielsdorf era tão extraordinária, tão veemente, e em algumas passagens tão contraditória, que a li duas vezes do princípio ao fim — a segunda em voz alta, para o meu pai —, e ainda assim não consegui compreendê-la. Só podia supor que a dor havia transtornado sua mente.

A carta dizia: “Perdi minha querida filha, pois eu a amava como tal. Durante os últimos dias da doença de Bertha, não tive condições de lhe escrever. Antes disso, não tinha ideia do perigo que ela corria.

“Eu a perdi, e agora compreendo tudo, tarde demais. Ela morreu na paz da inocência e na radiante esperança de um futuro abençoado. O demônio que traiu nossa fervorosa hospitalidade acabou com tudo isso. Pensei que estava recebendo em minha casa inocência, alegria, uma companhia agradável para a minha Bertha. Céus! Como fui tolo!

“Agradeço a Deus por minha criança ter morrido sem suspeitar a causa de seus sofrimentos. Ela se foi sem fazer qualquer suposição sobre a natureza de sua doença, sobre a amaldiçoada paixão do autor de toda essa desgraça. Devotarei os dias que me restam a perseguir e extinguir um monstro. Disseram-me que posso ter esperança de realizar esse meu justo e misericordioso propósito. No momento, não há nem uma centelha

de luz para me guiar. Maldigo a minha arrogante incredulidade, minha desprezível afetação de superioridade, minha cegueira, minha obstinação, tudo... tarde demais! Não consigo escrever ou falar com serenidade agora. Estou transtornado. Tão logo eu me tiver refeito um pouco, pretendo me dedicar por algum tempo a colher informações, o que possivelmente me levará a Viena. No outono, dentro de dois meses, ou antes, se eu estiver vivo, eu o verei isto é, se você me permitir. Então lhe contarei tudo aquilo que mal ouse pôr no papel agora. Adeus. Reze por mim, prezado amigo.”

A estranha carta terminava nesses termos. Embora eu jamais tivesse visto Bertha Rheinfeldt, meus olhos se encheram de lágrimas com a súbita notícia. Fiquei aturdida, além de profundamente decepcionada.

O sol se pusera e se via o crepúsculo quando devolvi a carta do General a meu pai.

Era uma noite clara, amena, e nos pusemos a caminhar sem pressa, especulando sobre os possíveis significados das frases abruptas e incoerentes que eu acabara de ler. Tínhamos quase uma milha a percorrer até chegarmos à estrada que passava em frente do Schloss, mas a lua estava brilhando com intenso fulgor. Na ponte levadiça vimos Madame Perrodon e Mademoiselle de Lafontaine, que tinham saído sem seus chapéus para aproveitar aquele belíssimo luar.

Ouvimos suas vozes tagarelando numa conversa animada enquanto nos aproximávamos. Reunimo-nos a elas na ponte e caminhamos de volta para admirar com elas o maravilhoso cenário.

À nossa frente se estendia a clareira pela qual tínhamos acabado de passar. À esquerda, a estrada estreita ondulava ao longe sob árvores sutuosas e se perdia de vista em meio à densa floresta. A direita, a mesma estrada passa pela pitoresca ponte arqueada, perto da qual há uma torre em ruínas, que outrora guardava aquela passagem. Atrás da ponte se ergue um morro íngreme coberto de árvores, deixando ver entre as sombras algumas rochas cinzentas cobertas de hera.

Sobre os relvados, uma fina camada de névoa se espalhava como fumaça, marcando as distâncias com um véu transparente. Aqui e ali podíamos ver o riacho cintilando tenuemente sob o luar.

Não se poderia imaginar nenhum cenário mais plácido e mais adorável. As notícias que eu acabara de receber o tornavam melancólico, mas nada podia perturbar a profunda serenidade da paisagem em seu encantado e difuso esplendor.

Eu e o meu pai, que apreciava o pitoresco, contemplávamos em silêncio o panorama que se estendia sob nós. As duas boas governantas, um pouco mais atrás, conversavam sobre o cenário e falavam com eloquência sobre a lua.

Madame Perrodon era gorda, de meia idade e romântica: falava e suspirava poeticamente. Mademoiselle de Lafontaine — que por ter pai alemão tinha pretensões psicológicas, metafísicas e um tanto místicas — declarava agora que a lua, quando brilhava com uma luminosidade tão intensa, indicava, como era amplamente sabido, uma atividade espiritual fora do comum. Os efeitos da lua cheia em tal estado radiante eram múltiplos. Ela atuava sobre os sonhos, atuava sobre a loucura, atuava sobre as pessoas nervosas, e também tinha maravilhosas influências físicas relacionadas à vida. Mademoiselle relatou que seu primo, que era imediato em um navio mercante, adormeceu no convés numa noite como essa, deitado de costas com o rosto banhado em cheio pelo luar, e que acordou, após ter sonhado que uma velha lhe arranhava as faces, com as feições horrivelmente repuxadas para um lado e seu semblante jamais recobrou totalmente sua harmonia.

— A lua, esta noite — disse ela —, está cheia de influências idílicas e magnéticas, e quando você olha para a fachada do Schloss, veja como todas as janelas cintilam e piscam sob esse esplendor prateado, como se mãos invisíveis tivessem acendido as luzes dos quartos para receber hóspedes encantados.

Há estados de espírito indolentes em que não estamos dispostos a falar e escutamos com prazer a conversa dos outros, com ouvidos distraídos. Continuei então observando, entretida com o ressoar da conversa das duas senhoras.

— Entrei num daqueles meus humores abatidos esta noite — disse meu pai depois de um momento de silêncio, e citando Shakespeare, que ele costumava ler em voz alta a fim de preservar o nosso inglês, disse:

— ‘Na verdade não sei por que estou tão triste: a tristeza me aborrece; dizeis que ela vos aborrece; mas como é que a peguei... alcancei...’⁸ Esqueci o resto, mas sinto-me como se uma grande desgraça estivesse pairando sobre nós. Suponho que a carta aflita do pobre General tenha algo a ver com isso.

Naquele momento, um inusitado rumor de rodas de carruagem e cascos sobre a estrada chamou nossa atenção.

Parecia vir do terreno elevado que dá para a ponte, e logo a equitação surgiu naquele ponto. Dois cavaleiros cruzaram a ponte e depois apareceu uma carruagem puxada por quatro cavalos, seguida por outros dois cavaleiros.

Parecia tratar-se do carro de viagem de uma pessoa importante, e todos nós imediatamente ficamos absorvidos na contemplação daquele espetáculo insólito. Dali a pouco ele se tornou ainda mais interessante, pois assim que a carruagem ultrapassou o ponto mais alto da ponte arqueada um dos cavalos dianteiros se assustou, transmitiu seu pânico aos demais e depois de um pinote ou dois o grupo inteiro rebentou num galope desenfreado; passando entre os cavaleiros que iam na frente, a carruagem veio trovejando pela estrada em nossa direção com a velocidade de um furacão.

A cena se tornou ainda mais dramática com os gritos prolongados de uma voz feminina, vindos da janela da carruagem.

Nós todos nos aproximamos curiosos e apavorados — mais precisamente, eu em silêncio e os demais com várias exclamações de terror.

Nosso suspense não durou muito. Pouco antes da ponte levadiça do castelo, no caminho em que a carruagem vinha, há uma tília exuberante e do outro lado uma antiga cruz de pedra, à vista da qual os cavalos, que agora corriam a uma velocidade realmente espantosa, mudaram de direção abruptamente, conduzindo a carruagem por sobre as raízes protuberantes da árvore.

Eu sabia o que ia acontecer. Tapei os olhos, incapaz de olhar, e virei a cabeça. No mesmo momento ouvi o grito de minhas companheiras, que tinham ido um pouco mais adiante.

⁸ O personagem está citando a fala inicial (de Antonio) de *O mercador de Veneza*; ele troca uma palavra (“apanhei” por “peguei”; *caught* por *got*), esquece outra (“encontrei”; *found*) e não conclui a frase (“... ainda estou por saber”), (n.t.)

A curiosidade me fez abrir os olhos, e vi uma cena de confusão generalizada. Dois dos cavalos estavam no chão, a carruagem tombara de lado com duas rodas no ar, os homens estavam ocupados em desamarrar os tirantes dos cavalos, uma senhora com ares de superioridade saíra do veículo e estava de mãos postas, apertando entre elas um lenço que de vez em quando levava aos olhos.

Pela porta da carruagem erguiam uma senhorita, aparentemente sem vida. Enquanto isso, meu bom e velho pai já estava ao lado da senhora com seu chapéu na mão, evidentemente oferecendo sua ajuda e os recursos do Schloss. A senhora parecia não escutá-lo, ou só ter olhos para a moça esguia que estava sendo deitada sobre a encosta.

Aproximei-me. A senhorita aparentemente estava aturdida, mas com certeza não estava morta. Meu pai, que se orgulhava de saber alguma coisa de medicina, havia tomado o seu pulso e assegurou à senhora, que declarara ser a mãe dela, que os batimentos, embora fracos e irregulares, ainda estavam indubitavelmente perceptíveis. A senhora juntou suas mãos e olhou para cima, como que num arrebatamento de gratidão momentâneo, mas logo voltou a se manifestar daquele modo teatral — que em algumas pessoas, suponho, é algo natural.

Ela era, como se costuma dizer, uma mulher de bela aparência para a sua idade, e devia ter sido muito bonita quando jovem. Era alta mas não magra; trajava um vestido de veludo preto e parecia um tanto pálida, mas com uma expressão orgulhosa e imponente, se bem que agora estranhamente agitada.

— Já houve alguém mais fadado à desgraça? — ouvi-a dizer com as mãos postas, enquanto eu me aproximava. — Aqui estou eu em uma viagem de vida ou morte, em que perder uma hora pode significar perder tudo. E minha filha não irá se recuperar o suficiente para retomar a viagem sabe-se lá por quanto tempo. Preciso deixá-la: não posso, não ousa atrasar-me. Quanto dista, senhor, a aldeia mais próxima? Tenho de deixá-la lá. E não verei a minha querida, nem sequer saberei dela, até o meu retorno, daqui a três meses.

Puxei meu pai pelo casaco e sussurrei fervorosamente em seu ouvido:

— Papai, por favor, peça a ela que deixe a moça ficar conosco. Seria maravilhoso! Por favor, peça!

— Se a senhora confiar sua filha aos cuidados de minha filha e de sua boa governanta, Madame Perrodon, e permitir que ela permaneça como nossa hóspede, sob a minha responsabilidade, até seu retorno, isso será para nós uma honra e uma obrigação. Nós a trataremos com todo o cuidado e toda a devoção que tal dever sagrado merece.

— Não posso fazer isso, senhor. Seria exigir demais de sua gentileza e de seu cavalheirismo — disse a mulher, aturdida.

— Seria, ao contrário, fazer-nos um grande favor num momento em que muito precisamos dele. Minha filha acabou de passar pela decepção de um cruel infortúnio que a privou do prazer de uma visita que ela há muito esperava. Se a senhora confiar esta jovem aos nossos cuidados, seria o melhor dos consolos para ela. A aldeia mais próxima em seu caminho é distante, e não oferece nenhuma hospedaria apropriada em que a senhora pudesse alojar sua filha. A senhora não poderá levá-la numa jornada de distância considerável sem colocá-la em risco. Se a senhora, como disse, não pode interromper a viagem, terá de separar-se dela esta noite, e em nenhum lugar poderia fazê-lo com garantias mais confiáveis de cuidado e carinho do que aqui.

Havia algo tão distinto e mesmo imponente nos ares e na aparência daquela senhora, algo tão admirável em sua conduta, que impunha a convicção — para além da respeitabilidade de sua equipagem — de que ela era uma pessoa ilustre.

Àquela altura a carruagem já fora levantada e os cavalos, bem mais dóceis, estavam amarrados aos tirantes.

A senhora lançou para a filha um olhar que não me pareceu tão afetuosamente quanto se poderia esperar pelo início da cena. Em seguida aceitou discretamente para meu pai, afastou-se dois ou três passos com ele, para não ser ouvida, e falou-lhe com uma expressão firme e severa, nem um pouco parecida com aquela que assumira até então.

Fiquei muito admirada de que meu pai não aparentasse ter percebido a mudança, e também extremamente curiosa de saber o que poderia ser aquilo que ela lhe dizia, quase no ouvido, com tanta seriedade e rapidez.

Ficou assim ocupada por uns dois ou três minutos no máximo, então voltou-se e andou até o lugar onde a filha estava deitada, amparada por Madame Perrodon. Ajoelhou-se ao lado dela por um momento e sussurrou-lhe ao ouvido, como Madame supôs, uma pequena bênção; em seguida beijou-a impetuosamente e subiu na carruagem. A porta foi fechada e os lacaios com suntuosas librés se empoleiraram atrás. Os batedores esporearam seus cavalos adiante, os postilhões estalaram seus chicotes e os cavalos irromperam num trote que logo ameaçava tornar-se novamente um galope furioso. A carruagem pôs-se a correr ao longe, seguida no mesmo passo rápido pelos dois cavaleiros da retaguarda.

III — Comparando impressões

Acompanhamos o cortejo com os olhos até que ele rapidamente sumiu de vista no bosque enevado, e o som dos cascos e das rodas se extinguiu no silencioso ar noturno.

Nada ficara para nos assegurar de que o episódio não fora uma ilusão momentânea a não ser a senhorita, que justamente naquele momento abriu os olhos. Não pude ver isso, pois seu rosto não estava voltado para mim, mas ela ergueu a cabeça, evidentemente olhando em volta, e ouvi uma voz muito meiga perguntar queixosamente:

— Onde está mamãe?

Nossa boa Madame Perrodon respondeu ternamente, e acrescentou algumas palavras de conforto.

Depois a ouvi perguntar:

— Onde estou? Que lugar é este? — e em seguida, — Não vejo a carruagem. E Matska, onde está ela?

Madame respondeu a todas as perguntas até onde podia compreendê-las. Aos poucos a moça recordou como o incidente acontecera, e ficou contente de ouvir que ninguém na carruagem, ou a serviço dela, ficara ferido. Ao saber que sua mãe a tinha deixado ali até seu retorno em cerca de três meses, começou a chorar.

Eu estava para ir consolá-la juntamente com Madame Perrodon quando Mademoiselle de Lafontaine segurou meu braço, dizendo:

— Não se aproxime. Por enquanto ela só pode falar com uma pessoa de cada vez: a menor agitação seria demais para ela.

Assim que ela estiver repousando confortavelmente numa cama, pensei, vou correr até seu quarto para vê-la.

Enquanto isso, meu pai havia enviado um criado a cavalo ao médico, que morava a umas duas léguas de distância, e um quarto estava sendo preparado para receber a jovem.

A hóspede já se levantara, e apoiando-se no braço de Madame caminhou lentamente ao longo da ponte levadiça e pelo portão do castelo adentro. No saguão havia criadas à espera para recebê-la, e ela foi imediatamente conduzida ao seu quarto.

O aposento que habitualmente usávamos como sala de estar é extenso. Tem quatro janelas que dão para o fosso e a ponte levadiça, abrangendo aquela paisagem florestal que descrevi.

O mobiliário é antigo, com peças de carvalho entalhadas e cadeiras forradas com veludo de Utrecht vermelho. As paredes são cobertas com tapeçarias em grandes molduras douradas; os temas ali representados, geralmente em clima festivo, são cenas de caça e falcoaria, com figuras em tamanho natural trajando roupas antigas e muito curiosas. O ambiente pode até ser suntuoso, mas é suficientemente confortável, e ali tomávamos chá, pois meu pai insistia, com seus costumeiros pendores patrióticos, que a bebida nacional devia ser servida regularmente com o café e o chocolate.

Naquela noite nos sentamos ali com as velas acesas, e nos pusemos a conversar sobre o incidente.

Madame Perrodon e Mademoiselle de Lafontaine estavam conosco. A senhorita mal havia se deitado na cama quando caiu num sono profundo, e elas a deixaram sob os cuidados de uma criada.

—O que acha da nossa hóspede? — perguntei assim que Madame entrou. — Conte-me tudo sobre ela.

— Gosto muito dela — respondeu Madame. — Acho que é a criatura mais graciosa que já vi. Tem mais ou menos a sua idade, e é muito amável e simpática.

— Ela é absolutamente linda — interveio Mademoiselle, que havia espreitado o quarto da moça por alguns instantes.

— E que voz meiga! — acrescentou Madame Perrodon.

— Vocês notaram uma mulher que não saiu da carruagem depois que a endireitaram? — perguntou Mademoiselle. — Ela apenas ficou olhando pela janela.

Nós não a tínhamos visto.

Então ela descreveu uma mulher de tez escura, pavorosa, com uma espécie de turbante colorido na cabeça, que ficou o tempo todo olhando pela janela da carruagem, inclinando a cabeça e sorrindo zombeteiramente para as senhoras, com olhos luzidios e grandes globos oculares brancos, os dentes cerrados como se estivesse furiosa.

— Vocês repararam como os criados eram um bando de mal-encaçados? — perguntou Madame.

— Sim — disse meu pai, que acabara de entrar. — Feios, uns tipos de aspecto ameaçador como nunca vi na minha vida. Espero que não roubem a pobre senhora na floresta. Mas são patifes jeitosos: arrumaram tudo em um minuto.

— Suponho que estivessem exaustos com a viagem longa demais — disse Madame. — Além de parecerem mal-intencionados, suas caras eram estranhamente macilentas, sombrias e carrancudas. Estou muito curiosa, admito. Mas suponho que a senhorita contará tudo amanhã, se estiver suficientemente recuperada.

— Não creio que o fará — disse meu pai com um sorriso misterioso e inclinando ligeiramente a cabeça, como se soubesse algo mais que não queria nos dizer.

Isso nos deixou ainda mais intrigadas com o que se passara entre ele e a senhora de veludo preto naquele breve mas solene colóquio que precedera a partida dela.

Tão logo ficamos sozinhos, supliquei-lhe que me contasse. Ele não se fez de rogado:

— Não há nenhum motivo em particular para eu não lhe contar. Ela se mostrou relutante em nos incomodar com os cuidados de sua filha, dizendo que a moça estava num estado de saúde delicado, nervosa, mas não sujeita a qualquer tipo de ataque ou alucinação (disse-me isso voluntariamente), estando, na verdade, perfeitamente sadia.

— Que coisa mais estranha ela dizer tudo isso! — interrompi. — Era tão desnecessário!

— De todo modo *foi* dito — retrucou ele rindo-se, — e como você quer saber tudo o que se passou, que de fato foi muito pouco, eu lhe conto. Em seguida ela disse: “Estou fazendo uma longa viagem de importância *vital* — ela enfatizou a palavra —, rápida e secreta. Voltarei para apanhar minha filha dentro de três meses. Nesse meio tempo, ela silenciárá sobre quem somos, de onde viemos e para onde estamos viajando”. Isso foi tudo o que ela disse. Falava um francês perfeito. Quando disse a palavra “secreta”, fez uma pausa por alguns segundos com um olhar severo, encarando-me fixamente. Imagino que ela faz isso por hábito. Você viu como ela partiu depressa. Espero não ter feito algo muito insensato ao responsabilizar-me pela senhorita.

Da minha parte, eu estava encantada. Estava ansiosa por vê-la e falar com ela, esperando apenas que o médico me desse permissão. Quem vive nas cidades não pode fazer nenhuma ideia do evento grandioso que é a apresentação de uma nova amiga numa solidão como a que nos cerca.

O médico só chegou depois de uma hora da manhã, mas eu não conseguiria ir para a cama e dormir, assim como não poderia ter alcançado, a pé, a carruagem em que a princesa de veludo preto partira.

Quando o médico desceu para a sala de estar, foi para fazer um relato bastante favorável sobre a paciente. Ela agora estava sentada, o pulso bastante regular, parecia estar perfeitamente bem. Não sofrera nenhum ferimento, e o pequeno choque nervoso havia passado sem deixar sequelas. Decerto não haveria nenhum problema se eu a visse, se nós duas assim o desejássemos. Com essa autorização, mandei de imediato perguntar à moça se ela me permitiria visitá-la por alguns minutos em seu quarto.

A criada logo retornou para dizer que ela não desejava outra coisa.

Esteja certo de que não tardei a me valer dessa permissão.

Nossa visitante estava em um dos aposentos mais bonitos do Schloss. Talvez fosse um pouco pomposo: havia uma peça de tapeçaria lúgubre defronte aos pés da cama,, representando Cleópatra com serpentes em torno do peito, e outras cenas clássicas solenes eram exibidas, um pouco desbotadas, nas demais paredes. Mas em outras decorações

do quarto havia entalhes dourados e cores bastante ricas e variadas, o que mais que compensava a opressão das velhas tapeçarias.

Havia velas ao lado da cama. Ela estava sentada. Sua graciosa figura esbelta estava envolta em um macio penhoar de seda bordado com flores, e recoberta com um grosso acolchoado de seda, que sua mãe havia colocado sobre seus pés quando a deitaram no chão.

Quando cheguei ao lado da cama e tinha apenas começado a cumprimentá-la, o que foi que me fez estancar emudecida e recuar um ou dois passos? Vou lhe contar.

Vi o mesmo rosto que me visitara à noite em minha infância, que ficara tão fixado na minha memória e sobre o qual por tantos anos eu frequentemente havia meditado com horror, sem que ninguém suspeitasse disso.

Era um rosto extremamente belo, e tinha a mesma expressão melancólica que eu contemplara da primeira vez. Mas quase instantaneamente essa expressão se iluminou num estranho sorriso fixo de reconhecimento. Seguiu-se um silêncio de um minuto inteiro, e então por fim ela falou — eu não conseguiria

— Que estranho! — exclamou ela. — Doze anos atrás eu vi seu rosto em um sonho, e ele tem me assombrado desde então.

— Realmente estranho! — repeti, superando com esforço o horror que por algum tempo me impedira de falar. — Doze anos atrás, em sonho ou na realidade, eu certamente a vi. Não poderia esquecer o seu rosto. Ele permaneceu diante dos meus olhos desde então.

Seu sorriso se distendera. O que eu havia imaginado de estranho nele, fosse lá o que fosse, desaparecera: o sorriso e as covinhas das bochechas agora se mostravam adoráveis e radiantes.

Senti-me reconfortada e continuei a conversa num tom mais conforme à hospitalidade, dando-lhe as boas-vindas e dizendo-lhe quanto prazer sua chegada acidental dera a todos nós, mas especialmente para mim.

Tomei as mãos dela enquanto falava. Eu era um pouco tímida, como as pessoas solitárias são, mas a situação me tornou eloquente e até atrevida. Ela apertou minhas mãos, e seus olhos brilhavam enquanto ela, olhando impetuosamente para os meus, sorria de novo e corava.

Ela respondeu às minhas boas-vindas amavelmente. Sentei-me ao seu lado ainda admirada, e então ela disse:

— Tenho de lhe contar a visão que tive de você. E muito estranho que você e eu tenhamos sonhado uma com a outra de um modo tão vívido, que em plena infância tenhamos visto uma à outra com a aparência que temos agora. Eu tinha apenas uns seis anos quando certa vez acordei de um sonho confuso e perturbador. Vi-me em um quarto, diferente do meu, revestido toscamente com madeira escura e repleto de armários, camas, cadeiras e bancos. As camas estavam todas vazias, pensei, e não havia ninguém no quarto além de mim. Fiquei olhando em volta por algum tempo — admirando especialmente um castiçal de ferro com dois braços, que eu decerto reconheceria se visse de novo —, e depois rastejei sob uma das camas para chegar à janela, mas quando saí de lá debaixo ouvi alguém chorar, e olhando para cima, enquanto ainda estava de joelhos, eu vi você — sem dúvida você — tal como a vejo agora: uma linda moça com cabelos dourados e grandes olhos azuis e lábios como os seus você tal como está aqui.

— Sua aparência me conquistou. Subi na cama e coloquei meus braços em tomo de você, e acho que nós duas caímos no sono. Acordei com um grito: você estava sentada gritando. Assustada, deslizei para o chão e, assim me pareceu, perdi a consciência por um momento. Quando voltei a mim, eu estava novamente no meu quarto, em casa. Desde então, jamais esqueci seu rosto. Eu não poderia ser enganada por uma mera semelhança. *Você é a moça que eu vi então.*

Agora era a minha vez de contar minha visão correspondente, o que fiz, causando evidente surpresa à minha nova amiga.

— Não sei qual de nós deveria ter mais medo da outra — disse ela sorrindo novamente. — Se você fosse menos bonita, acho que teria muito medo de você, mas sendo você como é, e nós duas tão jovens, sinto que só por tê-la conhecido há doze anos já tenho direito à sua intimidade. Em todo caso, parece que estávamos destinadas, desde a mais tenra infância, a ser amigas. Pergunto-me se você se sente tão estranhamente atraída por mim quanto me sinto por você. Nunca tive uma amiga — será que encontrei uma agora? — Ela suspirou, e seus belos olhos escuros me fitaram apaixonadamente.

Bem, a verdade é que eu não sabia definir meus sentimentos por ela. Sentia-me, como ela dissera, “atraída por ela”, mas também havia uma certa repulsão. De todo modo, nesse sentimento ambíguo, a atração prevalecia imensamente. Ela me interessara e me cativara: era tão bonita e tão indescritivelmente fascinante!

Percebi então que ela começava a dar mostras de languidez e exaustão, e me apressei a desejar-lhe boa noite.

— O médico acha — acrescentei, — que você deveria ter uma camareira com você esta noite. Uma das nossas já está esperando: você vai ver que é uma criatura muito útil e tranquila.

— Bondade sua, mas eu não poderia dormir: nunca pude dormir com uma criada no quarto. Não vou precisar de nenhuma assistência — e devo confessar uma fraqueza: sou obcecada por um pavor de ladrões. Uma vez nossa casa foi roubada e dois criados assassinados, de modo que sempre tranco a minha porta. Tornou-se um hábito, e você parece tão bondosa que sei que vai me perdoar. Vejo que há uma chave na fechadura.

Ela me estreitou em seus lindos braços por um momento e sussurrou em meu ouvido:

— Boa noite, querida. É muito difícil separar-me de você, mas boa noite. Amanhã, mas não muito cedo, eu a verei novamente.gg

Ela se deixou cair no travesseiro com um suspiro, e seus belos olhos me seguiram; com um olhar carinhoso e melancólico, enquanto murmurava de novo:

— Boa noite, querida amiga.

Os jovens gostam, e até amam, por impulso. Fiquei lisonjeada com o afeto evidente, e ainda não merecido, que ela demonstrara por mim. Gostei da confiança com que ela me recebera de imediato. Ela estava determinada a que fôssemos amigas muito próximas.

O dia seguinte chegou e voltamos a nos encontrar. Eu estava deliciada com minha companheira, e por muitas razões.

A luz do dia não prejudicava em nada sua aparência — ela certamente era a mais linda criatura que eu já vira, e a desagradável lembrança do rosto representado na minha visão de infância, que inesperadamente afetara o nosso primeiro encontro, não me incomodava mais.

Ela me confessou ter sentido um choque semelhante ao me ver e a mesma vaga antipatia que se misturara à minha admiração por ela. Agora ríamos juntas dos nossos pavores momentâneos.

IV — Seus hábitos — Um passeio

Como lhe disse, eu estava fascinada por quase todos os aspectos de Carmilla.

Havia outros que não me agradavam tanto assim.

Ela era mais alta do que a média das mulheres. Começarei por descrevê-la. Era esbelta e maravilhosamente graciosa. À parte o fato de os seus movimentos serem lânguidos — lânguidos *demais* —, nada havia nela que indicasse estar doente. A tez era forte e radiante, os traços pequenos e bem formados, os olhos grandes, escuros e reluzentes, a cabeleira maravilhosa: nunca vi cabelos tão magnificamente espessos e longos quando estavam soltos sobre os ombros. Muitas vezes enfiei as mãos neles e ri, admirada com seu peso. Eram cabelos delicados e macios, de um rico castanho-escuro, com algo de dourado. Eu adorava soltá-los e vê-los cair com seu próprio peso, como quando, no quarto dela, ela ficava sentada numa cadeira falando com voz doce e baixa, e eu os amarrava numa trança e depois a desfazia, brincando com eles. Céus! Se eu soubesse!

Disse que ela tinha aspectos que não me agradavam. Disse também que ela conquistara minha confiança na primeira noite em que a vi, mas descobri que mantinha um vigilante sigilo a respeito de si mesma, de sua mãe, sua história, de tudo que estivesse relacionado com sua vida, planos e gente. É provável que eu não estivesse sendo razoável, talvez estivesse errada. Talvez eu devesse simplesmente respeitar o solene compromisso imposto a meu pai pela majestosa senhora de veludo preto. Mas a curiosidade é um sentimento irrequieto e inescrupuloso, e nenhuma garota suportaria pacientemente ver a sua curiosidade frustrada por outra moça. Que mal poderia haver em dizer-me o que eu tão ardentemente desejava saber? Por que ela não confiava em meu bom senso e em minha honra? Por que não acreditava em mim quando eu lhe

assegurava, tão solenemente, que não divulgaria uma única sílaba do que ela me dissesse a nenhum ser vivo?

Parecia haver uma frieza incompatível com sua idade em sua recusa persistente, melancólia e sorridente em me conceder um mínimo raio de luz.

Não posso dizer que discutimos sobre esse ponto, pois ela não discutia nenhum. Naturalmente, era muito injusto de minha parte pressioná-la, muito mal-educado, mas eu realmente não podia evitar. Teria sido melhor deixar pra lá.

Tudo o que ela me disse não fazia diferença alguma, na minha desarrazoada opinião. Podia ser resumido em três revelações muito vagas.

Primeiro: chamava-se Carmilla.

Segundo: sua família era muito antiga e nobre.

Terceiro: sua terra ficava a ocidente.

Não me disse o nome de sua família, nem os elementos de seu brasão, nem o nome de sua propriedade e nem mesmo o do país em que viviam.

Não pense que eu a incomodava incessantemente com esses assuntos. Procurava uma oportunidade propícia, e mais insinuava do que impunha minhas perguntas. Na verdade, por uma ou duas vezes ataquei-a mais diretamente. Quaisquer que fossem as minhas táticas, o resultado era invariavelmente o maior fracasso: com ela, censuras e carícias de nada adiantavam. Mas devo acrescentar que suas evasivas eram tão gentilmente desaprovadoras e melancólicas, e acompanhadas de tantas e exaltadas declarações de afeto por mim e de confiança em minha honra, e de tantas promessas de que um dia eu saberia de tudo, que era impossível ficar ofendida com ela por muito tempo.

Costumava passar seus lindos braços em torno do meu pescoço, puxar-me para junto dela, apoiar sua face na minha e murmurar com os lábios próximos ao meu ouvido:

— Querida, seu coraçãozinho está ferido. Não me julgue cruel, tudo o que faço é obedecer à irresistível lei de minha força e minha fraqueza. Se o seu adorável coração está ferido, meu impetuoso coração sangra com o seu. No ímpeto de minha desesperada condição, só vivo em sua

calorosa vida, e na minha você morrerá... morrerá docemente. Não posso evitar. Assim como eu me aproximo de você, você, por sua vez, se aproximará de outras pessoas e compreenderá o êxtase dessa crueldade, que na verdade é amor. Então, por enquanto, não procure saber mais nada de mim e dos meus, mas confie em mim com todo o seu bem-querer.

E depois de uma rapsódia dessas, cingia-me mais ainda em seu trémulo abraço, e seus lábios ardiavam carinhosamente em suaves beijos no meu rosto.

Suas aflições e seu linguajar eram incompreensíveis para mim.

Devo admitir que eu sentia vontade de me libertar daqueles abraços bobos, que não eram muito frequentes, mas minhas energias pareciam me abandonar. Suas palavras murmuradas soavam aos meus ouvidos como um acalanto e minavam minha resistência até levar-me a um transe, do qual eu só parecia recobrar-me quando ela retirava os braços.

Não gostava dela quando tinha esses modos misteriosos. Eu me sentia arrebatadamente empolgada, o que às vezes era agradável, mas isso se misturava com uma vaga sensação de medo e repulsa. No decorrer dessas cenas os meus pensamentos sobre ela se confundiam: eu estava consciente de um amor que se intensificava até a adoração, mas também de algo aversivo. Sei que isso é paradoxal, mas não sei como explicar de outra maneira aquele sentimento.

Mesmo hoje, após um intervalo de mais de dez anos, escrevo com mãos trêmulas ao recordar, de modo confuso e assustador, certos acontecimentos e situações a cujas provações eu estava inconscientemente sendo submetida. No entanto, guardo uma nítida lembrança do veio principal da minha história.

Mas creio que todos tenham vivido situações de intensa emoção em que são despertadas as nossas paixões mais turbulentas e terríveis, e estas, entre todas as outras, são as que relembramos mais vaga e indistintamente.

Às vezes, depois de uma hora de apatia, minha estranha e bela companheira tomava a minha mão e a apertava com uma força carinhosa, renovada a todo instante. Corava levemente, fitava o meu rosto

com olhos lânguidos e ardentes, respirando tão ofegante que seu vestido subia e descia com o atribulado fôlego. Era como o ardor de um amante, e isso me constrangia; era uma sensação odiosa e no entanto arrebatadora. Com olhar triunfante ela me puxava, e seus lábios quentes passeavam em beijos pelo meu rosto. Então sussurrava, quase soluçando:

—Você é minha, você será minha, você e eu seremos uma só para sempre. — Aí já tinha se recostado na cadeira com suas mãozinhas por sobre os olhos, deixando-me aflita.

— Somos parentes, por acaso? — eu lhe perguntava. — O que você quer dizer com tudo isso? Talvez eu lhe recorde alguém que você ama. Mas você não deve fazer assim, não gosto nada disso. Não a reconheço, nem reconheço a mim mesma quando você fala e me olha desse jeito.

A essa minha impetuosidade ela suspirava, depois se voltava e largava a minha mão.

Tentei em vão encontrar uma explicação plausível para essas manifestações muito excêntricas. Eu não podia atribuí-las nem a uma afetação nem a uma brincadeira. Sem dúvida alguma, eram irrompimentos momentâneos de instintos e sentimentos reprimidos. Será que ela, a despeito do que dissera sua mãe, estava sujeita a breves crises de insanidade? Ou era um caso de disfarce e romance? Tinha lido essas histórias em velhos livros. E se algum rapaz enamorado tivesse conseguido entrar na casa-disfarçado de moça e procurasse assim cortejar sua pretendida, com a ajuda de alguma velha e sagaz aventureira? Havia porém muitas coisas que desmentiam essa hipótese, por mais que ela fosse altamente gratificante para a minha vaidade.

Eu não poderia me jactar de ter recebido aquelas pequenas atenções que os galanteios masculinos prazem em oferecer. Entre um e outro desses momentos ardentes havia longos intervalos corriqueiros, alegres, de cismado marasmo, durante os quais — a não ser quando percebia seu olhar de fogo melancólico a me seguir —, às vezes, era como se eu não existisse para ela. Exceto nesses breves períodos de misteriosa empolgação, ela se comportava como uma menina, e percebia-se nela uma languidez totalmente incompatível com um organismo masculino sadio.

Sob certos aspectos, seus hábitos eram estranhos. Talvez não tão singulares na opinião de uma dama que vive na cidade, como você; mas

para nós, gente rústica, sim. Ela descia muito tarde, depois do meio-dia, em geral não antes da uma, e então tomava uma xícara de chocolate, mas não comia nada. Depois saíamos para um passeio, que era só uma voltinha, e ela parecia ficar exausta num instante, de modo que voltávamos para o Schloss ou nos sentávamos num dos bancos colocados aqui e ali entre as árvores. Essa sua languidez do corpo não era compartilhada pela mente. De fato, ela sempre falava animadamente e com muita perspicácia.

Às vezes, aludia por um momento ao próprio lar ou mencionava uma aventura, uma situação ou uma lembrança da infância que davam a entender se tratar de pessoas de usanças muito esquisitas, e descrevia costumes dos quais nunca ouvimos falar. Por esses indícios fortuitos concluí que sua terra natal devia ser muito mais remota do que eu tinha inicialmente imaginado.

Uma tarde dessas, quando estávamos sentadas à sombra das árvores, passou por nós um cortejo fúnebre. Era o funeral de uma garota graciosa que eu via com frequência, a filha de um dos guardas florestais. O pobre homem caminhava atrás do caixão de sua amada, sua filha única; ele parecia devastado. Atrás dele, dois a dois, vinham os camponeses, cantando um hino fúnebre.

Levantei-me em sinal de respeito e acrescentei minha voz ao hino que cantavam melodiosamente.

Minha companheira me sacudiu um pouco rudemente e eu me voltei, surpresa.

Ela disse bruscamente:

— Você não percebe como isso é dissonante?

— Ao contrário, acho muito melodioso — respondi, irritada com a interrupção e muito embaraçada, porque temia que as pessoas que seguiam o pequeno cortejo ouvissem e se ressentissem.

Por isso, imediatamente recomecei a cantar, mas fui interrompida de novo.

— Você está ferindo os meus ouvidos — disse Carmilla, quase com raiva, tapando as orelhas com os pequenos dedos. — Além disso, como você sabe que a sua religião e a minha são a mesma? Seus ritos me magoam, detesto funerais. Que estardalhaço! Claro, você vai morrer...

todo mundo vai morrer. E todos ficam mais felizes depois que morrem. Vamos para casa.

— Meu pai seguiu o clérigo até o cemitério. Pensei que você soubesse que ela seria enterrada hoje.

— Ela? Não me interessa por camponeses. Nem sei quem ela é — respondeu Carmilla com um clarão em seus belos olhos.

— Ela é a pobre moça que imaginou ver um fantasma há duas semanas. Desde então começou a definhar, e ontem morreu.

— Se você falar dessas coisas, não vou conseguir dormir esta noite. Não me diga nada sobre fantasmas.

— Isso tudo lembra pestilência ou epidemia, espero que não esteja chegando uma — continuei. — A jovem esposa do porqueiro morreu há apenas uma semana, e declarou que alguma coisa lhe apertara a garganta enquanto estava na cama, quase a estrangulando. Papai disse que essas alucinações assustadoras acompanham alguns tipos de febre. Na véspera ela estava muito bem. Depois disso, perdeu as forças e morreu em menos de uma semana.

— Bom, então espero que o funeral dela já tenha terminado e já tenham cantado o hino dela: nossos ouvidos não serão mais torturados por aquela desafinação e aquele linguajar. Aquilo me deixou nervosa. Sente-se aqui, ao meu lado. Sente mais perto, pegue minha mão. Aperte-a forte, forte, mais forte.

Tínhamos recuado um pouco, aproximando-nos de outro banco.

Ela se sentou. Seu rosto se transformou tanto que me deixou alarmada e até apavorada por um momento. Sua cara escureceu e ficou terrivelmente lívida, seus dedos e mãos se cerraram; ela franziu as sobrancelhas e comprimiu os lábios enquanto olhava para o chão a seus pés, tremendo toda, sacudida por uma convulsão contínua, tão irrefreável como a da malária. Todas as suas energias pareciam unir-se para evitar um ataque contra o qual ela lutava, sem fôlego. Depois, soltou um baixo grito involuntário de sofrimento, e aos poucos a histeria se acalmou.

— Aí está! Eis o que acontece quando se sufocam as pessoas com hinos! — disse ela. — Segure-me, continue me segurando. Está passando.

E aos poucos passou. Talvez para dissipar a sombria impressão que o espetáculo me deixara, ela ficou extraordinariamente animada e faladeira, e assim voltamos para casa.

Aquela foi a primeira vez que a vi manifestar um sintoma daquela saúde delicada de que a mãe falara. Foi também a primeira vez que a vi manifestar algo parecido com mau gênio.

Uma e outra coisa passaram como uma nuvem de verão, e em nenhuma outra ocasião, com uma única exceção, testemunhei um sinal momentâneo de raiva nela. Vou lhe contar como aconteceu.

Estávamos ela e eu olhando por uma das grandes janelas da sala de estar quando entrou no pátio abaixo, passando pela ponte levadiça, a figura de um andarilho que eu conhecia muito bem. Era comum que ele viesse até o Schloss umas duas vezes por ano.

Sua figura era a de um corcunda, com aqueles traços secos e marcados que em geral acompanham a deformidade. Usava uma barba preta pontuda e sorria de orelha a orelha, mostrando os aguçados dentes brancos. Sua roupa era bege, preta e escarlate, com muito mais correias e cintos do que eu podia contar, e deles pendiam todo ripo de objeto. Atrás, carregava uma lanterna mágica e duas caixas, que eu conhecia bem: em uma delas havia uma salamandra, e na outra uma mandrágora. Esses monstros faziam meu pai rir. Eram compostos de pedaços de corpos de macacos, papagaios, esquilos, peixes e porcos-espinhos, desidratados e depois costurados com grande cuidado, com resultado surpreendente. Ele tinha um violino, uma caixa de truques, um par de floretes e máscaras pendurados no cinto, muitas outras caixas misteriosas pendendo em torno dele, e um bastão preto com acabamento em cobre na mão. Seu companheiro era um vira-lata bravo que seguia os seus passos, mas que de repente parou, desconfiado, na ponte levadiça e pouco depois começou a ganir lugubrememente.

Enquanto isso, o saltimbanco, em pé no meio do pátio, ergueu o chapéu grotesco e curvou-se muito cerimoniosamente, cumprimentando-nos loquazmente num francês execrável e num alemão não muito melhor.

Então, pegando o violino, começou a tocar uma ária animada, cantando alegre e desafinado e dançando com movimentos e modos ridículos que me fizeram rir a despeito do ulular do cachorro.

Depois ele avançou até a janela com muitos sorrisos e cumprimentos, o chapéu na mão esquerda, o violino sob o braço. Sem retomar o fôlego, discorreu uma longa publicidade sobre todas as suas proezas, os recursos das várias artes que colocava ao nosso dispor e as curiosidades e entretenimentos que podia nos oferecer prontamente, à nossa ordem.

— Vossas senhorias gostariam de comprar um amuleto contra o upiro⁹ que circula por esses bosques como um lobo, segundo ouvi dizer? — perguntou, deixando o chapéu cair no chão. — Há gente morrendo a torto e a direito: aqui está um amuleto que nunca falha. É só espetá-lo no travesseiro e você pode rir na cara dele.

Os amuletos consistiam em tiras oblongas de pergaminho, com cifras cabalísticas e diagramas desenhados sobre eles.

Carmilla comprou um na mesma hora, e eu fiz o mesmo.

Ele estava olhando para cima e nós sorriamos para ele, divertidas, pelo menos no que me diz respeito. Enquanto nos fixavam, seus olhos escuros penetrantes pareceram perceber alguma coisa que por um momento lhe chamou a atenção. Num instante desenrolou um estojo de couro, cheio de todo tipo de curiosos e pequenos instrumentos de aço.

— Veja aqui, minha senhora”, disse ele, mostrando o objeto e dirigindo-se a mim. — Professo, entre outras coisas menos úteis, o ofício de dentista. — Maldito cachorro! — interrompeu-se. — Silêncio, animal! Está uivando tão alto que vossas senhorias mal podem ouvir uma palavra. Sua nobre amiga, a jovem à sua direita, tem um dente mais afiado — longo, fino, aguçado, parece uma sovela, uma agulha. Ha, ha! Com a minha vista aguda, ao olhar para cima já o vi direitinho. Agora, se isso incomoda a jovem senhorita, como acho que deve incomodar, aqui estou eu, aqui está minha lima, minha broca, meus alicates. Posso deixá-lo arredondado e sem fio, se vossa senhoria quiser. Não será mais dente de peixe, mas o de uma linda senhorita como ela é. Como? A senhorita está irritada? Fui muito ousado? Ofendi-a?

De fato, a senhorita pareceu muito zangada ao se afastar da janela.

⁹ Upir. uma das muitas variações regionais de origem eslava (vcmpir, vapir, vopyr, opyr etc da denominação “vampiro”, que depois se consolidou na literatura europeia, (N.E.))

— Como ousa aquele saltimbanco nos insultar dessa maneira? Onde está o seu pai? Vou exigir que ele se desculpe. Meu pai teria feito o desgraçado ser amarrado e chicoteado, e depois o teria queimado até os ossos com um marcador de gado!

Ela se afastou da janela dando um ou dois passos para trás; sentou-se, e mal perdera de vista o homem que a insultara quando sua raiva se aplacou tão rapidamente como surgira, e ela recuperou gradualmente seu tom habitual, parecendo esquecer-se do pequeno corcunda e suas loucuras.

Aquela noite meu pai estava muito abatido. Ao entrar em casa, ele nos contou que surgira um outro caso muito semelhante aos outros dois, recentes e fatais. A irmã de um jovem camponês em sua propriedade, a apenas uma milha de distância, estava muito doente — teria sido atacada, no seu dizer, quase da mesma maneira, e agora estava definhando lenta, mas inexoravelmente.

— Tudo isso — disse meu pai, — deve, sem dúvida, ser atribuído a causas naturais. Essas pobres pessoas infectam umas às outras com suas superstições. Assim, repetem na imaginação as imagens de terror que infestaram seus vizinhos.

— Mas mesmo essas circunstâncias são terrivelmente assustadoras — disse Carmilla.

— Como? — perguntou meu pai.

— Tenho muito medo de imaginar ver essas coisas. Acho que seria tão ruim quanto a realidade.

— Estamos nas mãos de Deus. Nada pode acontecer sem a permissão Dele, e tudo terminará bem para aqueles que O amam. Ele é o nosso fiel criador. Ele nos criou e tomará conta de nós.

— Criador?! A Natureza! — exclamou a moça, em resposta às gentis palavras de meu pai. — Essa doença que assola o campo é natural. Natureza. Todas as coisas procedem da Natureza, não é? Todas as coisas no céu, na terra e sob a terra funcionam e vivem como a Natureza ordena? Acho que sim.

— O médico disse que viria aqui hoje — disse meu pai depois de um momento de silêncio. — Quero saber o que ele pensa disso e o que acha melhor fazermos.

— Os médicos nunca me fizeram bem algum — declarou Carmilla.

— Então você esteve doente? — perguntei.

— Mais doente do que você jamais esteve — ela respondeu.

— Há muito tempo?

— É, faz muito tempo. Sofri dessa mesma doença. Mas esqueci tudo, exceto a dor e a debilidade, que não são piores do que as provocadas por qualquer outra doença.

— Você era muito jovem na época?

— Pode-se dizer que sim, mas não falemos mais disso. Você não quer magoar uma amiga, não é?

Ela me olhou nos olhos languidamente e me passou o braço pela cintura com carinho, conduzindo-me para fora do aposento. Meu pai estava ocupado com alguns papéis perto da janela.

— Por que seu pai gosta de nos assustar? — perguntou a linda jovem com um suspiro e um pequeno estremecimento.

— Ele não gosta, cara Carmilla, é a última coisa que pensaria fazer.

— Está com medo, querida?

— Estaria muito mais se acreditasse haver qualquer perigo real de ser atacada como aquela pobre gente foi.

— Você tem medo de morrer?

— Tenho, todo mundo tem.

— Mas morrer como amantes... morrer juntos, de modo a poder viver juntos... As moças são como lagartas enquanto vivem no mundo, para finalmente serem borboletas quando o verão chega. Mas nesse meio tempo há pupas e larvas, entende? Cada uma com suas propensões, necessidades e estruturas peculiares. Assim diz Monsieur Buffon,¹⁰ naquele livrão que está no aposento ao lado.

Mais tarde naquele dia, apareceu o médico, que ficou trancado com papai por algum tempo. Ele era um homem habilidoso de sessenta e poucos anos, que empoava e barbeava a face pálida até ficar lisa como casca de abóbora. Ele e papai saíram juntos do escritório e ouvi papai rir, dizendo:

¹⁰ A narradora refere-se provavelmente a um dos volumes da monumental *História natural* (biologia) de Georges-Louis Leclerc, Conde de Buffon (1707 -1788), naturalista e escritor que integrou o Iluminismo francês e que formulou a hipótese de uma lenta e contínua transformação das espécies, (N.T.)

— Bem, muito me admira ouvir isso de um homem sábio como você. O que pensa de hipogrifos e dragões?

O médico sorriu e respondeu sacudindo a cabeça:

— Em todo caso, a vida e a morte são estados misteriosos; mal conhecemos os recursos de uma e de outra.

Como continuaram andando, foi tudo o que ouvi. Na época eu não desconfiava sobre o que o doutor havia argumentado, mas acho que agora sei.

V — Uma semelhança extraordinária

Naquela noite, veio de Graz o filho do restaurador de quadros, sério e de expressão sombria, com uma carroça puxada por um cavalo e carregada com duas caixas grandes, com muitas pinturas em cada uma delas. Era uma jornada de dez léguas, e quando um mensageiro vindo da nossa pequena capital de Graz chegava ao Schloss, costumávamos nos reunir em torno dele para ouvir as novidades.

Essa chegada criou uma grande sensação em nossas isoladas cercanias. As caixas ficaram no saguão e os empregados se encarregaram do mensageiro até que ele tivesse terminado o jantar. Depois, com assistentes e armado de martelo, formão e chave de fenda, ele nos encontrou no saguão, onde tínhamos nos reunido para assistir à abertura das caixas.

Carmilla estava sentada e assistia apaticamente enquanto, um após o outro, vieram à luz os velhos quadros que haviam sido restaurados, quase todos retratos. Minha mãe era de uma antiga família húngara, e a maior parte das pinturas, que estavam prestes a ser restituídas aos seus lugares, tinha chegado a nós por intermédio dela.

Meu pai tinha na mão uma lista, que lia enquanto o restaurador vasculhava a caixa, verificando os números correspondentes. Não sei se as pinturas eram muito boas, mas sem dúvida eram muito antigas, e algumas delas também muito curiosas. Tinham o mérito, na maior parte dos casos, de agora eu poder vê-las, posso dizer, pela primeira vez, pois a fumaça e o pó deixados pelo tempo quase as tinham apagado das telas.

— Há um quadro que ainda não vi — disse meu pai. — Em um canto, no alto, estão o nome “Marcia Karnstein”, se li bem, e a data “1698”. Estou curioso para ver como ficou.

Eu me lembrava dele. Era um quadro pequeno, com cerca de um pé e meio de altura, quase quadrado, sem moldura. Mas estava tão obscurecido pelo tempo que eu não conseguia discernir bem o que representava.

O artista o exibiu com orgulho evidente. Era belíssimo, era surpreendente, parecia vivo. Era o retrato de Carmilla!

— Carmilla, minha querida, isto é um absoluto milagre. Aí está você neste quadro, viva, sorridente, pronta para falar. Não é lindo, papai? Veja, até mesmo a pintinha no pescoço.

Meu pai riu e disse:

— Certamente é uma semelhança extraordinária — mas olhou além, e para minha surpresa não parecia muito impressionado com o fato. Continuou a conversar com o restaurador de quadros, que também era um pouco artista e falava com inteligência dos retratos ou de outros trabalhos que sua arte acabara de trazer à luz e às cores, enquanto eu ficava cada vez mais pasma quanto mais olhava o quadro.

— Você me deixa pendurar esse quadro no meu quarto, papai? — perguntei.

— Certamente, querida — respondeu ele sorrindo. — Fico muito satisfeito de que você o ache tão parecido. O quadro deve ser ainda mais bonito do que eu achava, se assim é.

A jovem não pareceu dar-se conta desse diálogo, sequer pareceu ouvi-lo. Estava inclinada para trás na cadeira, os lindos olhos sob os longos cílios fitando-me em contemplação, e ela sorria numa espécie de êxtase.

— E agora pode-se ler claramente o nome que está escrito no canto. Não é Marcia; parece ter sido pintado a ouro. O nome é Mircalla, Condessa Karnstein, e em cima do nome há um pequeno diadema e embaixo a inscrição “1698 A.D.”. Sou descendente dos Karnstein, quer dizer, mamãe era.

— Ah! — disse a jovem languidamente, — acho que eu também sou; uma descendência bem longínqua, muito antiga. Há ainda algum Karnstein vivo?

— Nenhum que tenha esse nome, creio. A família se arruinou, acho eu, em guerras civis, muito tempo atrás, mas as ruínas do castelo ficam apenas a umas três milhas daqui.

— Que interessante! — disse ela languidamente. — Mas vejam que luar maravilhoso! — Olhou de relance através da porta do saguão, que estava ligeiramente aberta. — Que tal darmos um pequeno passeio pelo pátio para olhar a estrada e o rio?

— É uma noite muito parecida com aquela em que você chegou — comentei.

Ela suspirou, sorrindo.

Levantou-se e nós saímos pelo calçamento, cada uma com o braço cingindo a cintura da outra.

Descemos lentamente e em silêncio até a ponte levadiça, onde a belíssima paisagem se abria diante de nós.

— Então, você estava pensando na noite em que cheguei aqui? — ela disse, quase sussurrando. — Está feliz de que eu tenha vindo?

— Encantada, Carmilla querida — respondi.

— E pediu o retrato que você acha parecido comigo, para pendurar em seu quarto — murmurou ela com um suspiro, estreitando mais o braço em torno de minha cintura e pousando a graciosa cabeça sobre o meu ombro.

— Como você é romântica, Carmilla — eu disse. — Quando você me contar a sua história, boa parte dela será como um grande romance.

Ela me beijou em silêncio.

— Tenho certeza, Carmilla, de que você está apaixonada. De que há, agora mesmo, um caso de amor acontecendo.

— Eu nunca me apaixonei por ninguém, e nunca vou me apaixonar — sussurrou ela, — a menos que seja por você.

Como ela estava linda à luz do luar! Era tímido e estranho o olhar com que de repente escondeu o rosto no meu pescoço e nos meus cabelos, com violentos suspiros que até pareciam soluços, e apertou na minha mão a dela, que tremia.

Sua face macia ardia contra a minha.

— Querida, querida — ela murmurou, — eu vivo em você, e você morreria por mim. Eu a amo tanto!

Despreendi-me dela.

Ela me fitava com um olhar do qual todo o ardor, todo o significado haviam desaparecido, o rosto pálido e apático.

— Não há uma friagem no ar, minha cara? — ela disse com voz sonolenta. — Estou quase tremendo — estive sonhando? Vamos entrar. Venha, venha, vamos pra dentro.

— Você parece abatida, Carmilla, um pouco pálida. Certamente precisa tomar um pouco de vinho — comentei.

— Sim, vou tomar. Sinto-me melhor agora. Já, já estarei muito bem. Sim, dê-me um pouco de vinho — respondeu Carmilla enquanto nos aproximávamos da porta. — Vamos contemplar de novo por um momento, talvez seja a última vez que eu verei o luar com você.

— Como está se sentindo agora, cara Carmilla? Está realmente melhor? — perguntei.

Eu estava começando a ficar alarmada. Temia que ela tivesse apanhado aquela estranha epidemia que diziam ter se alastrado pelas terras à nossa volta.

— Papai ficaria extremamente aflito — acrescentei, — se achasse que você ficou doente, mesmo de leve, sem nos avisar imediatamente. Temos um médico muito bom aqui perto, aquele que esteve com o papai hoje.

— Com certeza ficaria. Sei muito bem o quanto vocês todos são bondosos, mas já me sinto bastante bem, querida. Não há nada de errado comigo, só uma pequena fraqueza. Dizem que sou lânguida, incapaz de muito esforço, que mal posso caminhar o mesmo tanto que uma criança de três anos percorreria. De vez em quando as poucas forças que tenho me abandonam, e fico como você acabou de ver. Mas depois me restabeleço facilmente, e num minuto estou perfeitamente bem. Veja como me recuperei!

De fato, ela havia se recuperado. Conversamos bastante, e ela estava bem animada. O resto daquela noite transcorreu sem qualquer recorrência daquilo que eu chamava seus deslumbres — quer dizer, seus dizeres e olhares tresloucados, que me constrangiam e até me assustavam.

Mas naquela noite ocorreu algo que alterou completamente o curso dos meus pensamentos e pareceu afetar até mesmo a natureza lânguida de Carmilla, conferindo-lhe uma momentânea energia.

VI — Uma aflição muito estranha

Quando voltamos à sala de estar e nos sentamos diante do café e do chocolate, Carmilla parecia ter-se recuperado de todo, muito embora não tivesse tomado nada. Madame Perrodon e Mademoiselle de Lafontaine se juntaram a nós. Enquanto jogávamos baralho, papai entrou para tomar seu “prato de chá”, como ele o chamava.

Quando o jogo terminou, ele se sentou ao lado de Carmilla no sofá e perguntou a ela, com certa ansiedade, se recebera notícias da mãe desde que chegara.

Ela respondeu que não.

Ele então perguntou se ela sabia para onde se poderia encaminhar uma carta àquela senhora.

— Não sei dizer — ela respondeu ambigualmente, — mas estive pensando em deixá-los: vocês já foram por demais hospitaleiros e bondosos comigo, e lhes causei uma infinidade de problemas. Assim, gostaria de tomar uma carruagem amanhã e partir à procura dela. Sei onde poderia encontrá-la, embora não ouse contar a vocês.

— Nem pense em fazer uma coisa dessas! — exclamou meu pai, para meu grande alívio. — Não podemos perdê-la assim, e só vou consentir em sua partida sob os cuidados de sua mãe, que foi tão boa ao permitir que você ficasse conosco até que ela retornasse. Eu ficaria muito satisfeito se soubesse que você teve notícias dela, mas esta noite os relatos do progresso da misteriosa doença que se alastrou pela nossa vizinhança se tornaram ainda mais alarmantes, e sei muito bem, minha bela hóspede, da minha responsabilidade na ausência de instruções de sua mãe. Mas farei o meu melhor, e uma coisa é certa: nem pense em nos deixar sem que ela assim o ordene claramente. Sofreríamos demais com essa separação para permiti-la sem mais nem menos.

— Muito obrigada, senhor, mil vezes obrigada por sua hospitalidade — respondeu ela, sorrindo timidamente. — Vocês todos têm sido

generosos demais comigo. Poucas vezes fui tão feliz em minha vida como agora, em seu maravilhoso castelo, sob os seus cuidados e na companhia de sua querida filha.

Ele galantemente lhe beijou a mão, à sua moda antiga, sorrindo satisfeito ao pequeno discurso dela.

Como de hábito, acompanhei Carmilla até o quarto; sentei-me e ficamos conversando enquanto ela se preparava para ir para a cama.

— Você acha — por fim perguntei, — que algum dia vai confiar totalmente em mim?

Ela se voltou sorrindo mas não respondeu — apenas continuou a sorrir para mim.

— Não vai me responder? — perguntei. — Talvez não possa responder de modo agradável. Eu não devia ter perguntado...

— Você tem todo o direito de me perguntar isso, ou qualquer outra coisa. Se você soubesse o quanto me é cara, não poderia pensar que seria demais esperar qualquer confidência da minha parte. Mas estou sob um terrível voto de silêncio e ainda não me atrevo a contar minha história, nem mesmo para você. Está chegando a hora em que você saberá de tudo. Você vai me achar cruel, muito egoísta, mas o amor sempre é egoísta: quanto mais ardente, mais egoísta. Você nem calcula como sou ciumenta. Você deve me acompanhar e me amar até a morte, ou então me odiar e ainda assim me acompanhar, odiando-me até a morte e depois dela. Não existe a palavra indiferença na minha natureza apática.

— Ora, Carmilla, você vai começar a falar seus disparates de novo? — perguntei, impaciente.

— Não eu, tolinha como sou, cheia de caprichos e fantasias; por você, vou falar como um erudito. Você já foi a algum baile?

— Não, do que está falando? Como é um baile? Deve ser lindo!

— Quase não lembro, foi anos atrás.

Eu ri.

— Você não é tão velha assim. Não pode já ter esquecido o seu primeiro baile.

— Lembro-me de tudo no baile, mas com esforço. Vejo tudo como os mergulhadores veem o que está acontecendo acima deles, através de uma camada densa, ondulante, mas transparente. Naquela noite ocorreu

algo que deixou a cena embaralhada e opaca em minha mente. Fui quase assassinada em minha cama, ferida aqui — ela tocou seu seio, — e nunca mais fui a mesma.

— Você esteve perto de morrer?

— Sim, muito perto — um amor cruel, um amor estranho, que teria me tirado a vida. O amor sempre terá seus sacrifícios, e não há sacrifícios sem sangue. Agora vamos dormir. Estou com tanta preguiça... Como vou poder me levantar e trancar a porta?

Ela estava deitada com as mãozinhas ocultas em sua exuberante cabeleira ondulada, abaixo da face, e a cabecinha sobre o travesseiro; seus olhos reluzentes me seguiam aonde quer que eu fosse, com uma espécie de sorriso tímido que não consegui decifrar.

Desejei-lhe boa noite e deslizei para fora do quarto com uma sensação desagradável.

Muitas vezes me perguntei se nossa bela hóspede rezava. Eu certamente nunca a vira de joelhos. De manhã ela só descia muito depois que nossas orações familiares tinham terminado, e à noite nunca saía da sala de estar para acompanhar nossas breves orações vespertinas no saguão.

Se em uma de nossas conversas casuais não houvesse escapado que ela fora batizada, eu teria duvidado que ela fosse cristã. Religião era um assunto sobre o qual eu nunca a ouvira dizer uma palavra. Se eu conhecesse melhor o mundo, essa particular negligência ou antipatia não teria me surpreendido tanto.

As precauções das pessoas nervosas são contagiosas, e as pessoas com temperamento assemelhado quase sempre acabam por imitá-las depois de algum tempo. Eu adotara o hábito de Carmilla de trancar a porta de seu quarto de dormir, pois havia incorporado aqueles seus temores extravagantes quanto a invasores noturnos e assassinos rondando. Também adotara sua precaução de fazer uma breve inspeção no quarto para certificar-se de que não havia nenhum assassino ou ladrão de tocaia.

Tomadas essas sábias medidas, deitei-me e adormeci. Eu deixava uma vela acesa no quarto: era um hábito de longa data, e nada poderia me tentar a abandoná-lo.

Assim resguardada, eu podia repousar tranquilamente. Mas os sonhos atravessam paredes de pedra, iluminam quartos escuros ou escurecem aqueles iluminados, e seus personagens entram e saem a seu bel prazer, rindo-se das fechaduras.

Naquela noite, tive um sonho que foi o começo de uma aflição muito estranha.

Não posso dizer que foi uma visão, pois eu certamente estava dormindo. E era igualmente certo que eu estava em meu quarto e deitada na cama. Vi, ou imaginei ver, o quarto e sua mobília exatamente como acabara de vê-los, exceto que tudo estava muito escuro, e vi algo se movendo aos pés da cama. A princípio não consegui distinguir precisamente o que era, mas logo em seguida vi um animal preto com a aparência de um gato monstruoso. Pareceu-me ter cerca de um metro e meio de comprimento, pois abrangia toda a extensão do tapete da lareira ao passar sobre ele. Ia de um lado para o outro com a inquietação ágil e sinistra de uma fera enjaulada. Não consegui gritar, muito embora, como pode imaginar, estivesse aterrorizada. O animal se movia cada vez mais rapidamente e o quarto foi ficando cada vez mais escuro, até o ponto em que eu já não podia ver coisa alguma senão seus olhos. Senti-o saltar com ligeireza sobre a cama. Os dois olhos enormes se aproximaram do meu rosto e de repente senti uma dor aguda, como se duas grandes agulhas penetrassem fundo no meu peito a poucos centímetros uma da outra. Acordei com um grito. O quarto estava iluminado pela vela que ficava acesa ali durante a noite toda, e vi uma figura feminina postada aos pés da cama, um pouco para a direita. Estava com um vestido preto folgado, e seu cabelo estava solto, cobrindo-lhe os ombros. Um bloco de pedra não poderia ser mais imóvel. Não havia nem o mais ligeiro movimento de respiração. Enquanto eu a observava, a figura pareceu ter mudado de lugar: estava mais próxima da porta, e logo em seguida a porta se abriu e ela se foi.

Fiquei então aliviada, e apta a respirar e a me mover. Minha primeira ideia foi que Carmilla estava me pregando uma peça, e que eu havia me esquecido de trancar a porta. Apressei-me a verificar, mas encontrei a porta trancada por dentro, como sempre. Tive medo de abri-la: estava apavorada. Enfiei-me na cama com a cabeça sob as cobertas e ali fiquei, mais morta do que viva, até a manhã seguinte.

VII — Afundando

Seria inútil tentar lhe descrever o horror com que, mesmo agora, recorro o que ocorreu naquela noite. Não foi nenhum terror passageiro, como aquele que se segue a um sonho: pareceu intensificar-se com o tempo, transmitir-se ao quarto e mesmo aos móveis que abrangeram a aparição.

No dia seguinte, não aguentei ficar sozinha por um momento sequer. Eu deveria ter contado a papai, mas não o fiz por duas razões opostas. Por um lado, achei que ele iria rir da minha história, e eu não toleraria que ela fosse tratada como uma brincadeira; por outro, achei que ele poderia imaginar que eu houvesse contraído a misteriosa doença que se alastrara pela nossa vizinhança. Eu mesma não tinha qualquer apreensão nesse sentido, e como ele estivera bastante adoentado naqueles dias eu temia alarmá-lo.

Confortei-me com as minhas bondosas companheiras, Madame Perrodon e a vivaz Mademoiselle Lafontaine. Ambas haviam percebido que eu estava abatida e nervosa, e acabei por contar a elas o que me pesava no coração.

Mademoiselle riu, mas achei que Madame Perrodon ficou preocupada.

— A propósito — disse Mademoiselle, rindo, — a longa aleia de tílias que passa atrás da janela do quarto de Carmilla está assombrada!

— Que bobagem! — exclamou Madame Perrodon, que provavelmente achara o assunto um tanto inoportuno. — E quem contou essa história, minha cara?

— Martin diz que subiu até aqui duas vezes antes do nascer do sol, quando o velho portão do pátio estava sendo consertado, e nas duas vezes viu a mesma figura feminina descendo pela aleia de tílias.

— Pode muito bem ter visto, já que nessa hora há vacas a ordeñar nos campos perto do rio — disse Madame.

— É o que eu suponho, mas Martin prefere assustar-se: nunca vi um pateta tão apavorado.

— Não digam nenhuma palavra sobre isso a Carmilla — interpus, — pois a janela do quarto dela dá vista para aleia e ela é mais medrosa do que eu, se é que isso é possível.

Naquele dia Carmilla desceu um pouco mais tarde do que o habitual.

— Fiquei tão assustada a noite passada! — disse ela assim que ficamos juntas. — Eu certamente teria deparado algo apavorante se não fosse por aquele amuleto que comprei daquele pobre corcunda que chamei de tantos nomes feios. Sonhei com uma criatura preta rondando a minha cama, e acordei muito assustada. De fato, por alguns segundos pensei ter visto uma figura sombria perto da lareira, mas procurei o amuleto debaixo do travesseiro, e assim que meus dedos o tocaram a figura desapareceu. Achei mesmo que, se eu não o tivesse ali perto, uma coisa horripilante teria aparecido e talvez me estrangulado, como aconteceu com aquela pobre gente de que ouvimos falar.

— Pois bem — disse eu, — agora me escute. — E contei uma vez mais a minha aventura, que ela ouviu com uma expressão horrorizada.

— E estava com o amuleto perto de você? — perguntou-me, séria.

— Não, eu o tinha colocado em um vaso de porcelana na sala de estar, mas certamente vou levá-lo comigo esta noite, já que você tem tanta fé nele.

Passado todo esse tempo, não consigo lhe dizer, nem mesmo entender, como superei meu pavor com tanta eficiência a ponto de ir para a cama sozinha naquela noite. Lembro-me claramente de que espetei o amuleto em meu travesseiro, caí no sono quase imediatamente e dormi — até mais profundamente do que de costume — a noite toda.

Passsei a noite seguinte tão bem quanto essa. Meu sono foi deliciosamente profundo e sem sonhos.

Acordei porém com uma sensação de lassidão e melancolia, mas num grau que não deixava de ser quase de luxúria.

— Bem que eu lhe disse — rebateu Carmilla quando lhe descrevi meu sono tranquilo. — Tive um sono delicioso essa noite. Espetei o amuleto na minha camisola, bem à altura do peito: estava longe demais na outra noite. Estou bem certa de que tudo aquilo não passou de imaginação, a não ser pelos sonhos. Eu tinha a crença de que os sonhos eram obra de espíritos malignos, mas nosso médico me explicou que não é nada disso. O sonho, disse ele, é apenas uma febre ou alguma outra moléstia passando: bate à porta e, como não consegue entrar, vai embora, deixando o susto.

— E como você acha que o amuleto funciona? — perguntei.

— É um antídoto contra a malária que foi defumado ou imerso em alguma droga — ela respondeu.

— Então ele age apenas sobre o corpo?

— Claro. Você acha que os espíritos malignos se assustam com pedaços de fita ou com as essências de uma drogaria? Não, esses males, vagando pelo ar, começam a afetar os nervos e a infectar o cérebro, mas antes que possam se apoderar de você o antídoto os repele. É isso o que o amuleto fez por nós, tenho certeza. Não é nada mágico, é simplesmente natural.

Eu teria ficado mais feliz se pudesse ter concordado com Carmilla, mas fiz o melhor que pude, e a impressão daquela noite foi perdendo sua força.

Por algumas noites dormi profundamente, mas toda manhã sentia aquela mesma lassitude, e uma languidez me oprimia o dia inteiro. Senti-me uma garota mudada: uma estranha melancolia me envolvia, uma melancolia que eu não conseguia conter. Vagos pensamentos de morte vinham à tona, e a ideia de que eu estivesse sucumbindo lentamente se apossava de mim de um modo plácido e, de certa forma, agradável. Se o estado de espírito que isso suscitava era triste, era igualmente sereno.

Fosse lá o que fosse, minha alma acolhia com aquiescência.

Eu não admitia estar doente, não me dispunha a contar tudo ao meu pai e tampouco queria que chamassem o médico.

Carmilla dedicou-se a mim mais do que nunca, e seus estranhos paroxismos de lânguida adoração se tornaram mais frequentes. Quanto mais minhas forças e meus humores minguavam, ela me fitava com ardor crescente. Isso sempre me impressionava como um lampejo de insanidade.

Sem o saber, eu já estava num estágio bastante avançado da enfermidade mais estranha que possa acometer um ser humano. Em seus sintomas iniciais havia um fascínio inexplicável, que me resignava ao efeito incapacitante daquele estágio da doença. Esse fascínio foi aumentando até chegar a um ponto em que se misturou a uma sensação hedionda, intensificando-se — como verá — até descolorir e perverter toda a minha

vida. A primeira mudança que experimentei até que foi agradável. Estava muito próximo o ponto a partir do qual começa a descida do Averno.¹¹

Certas sensações vagas e estranhas me visitavam durante o sono. A mais frequente parecia-se com aquele peculiar e agradável tremor de frio que sentimos quando nos banhamos contra a corrente de um rio. Isso logo foi acompanhado por sonhos que pareciam intermináveis, e eram tão vagos que eu nunca conseguia recordar seus cenários, seus personagens ou qualquer porção conjunta de suas ações. Mas eles deixavam uma impressão horrível e uma sensação de exaustão, como se eu tivesse passado por um longo período de grande esforço mental e sob perigo.

Ao acordar depois de todos esses sonhos, ficava-me a lembrança de ter estado num lugar muito escuro e de ter falado com pessoas que eu não conseguia enxergar, e especialmente de uma voz clara e fina, uma voz feminina que falava como que ao longe, pausadamente, causando-me sempre a mesma sensação indescritível de gravidade e medo. Às vezes eu tinha a sensação de que uma mão passava suavemente pelo meu rosto e pelo meu pescoço. Outras vezes era como se lábios quentes me beijassem, cada vez mais longa e afetuosamente à medida que chegavam ao meu pescoço, mas ali as carícias se detinham. Meu coração batia mais rápido, minha respiração se precipitava e eu arquejava; sobrevinha então um ofegar que se intensificava numa sensação de estrangulamento e se transformava numa convulsão horrível, em meio à qual eu perdia os sentidos e ficava inconsciente.

Já fazia três semanas desde o início dessa doença indescritível. Na última semana, minha aparência denunciava meus sofrimentos: eu ficara pálida, tinha os olhos dilatados e olheiras, e a languidez que eu sentira por tanto tempo começou a se revelar em meu semblante.

Meu pai me perguntou várias vezes se eu estava doente, mas, com uma obstinação que agora me parece incompreensível, persisti em garantir-lhe que eu estava muito bem.

De certo modo, era verdade. Eu não sentia nenhuma dor, não podia me queixar de nenhum distúrbio físico. Minha doença parecia ser imaginária ou nervosa, e por mais que fossem horríveis os meus sofrimentos eu os mantinha, com um mórbido sigilo, bem guardados comigo.

¹¹ Lago situado numa cratera próxima a Nápoles, que os romanos antigos acreditavam ser a porta de entrada do mundo dos mortos. (N.T.)

Não podia ser aquela doença terrível que os camponeses chamavam de “upiro”, pois o meu sofrimento já durava três semanas, e eles raramente ficavam doentes por mais do que três dias, quando a morte punha fim às suas misérias.

Carmilla se queixava de sonhos e sensações febris, mas não eram de modo algum tão alarmantes quanto os meus. Admito que os meus eram extremamente alarmantes. Se eu tivesse sido capaz de compreender a minha condição, eu teria pedido ajuda e conselhos de joelhos. Mas o narcótico de uma influência insuspeitada agia sobre mim, e meus discernimentos estavam entorpecidos.

Agora vou lhe contar um sonho que levou a uma estranha descoberta.

Uma noite, em lugar da voz que eu costumava ouvir no escuro escutei uma outra, meiga e terna e ao mesmo tempo terrível, que disse:

— Sua mãe lhe previne de que tenha cuidado com o assassino. — No mesmo instante uma luz se acendeu inesperadamente e vi Carmilla perto da minha cama em sua camisola branca, mergulhada do queixo aos pés numa grande mancha de sangue.

Acordei com um berro, tomada pela ideia de que Carmilla estivesse sendo assassinada. Lembro-me de ter pulado da cama, e minha recordação seguinte é a de estar no saguão gritando por socorro.

Madame e Mademoiselle saíram correndo de seus quartos, alarmadas; sempre havia uma lamparina acesa na antessala, e ao me deparar, elas logo foram informadas da causa do meu terror.

Insisti para que batêssemos na porta de Carmilla. Nossas batidas não foram respondidas. Logo elas se tornaram uma pancadaria e um alvoroço. Gritamos seu nome, mas tudo foi em vão.

Ficamos todas assustadas, pois a porta estava trancada. Apressamo-nos até o meu quarto, em pânico, e ali nos pusemos a badalar o sino, insistente e furiosamente. Se o quarto de meu pai ficasse naquela ala do castelo, nós o teríamos chamado imediatamente para nos ajudar. Mas, ai de nós!, ele estava bem longe de poder nos ouvir, e chegar até ele demandava uma excursão que nenhuma de nós teria coragem de fazer.

Dali a pouco, porém, vieram criados correndo escada acima. Enquanto isso, eu vestira o penhoar e calçara os chinelos, assim como

minhas companheiras. Reconhecendo as vozes dos criados no saguão, voltamos à carga e renovamos os chamados à porta de Carmilla, mais uma vez inutilmente. Ordenei aos homens que forçassem a tranca. Uma vez aberta a porta, ficamos na soleira com nossas lamparinas suspensas e olhamos para dentro do quarto.

Chamamos seu nome, mas novamente não houve resposta. Olhamos em torno do quarto, e tudo estava em ordem. O quarto estava exatamente no mesmo estado em que eu o deixara ao desejar boa noite a ela. Mas Carmilla desaparecera.

VIII — Busca

À vista do quarto, perfeitamente imperturbado a não ser por nossa violenta entrada, começamos a nos acalmar um pouco e dali a pouco recuperamos nossos discernimentos o bastante para dispensar os empregados. Ocorreu a Mademoiselle que Carmilla talvez tivesse sido acordada pelo alvoroço à sua porta e, entrando em pânico, pulara da cama e se escondera em um roupeiro ou atrás de uma cortina, de onde não poderia sair, naturalmente, até que o mordomo e seus subordinados se retirassem. Então recomeçamos a busca e voltamos a chamar seu nome.

De nada adiantou. Nossa perplexidade e nossa inquietação aumentaram. Examinamos as janelas, mas estavam trancadas. Implorei a Carmilla: se ela tivesse se escondido, que parasse com essa brincadeira cruel, que saísse e pusesse um fim à nossa ansiedade. Isso também foi inútil. A essa altura eu estava convencida de que ela não estava no quarto, nem no quarto de vestir, cuja porta estava trancada do lado de cá. Ela não poderia ter passado por ali. Fiquei totalmente desconcertada. Será que Carmilla havia descoberto uma daquelas passagens secretas que a velha governanta dizia existirem no Schloss, embora a tradição de sua exata localização tivesse sido perdida? Com um pouco de tempo tudo se explicaria, sem dúvida — no momento estávamos totalmente atarantadas.

Já eram mais de quatro horas, e preferi passar as horas de escuridão restantes no quarto de Madame. A luz do dia não trouxe solução alguma à nossa dificuldade.

Na manhã seguinte, todo o pessoal da casa, com meu pai à frente, estava em estado de alerta. Cada canto do castelo foi inspecionado. Os campos no entorno foram explorados. Não se encontrou nenhum vestígio da desaparecida. O rio estava para ser dragado. Meu pai estava aturdido: que história haveria de contar à mãe da pobre moça quando ela retornasse? Eu estava igualmente transtornada, ainda que por motivos completamente diferentes.

A manhã transcorreu em sobressalto e agitação. Já era uma hora da tarde e ainda não havia notícias. Corri para o quarto de Carmilla e a encontrei diante da penteadeira. Fiquei estupefata. Não podia acreditar em meus olhos. Ela me chamou para perto dela acenando um dedinho, em silêncio. Seu rosto tinha uma intensa expressão de medo.

Precipitei-me para ela em um êxtase de alegria, beijei-a e abracei-a muitas vezes. Corri até o sino e toquei-o veementemente para atrair alguém que pudesse tranquilizar meu pai imediatamente.

— Carmilla, querida, o que aconteceu com você esse tempo todo? Estávamos morrendo de preocupação com você! — exclamei. — Onde esteve? Como voltou?

— A noite passada foi uma noite de prodígios — disse ela.

— Por piedade, explique tudo o que puder!

— Ontem à noite, passava das duas quando fui dormir como de hábito, com as portas trancadas, a do quarto de vestir e a que dá para o corredor. Meu sono foi ininterrupto e, até onde eu sei, sem sonhos. Mas acordei agora mesmo no sofá do quarto de vestir, e encontrei a porta entre os aposentos aberta e a outra porta forçada. Como tudo isso pode ter acontecido sem que eu acordasse? Deve ter havido muito barulho, e eu costumo ser despertada com facilidade. Como posso ter sido carregada da minha cama sem que meu sono fosse interrompido — eu que me sobressalto ao menor movimento?

Nesse meio tempo, Madame, Mademoiselle, meu pai e alguns criados haviam chegado ao quarto. Naturalmente, Carmilla foi crivada de perguntas, congratulações e boas-vindas. Mas ela só tinha essa história para contar, e parecia ser a pessoa menos apta, entre todos nós, a sugerir qualquer explicação para o ocorrido.

Meu pai começou a andar no quarto de um lado para o outro, pensando. Vi o olhar de Carmilla segui-lo por um instante com um lampejo furtivo e sinistro.

Ele dispensou os empregados e Mademoiselle saiu à procura de um frasco de sais à base de valeriana, de modo que agora não havia mais ninguém no quarto com Carmilla além de meu pai, Madame e eu. Ele então se aproximou dela pensativamente, tomou sua mão com gentileza, levou-a até o sofá e sentou-se ao seu lado.

— Minha cara, vai me perdoar se eu arriscar uma hipótese e fizer uma pergunta?

— Quem teria mais direito? — respondeu ela. — Pergunte o que quiser e eu lhe direi tudo. Mas minha história é simplesmente de atordoamento e trevas. Não sei de absolutamente nada. Faça qualquer pergunta que desejar, mas é claro que o senhor bem sabe das restrições que mamãe me impôs.

— Perfeitamente, minha cara criança. Não preciso abordar os pontos sobre os quais ela deseja nosso silêncio. Bem, o mistério da noite passada consiste no fato de que você foi retirada de sua cama e de seu quarto sem ser acordada, e essa remoção aparentemente ocorreu num momento em que as janelas estavam fechadas e as duas portas trancadas por dentro. Vou expor minha teoria e fazer-lhe uma pergunta.

Carmilla apoiou o rosto na mão com um ar desolado; Madame e eu escutávamos com ansiedade.

— Bem, minha pergunta é esta: alguém já suspeitou que você tivesse caminhado durante o sono?

— Nunca, desde que eu era muito nova.

— Mas você de fato caminhou durante o sono quando era novinha, não é?

— Sim, eu sei que sim. Minha velha babá me contou isso muitas vezes.

Meu pai sorriu e acenou com a cabeça afirmativamente.

— Bem, o que aconteceu foi o seguinte. Você se levantou dormindo e destrancou a porta, mas não deixou a chave na fechadura como de costume: levou-a com você e trancou a porta do lado de fora. Em seguida você voltou a retirar a chave e a levou consigo para algum dos vinte e

cinco aposentos deste andar, ou talvez para um andar acima ou abaixo. Temos aqui tantos quartos e despensas, tanta mobília pesada, tanto acúmulo de trastes que levaria uma semana para vasculhar esta velha casa de cima a baixo. Você entende o que quero dizer?

— Entendo, mas não completamente — ela respondeu.

— E como o senhor explica, papai, que ela tenha acordado no sofá do quarto de vestir, que nós revistamos com tanta atenção?

— Ela foi para lá depois que vocês revistaram o aposento, ainda dormindo, e ao acordar ficou tão surpresa de se ver onde estava quanto todo mundo. Quisera eu que todos os mistérios pudessem ser explicados com tanta facilidade e inocência quanto o seu, Carmilla — disse ele, rindo. — Então podemos dizer que essa é a explicação do incidente, muitíssimo natural, e que não envolve narcóticos, ladrões e fechaduras arrombadas, envenenadores ou bruxas — nada que possa alarmar Carmilla nem ninguém mais, para nosso alívio.

Carmilla estava com uma aparência encantadora. Nada poderia ser mais atraente do que a sua tez. Creio que sua beleza se realçava com aquela graciosa languidez que lhe era peculiar. Meu pai devia estar comparando em silêncio a aparência dela com a minha, pois afirmou:

— Quisera que minha pobre Laura estivesse com aspecto melhor — e ele suspirou.

Assim, nossas aflições felizmente se acabaram e Carmilla foi restituída aos amigos.

IX — O médico

Como Carmilla não queria nem ouvir falar de uma acompanhante passando a noite em seu quarto, meu pai fez com que uma criada dormisse à sua porta, do lado de fora, de modo que ela não se aventurasse a fazer um outro passeio daqueles sem ser detida de imediato.

Aquela noite transcorreu tranquilamente. Nas primeiras horas da manhã seguinte apareceu o médico, que meu pai chamara para me examinar sem me dizer uma palavra a respeito.

Madame me acompanhou à biblioteca, onde ó sério e pequeno médico, com cabelo branco e óculos, de quem já falei anteriormente, estava me esperando.

Contei-lhe a minha história, e à medida que eu falava ele se tornava cada vez mais sério.

Estávamos em pé frente a frente no recuo de uma janela. Quando terminei, ele apoiou os ombros contra a parede com os olhos fixos em mim, demonstrando um interesse em que havia uma ponta de horror.

Depois de um minuto de reflexão, ele perguntou a Madame se podia ver meu pai.

Foram então chamá-lo, e ao entrar, sorrindo, ele disse:

— Suponho que vai me dizer, Doutor, que fui um tolo por trazê-lo aqui. Espero que assim seja.

Mas seu sorriso se anuviou quando o médico, com uma expressão muito grave, fez-lhe sinal para que se aproximasse. Eles conversaram por algum tempo naquele mesmo recuo em que eu estivera com o Doutor. Pareceu-me uma conversa séria e controversa. O aposento é bem amplo, e Madame e eu estávamos juntas na extremidade oposta, ardendo de curiosidade. Mas não conseguíamos ouvir nenhuma palavra, pois eles falavam num tom muito baixo; ademais, o profundo recuo da janela os escondia do nosso campo de visão em boa medida, e as vozes ficavam ainda menos audíveis, suponho, porque o ângulo da parede espessa e a janela formavam uma espécie de câmara.

Depois de algum tempo meu pai olhou para dentro do aposento: seu rosto estava pálido, pensativo e aparentemente alarmado.

— Laura, querida, venha cá um momento. Madame, o médico diz que por enquanto não precisamos incomodá-la.

Então me aproximei, agora um pouco apreensiva, pois ainda que me sentisse muito fraca não me sentia doente sempre imaginamos que podemos recuperar as forças a qualquer momento, assim que o quisermos.

Meu pai me estendeu a mão, mas ele olhava para o médico quando disse:

— Certamente e muito estranho. Não sei se compreendo bem. Laura, venha cá, querida. Agora dê atenção ao Doutor Spielsberg e faça um esforço de recordação.

— Você mencionou uma sensação como a de duas agulhas perfurando sua pele perto do pescoço, na noite em que teve seu primeiro sonho horrível. Ainda sente alguma irritação?

— Nenhuma — respondi.

— Você pode indicar com o dedo o ponto aproximado no qual você acha que isso ocorreu?

— Logo abaixo da garganta... aqui. — Eu usava um vestido matinal, que cobria o lugar que apontei.

— Agora você vai se convencer”, disse o médico. E dirigindo-se a mim: — Você se importaria se seu papai abaixasse a gola seu vestido um pouquinho? É necessário, para averiguar um sintoma da enfermidade da qual você vem sofrendo.

Aquiesci. O lugar ficava apenas a uns dois centímetros abaixo da gola.

— Deus me proteja! É isso mesmo! — exclamou meu pai, empalidecendo.

— Agora você pode ver com seus próprios olhos — disse o médico, com um triunfo tristonho.

— O que é? — exclamei, começando a ficar assustada.

— Nada além de uma pequena mancha azulada, minha cara jovem, mais ou menos do tamanho da ponta de seu dedo mínimo. E agora — prosseguiu dirigindo-se a papai, — a questão é: o que é o melhor a se fazer?

— Há algum perigo? — apressei-me a perguntar, muito apreensiva.

— Creio que não, minha cara — respondeu o médico. — Não vejo por que você não deva se recuperar. Não vejo por que você não deva começar a melhorar imediatamente. Este é o ponto em que se iniciava a sensação de estrangulamento?

— Sim — respondi.

— E era nesse mesmo ponto — lembre-se tão bem quanto puder — que se concentrava aquele arrepio que você descreveu agora há pouco, como a corrente de um rio gelado fluindo contra você?

— Pode ser. Acho que era.

— Hum..., está vendo? — ele acrescentou, dirigindo-se a meu pai, “Posso trocar uma palavra com Madame?

— Certamente — respondeu meu pai.

Ele a chamou e o Doutor disse a ela:

— Vejo que minha jovem amiga aqui não está nada bem. Não haverá maiores consequências, espero, mas será necessário tomar algumas medidas, que irei lhe explicar oportunamente. Mas enquanto isso, Madame, a senhora terá a bondade de não deixar que a senhorita Laura fique sozinha um instante sequer. Essa é a única instrução que preciso dar no momento. É indispensável.

— Sei que podemos contar com sua generosidade, Madame — acrescentou meu pai.

Ela prontamente se pôs à disposição.

— Quanto a você, querida Laura, sei que vai seguir as instruções do Doutor.

— Gostaria de pedir sua opinião sobre uma outra paciente, cujos sintomas são ligeiramente parecidos com esses que minha filha acabou de lhe relatar: bem mais brandos, mas presumo que sejam da mesma ordem; Ela é uma jovem nossa hóspede. Como me disse que irá passar novamente por aqui esta noite, bem que poderia jantar conosco, e então poderia vê-la. Ela não desce até tarde.

— Obrigado — disse o médico. — Vejo-os então por volta das sete.

Em seguida eles repetiram suas instruções para mim e para Madame, e com isso meu pai nos deixou para acompanhar o médico. Eu os vi caminhar juntos para cima e para baixo entre a estrada e o fosso, na plataforma de grama em frente ao castelo, evidentemente absorvidos numa conversa séria.

Então o médico montou em seu cavalo, despediu-se e partiu em direção ao leste através da floresta.

Quase ao mesmo tempo, vi o carteiro chegar de Dranfield, desmontar e entregar o malote a meu pai.

Nesse meio tempo, Madame e eu ficamos nos perdendo em conjeturas sobre as razões da singular e veemente prescrição que o médico e meu pai haviam nos imposto de comum acordo. Madame achava que o médico receava um acesso repentino, e que sem assistência imediata eu poderia ficar seriamente comprometida ou até perder a vida.

A interpretação não me abalou. Eu imaginava, talvez afortunadamente para os meus nervos, que a prescrição visava simplesmente garantir a companhia de alguém que me impedisse de fazer exercício demais, comer fruta verde ou fazer alguma das cinquenta coisas insensatas que os jovens são propensos a aprontar.

Cerca de meia hora depois meu pai entrou com uma carta na mão e disse:

— Esta carta chegou atrasada. É do General Spielsdorf. Pode ser que ele tenha chegado ontem: pode ser que não venha aqui até amanhã ou pode vir hoje.

Colocou a carta aberta na minha mão, mas não parecia contente como costumava ficar quando um hóspede estava para chegar, especialmente alguém tão querido como o General. Ao contrário, dava a impressão de desejar vê-lo bem longe. Estava claramente pensando em algo que não queria revelar.

— Papai, querido, você não vai me contar o que há comigo? — perguntei subitamente, pousando a mão em seu braço e olhando seu rosto com olhos implorantes.

— Talvez — respondeu, alisando carinhosamente meu cabelo acima dos meus olhos.

— O médico acha que estou muito doente?.

— Não, querida, ele acha que se as medidas certas forem tomadas você voltará a ficar bem, ou ao menos estará a caminho de uma completa recuperação, em um ou dois dias”, respondeu, um pouco seco. — Eu gostaria que o nosso bom amigo, o General, tivesse escolhido uma outra ocasião, quer dizer, gostaria que você estivesse perfeitamente bem para recebê-lo.

— Mas diga-me, papai — insisti, — o que ele acha que há de errado comigo?

— Nada. Você não deve me atazanar com perguntas — respondeu ele, com uma irritação tal que eu nunca o vira demonstrar antes. Vendo que eu parecia ressentida, ele me beijou e acrescentou — Você saberá de tudo a respeito em um ou dois dias, quer dizer, de tudo que eu saiba. Enquanto isso, não se apoquente com essas coisas.

Ele se virou e deixou o aposento, mas voltou antes que eu tivesse tempo de refletir sobre a intrigante estranheza daquilo tudo. Era apenas para dizer que iria até Karnstein, que ordenara que a carruagem estivesse pronta ao meio-dia e que eu e Madame devíamos acompanhá-lo. Ia tratar de negócios com um padre que morava perto daqueles campos pitorescos, e como Carmilla nunca os vira, poderia nos encontrar ali, depois que descesse, com Mademoiselle, que levaria os itens necessários para que preparássemos um piquenique no castelo em ruínas.

Conforme o combinado, ao meio-dia eu estava pronta, e logo em seguida nós três saímos para o passeio planejado. Depois de atravessar a ponte levadiça, viramos à direita, passamos pela ponte gótica arqueada e seguimos a estrada na direção oeste, rumo ao vilarejo abandonado e ao derrocado castelo de Karnstein.

Não se pode imaginar nenhum passeio campestre mais adorável. O campo se desdobra em colinas e vales suaves, com tudo recoberta por uma vegetação exuberante, totalmente desprovida daquela formalidade que as plantações artificiais ostentam com seus cultivos e podas inoportunos.

Aqui e ali as irregularidades do terreno desviam o curso da estrada, fazendo-a serpentear maravilhosamente ao redor dos declives dos vales e das encostas das colinas, em meio a uma diversidade de terrenos quase inexaurível.

Ao passarmos por um desses pontos, de súbito deparamos com o nosso velho amigo, o General, cavalgando na nossa direção. Vinha acompanhado por um criado a cavalo, e sua bagagem o seguia em uma carroça alugada.

Enquanto nos detínhamos, o General apeou de seu cavalo, e após os cumprimentos de praxe, foi facilmente persuadido a aceitar o assento vago na carruagem e a despachar seu cavalo para o Schloss com o criado.

X — O enlutado

Já haviam passado cerca de dez meses desde a última vez em que tínhamos visto o General, mas esse tempo fora suficiente para alterar sua aparência em anos. Ele emagrecera; abatimento e apreensão haviam tomado o lugar daquela serenidade cordial que caracterizava

suas feições. Seus olhos azuis escuros, sempre penetrantes, agora cintilavam com uma luz mais fria sob as suas espessas sobranceiras grisalhas. Não era uma mudança como aquela comumente provocada apenas pelo pesar: parecia que sentimentos mais coléricos também haviam contribuído para produzi-la.

Pouco depois de retomarmos o passeio, o General começou a falar, com sua habitual objetividade soldadesca, do enlutamento, como o denominou, que guardara com a morte de sua amada sobrinha e pupila. Em seguida, porém, irrompeu num tom de amargura e fúria extremas, invejando contra as “artes diabólicas” das quais ela fora vítima e manifestando, mais com exasperação do que com devoção, o quanto se assombrava de que os Céus tolerassem atos de tão monstruosa consagração às lascívias e malefícências do inferno,

Compreendendo de imediato que havia se passado algo muito extraordinário, meu pai pediu a ele que se não lhe fosse muito doloroso detalhasse as circunstâncias que pensava justificarem as palavras veementes com que se expressara.

— Eu lhe contaria com todo o prazer — disse o General, — mas você não acreditaria em mim.

— E por que não? — perguntou-lhe.

— Porque — respondeu ele com irritação, — você só acredita naquilo que é compatível com seus próprios preconceitos e ilusões. Lembro-me de quando eu era como você, mas aprendi muito.

— Ponha-me à prova, então — disse meu pai. — Não sou tão dogmático como você supõe. Além disso, sei muito bem que você geralmente exige provas para acreditar numa coisa. Portanto, estou fortemente propenso a respeitar suas conclusões.

— Você está certo ao supor que não fui levado frivolamente a uma crença no prodigioso — pois o que experienciei é prodigioso. Evidências extraordinárias me forçaram a crer em algo diametralmente oposto a todas as minhas teorias. Fui vítima ingênua de uma conspiração sobrenatural.

Não obstante suas palavras de confiança no discernimento do General, meu pai olhou para ele, como julguei, com uma acentuada suspeita sobre sua sanidade mental.

Por sorte o general não percebeu aquele olhar. Estava contemplando melancolicamente as clareiras e as paisagens dos bosques que se abriam diante de nós.

— Vocês estão indo para as Ruínas de Karnstein? — perguntou. — Sim? É uma feliz coincidência, pois eu ia justamente pedir-lhes que me levassem até lá para inspecioná-las. Tenho um interesse particular nessa exploração. Há ali uma capela em ruínas com muitas tumbas daquela família extinta, não é?

— Sim, estão lá — altamente interessantes... — comentou meu pai. — Está pensando em reivindicar o título nobiliárquico e as terras, é isso?

Meu pai disse isso jocosamente, mas o General não se dignou a exibir a risada, ou mesmo o sorriso, que a cortesia exige ante o gracejo de um amigo. Pelo contrário, pareceu ficar ainda mais solene e arrebatado, ruminando sobre um assunto que despertava sua ira e seu horror.

— Algo muito diferente — disse ele rispidamente. — Pretendo desenterrar algumas daquelas pessoas distintas. Espero, com a bênção de Deus, cumprir ali um pio sacrilégio, que irá livrar nossa terra de certos monstros e permitir às pessoas honestas dormir em suas camas sem ser atacadas por assassinos. Tenho coisas estranhas a lhe contar, meu caro amigo, coisas que eu mesmo teria desdenhado como inacreditáveis poucos meses atrás.

Meu pai olhou para ele novamente, mas desta vez não com um vislumbre de suspeita: com um olhar sagaz e apreensivo.

— A casa dos Karnstein — disse meu pai, — está extinta há muito tempo: cem anos no mínimo. A minha querida esposa era descendente dos Karnstein por parte de mãe. Mas o nome e o título deixaram de existir há muito tempo. O castelo é uma ruína, e mesmo o vilarejo está deserto. Já faz cinquenta anos que não se vê a fumaça de uma chaminé ali não ficou um telhado sequer.

— É bem verdade. Ouvi falar muito sobre isso desde a última vez que nos vimos, um bocado de coisas que o deixariam pasmo. Mas é melhor que eu conte tudo na ordem em que ocorreu — disse o General. — Você conheceu minha querida pupila minha filha, eu poderia dizer.

Nenhuma criatura poderia ter sido mais bela, e três meses atrás nenhuma mais radiante.

— Sim, coitadinha... A última vez que a vi ela estava realmente belíssima — disse meu pai. — Fiquei mais penalizado e chocado do que eu possa lhe dizer, meu caro amigo. Sei bem que golpe terrível isso foi para você.

Ele tomou a mão do General e eles trocaram um cumprimento afetuoso. Os olhos do velho soldado se encheram de lágrimas. Ele não procurou escondê-las. Disse:

— Somos amigos há muito tempo. Eu sabia que você sofreria por mim, que não tive filhos. Ela era objeto de atenções constantes da minha parte, e retribuía meus cuidados com uma afeição que alegrava a minha casa e tornava minha vida feliz. Tudo isso acabou. Os anos que me restam na terra podem não ser muitos, mas com a graça de Deus espero prestar um serviço à humanidade antes de morrer, e contribuir com a vingança dos Céus contra os demônios que assassinaram minha pobre filha na primavera de suas esperanças e sua beleza!

— Você acabou de dizer que pretendia relatar tudo tal como ocorreu — disse meu pai. — Por favor, faça-o. Asseguro-lhe que não é mera curiosidade o que me impele a pedi-lo.

Nessa altura havíamos chegado ao ponto em que a estrada de Drunstall, pela qual o General viera, desvia-se daquela que percorríamos em direção a Karnstein.

— A que distância estão as ruínas? — perguntou o General, olhando ansiosamente para a frente.

— A cerca de meia légua — respondeu meu pai. — Por favor, permita-nos ouvir a história que prometeu contar.

XI — A história

— Com todo o meu coração — disse o General com esforço, e depois de uma pequena pausa, em que se preparou para o que ia dizer, começou a contar uma das narrativas mais estranhas que já ouvi.

— Minha querida garota estava aguardando com grande contentamento a visita, para a qual você tivera a bondade de convidá-la, à

sua encantadora filha. — Então ele me fez uma mesura galante, mas tristonha. — Nesse meio tempo, recebemos um convite do meu velho amigo, o Conde Carlsfeld, cujo Schloss fica a cerca de seis léguas além de Karnstein. Era para que comparecêssemos a uma série de festas que ele estava dando em honra de seu ilustríssimo visitante, o Grão-Duque Charles, lembra-se?

— Sim, e creio que foram todas esplêndidas — disse meu pai.

— Principescas! E suas hospitalidades são verdadeiramente régias. Ele tem a lâmpada de Aladim. A noite que marcou o início do meu infortúnio foi devotada a um magnífico baile de máscaras. Os jardins foram franqueados e lâmpadas coloridas pendiam das árvores. Houve um espetáculo de fogos de artifício que nem mesmo em Paris jamais se viu. E a música — a música, você bem sabe, é a minha fraqueza —, que música arrebatadora! Possivelmente o melhor conjunto instrumental do mundo, e os melhores cantores que pudessem ser trazidos de todos os grandes teatros líricos da Europa. Vagando por aqueles jardins fantasticamente iluminados, e com o castelo enluarado difundindo uma luz rosada de suas longas fileiras de janelas, de repente se ouviam aquelas vozes arrebatadoras surgindo sub-repticiamente do silêncio de um arvoredo, ou de barcos sobre o lago. Ao olhar e ouvir tudo aquilo, senti-me reconduzido ao romance e à poesia da minha tenra juventude.

— Quando os fogos de artifício terminaram e o baile começou, retornamos ao magnífico conjunto de salas ao dispor dos dançarinos. Um baile de máscaras, como você sabe, é um belíssimo espetáculo, mas eu nunca vira um que fosse tão esplendoroso.

— Era um grupo de convidados bastante aristocrático. Eu era quase o único “ninguém” presente.

— Minha querida filha estava belíssima. Não usava máscara. Seu entusiasmo e seu deleite acrescentavam um encanto indescritível às suas feições, sempre adoráveis. Reparei numa moça vestida com magnificência, mas usando máscara, que parecia estar observando minha pupila com extraordinário interesse. Eu a tinha visto entretida do mesmo modo no grande saguão, no início da noite, e depois no terraço sob as janelas do castelo, enquanto caminhava perto de nós. Estava acompanhada de uma senhora também mascarada, trajada de modo elegante e sóbrio

e com um ar imponente, uma pessoa distinta que a escoltava como se fosse uma dama de companhia.

— Se a jovem não estivesse mascarada, eu poderia, é claro, ter-me assegurado de que ela estava mesmo observando minha queridinha. Agora, estou bem certo de que estava.

— Passamos então para um dos salões. Minha filhinha estivera dançando, e agora descansava um pouco em uma das cadeiras próximas da porta; fiquei em pé ali perto. As duas damas que mencionei se aproximaram. A mais jovem ocupou uma cadeira junto à minha pupila, enquanto sua companheira ficou em pé ao meu lado, por vezes dirigindo-se a ela em voz baixa.

Valendo-se do privilégio de sua máscara, ela se voltou para mim e começou a conversar comigo no tom de uma velha amiga, chamando-me pelo nome, o que me deixou muito curioso. Referiu-se a várias ocasiões em que tinha me encontrado, na Corte e em residências ilustres. Aludiu a pequenos incidentes em que eu deixara de pensar há muito tempo, mas que, como descobri, haviam apenas ficado em suspenso na minha memória, pois reafioraram no mesmo instante em que ela os mencionou.

— A cada instante eu me mostrava cada vez mais curioso de saber quem ela era, mas ela se esquivava das minhas tentativas de descobrir sua identidade com muita habilidade e graça. O conhecimento que ela demonstrou ter de muitas passagens da minha vida me pareceu nada menos que inexplicável. Ela dava a impressão de sentir um prazer natural em frustrar minha curiosidade, em ver como eu me debatia em minha ansiosa perplexidade, passando de uma conjectura a outra.

— Enquanto isso, a moça — a quem sua mãe chamara pelo estranho nome de Millarca ao se dirigir a ela — entabulou uma conversa com minha pupila com a mesma desenvoltura graciosa.

— Ela se apresentou dizendo que sua mãe era uma velha conhecida minha. Falou da audácia consentida que uma máscara propiciava, e conversou como uma amiga. Ela admirava o seu vestido, e insinuou com muita amabilidade sua admiração pela sua beleza. Divertiu-a com críticas engraçadas às pessoas que estavam no salão de baile, e riu junto com ela. Era muito espirituosa e vivaz quando queria, e depois de algum tempo elas se tornaram boas amigas e a jovem estranha abaixou a máscara,

revelando um rosto extraordinariamente bonito. Nem eu nem minha filha jamais a tínhamos visto. Mas mesmo sendo novas para nós, suas feições eram tão fascinantes e lindas que era impossível não se sentir poderosamente atraído por ela. Foi assim com minha pobre menina. Eu nunca vira ninguém mais encantada com outra pessoa à primeira vista, a não ser, de fato, pela própria estranha, que parecia mesmo ter se deslumbrado com ela.

— Nesse meio tempo, aproveitando-me da licença de um baile de máscaras, eu fizera não poucas perguntas à dama mais velha.

— “A senhora me desconcertou totalmente”, eu disse, rindo. “Já não é o bastante? Não consentiria que agora ficássemos de igual para igual e me fizesse a gentileza de retirar sua máscara?”

— “Pode haver pedido mais despropositado?”, ela replicou. “Pedir a uma dama que abra mão de uma vantagem! Além disso, como sabe que me reconheceria? Os anos mudam as pessoas.”

— “Como a senhora pode ver...”, disse eu com uma mesura e, suponho, um sorrisinho um tanto melancólico.

— “Como nos dizem os filósofos...”, disse ela. “E como sabe que um vislumbre do meu rosto o ajudaria?”

— “Pelo menos eu teria uma chance”, respondi. “É inútil a senhora tentar se passar por uma mulher de idade: sua figura lhe trai.”

— “Mas passaram-se anos desde que eu o vi, ou melhor, desde que me viu, pois isso é o que estou considerando. Millarca, ali, é minha filha, portanto não posso ser tão jovem, mesmo na opinião de pessoas a quem o tempo ensinou ser indulgentes, e eu poderia não gostar de ser comparada com aquilo que o senhor lembra de mim. O senhor não tem máscara para tirar. Não pode me oferecer nada em troca.”

— “Apelo à sua piedade: tire-a.”

— “E eu apelo à sua: deixe-a ficar onde está”, rebateu ela.

— “Pois bem. Então ao menos me diga se é francesa ou alemã. Fala as duas línguas tão perfeitamente!”

— “Não acho que vá lhe dizer isso, General. O senhor planeja um ataque de surpresa e está pensando em como fazê-lo.”

— “Em todo caso, não poderá me negar uma coisa”, disse eu. “Tendo sido honrado com sua permissão para conversarmos, devo saber como me dirigir à senhora. Posso chamá-la Madame la Comtesse?”

— Ela riu, e sem dúvida estava para me responder com uma outra evasiva — haja vista, com efeito, que eu não podia considerar como fortuita qualquer ocorrência daquela conversa, de que cada detalhe fora preconcebido, como agora acredito, com a mais profunda astúcia.

— “Quanto a isso...”, começou. Mas foi interrompida, quase ao abrir os lábios, por um cavalheiro vestido de preto, que parecia particularmente elegante e distinto, mas com este senão: seu rosto era o mais mortalmente pálido que já vi, exceto na morte. Ele não estava fantasiado — usava o mero traje noturno de um cavalheiro —, e disse sem sorrir, mas com uma reverência cortês e extraordinariamente profunda: “Madame la Comtesse me permitiria dizer algumas poucas palavras que podem interessá-la?”.

— A dama se voltou rapidamente para ele e levou o dedo aos lábios em sinal de silêncio, e então me disse: “Guarde o lugar para mim, General. Voltarei assim que tiver dito umas poucas palavras”.

— E com aquela injunção, feita de modo jocoso, ela se apartou um pouco com o homem de preto e conversou por alguns minutos, aparentemente de maneira muito séria. Em seguida eles se afastaram lentamente em meio à multidão e eu os perdi de vista por alguns minutos.

— Fiquei então quebrando a cabeça, formulando conjeturas quanto à identidade da dama que parecia lembrar-se tão amavelmente de mim. Estava pensando em voltar-me e juntar-me à conversa entre a minha bela pupila e a filha da Condessa, pois com isso talvez eu arranjasse alguma carta na manga para surpreendê-la quando ela voltasse, tendo seu nome, título, castelo e propriedades na ponta da língua. Mas naquele momento ela voltou, acompanhada do homem pálido de preto, que disse: “Voltarei para informar Madame la Comtesse quando a carruagem estiver à porta”.

— Em seguida ele se retirou com uma reverência.

XII — Um pedido

— “Então vamos perder Madame la Comtesse apenas por algumas horas, espero”, eu disse, com uma profunda mesura,

— “Pode ser apenas isso, ou pode ser por algumas semanas. Foi muita falta de sorte que ele me falasse só agora como fez. Agora o senhor me reconhece?”

— Assegurei-lhe que não.

— “Vai saber quem eu sou”, disse ela, “mas não agora. Nossa amizade é mais antiga e mais próxima do que talvez possa suspeitar. Ainda não posso revelar minha identidade. Devo passar dentro de três semanas por seu belo Schloss, de que tanto perguntei. Então vou visitá-lo por uma ou duas horas, e renovaremos uma amizade sobre a qual só posso pensar com milhares de recordações agradáveis. Neste momento, uma notícia me atingiu como um raio. Devo partir agora, e viajar quase cem milhas por uma estrada tortuosa o mais rápido que puder. Minhas preocupações se multiplicam. A única coisa que me impede de lhe pedir algo muito singular é o segredo que mantenho em relação ao meu nome. Minha pobre filha ainda não recuperou completamente as forças. Caiu com o cavalo durante uma caçada que foi assistir; seus nervos ainda não se recuperaram do choque, e nosso médico diz que ela não deve fazer nenhum esforço por algum tempo. Por isso viemos até aqui em etapas muito breves, mal seis léguas por dia. Devo agora viajar dia e noite, numa missão de vida ou morte: uma missão cuja natureza crítica e importantíssima só poderei lhe explicar quando nos encontrarmos, como espero que o façamos, dentro de poucas semanas, sem necessidade de ocultar nada.”

— Ela então me fez seu pedido, e o fez no tom de uma pessoa cuja solicitação equivallesse mais a estar concedendo um favor do que reque-rendo-o. Mas isso era apenas o modo, aparentemente inconsciente, como se expressava. Mais do que o conseguiriam quaisquer outros termos, os que ela empregou reduziam o assunto a uma coisa à toa. Era simplesmente se eu não aceitaria cuidar de sua filha durante sua ausência.

— Sob todos os aspectos, era um pedido bastante estranho, para não dizer audacioso. Mas de certo modo ela me desarmou ao enunciar e admitir tudo o que poderia ser dito em contrário, e ao se confiar inteiramente ao meu cavalheirismo. No mesmo instante, por uma fatalidade

que parece ter determinado tudo o que se seguiu, minha pobre criança veio para junto de mim e pediu-me, à meia voz, que eu convidasse sua nova amiga, Millarca, a nos visitar. Ela acabara de sondá-la nesse sentido, e achava que iria adorar se sua mãe consentisse.

— Em outras circunstâncias eu teria dito a ela que esperasse um pouco, pelo menos até que soubéssemos quem eram elas. Mas não tive um instante sequer para refletir a respeito. As duas damas assaltavam-me juntas, e devo confessar que minha decisão foi determinada pelo belo e refinado rosto da senhorita, no qual havia algo enfeitigante, assim como pela elegância e pelo fascínio do berço nobre. Vencido, capitulei e assumi, de modo assaz imprudente, a guarda da senhorita, a quem a mãe chamava Millarca.

— A Condessa chamou a filha, que escutou com grave atenção a explicação sumária de como ela tinha sido requisitada tão repentina e peremptoriamente, e de que havia combinado que ela ficaria sob os meus cuidados, acrescentando que eu era um de seus mais velhos e considerados amigos.

— Eu disse, é claro, o que me parecia oportuno dizer na situação, e ao refletir, vi-me numa posição muito pouco confortável.

O senhor de preto voltou e conduziu a senhora muito cerimoniosamente para fora do salão.

O porte desse senhor era tal que me convenceu de que a Condessa era uma dama de importância muito maior do que um título modesto poderia me levar a crer.

— Sua última recomendação foi a de que eu não fizesse nenhuma outra tentativa, afora aquelas que eu já empreendera, de descobrir sua identidade até que ela retornasse. Nosso distinto anfitrião, de quem ela era convidada, conhecia suas razões para tanto.

— “Mas aqui”, disse ela, “não seria seguro, nem para mim nem para minha filha, ficar mais de um dia. Imprudentemente, tirei a máscara por um momento cerca de uma hora atrás, e julguei que o senhor tivesse me surpreendido. Depois resolvi aproveitar a oportunidade para falar-lhe um pouco. Se eu tivesse descoberto que o senhor me reconheceu, teria implorado ao seu elevado senso de honra que guardasse meu segredo por algumas semanas. Como percebo, o senhor não me viu, e

isso me tranquiliza; mas confio-me inteiramente à sua honra do mesmo modo, caso já desconfie quem sou ou caso venha a adivinhar após refletir. Minha filha se portará com o mesmo sigilo, e bem sei que o senhor a lembrará, de tanto em tanto, de guardá-lo, caso ela venha a revelá-lo irrefletidamente.”

Ela sussurrou algumas poucas palavras à sua filha, deu-lhe dois beijos apressadamente e partiu acompanhada do pálido senhor de preto, desaparecendo na multidão.

— “Na sala ao lado”, disse Millarca, “há uma janela que dá para a porta de entrada. Gostaria de ver mamãe partir, jogar-lhe um beijo.”

— Concordamos, é claro, e a acompanhamos até a janela. Olhamos para fora e vimos uma elegante carruagem à moda antiga, com um grupo de pajens e lacaios. Vimos a figura delgada do pálido senhor de preto segurar uma pesada capa de veludo, pousá-la sobre os ombros dela e puxar-lhe o capuz sobre a cabeça. Ela assentiu e tocou-lhe de leve a mão. Ele fez repetidas medidas enquanto a porta se fechava, e então a carruagem se pôs em movimento.

— “Ela foi embora”, disse Millarca com um suspiro.

— “Ela foi embora” repeti a mim mesmo, e percebi pela primeira vez desde aquele apressado momento em que eu consentira ao pedido como agira tolamente.

— “Ela não olhou para cima”, lamentou-se a jovem.

— “A Condessa deve ter tirado a máscara e desejado esconder o rosto”, eu disse; “e ela não poderia saber que a senhorita estava à janela.”

Ela suspirou e olhou-me na cara. Era tão bela que eu cedi. Desagradava-me que por um momento eu tivesse me arrependido de minha hospitalidade; resolvi compensá-la pela minha inadmissível grosseria inicial.

— A senhorita repôs a máscara e se juntou à minha pupila: queriam convencer-me a voltar ao jardim, onde o recital logo seria retomado. Assim fizemos, e andamos por todo o terraço sob as janelas do castelo.

— Millarca logo se mostrou muito íntima, e divertiu-nos com suas vivazes descrições e histórias acerca de muitas pessoas que vimos no terraço. Gostava mais dela a cada instante. Suas fofocas, que não eram

mal-intencionadas, divertiram-me à beça, a mim que há tanto não frequentava o *grand monde*. Pensei na vida que ela traria às nossas — às vezes solitárias — noites em casa.

— O baile durou quase até que o sol surgisse no horizonte. O Grão-Duque comprazia-se em dançar até esse momento, de modo que quem lhe fosse leal não podia ir embora nem pensar em dormir.

Acabáramos de atravessar um salão repleto de gente quando minha pupila perguntou aonde fora Millarca. Eu pensava que ela estivesse ao lado dela, e ela imaginava que estivesse comigo. O fato é que a tínhamos perdido.

— Todo o meu esforço para encontrá-la foi inútil. Temia que ela, ao se separar de nós por um momento em meio ao tumulto, tivesse confundido seus novos amigos com outras pessoas, e talvez as tivesse seguido e houvesse se perdido nos extensos jardins que agora se abriam para nós.

— Agora eu percebia, com toda a sua força, mais uma loucura minha, pois tinha assumido a guarda de uma moça sem sequer saber seu nome, e não podendo quebrar minha palavra, sem fazer ideia dos motivos que a exigiam, eu não tinha como começar uma investigação apenas afirmando que a donzela desaparecida era filha de uma condessa que partira algumas horas antes.

A manhã raiou. Era pleno dia quando desisti da busca. Não tivemos notícia da desaparecida até cerca das duas da tarde do dia seguinte. Por volta dessa hora um criado bateu à porta de minha sobrinha e disse que tinha sido insistentemente requisitado por uma jovem dama, que parecia muito aflita, para saber onde ela poderia encontrar o General Baron Spielsdorf e a senhorita sua filha, aos cuidados de quem havia sido deixada por sua mãe.

— Não poderia haver dúvida, apesar da ligeira imprecisão, de que a nossa jovem amiga tinha reaparecido, e tinha mesmo. Que o céu nos livrasse de perdê-la!

— Ela contou à minha garota uma história para explicar por que não conseguira nos reencontrar mais cedo. Disse que era muito tarde quando, desesperada para nos encontrar, entrou no quarto da governanta e então caiu num profundo sono que, por mais que tivesse sido longo, mal fora suficiente para fazê-la se recuperar do cansaço do baile.

— Naquele dia Millarca veio para casa conosco. Eu não cabia em mim de felicidade, enfim, por ter arranjado uma companhia tão agradável para a minha querida.

XIII — O lenhador

— No entanto logo surgiram certos contratemplos. Para começar, Millarca queixava-se de uma enorme languidez — a fraqueza que se seguira a uma doença que sofrera —, e ela nunca descia de seu quarto antes que fosse tarde bem avançada. Embora ela trancasse sua porta pelo lado de dentro e não a abrisse até deixar a camareira entrar para ajudá-la em sua toailete, acabamos por descobrir acidentalmente que ela certamente se ausentava de seu quarto de manhã cedo e em várias outras horas do dia, antes de sinalizar que estava se levantando. Era frequentemente vista das janelas do Schloss, ao primeiro e fraco cinza matinal, andando no meio das árvores, em direção ao levante, como uma pessoa em transe. Fiquei convencido de que ela era sonâmbula. Mas essa hipótese não resolvia meu enigma. Como ela saía do quarto se a porta permanecia trancada pelo lado de dentro? Como ela deixava a casa sem abrir qualquer porta ou janela?

— Em meio a essas minhas preocupações, uma aflição muito mais urgente se apresentou. Minha pequena estava visivelmente perdendo a saúde, e de uma maneira tão misteriosa e horrível que acabei ficando extremamente apreensivo. Primeiro visitaram-na sonhos terríveis; depois, ela assim dizia, foi visitada por um espectro, às vezes parecendo Millarca, outras vezes na forma de uma fera, entrevista rondando os pés da sua cama de um lado para o outro.

— Por fim vieram as sensações. Uma delas, agradável mas muito peculiar, segundo dizia, lembrava o fluir de uma corrente gelada contra o peito. Depois de um tempo, ela sentiu algo como um par de agulhas a picá-la um pouco abaixo do pescoço, provocando uma dor muito aguda. Após algumas noites, seguiu-se uma sensação de estrangulamento cada vez mais convulsiva; então perdeu a consciência.

Eu podia ouvir distintamente cada palavra que o velho e bom General dizia, pois a essa altura estávamos passando pela relva baixa que

se estende dos dois lados da estrada, perto do vilarejo destelhado onde não se vira sair fumaça de chaminé por mais de meio século.

Você pode imaginar o quanto fiquei perplexa ao reconhecer exatamente os meus sintomas na descrição dos da pobre garota que, não fosse a catástrofe que sobreveio, estaria hospedada naquele mesmo momento no nosso castelo. Pode também fazer ideia de como me senti ao ouvi-lo relatar hábitos e misteriosas peculiaridades que eram, de fato, os mesmos de nossa bela hóspede, Carmilla!

Abria-se a paisagem no meio da floresta, e logo nos vimos junto das chaminés e dos frontões do vilarejo em ruínas. As torres e as ameias do castelo desmantelado, ao redor do qual se agrupam árvores gigantes-cas, sobrepunham-se a nós no alto de uma pequena colina.

Como num sonho assustador, desci da carruagem em silêncio, pois tínhamos todos muito no que pensar. Em seguida, subimos a rampa e nos encontramos em meio às câmaras espaçosas, às escadas tortuosas e aos corredores escuros do castelo.

— E esta já foi a esplêndida residência dos Karnstein! — disse enfim o velho General, olhando o vilarejo por uma grande janela e vendo a grande e sinuosa extensão de floresta. — Essa foi uma família má. Aqui foram escritos os seus anais manchados de sangue — continuou. — Já é demais que sigam a infectar a raça humana com seus prazeres atrozés, mesmo depois de mortos. Lá está a capela dos Karnstein.

Ele apontou os muros cinzentos da construção gótica, parcialmente visíveis através da mata, abaixo da rampa.

— Mas escuto o machado de um lenhador — acrescentou, — trabalhando nas árvores que a cercam. Quem sabe ele possa me dizer o que procuro: qual é o túmulo de Mircalla, Condessa Karnstein. Esses camponês preservam a tradição local das grandes famílias, cujas histórias perecem entre os ricos e nobres tão logo essas mesmas famílias tenham desaparecido.

— Temos em casa um retrato de Mircalla, a Condessa Karnstein gostaria de vê-lo? — perguntou meu pai.

— Teremos tempo para isso, meu caro — replicou o General. — Acredito que vi o original. Ademais, um dos motivos que me levaram a

procurá-los antes do previsto é explorar essa capela de que estamos nos aproximando.

— O quê? Viu a Condessa Mircalla?! — exclamou meu pai. — Como assim? Ela está morta há mais de um século!

— Não tão morta quanto você imagina, pelo que me parece — respondeu o General.

— Confesso, General, que o senhor está me deixando bastante desorientado — respondeu meu pai, olhando-o com o que me pareceu uma momentânea recaída da suspeita que eu lhe adivinhara antes. Entretanto, mesmo que às vezes houvesse raiva e ódio na atitude do General, não havia nada que indicasse loucura.

— Só me resta — disse ele enquanto passávamos pelo grande arco da igreja gótica (pois suas dimensões justificam essa denominação), — um único objetivo que possa me interessar nos poucos anos que me sobrarão na terra: executar a vingança que, com a graça de Deus, deverá ser cumprida pela mão de um mortal.

— Que quer dizer com vingança? — perguntou meu pai, cada vez mais surpreso.

— Quero dizer: decapitar o monstro — respondeu ele impetuosamente, batendo o pé no chão com tal força que o ruído ecoou lugubrememente pelos vãos da ruína, e ao mesmo tempo erguendo a mão cerrada como se agarrasse o cabo de um machado, sacudindo-a ferozmente no ar.

— O quê?! — exclamou meu pai, mais assombrado que nunca.

— Cortar-lhe a cabeça.

— Cortar-lhe a cabeça?!

— Sim, com uma machadinha, uma pá, qualquer coisa que atravesse sua garganta mortífera. Vocês verão — ele respondeu, tremendo de raiva. E avançando apressadamente, continuou: — Esta viga servirá de assento: sua filha está cansada, ela deve sentar-se, e eu vou terminar minha história medonha com algumas poucas palavras.

O bloco retangular de madeira que jazia sobre o piso coberto de mato formava um banco sobre o qual fiquei contente em sentar-me, enquanto o General foi chamar o lenhador, que estava podando alguns

troncos que reforçavam os velhos muros. Logo o velho e robusto sujeito estava diante de nós, machado em mãos.

Não sabia nos dizer nada sobre aqueles mausoléus, mas afirmou haver um velho, um guarda florestal da região, então hospedado na casa do padre, a umas duas milhas, que sabia indicar cada cripta da antiga família dos Karnstein; e por um trocado dispôs-se trazê-lo, se lhe empreitássemos um de nossos cavalos, em pouco mais de meia hora.

— O senhor trabalha há muito nesta floresta? — meu pai perguntou ao velho.

— Sempre fui lenhador por estas bandas — respondeu em seu dialeto, — às ordens do encarregado, cada dia de minha vida. O meu pai também antes de mim, e assim de geração em geração, até onde eu sei. Posso mostrar até a casa nesta vila aqui onde moravam os meus antepassados.

— Por que a vila foi abandonada? — perguntou o General.

— Foi perturbada por mortos-vivos, senhor. Muitos foram rastreados até as covas, ali identificados com os testes de sempre e aniquilados do jeito de sempre: decapitados, trespassados por estaca, queimados. Mas só depois que muitos aldeões foram mortos.

— Mas depois de todos esses procedimentos como manda a lei — continuou, —depois de tantas covas abertas, de tantos vampiros que perderam essa vida assustadora que eles têm, nem assim a vila ficou em paz. Mas um nobre da Morávia, que estava viajando e por acaso passou por aqui, escutou como tudo aconteceu, e sendo conhecedor desses assuntos — como tantos são no país dele — ele se ofereceu para livrar a vila da praga. Então, ele fez assim: era noite de lua brilhante, e assim que o sol se pôs ele montou as torres dessa capela, de onde podia ver com clareza todo o cemitério abaixo dele; dá para ver daquela janela ali. Ficou olhando daquele lugar até o vampiro sair da cova, colocar perto dela a mortalha que tinham enrolado nele e se esgueirar em direção à vila para atormentar os moradores.

— O forasteiro, depois de ver isso tudo, desceu do campanário, pegou os panos de linho do vampiro e levou pra cima da torre, que ele tornou a subir. Quando o vampiro voltou da caçada e não encontrou sua roupa, gritou furioso com o moraviano — que ele viu no alto da torre e

que, em resposta, o desafiou a subir e vir pegar. Nisso o vampiro, aceitando o convite, começou a escalar o campanário, mas assim que ele chegou perto das ameias o moraviano varou sua cabeça em dois com um golpe de espada, fazendo-o despencar no cemitério, com o que o forasteiro o seguiu, depois de descer as escadas, e cortou sua cabeça, que no dia seguinte ele deu, junto com o corpo, aos aldeões, que os impalaram e queimaram, como é devido.

— Esse nobre da Morávia tinha autorização do chefe da família daqueles tempos para remover o túmulo de Mircalla, Condessa de Karnstein, o que ele de fato fez, de modo que, em pouco tempo, o seu lugar ficou desconhecido de quase todo mundo.

— Pode mostrar onde ficava? — perguntou ansioso o General.

O lenhador balançou a cabeça e sorriu.

— Nenhuma alma viva saberia lhe dizer hoje — ele disse. — Além disso, dizem que o corpo dela foi removido, mas ninguém tem certeza disso também.

Como tínhamos pressa, tendo dito isso, ele largou o machado e partiu, deixando-nos a escutar o resto da estranha história do General.

XIV — A reunião

— Minha pequena querida piorava rapidamente — continuou o General. — O médico que viera atendê-la não conseguiu mitigar em nada a sua doença, ou o que eu então acreditava ser uma. Ele percebeu a minha apreensão e sugeriu uma segunda opinião. Eu mandei chamar um médico mais habilitado, de Graz.

— Passaram-se muitos dias até que ele chegasse. Era homem bom e piedoso, além de muito instruído. Depois de examinarem juntos minha sobrinha, eles se retiraram para a minha biblioteca para parlamentar e debater. Da sala ao lado, onde aguardava sua decisão, eu escutava as vozes desses dois cavalheiros se animando a algo mais provocativo do que uma estrita discussão filosófica. Bati à porta e entrei. Percebi que o velho doutor de Graz sustentava sua teoria. Seu rival a combatia ridicularizando-a abertamente, com direito a ataques de risada. Com a minha entrada essa atitude indecorosa cessou e a discussão se interrompeu.

— “Meu senhor”, disse meu primeiro médico, “meu instruído colega parece considerar que o senhor precisa mais de um esconjurador do que de um doutor.”

— “Perdão”, disse desgostoso o velho médico de Graz, “reservo-me o direito de expor eu mesmo minha visão do caso, ao meu modo, em outra ocasião. Lamento afirmar, Monsieur le Général, que por minha experiência e minha ciência não posso ser útil. Antes de partir, gostaria de ter a honra de lhe sugerir algo.”

— Ele parecia absorto; sentou-se a uma mesa e começou a escrever.

— Profundamente desapontado, fiz-lhe uma reverência. Quando me voltei para sair, o outro doutor apontou o colega a escrever e, dando de ombros, tocou alusivamente a testa.

— Essa junta médica, então, me deixou exatamente na mesma. Atordoado, saí para o jardim. Depois de dez ou quinze minutos, o doutor de Graz me alcançou. Desculpou-se por ter-me seguido, mas disse que não poderia partir conscienciosamente sem algumas palavras mais. Disse-me que não podia estar enganado, que nenhuma doença natural exibia tais sintomas, que a morte estava bem próxima, mas que ela ainda tinha um ou talvez dois dias de vida. Se tomássemos providências imediatas para evitar o ataque fatal, com grandes cuidados e perícias, ela poderia vir a recuperar as forças. Mas tudo dependia do imponderável, agora. Mais uma investida poderia extinguir a última centelha de vitalidade, que pode se apagar a qualquer momento.

— “Mas está falando de um ataque de que natureza?”, interroguei.

— “Digo tudo detalhadamente nesta anotação, que lhe ponho nas mãos sob a estrita condição de que mande chamar o padre mais próximo e abra a minha carta em sua presença. Em nenhuma hipótese a leia antes de ele chegar, pois caso contrário não a levará a sério, e trata-se de um caso de vida ou morte. Caso o padre não possa vir, então sim, pode lê-la.”

— Antes de afinal partir, ele me perguntou se eu não desejaria ver um homem particularmente versado no assunto em questão, o qual provavelmente me interessaria mais do que qualquer outro depois que eu tivesse lido sua carta, e me exortou seriamente a procurar esse homem, e depois se despediu.

O padre não estava em casa, então li a carta sozinho. Noutra hora, ou noutras circunstâncias, ela teria despertado o meu senso de ridículo. Mas em que charlatanices as pessoas não terminam acreditando quando todos os métodos habituais falharam e a vida de um ente querido está em risco?

— Nada, diria você, poderia ser mais absurdo do que a carta daquele homem estudado. Era monstruosa o bastante para que o confinassem num hospício. Ele dizia que a paciente estava sofrendo das visitas de um vampiro! As perfurações que ela contara terem ocorrido perto da garganta tinham sido causadas, ele insistia, pela inserção daqueles dois dentes longos, finos e afiados que são, como é sabido, próprios dos vampiros. E não havia dúvida, ele acrescentava, quanto à evidente presença da pequena marca azulada que todos descreviam como aquela deixada pelos lábios do demônio. Todos os sintomas descritos pela enferma coincidiam exatamente com aqueles registrados em cada caso de uma tal visitação.

— Como sou totalmente cético quanto à existência de quaisquer prodígios como esse de vampiros, a teoria sobrenatural do bom doutor só me parecia mais um exemplo da estranha associação do estudo e da inteligência com uma alucinação qualquer. Mas eu estava tão desesperado que resolvi, em vez de não tentar nada, seguir as instruções da carta. Escondi-me no escuro quarto de vestir contíguo ao aposento da adocida, onde estava acesa uma vela, e fiquei ali de vigia até ela dormir. Fiquei perto da porta espiando pela fresta, com minha espada apoiada sobre uma mesa ao meu lado, como mandavam as instruções, até que, pouco depois de uma hora da madrugada, vi uma grande figura preta, muito indefinida, se arrastar para cima do pé da cama e rapidamente se esticar até o pescoço da pobre menina, onde instantaneamente dilatou-se e virou uma enorme massa palpitante.

Fiquei petrificado por alguns instantes. Então saltei para a frente com a espada na mão. A criatura negra subitamente se contraiu em direção ao pé da cama, deslizou sobre ela e, de pé à distância de um metro da cama, fixou-me com um olhar de ferocidade acuada e horror: vi Millarca! Especulando sei lá o que, ataquei-a imediatamente com a espada, mas a vi ao lado da porta, incólume. Terrificado, corri até ela e

ataquei novamente. Ela desaparecera, e minha espada despedaçou-se contra a porta.

Não posso descrever tudo o que se passou naquela noite terrível. A casa inteira estava de pernas pro ar. O espectro de Millarca sumira. Mas sua vítima foi definhando rapidamente, e antes do amanhecer estava morta.

O velho General estava agitadoíssimo. Não falamos com ele. Meu pai se afastou um pouco, começou a ler as inscrições das lápides e assim ocupado passou pelo vão de uma porta que dava para uma capela lateral, continuando sua busca. O General apoiou-se numa parede, enxugou os olhos e suspirou profundamente. Fiquei aliviada de ouvir as vozes de Carmilla e Madame se aproximando. As vozes se extinguíram.

Nessa solidão, acabando de ouvir uma história tão estranha, relacionada aos defuntos ilustres e nobres cujos mausoléus estavam se desintegrando em meio à poeira e à hera ao nosso redor, e de que cada mínimo detalhe remetia abominavelmente ao meu próprio caso misterioso — nesse lugar assombrado, entrevado pela folhagem que se erguia de todo lado, densa e mais alta que os seus muros silenciosos —, um horror começou a me dominar, e meu coração me falhou quando pensei que minhas amigas, afinal, não iriam entrar e quebrar esse cenário desolado e ameaçador.

Os olhos do General estavam fixos no chão, e ele apoiava a mão contra a base de um jazigo demolido.

Alegrei-me ao ver sob o vão estreito de uma porta em arco, protegida por uma daquelas carrancas demoníacas cuja fantasia cínica e macabra faz a delícia da escultura gótica, a linda figura e o rosto de Carmilla entrando na capela sombria.

Eu estava para me levantar e falar-lhe, e acenei com a cabeça em resposta ao seu sorriso particularmente encantador, quando o velho ao meu lado, com um grito, pegou o machado do lenhador e lançou-se adiante. Ao vê-lo, uma mudança brutal afetou sua aparência. Foi uma transformação instantânea e monstruosa, e ela deu um passo vacilante para trás. Antes que eu pudesse gritar, ele a golpeou com toda força, mas ela se desviou e, sem um arranhão, agarrou-o pelo punho com sua

minúscula mão. Ele lutou por alguns instantes para soltar seu braço, mas sua mão se abriu e ele deixou cair o machado, e a garota sumiu.

Ele se abalou sobre o muro. Seu cabelo grisalho ficou em pé e suas faces estavam úmidas, como se ele estivesse para morrer.

A cena horripilante se passou num segundo. A primeira coisa que lembro, depois, é de Madame na minha frente, repetindo e repetindo impaciente a mesma pergunta:

— Mas onde foi Mademoiselle Carmilla?

Enfim respondi:

— Eu... não sei... não sei dizer... foi por ali — e aponte a porta pela qual Madame acabara de entrar, — um ou dois minutos atrás.

— Mas fiquei ali, na passagem, desde que Mademoiselle Carmilla chegou, e ela não voltou por esse caminho.

Então ela começou a chamar “Carmilla” por todas as portas, passagens e janelas, mas não houve resposta.

— Ela se chamava Carmilla? — perguntou o General, ainda conturbado.

— É, Carmilla — respondi.

— Sim — declarou, — esta é Millarca. É a mesma pessoa que antigamente era chamada Mircalla, Condessa de Karnstein. Fuja desse lugar maldito, pobre criança, o mais rápido que puder. Vá para a casa do padre e fique lá até chegarmos. Vá! Que nunca mais você veja Carmilla — não a encontrará aqui.

XV — Processo e execução

Enquanto o General falava, entrou na capela, pela mesma porta através da qual Carmilla entrara e saíra, um dos homens mais esquisitos que já vi. Era alto, franzino, tinha ombros arqueados e vestia-se de preto. Seu rosto acastanhado e seco era marcado por profundas rugas. Usava um chapéu estranhíssimo, com uma aba larga. Seus cabelos, longos e grisalhos, caíam-lhe nos ombros. Tinha óculos dourados e andava com vagar, cambaleando bizarramente. Sua cara, ora virada para o céu, ora curvada em direção ao chão, parecia sempre trazer um sorriso. Balançava os braços longos e finos, e suas mãos, metidas em velhas luvas pretas grandes demais para elas, agitavam-se e gesticulavam distraidamente.

— Ele mesmo! — exclamou o General, aproximando-se do homem com evidente satisfação. — Meu caro Barão, como estou feliz em vê-lo! Não esperava encontrá-lo tão cedo. — Acenou para meu pai, que já tinha voltado, e conduziu até ele aquele velho notável a quem chamara de Barão. Apresentou-os formalmente, e eles começaram a conversar seriamente. O estranho tirou um rolo de papel do bolso e o abriu sobre a superfície gasta de um túmulo próximo. Tinha um lápis entre os dedos, e com ele traçava linhas imaginárias de um ponto a outro sobre o papel. Olhavam-no repetidamente, depois para determinados pontos da construção, donde concluí que devia ser uma planta da capela. Ele acompanhava sua exposição (como eu a chamaria) com consultas ocasionais a um livrinho velho e sujo, cujas páginas amareladas pululavam de letras.

Juntos e confabulando, caminharam vagarosamente pela nave lateral oposta a onde eu me encontrava. Começaram a medir distâncias com passos e finalmente se aproximaram em grupo de uma parte da parede, que se puseram a examinar minuciosamente: arrancaram as heras que a cobriam, rasparam o reboco com a ponta de suas bengalas, esfregaram aqui, bateram ali. Por fim descobriram uma ampla placa de mármore, com letras gravadas em relevo.

Com ajuda do lenhador, que logo retornara, verificaram existir uma inscrição funerária e um brasão, que se revelaram os do perdido jazigo de Mircalla, Condessa Karnstein.

O General embora não fosse dado à reza, ergueu as mãos e o olhar para o céu, agradecendo em silêncio por alguns momentos.

— Amanhã — ouvi-o dizer, — chegará o comissário e se dará início ao inquérito oficial.

Depois, voltando-se para o velho de óculos dourados que descrevi, cumprimentou-o calorosamente com as duas mãos, dizendo:

— Barão, como posso lhe agradecer? Como podemos, todos nós, lhe agradecer? O senhor livrou a região de um flagelo que atormentou os seus moradores por mais de um século. O horrendo inimigo finalmente foi localizado, graças a Deus.

Meu pai conduziu o desconhecido à parte, e o General os seguiu. Eu sabia que ele queria levá-lo aonde não pudessem ser ouvidos, para

lhe relatar o meu caso. A medida que a discussão progredia, voltavam sempre a me dirigir olhares fugazes.

Meu pai se aproximou de mim, beijou-me repetidas vezes e disse, acompanhando-me para fora da capela:

— É hora de voltar. Mas antes de irmos para casa precisamos encontrar o bom padre que mora perto daqui e convencê-lo a nos acompanhar até o nosso Schloss.

Nisso fomos bem-sucedidos. Fiquei muito aliviada ao chegar em casa, pois estava extremamente esgotada. Contudo, minha satisfação virou desalento quando descobri que não havia nenhum sinal de Carmilla. Não me deram nenhuma explicação da cena que ocorrera na capela em ruínas: estava claro que era um segredo que meu pai por ora não tinha intenção de me revelar.

A sinistra ausência de Carmilla tornou minha lembrança da cena ainda mais medonha. Foram tomadas providências especiais para aquela noite: Madame e duas criadas iriam passar a noite toda em meu quarto, enquanto o clérigo e meu pai montariam guarda no quarto de vestir anexo.

Antes, o padre havia realizado alguns ritos muito solenes, cujo propósito eu ignorava completamente, assim como o motivo daquela extraordinária precaução em torno da minha segurança enquanto dormia.

Depois de alguns dias, compreendi tudo com clareza.

Decerto já ouviu falar da atroz superstição encontrada na Alta e na Baixa Estíria, na Morávia, na Silésia, na Sérvia Turca,¹² na Polônia e até na Rússia: aquela que podemos chamar a superstição do Vampiro.

Se tem algum valor o testemunho humano, tomado em juízo, com toda seriedade e rigor, perante incontáveis comissões, cada uma delas composta por muitos homens escolhidos por sua integridade e inteligência, cujos relatórios são mais prolíficos do que aqueles sobre qualquer outro tipo de caso — se isso vale algo, então é difícil negar, ou mesmo duvidar, que vampiros existem.

De minha parte, jamais ouvi qualquer teoria que explicasse o que eu testemunhei e sofri senão a oferecida por essa antiga crença local.

¹² A Alta Estíria é uma sub-região ao norte do então Ducado da Estíria, hoje província austríaca; a Baixa Estíria, sua parte sul (hoje na Eslovênia); Morávia, Silésia e Sérvia Turca são regiões adjacentes (ver mapa), (N.T.)

No dia seguinte, executaram-se os procedimentos formais na Capela de Karnstein. O túmulo da Condessa Mircalla foi aberto: tanto o General como meu pai reconheceram, no rosto agora trazido à luz, sua pérfida e bela hóspede. Apesar de terem se passado cento e cinquenta anos desde o funeral, suas feições estavam tingidas de vida. Seus olhos estavam abertos e o caixão não exalava nenhum odor cadavérico. Os dois médicos presentes, um exercendo oficialmente sua profissão, o outro representando o promotor do inquérito, atestaram o fato sobrenatural de que havia uma leve mas perceptível respiração, e uma atividade correspondente no coração. Os membros estavam perfeitamente flexíveis e a carne, elástica. O caixão estava cheio de sangue: imerso sob sete polegadas de sangue, jazia o corpo.

Ali estavam, portanto, todos os reconhecidos sinais e provas de vampirismo. Assim, de acordo com o velho método, o corpo foi exumado; fincou-se uma estaca afiada no coração do vampiro, que soltou um grito lancinante, igual ao de um vivo na sua última agonia. Depois lhe cortaram a cabeça, e um rio de sangue jorrou de seu pescoço decepado. Em seguida, o corpo e a cabeça foram postos sobre a madeira de uma pira e reduzidos a cinzas, que foram atiradas ao rio e desapareceram. Aquela terra nunca mais foi infestada pela aparição de um vampiro.

Meu pai possui uma cópia do relatório da Comissão Imperial, cujas declarações são atestadas, em anexo, pelas assinaturas de todos os presentes. Foi desse documento que extraí meu relato dessa última e chocante cena.

XVI — Epílogo

O senhor deve imaginar que eu tenha escrito isso tudo serenamente. Longe disso: ainda hoje não posso pensar no ocorrido sem me abalar. Só mesmo o seu veemente pedido, tantas vezes repetido, poderia ter me induzido a realizar uma tarefa que teria abalado meus nervos pelos próximos meses, trazendo de volta a sombra do terror inominável que atormentou meus dias e noites e tornou-me a solidão insuportavelmente assustadora.

Deixe-me acrescentar uma ou duas palavras a respeito daquele excêntrico Barão Vordenburg, a quem somos gratos pelos curiosos conhecimentos que nos permitiram localizar o jazigo da Condessa Mircalla.

Estabeleceram-se em Graz, onde, vivendo humildemente — foi tudo o que lhe restou dos outrora principescos domínios de sua família, na região da Alta Estíria —, devotava-se a uma minuciosa e árdua investigação da fantásticamente comprovada lenda do Vampiro. Tinha na ponta da língua todas as obras — as fundamentais e as menores — sobre o assunto: *Magia Posthuma*; *Pblegon de Mirabilibus*; *Augustinus de cura pro Mortuis*; *as Philosophicee et Christianæ Cogitationes de Vampiris* de João Cristóvão Harenberg e mil outras, das quais lembro uma ou outra que ele emprestou a meu pai.¹³ Possuía um volumoso arquivo de todos os casos jurídicos, de onde extraiu um sistema cujos princípios parecem governar — às vezes completamente, outras apenas em parte — a condição de vampiro. Observo de passagem que a palidez cadavérica atribuída a esse tipo de mortos-vivos é uma mera ficção melodramática. Pois eles apresentam uma aparência de vida saudável, seja no túmulo, seja em sociedade. E quando são trazidos à luz em seus caixões, exibem os mesmos sinais que comprovaram a vida vampírica da falecida Condessa Karnstein.

Sempre se considerou de todo inexplicável como fazem para sair a cada dia de suas covas por algumas horas e voltar a elas sem cavar a terra ou deixar qualquer pista no caixão ou na mortalha. O sono diário na cova renova a vida anfíbia do vampiro. Já o seu horroroso apetite por sangue vivo supre o vigor para a sua existência ativa. O vampiro tende a ficar fascinado, com uma intensidade absorvente que lembra a paixão, por uma determinada pessoa. Para chegar até ela, ele agirá com incansável paciência e estratégia, pois pode-se obstruir de muitos modos seu

¹³ O autor cita, um pouco ao acaso, algumas (poucas) obras históricas desse vasto repertório na verdade, nem todas são especificamente sobre vampiros. Duas delas podem ser consideradas centrais no desenvolvimento e divulgação dos casos de mortos-vivos e vampirismo: a *Magia Posthuma* de Karl Ferdinand von Schertz (Olomouc, Rep. Tcheca, 1706); e as *Reflexões racionais e cristãs sobre os vampiros ou mortos sugadores de sangue* de Johann Christoph Harenberg (*Vemiinftige und Chrisdiche Gedanken uber die Vampiris oder Bluhtsaugende Todten. Wolffênbiitten*, Alemanha, 1733). Já o *De rebus mirabilibus* (algo como Livro das maravilhas), do grego Flégon de Trales (séc. n), contém um relato que é tido por alguns como um antigo caso de vampirismo; e *De curâ pro mortuis gerenda* é uma obra de Santo Agostinho (354-430) que trata dos devidos procedimentos para com os defuntos. Estaria Le Fanu falando de suas próprias consultas a livros que lhe teriam emprestado? (N.E.)

acesso a alguém. Nunca desiste até saciar sua paixão, sugando a própria vida de sua cobiçada vítima. Nesses casos, porém, ele poupará e prolongará seu prazer assassino com o requinte de um especialista, e o intensificará com os progressivos ataques de um cortejar malicioso. Então parece apelar para algo como simpatia ou condescendência. Já em relação às suas vítimas comuns, vai direto ao ponto: subjuga com violência, estrangula e aniquila, muitas vezes num único banquete.

As circunstâncias indicam que o vampiro está sujeito a determinadas condições. Uma delas está naquele particular exemplo que relatei. Mircalla, se não usasse o seu nome verdadeiro, tinha-o limitado às letras deste, sem tirar nem pôr — compondo um anagrama, como se diz. “Carmilla” e “Millarca” obedecem a essa condição.

Meu pai contou ao Barão Vordenburg (que permaneceu conosco duas ou três semanas após a expulsão de Carmilla) a história do nobre da Morávia no cemitério da capela. Então lhe perguntou: como tinha descoberto a exata localização do túmulo de Mircalla, escondido há tanto tempo? Os traços grotescos do Barão franziram-se num misterioso sorriso; olhou para baixo, para seu desgastado estojo de óculos, e brincou com ele, ainda sorrindo. Então levantou o olhar e disse:

— Possuo muitos diários e, outros escritos de autoria desse homem notável. O mais curioso deles é justamente aquele em que conta essa sua visita a Karnstein. A lenda, é claro, empalidece e distorce um pouco como a coisa realmente se deu. Sim, ele poderia ser chamado de “nobre moraviano”, já que passara a viver na Morávia e era, além disso, de fato um nobre. Mas na verdade era natural da Alta Estíria. Basta dizer que quando era muito jovem ele fora um apaixonado e favorecido amante da bela Mircalla, Condessa Karnstein. Sua morte precoce mergulhou-o numa miséria inconsolável.

— É da natureza dos vampiros crescer e se multiplicar, mas sempre obedecendo a uma conhecida lei sobrenatural. Vamos supor um território inteiramente livre dessa peste. Como começa, como se multiplica? Vou lhe dizer. Uma pessoa mais ou menos ímpia se mata. Sob certas condições, o suicida pode virar um vampiro. Esse espectro visita os vivos enquanto dormem; estes morrem e quase sempre se tornam vampiros em suas covas. Foi isso o que aconteceu com a belíssima Mircalla, que foi assombrada por um desses demónios. Meu ancestral Vordenburg, cujo

título ainda conservo, logo descobriu tudo isso, e aprendeu muito mais ao longo dos estudos que dedicou ao assunto.

— Entre outras coisas, ele percebeu que mais dia menos dia recairia a suspeita de vampirismo sobre a falecida Condessa, que em vida tinha sido objeto de sua adoração. Fosse ela o que fosse, ele considerava repulsivo que seus restos mortais fossem profanados pela ofensa de uma execução póstuma. Ele deixou uma curiosa nota que prova que o vampiro, uma vez extinta a sua existência anfíbia, é projetado numa vida muito mais horrível; ele quis, portanto, poupar disso sua amada. Adotou o stratagem de viajar até aqui, simular a retirada de seus restos e apagar todo vestígio de seu túmulo.

— Quando ficou mais velho, à distância dos anos que haviam se passado, reconsiderou com outro espírito o que fizera, e então foi tomado de horror. Ele fez os traçados e anotações que me guiaram ao lugar exato, assim como uma confissão da impostura que cometera. Se planejara qualquer ação nesse sentido, não o sabemos, pois foi colhido pela morte; e foi a mão de um longínquo descendente seu a guiar — tarde demais para muita gente — a busca à toca da besta.

Conversamos mais um pouco. Disse ainda, entre outras coisas:

— Uma evidência de vampirismo é a força da mão: a delicada mão de Mircalla cerrou como ferro o punho do General quando ele levantou a machadinha para atacar. Mas os poderes de suas mãos não se limitam à força: deixam entorpecido o membro que agarram, que só recupera — se tiver essa sorte — muito devagar.

Na primavera seguinte meu pai me levou em viagem pela Itália. Ficamos lá mais de um ano. Demorou para que os horrores dos acontecimentos recentes se dissipassem. Ainda hoje a figura de Carmilla retorna à minha mente com uma alternância ambígua: às vezes a garota brincalhona, lânguida e linda; outras, o torturante demónio que vi nas ruínas da igreja; e muitas vezes sobressaltei-me ouvindo o passo leve de Carmilla na sala de estar.

Tradução de Renata Bottini, publicada em São Paulo, 2009, pela editora Berlendis & Vertecchia.

Carmilla — A Vampira de Karnstein

I — O primeiro medo

Na Estíria, embora não sejamos, absolutamente, gente importante, residimos num castelo, ou *schloss*. Uma renda modesta, nesta parte do mundo, vai longe. Oitocentos ou novecentos por ano fazem maravilhas. Por mais escassa, a nossa renda nos incluía entre os abastados da região. Meu pai é inglês, e tenho nome inglês, se bem que jamais tenha visitado a Inglaterra. Mas aqui, neste lugar isolado e primitivo, onde tudo é incrivelmente barato, não vejo como mais dinheiro pudesse nos proporcionar mais conforto material, ou mesmo luxo.

Meu pai serviu no exército austríaco; quando se reformou, passou a viver da pensão e do seu próprio património, comprou esta residência feudal e o pequeno pedaço de terra que a circunda, uma ninharia.

Nada pode ser mais pitoresco ou isolado. A propriedade fica na encosta de uma colina, numa floresta. A estrada, velha e estreita, passa diante da ponte levadiça, que nunca se vê erguida, e do fosso, cheio de percas e cisnes, e flotilhas de lírios brancos boiando na superfície.

Acima de tudo isso o *schloss* exhibe a sua fachada de muitas janelas, as torres e a capela gótica.

A floresta se abre numa clareira irregular e pitoresca diante dos portões, e, à direita, uma elevada ponte gótica lança a estrada por cima de um córrego que serpenteia pelas sombras do bosque.

Já disse que o lugar era bastante isolado. Avalie o leitor a verdade disso. Olhando da porta do saguão em direção à estrada, a floresta que

circunda nosso castelo se estende por vinte e cinco quilômetros à direita e vinte quilômetros à esquerda. O vilarejo habitado mais próximo situa-se a cerca de onze quilômetros à esquerda. O *schloss* mais próximo, com alguma importância histórica, é o do velho general Spielsdorf, quase trinta quilômetros à direita.

Eu disse “o vilarejo *habitado* mais próximo” porque existe, a apenas cinco quilômetros a oeste, isto é, na direção do *schloss* do general Spielsdorf, uma aldeia em ruínas, com uma velha igreja, hoje destelhada, em cuja nave se vê os túmulos em decomposição da ilustre família Karnstein, hoje extinta, outrora proprietária do desolado *château* que, do meio da floresta, contempla as ruínas silenciosas do povoado.

Acerca da causa do abandono desse local impressionante e melancólico, reza uma lenda que, em outra ocasião, haverei de contar ao leitor.

Mas agora devo dizer como era reduzido o número de pessoas que habitavam o nosso castelo. Não vou incluir os criados, nem os agregados que ocupam cômodos nas construções adjacentes ao *schloss*. Ouça e admire-se! Meu pai, o homem mais amável do mundo, mas já envelhecido; e eu, à época dessa história, com apenas dezenove anos. Oito anos já se passaram desde então. Meu pai e eu éramos a família que habitava o *schloss*. Minha mãe, nascida na Estíria, morreu quando eu era criança, mas eu tinha uma bondosa preceptora, que me acompanhou, posso quase dizer, desde a minha infância. Desde que me entendo por gente, posso me lembrar daquele rosto cheio e bonachão — madame Perrodon, nascida em Berna, cujo carinho e generosidade compensavam, para mim, em certa medida, a perda de minha mãe, de quem não consigo me lembrar, pois a perdi muito cedo. A preceptora era o terceiro conviva da nossa pequena mesa de jantar. Havia uma quarta pessoa, mademoiselle De Lafontaine, uma dama que você, leitor, chama, creio eu, de “preceptora de estudos avançados”. Mademoiselle falava francês e alemão, madame falava francês e arranhava o inglês, e meu pai e eu falávamos inglês, idioma que praticávamos diariamente, para não esquecer-lo e também por razões patrióticas. O resultado era uma Babel, que costumava provocar o riso dos estranhos, e que não tentarei reproduzir nesta narrativa. E havia também duas ou três jovens, mais ou menos da minha idade, que nos visitavam, às vezes por períodos mais longos,

outras vezes, por menos tempo; e eu, de quando em vez, retribuía-lhes tais visitas.

Eram esses os recursos sociais de que dispúnhamos rotineiramente; mas é claro que recebíamos visitas esporádicas de “vizinhos” que moravam a apenas cinco ou seis léguas de distância. Minha existência era, contudo, bastante solitária — disso eu posso assegurar-lo, leitor.

Minhas preceptoras exerciam sobre mim o controle que seria de se esperar de damas sábias, sendo eu uma jovem bastante mimada, sem mãe, e cujo pai permitia que ela fizesse, praticamente, tudo o que desejasse.

A primeira ocorrência, que me produziu na mente uma impressão terrível, a qual, na verdade, jamais se desfez, constitui uma das primeiras lembranças que tenho da vida. Não faltará quem considere o incidente tão banal que não devesse ser aqui registrado. Mas, pouco a pouco, o leitor haverá de constatar por que o menciono.

O “quarto das crianças”, conforme o aposento era chamado, embora fosse apenas meu, era um salão no andar superior do castelo, com teto elevado, forrado de carvalho. Eu não tinha mais de seis anos, quando acordei certa noite e, olhando em torno de minha cama, não consegui ver a camareira. Tampouco estava ali minha babá; pensei estar sozinha. Não senti medo, pois era uma daquelas crianças felizes, zelosamente mantidas na ignorância em relação a histórias de fantasmas, contos de fadas e todo o tipo de lenda que nos faz cobrir a cabeça quando, de repente, uma porta range, ou o tremor de uma vela quase extinta faz a sombra da perna da cama dançar na parede, aproximando-se do nosso rosto. Fiquei consternada, aborrecida, por ter sido, conforme supunha, abandonada, e pus-me a choramingar, como prelúdio de um tremendo pranto; então, para minha surpresa, vi um rosto circunspecto, mas muito belo, olhando-me ao lado da cama. Era uma jovem, ajoelhada, com as mãos enfiadas sob a cobertura. Olhei para ela com um espanto que expressava certa satisfação, e parei de choramingar. A jovem me acariciou, deitou-se ao meu lado e puxou-me para perto dela, sorrindo; acalmei-me deliciosa e prontamente, e voltei a dormir. Acordei com a sensação de que duas agulhas haviam sido enfiadas em meu peito, ao mesmo tempo, e dei

um grito. A dama se afastou, com os olhos cravados em mim, escorregou para o chão e, assim pensei eu, escondeu-se embaixo da cama.

Pela primeira vez, senti medo, e gritei com todas as minhas forças. Camareira, babá, arrumadeira, todas chegaram, correndo, e ao ouvir meu relato, atenuaram-lhe a importância, ao mesmo tempo em que faziam tudo para me confortar. Mas, embora fosse uma criança, pude perceber que seus semblantes estavam pálidos, com um estranho ar de ansiedade, e vi quando olharam embaixo da cama, em volta do quarto, embaixo das mesas e dentro dos armários; e a camareira sussurrou para a babá:

— Passe a mão ali na cama, naquela depressão; alguém *se deitou* ali, sem dúvida; o lugar ainda está quente.

Lembro-me que a camareira me afagou, que as três examinaram meu peito, no local em que lhes disse ter sentido as fisgadas, e que disseram não haver qualquer sinal visível de que algo semelhante houvesse acontecido.

A arrumadeira e outras duas criadas responsáveis pelo quarto das crianças passaram a noite em vigília; e desde aquele dia, até eu completar cerca de catorze anos, uma criada ficava sempre comigo no quarto.

Por muito tempo depois desse incidente, senti-me bastante nervosa. Um médico foi chamado; era um homem pálido e idoso. Como me lembro de seu rosto comprido e saturnino, marcado por varíola, e de sua peruca em tom castanho! Durante um longo período, dia sim, dia não, ele aparecia e me ministrava um remédio, que eu, evidentemente, detestava.

Na manhã seguinte em que vi a tal assombração, fui tomada de pavor, e não consegui ficar sozinha, nenhum instante, a despeito da luz do dia.

Lembro-me que meu pai subiu e se pôs de pé, ao lado de minha cama, falando num tom de voz alegre, fazendo várias perguntas à babá, rindo a valer diante de uma das respostas; e lembro-me dele dando um tapinha no meu ombro, beijando-me e dizendo que não tivesse medo, que tudo não passava de um sonho inofensivo.

Não me consolei, pois sabia que a visita da estranha mulher *não era* sonho; e estava mesmo *morrendo* de medo.

Senti um pequeno alívio quando a camareira me garantiu que fora ela quem havia entrado no quarto, me olhado e se deitado ao meu lado, e que eu devia estar entorpecida pelo sono, visto que não lhe reconheceria o rosto. Mas isso, ainda que confirmado pela babá, não me satisfez totalmente.

Lembro-me que mais tarde, naquele mesmo dia, um senhor de aspecto nobre, trajando batina preta, entrou no quarto, acompanhado da babá e da arrumadeira, e se dirigiu, primeiramente, às duas, e depois conversou comigo, com amabilidade. Tinha a fisionomia meiga e gentil, e me disse que todos rezariam; juntou as minhas mãos e pediu-me que falasse, baixinho, enquanto eles rezavam: “Senhor, ouvi as nossas boas preces, em nome de Jesus”. Acho que eram essas as palavras, pois muitas vezes as repeti comigo mesma, e, durante anos, minha babá pediu-me que as pronunciasse em minhas orações.

Lembro-me muito bem do semblante atencioso e amável daquele senhor de cabelos brancos e batina preta, enquanto ele, cercado de um mobiliário canhestro que estivera em voga trezentos anos antes, se punha de pé naquele salão tosco, imponente, acastanhado, e lembro-me da luz fraca que penetrava aquela atmosfera sombria através de uma pequena treliça. Ele se ajoelhou, seguido pelas três mulheres, e rezou em voz alta, com uma voz grave e trémula, durante o que me pareceu ser um longo tempo. Esqueci tudo o que se passou em minha vida antes desse evento, e durante algum tempo após o ocorrido, tudo me parece igualmente obscuro; mas as cenas que acabo de descrever são vívidas como os quadros estanques de uma fantasmagoria¹⁴ cercada pelas trevas.

II — Uma hóspede

Passo agora a contar algo tão estranho que o leitor vai precisar confiar em mim, para crer na minha história. Não apenas se trata de um relato verdadeiro, mas de uma verdade que eu mesma pude testemunhar.

Era um agradável começo de noite de verão, e meu pai me convidou, conforme às vezes o fazia, para sair em caminhada com ele por aquela linda floresta que, como eu já disse, situava-se diante do *schloss*.

¹⁴ Ilusão de óptica criada pela projeção de luzes em uma sala às escuras, por meio de um fantascópio, por exemplo. (N.E.)

— O general Spielsdorf não poderá nos visitar tão cedo quanto eu esperava — disse meu pai, enquanto caminhávamos.

O general vinha nos fazer uma visita de algumas semanas, e aguardávamos a sua chegada no dia seguinte. Traria consigo uma jovem, mademoiselle Rheinfeldt, uma sobrinha sobre a qual exercia tutela; eu não a conhecia, mas haviam me falado que era encantadora, e eu esperava passar muitos dias felizes em sua companhia. Minha decepção foi maior do que qualquer jovem residente em algum centro urbano ou alguma vizinhança agitada poderá imaginar. A visita e a perspectiva da nova amizade haviam I povoado meus devaneios durante semanas,

— E quando ele vai poder vir? — perguntei.

— Só no outono. Só daqui a dois meses, eu diria — ele respondeu. — E fico aliviado, querida, por você não ter conhecido mademoiselle Rheinfeldt.

— E por quê? — perguntei, ao mesmo tempo constrangida e curiosa.

— Porque a pobre jovem está morta — ele retrucou. — Esqueci de lhe contar, mas é que você não estava na sala quando recebi a carta do general, que chegou hoje à noite.

Fiquei absolutamente perplexa. O general Spielsdorf havia mencionado, na primeira carta, seis ou sete semanas antes, que a jovem não estava muito bem, mas nada parecia indicar que a situação fosse grave.

— Eis a carta do general—ele disse, entregando-me o papel. — Receio que ele esteja passando grande aflição; a carta parece ter sido escrita num momento de transtorno mental.

Sentamo-nos num banco tosco, embaixo de um magnífico conjunto de tílias. O sol estava se pondo, com todo o seu esplendor melancólico, detrás do horizonte silvestre, e o riacho que corre ao lado da nossa casa, e passa por baixo da velha ponte a qual já me referi, seguia seu curso sinuoso em meio a um grupo de árvores nobres, quase aos nossos pés, refletindo na corrente o rubor do céu, cada vez mais esmaecido. A carta do general Spielsdorf era extraordinária, tão veemente e, em alguns pontos, tão contraditória, que precisei fazer duas leituras — a segunda vez, em voz alta, para meu pai; ainda assim, não consegui entender bem o

conteúdo, e supus que o sofrimento houvesse perturbado a mente do militar. A carta dizia:

Perdi minha querida filha, muito amada. Nos dias finais da doença de minha querida Bertha não tive condições de escrever-lhe. Até aquele momento, não fazia ideia do perigo que ela corria. Perdi Bertha, e agora sei de tudo, tarde demais. Ela morreu na paz da inocência, e na esperança gloriosa de um futuro abençoado. O demônio que traiu a nossa hospitalidade embevecida foi o responsável por tudo. Achei que estivesse recebendo em minha casa a inocência, a alegria, uma companheira encantadora para a minha falecida Bertha. Deus do céu! Como fui tolo! Agradeço a Deus por minha filha ter morrido sem suspeitar a causa de seu próprio sofrimento. Ela se foi sem perceber a natureza do mal que se lhe acometeu, nem a paixão maldita do agente de toda essa desgraça. Dedicarei à caça e ao aniquilamento desse monstro os dias que me restam. Deram-me esperança de alcançar meu objetivo justo e misericordioso. No momento mal enxergo uma luz que me guie. Amaldiçoó a minha presunçosa hesitação, o meu abjeto sentimento de superioridade, a minha cegueira, a minha teimosia — tudo — tarde demais. Neste momento, não consigo escrever ou falar coerentemente. Estou transornado. Assim que me recompuser um pouco, pretendo fazer algumas investigações, que talvez me levem até Viena. Em algum momento, no outono, daqui a dois meses, ou antes disso, se eu sobreviver, irei visitá-lo — isto é, se me for permitido; então, contar-lhe-ei tudo o que neste momento não me atrevo a pôr no papel. Adeus. Reze por mim, caro amigo.

Nesses termos foi concluída essa estranha carta. Embora eu não conhecesse Bertha Rheinfeldt, meus olhos marejaram de lágrimas quando soube do acontecido; fiquei assustada, além de profundamente decepcionada.

O sol já havia desaparecido e o crepúsculo se instalado, quando devolvi a carta do general a meu pai.

A noite estava clara e agradável, e nos detivemos ali, especulando os possíveis significados daquelas frases contumazes e incoerentes que eu acabara de ler. O trajeto até a estrada que passa defronte ao *schloss* era de cerca de um quilómetro, e quando nela chegamos, a lua

já brilhava. Na ponte levadiça, encontramos madame Perrodon e mademoiselle De Lafontaine, que haviam saído para dar uma volta, sem seus chapéus, e apreciar o raro luar.

Quando nos aproximamos, ouvimos as vozes das duas tagarelando animadamente. Juntamo-nos a elas na ponte levadiça e nos voltamos para admirar a bela cena.

A clareira por onde havíamos caminhado estendia-se diante de nós. À nossa esquerda, a via estreita seguia tortuosa, sob copas de árvores imponentes, e desaparecia em meio à mata densa. À direita, a mesma via atravessa a ponte alta e pitoresca, perto da qual se ergue uma torre em ruínas, que no passado guardava a entrada do castelo; além da ponte, eleva-se uma colina íngreme, coberta de árvores e exibindo nas sombras algumas rochas cinzentas cobertas de hera.

Acima do solo relvado, uma fina camada de névoa, parecendo fumaça, marcava as distâncias com um véu transparente; aqui e ali, enxergávamos o riacho reluzindo tibiamente ao luar.

Cenário mais tranquilo, mais ameno era inimaginável.

A notícia que eu acabara de receber tornava a cena melancólica; mas nada poderia perturbar aquela profunda serenidade, ou a glória e a ambiguidade encantadoras do local.

Meu pai, que apreciava o pitoresco, e eu permanecemos em silêncio, contemplando a vastidão abaixo de nós.

As duas governantas, de pé logo atrás, discorriam sobre a cena, loquazes em relação à lua.

Madame Perrodon era gorda, de meia-idade, e romântica; falava e suspirava poeticamente. Mademoiselle De Lafontaine, fazendo jus ao pai alemão, supostamente psicólogo, metafísico e algo místico, agora declarava que quando a lua reluzia assim tão intensamente, era sabido que indicava alguma atividade espiritual extraordinária.

O efeito da lua cheia, com todo aquele brilho, era múltiplo. Atuava sobre os sonhos, atuava sobre a loucura, atuava sobre os aflitos; exercia influências físicas fantásticas sobre a vida. Mademoiselle contava que, numa noite dessas, um primo, marinheiro de um navio mercante, depois de cochilar deitado de costas no tombadilho, com o luar refletindo-lhe diretamente no rosto, havia despertado de um sonho no qual uma velha

lhe arranhava a face e ficara com o rosto horripilantemente repuxado — e a fisionomia do rapaz jamais voltara ao normal.

— Esta noite a lua — ela dizia — está plena de força odílica¹⁵ e magnética... e veja, atrás da senhora, todas as janelas do *schloss* brilham e cintilam com esse esplendor prateado, como se mãos invisíveis houvessem acendido luzes nos quartos, para receber convidados feéricos.

Quando nos encontramos em estados de espírito indolentes, sem disposição para falar, agrada aos nossos ouvidos apáticos a conversa de terceiros; e permaneci em contemplação, contente com o tilintar do diálogo das duas mulheres.

— Esta noite estou num daqueles meus soturnos estados de ânimo — disse meu pai, após um período de silêncio, e citando Shakespeare que, para preservarmos nosso domínio da língua inglesa, ele costumava ler em voz alta, acrescentou;

Garanto que não sei por que estou triste;
A tristeza me cansa, como a vós;
Mas como a apanhei ou contraí...¹⁶

Esqueci o resto. Mas sinto que uma grande infelicidade paira sobre nós. Acho que a carta aflita do pobre general tem algo a ver com isso.

Naquele momento, o insólito ruído de rodas de uma carruagem e de cascos de vários cavalos batendo no leito da estrada chamou a nossa atenção.

O som parecia oriundo da elevação que ficava além da ponte levadiça, e, naquele ponto, logo surgiu o cortejo. Primeiro, dois cavaleiros cruzaram a ponte; em seguida, apareceu uma carruagem puxada por quatro cavalos, e outros dois homens cavalgavam atrás.

Parecia se tratar do veículo de alguma pessoa importante; prontamente, fomos absorvidos por aquele raro espetáculo. Logo depois, a cena ficou ainda bem mais interessante, pois, assim que a carruagem ultrapassou o ponto mais elevado da ponte, um dos cavalos da frente, assustando-se, espalhou pânico entre os demais e, depois de uma ou duas investidas, as parelhas partiram num galope ensandecido, passando entre os

¹⁵ O barão Karl von Reichenbach (1788-1869), químico alemão, acreditava na existência de uma força oculta da natureza (*od*) que se manifestava através do magnetismo, do hipnotismo, de reações químicas, entre outros fenômenos, os quais podiam ser detectados por pessoas sensíveis. (N.E.)

¹⁶ Citação inexata de *O mercador de Veneza*, ato 1, cena 1, de Shakespeare. (N.E.)

dois cavaleiros que vinham à frente, e ribombando estrada abaixo em nossa direção, velozes como o vento.

A comoção da cena tornou-se mais dorida em consequência dos gritos límpidos e prolongados de uma voz feminina à janela da carruagem.

Todos nos adiantamos, movidos por curiosidade e medo — meu pai em silêncio, os demais emitindo exclamações de pavor.

Nosso suspense não durou muito. Logo antes da ponte levadiça, à beira da estrada pela qual os visitantes chegavam, existe uma tília magnífica, e do outro lado, há uma velha cruz de pedra; ao avistarem a cruz, os cavalos, agora numa velocidade simplesmente terrível, deram uma guinada, fazendo com que uma das rodas da carruagem passasse por cima da raiz da tília.

Eu previ o que aconteceria. Cobri os olhos, sem coragem para encarar a cena, e virei o rosto para o lado; naquele instante, ouvi o grito das minhas duas governantas, que haviam se adiantado um pouco.

A curiosidade me fez abrir os olhos, e o que vi foi um cenário de total pandemônio. Dois cavalos estavam no chão, a carruagem havia tombado, duas rodas no ar; os homens ocupavam-se em remover os arreios, e uma senhora, com semblante e porte imponentes, recém-saída da carruagem, de mãos postas, levava um lenço ao olhos, com gestos repetidos. Uma jovem, aparentemente sem vida, era agora retirada do interior da carruagem. Meu querido pai, chapéu na mão, já estava ao lado da senhora, evidentemente oferecendo assistência e os recursos do *schloss*. A dama parecia não ouvi-lo, seus olhos nada mais fitando além da jovem frágil que naquele momento era recostada num barranco da estrada.

Aproximei-me; a jovem parecia em estado de choque, mas era visível que não estava morta. Meu pai, que se vangloriava de possuir dotes médicos, acabava de tirar-lhe o pulso e garantia à senhora, que se declarava mãe da jovem, que a pulsação, embora fraca e irregular, era indubitavelmente perceptível. A dama juntou as mãos e voltou os olhos para o alto, como num arroubo de gratidão; mas, em seguida, voltou a se descontrolar, com uma histeria, penso eu, típica de certas pessoas.

Era o que se costuma chamar de uma mulher vistosa, considerando a idade, e decerto fora bela; era alta, mas não esbelta; trajava

veludo preto e parecia um tanto ou quanto pálida, a despeito da fisionomia altiva e autoritária que, naquele momento, mostrava-se estranhamente agitada.

— Já nasceu alguém para sofrer tamanha calamidade? — ouvi a senhora dizer, com as mãos postas, quando me acerquei. — Aqui estou, numa viagem de vida ou morte, na qual perder uma hora talvez signifique perder tudo. Quem poderá prever o tempo necessário para minha filha se recuperar e retomarmos a estrada? Serei obrigada a deixá-la; não posso, não ousar, retardar-me. A que distância, senhor, fica o vilarejo mais próximo? Preciso deixá-la nesse vilarejo; e não verei minha querida, nem mesmo terei notícias dela, até regressar, daqui a três meses.

— Puxei meu pai pelo casaco, e sussurrei-lhe, em tom grave, ao ouvido:

— Ah! Papai! Por favor, peça-lhe que deixe a jovem ficar conosco... seria tão bom! Por favor!

— Se a senhora confiar a filha aos cuidados de minha filha e sua boa governanta, madame Perrodon, e consentir que ela seja nossa hóspede, sob minha responsabilidade, até o seu retorno, será para nós uma honra e um dever, e a trataremos com todo o zelo e atenção condizentes com tal confiança.

— Não posso aceitar, senhor; seria abusar de sua bondade e de seu cavalheirismo — disse a dama, extremamente nervosa.

— Ao contrário, a sua anuência nos traria um grande alento, sendo o que ora mais precisamos. Minha filha acaba de passar por uma decepção, devido a um cruel infortúnio que impediu uma visita da qual ela há muito tempo esperava usufruir grande felicidade. Se a senhora confiar esta jovem aos nossos cuidados, o gesto propiciará à minha filha o melhor dos alentos. O próximo vilarejo no seu trajeto fica distante, e não dispõe de uma hospedaria na qual a senhora desejasse alojar sua filha; a senhora não pode permitir que ela prossiga a viagem até esse vilarejo afastado, pois isso seria um risco. Se, conforme a senhora afirma, a viagem não pode ser cancelada, é imperioso separar-se de sua filha esta noite, e em lugar algum poderá fazê-lo com garantias mais honestas de cuidados e afeto do que aqui.

Havia algo tão distinto e mesmo imponente no semblante e na aparência daquela dama, e algo tão encantador em suas maneiras, sem falar daquela escolta impressionante, que qualquer pessoa se convenceria de que se tratava de alguém ilustre.

Àquela altura a carruagem tinha sido desvirada, e os cavalos, animais bastante dóceis, já estavam novamente arreados.

A senhora lançou à filha um olhar de relance, a meu ver, menos afetuoso do que seria de se esperar, levando-se em conta o começo daquela cena; em seguida fez um gesto, chamando meu pai, e afastou-se com ele, dois ou três passos, onde não poderia ser ouvida; dirigiu-lhe a palavra, com uma fisionomia firme e grave, bem diferente daquela com que até então se expressara.

Fiquei surpresa com o fato de meu pai não perceber tal mudança, e também extremamente curiosa para saber do que ela lhe falava, quase ao pé do ouvido, com tamanha seriedade e apuro.

Durante dois ou três minutos, julguei, ela assim permaneceu; então, voltou-se e deu alguns passos até o local onde a filha se recostara, agora amparada por madame Perrodon. A dama ajoelhou-se ao lado da jovem e sussurrou-lhe algo, uma bênção, supôs madame Perrodon; em seguida, após um beijo apressado, entrou na carruagem; a porta foi fechada, os lacaios, com suas elegantes librés, posicionaram-se atrás, os cavaleiros que seguiam adiante fizeram uso das esporas, os cocheiros estalaram os chicotes, os cavalos se empertigaram e partiram, num trote marcado que prenunciava novo galope, e a carruagem disparou, seguida com igual celeridade pelos dois cavaleiros da retaguarda.

III — Comparamos impressões

Seguimos com os olhos o cortège até que rapidamente desaparecesse de vista, no bosque brumoso; e o som dos cascos e das rodas logo se extinguiu no silente ar noturno.

Nenhuma garantia restou de que a aventura não houvesse sido um momento ilusório, a não ser a presença da jovem, que naquele momento abria os olhos. Não pude vê-la, pois seu rosto se voltava em outra direção, mas ela ergueu a cabeça, evidentemente, olhando em torno de si, e ouvi uma voz muito meiga indagar, em tom queixoso:

— Onde está mamãe?

A boa madame Perrodon respondeu carinhosamente, e acrescentou palavras de conforto.

Então ouvi a jovem perguntar:

— Onde estou? Que lugar é este? — e depois, disse — Não estou vendo a carruagem; e Matska¹⁷, onde está?

Madame respondeu-lhe a todas as perguntas, até onde era capaz de compreendê-las; aos poucos, a jovem lembrou-se do acidente, e ficou aliviada ao saber que ninguém que estava no interior da carruagem, ou a serviço dela, havia se ferido; e, ao ser informada de que a mãe a deixara ali, e que só voltaria em três meses, chorou.

Eu estava prestes a somar palavras de consolo àquelas expressas por madame Perrodon, quando mademoiselle De Lafontaine tocou meu braço, dizendo:

— Não se aproxime; uma pessoa de cada vez é o máximo com que ela consegue interagir neste momento; a menor agitação agora pode ser prejudicial.

Assim que ela estiver confortavelmente deitada, pensei, corro até o quarto para vê-la.

Nesse íterim, meu pai despachara um criado, a cavalo, em busca do médico, que morava a cerca de duas léguas; e um quarto já estava sendo preparado para receber a jovem.

A estranha agora se pusera de pé e, apoiando-se no braço de madame Perrodon, caminhou lentamente pela ponte levadiça e entrou pelos portões do castelo.

No vestíbulo, a criadagem aguardava para recebê-la, e ela foi conduzida aos seus aposentos.

O cômodo que costumávamos usar como salão de estar tem uma forma alongada, e quatro janelas voltadas para o fosso e a ponte levadiça, com vista para a floresta que descrevi anteriormente.

O salão é mobiliado de carvalho antigo, entalhado, decorado com grandes estantes, e poltronas estofadas de veludo de Utrecht, em tom carmim. As paredes, com imponentes molduras douradas, são forradas de tapeçarias que exibem figuras em tamanho natural, em trajes antigos

¹⁷ Palavra de origem eslava, diminutivo de "mãe". (N.E.)

e extravagantes, e os temas representados são a caça, a falcoaria, quase sempre algo festivo. O ambiente não é tão suntuoso que o impeça de ser bastante confortável; ali tomávamos nosso chá, pois, com seu habitual zelo patriótico, meu pai insistia em incluir a bebida nacional ao lado do nosso café e do nosso chocolate.

Naquela noite ficamos no salão, com as velas acesas, conversando a respeito da aventura recém-ocorrida.

Madame Perrodon e mademoiselle De Lafontaine nos faziam companhia. A jovem estranha mal se deitara e já dormia um sono profundo; e as duas governantas haviam-na deixado aos cuidados de uma criada.

— O que as senhoras acham da nossa hóspede? — perguntei, assim que madame entrou. — O que sabem sobre ela?

— Gostei muito dela — respondeu madame.

— Chego a pensar que é a criatura mais bela que já vi; tem mais ou menos a sua idade, e é muito meiga e educada.

— É simplesmente linda — acrescentou mademoiselle, que havia entrado um instante no quarto da hóspede.

— E que voz doce! — aduziu madame Perrodon.

— Depois que a carruagem foi desvirada, vocês notaram que havia uma mulher lá dentro, que não saiu — indagou mademoiselle. — Ela ficou apenas olhando pela janela?

— Não, nós não tínhamos visto a tal mulher.

Mademoiselle, então, descreveu uma mulher negra, de aspecto assustador, portando uma espécie de turbante colorido, observando o tempo todo da janela da carruagem, sacudindo a cabeça e rindo e zombando da situação, com um olhar brilhante e arregalado, e os dentes cerrados.

— Vocês repararam a aparência estranha dos lacaios? — perguntou madame.

— Sim — disse meu pai, que acabava de entrar —, uns sujeitos feios, mal-encarados, como nunca vi na vida. Espero que não assaltem aquela pobre senhora na floresta. Mas eram uns pilantras bastante esper- tos; em poucos minutos, souberam contornar o imprevisto.

— Acho que estavam exaustos, de tanto viajar — disse madame.

— Além do aspecto mal-encarado, eles tinham o rosto tão magro, escuro,

sombrio. Reconheço que estou bastante curiosa; mas acredito que a jovem vai nos contar tudo amanhã, se estiver bem recuperada.

— Não acredito que conte — disse meu pai, com um sorriso misterioso, e um pequeno meneio de cabeça, como se soubesse de algo que preferia não nos revelar.

Isso me fez ainda mais curiosa em relação ao que se passara entre ele e a dama de veludo preto, naquela conversa breve e séria que tiveram pouco antes da senhora partir.

Assim que ficamos a sós, pedi-lhe que me contasse. Não foi preciso pressioná-lo.

— Não há por que não lhe contar. Ela expressou certa relutância em nos importunar, deixando a filha sob nossos cuidados, dizendo que a jovem tem saúde delicada, que é nervosa, mas que não sofre de qualquer tipo de convulsão, nem de alucinações, e que, na realidade, é perfeitamente lúcida.

— Que estranho, dizer essas coisas! — interpolei. — Isso era absolutamente desnecessário.

— Em todo caso, *foi isso* que ela disse — meu pai falou, rindo. — E como você quer saber tudo o que se passou, e o que se passou não foi muito, vou lhe contar. Depois ela disse: “Estou fazendo uma longa viagem, de importância *vital*”, frisando a palavra, “uma viagem rápida e secreta; voltarei para buscar minha filha em três meses. Nesse ínterim, ela nada dirá sobre quem somos, de onde viemos e para onde viajamos”. Foi só isso que ela me disse. Falava um francês perfeito. Ao pronunciar a palavra “secreta”, deteve-se durante alguns segundos, com um ar grave, fitando-me nos olhos. Suponho que a questão seja sumamente importante para ela. Você viu como ela partiu às pressas. Espero não ter feito algo tolo, ao assumir a responsabilidade pela jovem.

Da minha parte, fiquei radiante. Ansiava por ver e falar com a jovem, aguardando apenas que o médico me permitisse fazê-lo. Você, leitor; que mora na cidade, não faz ideia da importância do advento de uma nova amizade, no isolamento que nos cercava.

O médico só chegou por volta da uma hora, mas eu não podia ir para a cama e dormir, assim como não podia alcançar, a pé, a carruagem na qual a princesa trajando veludo negro havia partido.

Quando voltou ao salão de estar, o médico trouxe notícias bastante promissoras acerca da paciente. Ela já estava sentada, e a pulsação se mostrava regular; segundo parecia, a jovem havia se recuperado totalmente. Não sofrera qualquer dano físico, e o pequeno impacto causado em seus nervos já fora superado. Eu poderia vê-la, sem causar-lhe mal algum, se o encontro fosse da vontade de ambas; diante de tal consentimento, prontamente, mandei perguntar se ela permitia que eu a visitasse, durante alguns minutos, em seus aposentos.

A criada voltou imediatamente, para dizer que a visita era tudo o que a jovem mais queria.

O leitor pode ter certeza de que não hesitei em me valer de tal permissão.

Nossa hóspede fora alojada num dos aposentos mais belos do *schloss*. Era, talvez, um pouco suntuoso. Uma tapeçaria um tanto lúgubre pendia da parede, diante do pé da cama, estampando Cleópatra com as áspides ao seio;¹⁸ outras paredes exibiam diferentes cenas clássicas, um pouco desbotadas. Contudo, entalhes dourados e variadas cores espalhadas pela decoração do quarto compensavam, plenamente, o aspecto lúgubre da velha tapeçaria.

Velas ardiam ao lado da cama. Ela estava sentada; sua figura esbelta e atraente vestia a camisola leve, de seda, bordada com flores e forrada de tecido acolchoado, que a mãe lhe havia jogado sobre os pés, enquanto ela jazia estirada ao solo.

O que me fez calar e dar um ou dois passos para trás, no momento em que cheguei ao lado da cama e tentei balbuciar um cumprimento? Vou lhe contar, leitor.

Vi, exatamente, o rosto que havia me visitado naquela noite, quando eu era criança, e que se fixara nitidamente em minha memória, e que durante tantos anos me fizera ruminar com tamanho pavor, em momentos em que ninguém suspeitava o que eu estava pensando.

Era belo, lindo; e a primeira vez que o vi, exibia aquela mesma expressão melancólica.

Mas tal expressão, quase instantaneamente, iluminou-se, com um estranho sorriso de reconhecimento.

¹⁸ Le Fanu parece aludir aqui ao suicídio da rainha egípcia. Como se sabe, no folclore, os suicidas podem voltar como vampiros para assombrar os vivos. (N.E.)

Seguiu-se um silêncio de quase um minuto, e finalmente *ela* falou; *eu* não tinha condições de fazê-lo.

— Que incrível! — ela exclamou. — Há doze anos, vi seu rosto num sonho, e desde aquela noite seu rosto tem me perseguido.

— Incrível mesmo! — repeti, esforçando-me para dominar o pavor que havia me impedido de falar. — Doze anos atrás, seja em sonho ou realidade, *eu* a vi, sem dúvida. Não pude esquecer seu rosto. Trago-o diante dos olhos desde aquela noite.

O sorriso dela tornou-se mais sutil. O que nele havia de estranho desaparecera, e o sorriso e as covinhas daquela face pareciam agora belos e perspicazes.

Senti-me mais segura, e pude prosseguir de acordo com os ditames da hospitalidade, desejando-lhe boas-vindas, e falando-lhe do prazer que sua chegada inesperada havia causado a nós todos e, em particular, de quanta felicidade aquilo me proporcionava.

Segurei-a pela mão, enquanto falava. Sentia-me um pouco tímida, conforme costuma ser o caso das pessoas solitárias, mas a situação me fez eloquente, até mesmo ousada. Ela apertou-me a mão, colocando a sua sobre a minha, e seus olhos brilharam, no momento em que, cruzando o meu olhar, ela voltou a sorrir e enrubesceu.

Respondeu às minhas boas-vindas com muita graça. Sentei-me ao seu lado, ainda espantada; e ela disse:

— Preciso contar-lhe a visão que tive de você; é tão estranho que tenhamos sonhado, uma com a outra, com tamanha nitidez, que tenhamos nos visto, eu a você, você a mim, como hoje somos, quando ainda éramos crianças. Eu era menina, com cerca de seis anos, quando despertei de um sonho confuso e perturbador, e me vi num quarto, diferente do meu, com paredes forradas de um lambri danificado e escuro, com armários e cabeceiras de cama, e cadeiras e bancos espalhados pelo recinto. As camas me pareciam vazias, e não havia ninguém no quarto, exceto eu; depois de olhar ao redor durante algum tempo, e após admirar um belo castiçal de ferro, com duas hastes, que eu decerto reconheceria, arrastei-me por baixo de uma das camas, a fim de chegar à janela; mas, quando saí debaixo da cama, ouvi alguém chorar, e ainda de joelhos, erguendo os olhos, vi *você*... com toda certeza... *você*, como posso vê-la

agora: uma linda jovem, com cabelos dourados e grandes olhos azuis, e lábios... os seus lábios... você, assim como você está aqui. Foi o seu rosto que me conquistou; enfiei-me na cama e a abracei; e acho que nós duas pegamos no sono. Acordei com um grito; você estava sentada e gritando. Assustei-me e escorreguei para o chão, e acho que, durante algum tempo, perdi a consciência; quando recuperei os sentidos, estava de volta em meu quarto, na minha casa. Jamais esqueci o seu rosto. Jamais seria enganada por qualquer mera semelhança. *Você é a jovem que vi.*

Então foi a vez de eu relatar a minha visão, e assim o fiz, para o total espanto da minha nova amiga.

— Não sei quem deveria sentir mais medo da outra — ela disse, voltando a sorrir. — Se você fosse menos bonita, acho que eu teria muito medo, mas sendo você como é, e nós duas tão jovens, sinto como se nos conhecêssemos há doze anos, e sinto que já tenho direito a compartilhar a sua intimidade; em todo caso, parece que fomos destinadas, desde a mais tenra infância, a sermos amigas. Pergunto-me se você se sente tão estranhamente atraída por mim como eu por você; nunca tive uma amiga... será que encontrei uma agora? — ela disse, suspirando, e seus belos olhos negros me fitaram com ardor.

A verdade é que meu sentimento em relação à bela estranha era inexplicável. Eu me sentia, como ela disse, “atraída” por ela, mas havia também uma certa repulsa. Nesse sentimento ambivalente, contudo, prevalecia a atração. Ela me interessou e me conquistou; era também absolutamente formosa e indescritivelmente cativante.

Percebi, então, que uma languidez, uma exaustão, sobre ela se abatia, e apressei-me em desejar-lhe boa-noite.

— O médico acha — acrescentei — que uma criada deve ficar ao seu lado esta noite; uma das nossas serviçais já foi designada, e você verá que se trata de uma criatura silenciosa e prestativa.

— Vocês são muito gentis, mas eu não conseguiria dormir; jamais consigo dormir se houver uma acompanhante no quarto. Não vou precisar de assistência... e, vou confessar uma fraqueza, morro de medo de ladrões. Nossa casa foi roubada certa vez, e dois criados assassinados; portanto, sempre tranco a porta. Tornou-se um hábito... e você parece tão amável, que sei que vai me perdoar. Vejo que aporta tem chave.

Ela me apertou em seus belos braços um instante e murmurou ao meu ouvido:

— Boa-noite, querida. É difícil me separar de você, mas boa-noite; até amanhã, embora não cedo.

Ela, então, recostou-se no travesseiro, suspirando, e aqueles olhos atraentes me seguiram, um olhar afetuoso e melancólico, e ela voltou a murmurar:

— Boa-noite, querida amiga.

Os jovens se afeiçoam, e até amam, por impulso. Senti-me envidada pelo afeto evidente, embora ainda imerecido, que ela demonstrava por mim. Agradava-me a confiança com que, de imediato, me recebera. Ela demonstrava plena convicção de que nos tornaríamos grandes amigas.

No dia seguinte, voltamos a nos encontrar. Minha companheira me proporcionou muito contentamento — sob vários aspectos.

Sua aparência nada perdeu à luz do dia¹⁹ — sem dúvida, eu jamais vira criatura mais bela, e a lembrança desagradável daquele rosto, conforme se apresentara no sonho, perdera o efeito, desde o instante do inesperado reconhecimento.

Ela confessou ter sentido um impacto semelhante, quando me viu, e a mesma leve repulsa misturada com admiração. Agora ríamos juntas do nosso medo passageiro.

IV — Os hábitos da jovem — Uma caminhada

Eu disse a você, leitor, que fiquei fascinada por ela, sob os mais diversos aspectos.

Mas alguns não me agradavam tanto assim.

Ela era mais alta do que a média das mulheres. Começo por descrevê-la. Era esbelta, e extremamente graciosa. Exceto que seus movimentos eram lânguidos — *sumamente* lânguidos; é verdade que nada em sua aparência sugeria invalidez. A pele era saudável e viçosa; os traços eram delicados e belamente delineados; os olhos eram grandes, escuros,

¹⁹ A esse respeito, reproduzimos aqui a interessante nota de Jamieson Ridenhour: “Carmilla, como todos os vampiros do século XIX, move-se com grande desenvoltura à luz do dia. A ideia de que o sol destrói os vampiros teve início com *Nosferatu*, filme mudo de F.W. Murnau, filmado em 1922, cinquenta anos depois de *Carmilla*”. (N.E.)

e brilhantes; os cabelos eram maravilhosos — nunca vi cabelos tão fartos e tão sedosos, sobretudo quando os soltava à altura dos ombros; muitas vezes, apalpei-lhe os cabelos, rindo de alegria e espanto diante do peso da cabeleira. Eram extraordinariamente finos e macios, e exibiam um ardente tom castanho-escuro, com mechas douradas. Eu adorava soltar aqueles cabelos, deixando que as madeixas rolassem, com o seu próprio peso, quando, no quarto, enquanto ela se recostava na cadeira, falando com sua voz meiga e baixa, eu lhe fazia tranças, ou brincava com seus cabelos. Céus! Se eu soubesse!

Eu disse que alguns aspectos não me agradavam. Disse também que a confiança que ela havia me demonstrado me conquistara desde a primeira noite que a vi; mas percebi que ela guardava, em relação a si mesma, à mãe, à sua história pessoal, a tudo o que dizia respeito à sua vida, seus planos, às pessoas, uma discrição sempre alerta.

Talvez eu não estivesse sendo razoável; talvez eu estivesse errada; talvez eu devesse respeitar a promessa solene que a venerável dama de veludo negro impusera a meu pai. Mas curiosidade é paixão incontida e inescrupulosa, e jovem alguma pode suportar, com paciência, que alguém — seja lá quem for — lhe frustre a curiosidade. Que mal havia em me contar o que eu queria tanto saber? Será que ela não confiava no meu bom senso ou na minha honradez? Por que não acreditava em mim quando eu lhe garantia formalmente que jamais revelaria a qualquer mortal uma única sílaba do que me contasse?

Havia uma frieza um tanto precoce, achava eu, na persistência com que ela, com um sorriso melancólico, recusava-se a me revelar o mínimo detalhe.

Não posso dizer que a questão nos levasse a desavenças, pois ela jamais protagonizava qualquer discussão. Evidentemente, era injusto, da minha parte, pressioná-la, até deselegante, mas eu não conseguia deixar de fazê-lo; no entanto, melhor seria não ter insistido.

O que ela me disse, na minha avaliação injusta, somava a... nada, resumindo-se a três revelações vagas:

Primeiro: seu nome era Carmilla.

Segundo: sua família era antiga e nobre.

Terceiro: sua residência ficava no oeste.

Ela se recusava a revelar o nome da família, o brasão, o nome da propriedade em que residiam, e até o nome do país que habitavam.

O leitor não deve supor que eu a importunasse constantemente com essas questões. Eu costumava aguardar algum momento propício, e tinha por hábito insinuar, em vez de instar, minhas indagações. Uma ou duas vezes, é verdade, ataquei de modo mais direto. Mas, a despeito de qualquer tática, o resultado era invariavelmente o fracasso total. Queixas e carícias eram igualmente inúteis. Mas devo acrescentar o seguinte: as evasivas eram enunciadas com melancolia e súplicas tão cativantes, com tantas, e ardentes declarações de afeto e confiança em minha integridade, e com tantas promessas de que um dia eu saberia de tudo, que meu coração não tinha como se sentir ofendido.

A jovem tinha o hábito de me puxar, com seus lindos braços, pelo pescoço, encostar a face à minha, e murmurar em meu ouvido: “Querida, teu coraçãozinho está magoado; não me consideres cruel por obedecer à lei irresistível da minha força e da minha fraqueza; se o teu querido coração está magoado, meu coração selvagem sangra. No êxtase da minha tremenda humilhação, vivo no calor da tua vida, e tu haverás de morrer... morrer, morrer languidamente... na minha. Não consigo evitá-lo; assim como me aproximo de ti, vais te aproximar de terceiros, e tomarás consciência do êxtase dessa crueldade, que contudo não deixa de ser amor; portanto, não queiras saber mais a meu respeito e a respeito da minha família, mas confia em mim com todo o teu espírito”.

E depois de pronunciar tal rapsódia, apertava-me num abraço trémulo, e seus lábios tocavam meu rosto com beijos delicados.

Aquele frêmito e a linguagem que ela utilizava me eram ininteligíveis.

Devo dizer que daqueles abraços ridículos, que não ocorriam com muita frequência, eu ansiava por me livrar; mas minha energia parecia se esvaír. As palavras por ela murmuradas soavam em meu ouvido como uma cantiga de ninar, e entorpeciam a minha resistência, levando-me a um estado de transe, do qual eu só me recuperava quando ela baixava os braços.

Aquelas sensações misteriosas me desagradavam. Eu sentia uma excitação estranha e perturbadora, por vezes, prazerosa, mesclada com

uma vaga sensação de medo e certa aversão. Quando tais cenas ocorriam, não me vinham à mente quaisquer pensamentos definidos acerca de minha amiga, mas eu tinha consciência de um afeto que se transformava em veneração — e também de um repúdio. Sei que isso é paradoxal, mas não tenho outra explicação para o sentimento.

Escrevo isso, embora passados mais de dez anos, com a mão trêmula, com uma lembrança confusa e horrenda de certos acontecimentos e certas situações relacionados à provação pela qual, inconscientemente, passei — embora traga comigo recordações vívidas e absolutamente nítidas do fio condutor da minha história. Contudo, acho que na vida de todos nós determinadas cenas emotivas, nas quais nossas paixões são provocadas com incontido ardor, destacam-se de outras cenas por serem menos intensamente lembradas.

Por vezes, ao cabo de uma hora de apatia, minha estranha e bela companheira tomava minha mão e a pressionava repetidamente com ternura; nessas ocasiões ela enrubescia levemente, contemplando meu rosto com um olhar lânguido e tórrido, e ofegando tanto que o vestido chegava a ondular. Parecia um ardor de amante; sentia-me encabulada; aquilo era, ao mesmo tempo, detestável e irresistível; com olhos cheios de desejo, ela me puxava para si, e seus lábios quentes cobriam-me de beijos as faces; e ela sussurrava, quase soluçando: “És minha, *serás* minha; tu e eu seremos para sempre uma só”. Então, recostava-se na cadeira, cobrindo os olhos com as mãos pequeninas, e eu ficava trêmula.

— Somos parentes? — eu costumava perguntar. — O que você quer dizer com tudo isso? Talvez eu a faça se lembrar de alguma pessoa amada; mas, não aja assim; detesto isso; eu não a conheço... e não respondo por mim, quando você age e fala assim.

Diante da minha veemência, ela costumava suspirar; em seguida, desviava os olhos e largava minha mão.

No que respeitava essas estranhas manifestações, tentei em vão construir uma teoria satisfatória. Não me pareciam resultar de fingimento ou artimanha. Tratava-se, inequivocamente, de impulsos esporádicos de instinto e sentimento reprimidos. Será que ela, a despeito da afirmação contrária feita pela mãe, era propensa a breves ataques de insanidade? Haveria aqui um disfarce e um flerte? Eu havia lido acerca desse tipo de

coisa em velhos livros de histórias. E se algum rapaz enamorado tivesse conseguido entrar na casa, disfarçado, a fim de fazer-me a corte, contando para tal com a assistência de uma senhora aventureira e esperta? Mas havia muitos pontos contrários a tal hipótese, por mais atraente que ela fosse para a minha vaidade.

Eu não podia me gabar de pequenas atenções típicas de galanteios masculinos. Entre os tais momentos apaixonados, havia longos intervalos de atividades corriqueiras, de brincadeiras, de melancolia, quando, exceto pelos olhares plenos de uma melancolia inflamada que me seguiam, era como se eu não existisse para ela. Salvo esses breves períodos de misteriosa excitação, seus modos eram femininos; e havia nela sempre uma letargia bastante incompatível com o metabolismo masculino em estado saudável.

Em certa medida, seus hábitos eram estranhos. Talvez não pareçam tão incomuns para uma mulher da cidade, como é o seu caso, leitora, quanto pareciam para nós, gente do interior. Ela costumava descer bem tarde, de modo geral, só à uma hora; tomava um chocolate, mas não comia. Então, saíamos a caminhar, uma voltinha de nada, mas ela logo ficava exausta e, ou retornava ao *schloss*, ou sentava-se num dos bancos espalhados sob as árvores. Aquela exaustão física não se coadunava com a atitude mental, visto que a conversa dela era sempre animada e brilhante.

Em dados momentos, ela se referia brevemente a sua casa, ou mencionava alguma aventura, ou situação, ou alguma antiga lembrança, menções que sempre prenunciavam uma gente de hábitos estranhos, e descrevia costumes para nós desconhecidos. A partir dessas referências aleatórias, concluí que seu país natal era bem mais distante do que eu inicialmente supunha.

Certa tarde, quando estávamos sentadas embaixo das árvores, passou por nós a procissão de um enterro. Era o funeral de uma bela jovem que eu diversas vezes tinha visto, filha de um dos guardas florestais. O pobre homem caminhava atrás do caixão do ente querido; tratava-se da sua única filha, e ele parecia arrasado. Atrás dele, seguiam camponeses, em fila dupla, entoando um canto fúnebre.

Levantei-me, em sinal de respeito, no momento em que passavam, e cantei com eles o hino alentador.

Minha companheira sacudiu-me, um tanto bruscamente; virei-me para ela, surpresa.

Ela disse, num tom áspero:

— Você não percebe que isso não faz o menor sentido?

— Ao contrário, acho isso muito bom — respondi, aborrecida com a interrupção, e bastante desconcertada, receando que as pessoas que integravam o pequeno cortejo percebessem e se ofendessem com a situação.

Assim sendo, voltei a cantar, prontamente, mas fui mais uma vez interrompida.

— Você está ferindo meus ouvidos — disse Carmilla, quase com raiva, enfiando os dedinhos nos ouvidos. — Além disso, sabe lá se temos a mesma religião? Os seus rituais me magoam; odeio enterros. Quanta bobagem! Ora! *Você* vai morrer... *todos* vão morrer; e todos serão mais felizes quando morrerem. Vamos para casa.

— Meu pai foi até o cemitério com o clérigo. Achei que você sabia que ela seria sepultada hoje.

— *Ela?* Não ocupo minha mente com camponeses. Não sei quem *ela* é — respondeu Carmilla, enquanto seus belos olhos faiscavam.

— É a pobre jovem que imaginou ter visto um fantasma quinze dias atrás, e desde então definiu, até que, ontem, veio a falecer.

— Não me fale de fantasmas. Não vou conseguir dormir, se você ficar falando nisso.

— Espero não se tratar de alguma peste, ou febre, embora assim o pareça — prossegui. — A jovem esposa do porcarigo morreu há uma semana; disse que alguma coisa a agarrou pelo pescoço, quando ela estava deitada, e quase a estrangulou. Papai diz que essas alucinações medonhas ocorrem em alguns casos de febre. Ela estava muito bem na véspera. Depois do incidente, esmoreceu, e em menos de uma semana estava morta.

— Bem, o enterro *dela* já ocorreu, espero; e o hino *dela* já foi cantado; e nossos ouvidos não serão mais torturados com esse som horrendo e esse jargão. Isso tudo me deixou nervosa. Sente-se aqui, ao meu

lado, bem perto de mim; segure a minha mão; aperte a minha mão, com força... força... mais força.

Hávamos recuado um pouco e chegado a um outro banco.

Ela sentou-se. Sua fisionomia alterou-se de tal maneira que fiquei alarmada e, por um instante, cheia de pavor. O semblante se tornou escuro, e depois terrivelmente lívido; seus dentes e punhos se cerraram, enquanto ela franzia o cenho e apertava os lábios, olhando fixamente para o chão, fitando os próprios pés, e tremendo descontroladamente, como quem sofre de malária. Parecia reunir todas as suas energias, a fim de evitar uma convulsão, contra a qual lutava sofregamente; afinal, emitiu um gemido baixo, espasmódico, e gradualmente o ataque de histeria passou.

— Pronto! É isso que dá, estrangular as pessoas com esses hinos! — ela disse, finalmente. — Abrace-me; abrace-me um pouco. Já está passando.

E, aos poucos, o acesso passou; talvez no intuito de desfazer a impressão lúgubre que o espetáculo me causara, ela se mostrou mais animada e tagarela do que nunca; e assim voltamos para casa.

Aquela foi a primeira vez que presenciei os sintomas da tal fragilidade de saúde mencionada pela mãe de Carmilla. Foi também a primeira vez que presenciei uma demonstração de mau gênio.

Ambas demonstrações passaram como uma nuvem de verão; e somente num outro ensejo, ela me revelaria mais um sinal de irritabilidade. Conto como aconteceu.

Estávamos numa das janelas do salão de estar, quando, atravessando a ponte levadiça, surge pelo pátio a figura de um andarilho que eu conhecia bem. Ele costumava passar pelo *schloss* cerca de duas vezes por ano.

O sujeito era corcunda, e seus traços tinham o aspecto franzino que costuma acompanhar essa deformidade física. Tinha barba preta e pontiaguda, e um sorriso largo que lhe exibia as presas brancas. Seu traje era amarelo-pálido, negro e vermelho, e ele usava incontáveis correias e cintos, de onde pendia todo o tipo de quinquilharia. Às costas, carregava uma lanterna mágica e duas caixas, que continham, conforme eu bem sabia, uma salamandra e uma mandrágora. Esses monstros faziam meu

pai rir. Eram confeccionados com partes de macacos, papagaios, esquilos, peixes e ouriços, secas e costuradas com grande esmero, produzindo um efeito impressionante. O corcunda trazia consigo também uma rabeca, uma caixa com truques de mágica, um par de floretes e máscaras penduradas à cinta, além de diversos estojos misteriosos suspensos em volta do corpo, e empunhava um bastão preto com arcos de cobre. Seu companheiro era um cão magro e bravo, que o seguia de perto, mas que estancou diante da ponte, desconfiado, e logo depois começou a uivar horrendamente.

Entrementes, o saltimbanco, chegando ao meio do pátio, tirou o chapéu grotesco e nos fez uma cerimoniosa medida, cumprimentando-nos num francês execrável e num alemão pouco melhor. Em seguida, sacando a rabeca, começou a arranhar uma alegre melodia, acompanhada de um canto tão animado quanto desafinado, ao mesmo tempo em que dançava com trejeitos ridículos, que me fizeram rir, apesar dos uivos do cão.

Depois disso, aproximou-se da janela, oferecendo sorrisos e saudações, chapéu na mão esquerda, rabeca embaixo do braço; falando com tal fluência que mal lhe permitia respirar, anunciou suas façanhas, os benefícios das diversas artes que colocava aos nossos serviços, bem como as raridades que poderia nos mostrar e o entretenimento que nos proporcionaria, caso assim solicitássemos.

— As senhoritas não querem comprar um amuleto contra o *oupire*²⁰ que, segundo ouvi dizer, anda solto por essa floresta como um lobo? — ele disse, jogando o chapéu no chão. — Estão morrendo por causa dele a torto e a direito, e tenho aqui um amuleto infalível; basta prendê-lo ao travesseiro, e as senhoritas vão poder rir na cara dele.

²⁰ *Oupire* é a palavra usada pelos camponeses ao longo da novela para se referirem aos vampiros. Trata-se da variante de origem eslava a partir da qual se cristalizou o termo vampir nas línguas ocidentais. Segundo o filólogo Ricardo Salles: "(...) *vamplr/upyr*, embora tenha em comum com *nyetopyr* ('o que voa à noite', em russo, palavra formada por *nyeto*, 'noite' + *pyr*, 'pairar') o elemento *pyr*, neste último o significado é 'voar' e, no primeiro, é 'sustentar-se'. Não há, portanto, nenhuma analogia originária no domínio eslavo entre vampiro e morcego, (...) fenômeno atestado pela primeira vez no século xviii, na língua francesa. O vampiro, desse modo, é a criatura que se sustenta (*u-/pyr*, isto é, que paira ao lado) de outra, alusão à sua necessidade de sugar o sangue de suas vítimas para sobreviver". O nosso vocábulo "vampiro" é empréstimo do francês *vampire*, registrado pela primeira vez em 1746. (N.E.)

Esses tais amuletos eram longas tiras de pergaminho, contendo códigos e diagramas cabalísticos.

Carmilla, prontamente, adquiriu um, e eu também.

Ele olhava para cima, e nós sorriamos para ele, divertindo-nos; ao menos, *eu* me divertia. Os olhos negros e cortantes do corcunda, enquanto ele nos encarava, pareceram detectar algo que lhe despertou por um instante a curiosidade.

De repente, ele desenrolou um estojo de couro, cheio de uma série de instrumentos de aço.

— Veja bem, senhorita — ele disse, exibindo o estojo, e dirigindo-se a mim. — Entre outras coisas menos úteis, professo a arte da odontologia. Que a peste carregue este cachorro! — ele interpolou. — Cala-te, animal! Uiva tanto que as senhoritas mal podem escutar uma palavra. Vossa nobre amiga, a jovem que está à vossa direita, tem um dente dos mais afiados... longo, fino, pontudo, como uma soveia, como uma agulha. Haha! Com minha vista aguçada, olhando para cima, pude enxergar o dente com nitidez; então, se esse dente incomodar a jovem, e acho que vai incomodar, aqui estou, e aqui estão minha lima, meu furador e meu alicate; posso arredondá-lo e torná-lo menos afiado, se a senhorita quiser; não será mais o dente de um peixe, mas o dente de uma bela jovem, conforme ela é. Então? A senhorita se aborreceu? Fui atrevido? Será que vos ofendi?

A jovem, de fato, parecia bastante zangada, ao recuar da janela.

— Como ousa esse saltimbanco nos insultar assim? Onde está seu pai? Exijo que me peça desculpas. Meu pai mandaria amarrar esse infeliz no tronco, e ele levaria uma surra de chibata e seria marcado a ferro com o emblema do castelo!

Carmilla se afastou da janela mais um ou dois passos e sentou-se; mal o ofensor lhe desaparecera da visão, a fúria diminuiu, com a mesma celeridade com que havia escalado, e ela logo recuperou o tom habitual, parecendo esquecer o corcunda e suas tolices.

Naquela noite, meu pai estava deprimido. Ao chegar em casa, contou-nos que tinha acontecido mais um caso similar aos dois incidentes fatais registrados recentemente. A irmã de um jovem camponês que trabalhava em nossa propriedade e morava a menos de dois quilômetros de

distância estava gravemente enferma; afirmava ter sido atacada praticamente de maneira idêntica aos demais casos, e agora definhava.

— Tudo isso — disse meu pai — se deve, exclusivamente, a causas naturais. Essa pobre gente se infecta com suas próprias superstições, e repete, na imaginação, as imagens de horror que infestam os vizinhos.

— Mas uma coisa dessas é capaz de assustar alguém tremendamente — disse Carmilla.

— Como assim? — indagou meu pai.

— Tenho pavor de imaginar que vejo essas coisas; acho que seria tão terrível quanto a realidade.

— Estamos nas mãos de Deus; nada pode acontecer sem que Ele permita, e tudo acaba bem para os que amam a Deus. Ele é nosso fiel criador; Ele nos criou a todos, e de todos nós haverá de cuidar.

— Criador! *Natureza!* — disse a jovem, respondendo a meu amável pai. — E esta praga que assola a região é natural. Natureza. Tudo vem da Natureza... não é? Tido o que existe no céu, na terra e embaixo da terra opera e vive segundo os comandos da Natureza? Creio que sim.

— O médico disse que viria aqui hoje — disse meu pai, depois de um momento de silêncio. — Quero saber o que ele acha disso, e o que acha que devemos fazer.

— Médicos nunca me ajudaram — disse Carmilla.

— Então, você já esteve doente? — perguntei.

—Você nunca esteve tão doente como eu estive — ela respondeu.

— Faz muito tempo?

— Sim, muito tempo. Sofri exatamente desse mal; mas esqueci tudo, exceto a dor e a fraqueza, e estas não são tão intensas como no caso de outras doenças.

— Você era muito jovem naquela época?

— Era, sim; mas não falemos mais nisso. Você não quer magoar uma amiga, quer? — ela olhou-me nos olhos, com seu ar lânguido, passou o braço por detrás da minha cintura e conduziu-me para fora da sala. Meu pai ocupava-se de alguns papéis, próximo à janela.

— Por que seu pai gosta de nos assustar? — disse a bela jovem, com um suspiro e um leve tremor.

— Ele não gosta de nos assustar, querida Carmilla; nada poderia ser mais alheio à sua intenção.

— Você está com medo, querida?

— Estaria com muito medo, se imaginasse que corro o perigo de ser atacada como essa pobre gente foi.

— Tens medo de morrer?

— Sim, todo mundo tem.

— Mas, morrer como amantes... morrer juntas, para poder viver juntas. Meninas são lagartas enquanto vivem neste mundo, mas se transformam em borboletas quando chega o verão; no entanto, nesse ínterim, há vermes e larvas, você entende? Cada qual com suas propensões específicas, suas necessidades e estruturas. Assim afirma monsieur Buffon²¹ no grande compêndio que fica na sala aqui ao lado.

Mais tarde, naquele mesmo dia, o médico chegou, e ficou durante algum tempo com meu pai, a portas fechadas.

Era um homem competente, com mais de sessenta anos; consumia rapé e barbeava-se tão bem que o rosto pálido era liso qual uma abóbora. Ele e papai saíram juntos dó salão, e ouvi papai rindo, no momento em que surgiram:

— Ora, admira-me ouvir isso de um homem sábio como o senhor. Qual é a sua opinião sobre hipogrifos e dragões?

O médico sorriu e respondeu, sacudindo a cabeça:

— Contudo, a vida e a morte são estados misteriosos, e pouco sabemos acerca de suas peculiaridades.

Os dois prosseguiram, e nada mais ouvi. Eu não sabia, naquele momento, do que o médico falava, mas hoje penso que sei.

V — Semelhança fantástica

Naquela noite chegou de Graz, com seu semblante grave e sombrio, o filho do restaurador de pinturas, trazendo consigo uma carroça carregada com dois baús contendo muitos quadros. A viagem compreendia

²¹ Georges-Louis Lederc, conde de Buffon (1707-1788), naturalista francês, autor da colossal e influente *Histoire naturelle, générale et particulière*, obra que influenciou Darwin e Lamarck. Curiosamente, em 1760, Buffon deu o nome de "vampiro" a um morcego hematófago originário das Américas do Sul e Central descrito por ele. Eis aí, possivelmente, a origem da lenda que atribui ao vampiro a capacidade de se transformar em morcego. É difícil dizer se Le Fanu tinha essa informação em mente quando cita Buffon nessa passagem. (N.E.)

dez léguas, e sempre que chegava ao *schloss* alguém proveniente da nossa pequena capital, Graz, costumávamos cercar o visitante no vestíbulo, para ouvir as novidades.

Essa visita causou grande sensação em nosso ambiente recluso. Os baús foram deixados na estrada, e o mensageiro foi assistido pelos criados, até terminar de cear. Então, acompanhado dos ajudantes, e armado de martelo, pé-de-cabra e chave de parafuso, juntou-se a nós, no vestíbulo, aonde convergimos para vê-lo abrir os baús.

Carmilla observava com indiferença, enquanto um a um, os velhos quadros, quase todos retratos, tendo passado por um processo de restauração, eram exibidos. Minha mãe pertencia a uma antiga família húngara, e a maioria daqueles quadros, agora prestes a retornar aos seus devidos locais de origem, havia chegado até nós por intermédio dela.

Meu pai tinha em mãos uma lista, que ele ia lendo, enquanto o artista procurava os números correspondentes. Não sei se as pinturas tinham qualidade, mas é certo que eram antigas, e algumas eram também bastante estranhas. A maioria, vale dizer, estava sendo vista por mim pela primeira vez, pois a fumaça e a poeira do tempo as havia praticamente obliterado.

— Há um retrato que ainda não vi — disse meu pai. — Num canto superior, aparece um nome, até onde eu conseguia discernir, “Marcia Karnstein”, e uma data, “1698”; estou curioso para ver como ficou.

Eu me lembrava desse quadro; era pequeno, com cerca de 45 centímetros de altura, quase quadrangular, sem moldura; estava tão enegrecido pelo tempo que eu não conseguia enxergar o conteúdo.

O artista agora o exibia, com visível orgulho. Era muito bonito e impressionante; parecia vivo. Era a imagem de Carmilla!

— Carmilla, querida, eis um verdadeiro milagre. Eis você, viva, sorrindo, só faltando falar, aqui neste quadro. Não é lindo, papai? E veja a mancha na garganta.

Meu pai riu e disse:

— Deveras, a semelhança é fantástica — mas desviou o olhar e, para minha surpresa, não pareceu impressionado; continuou, então, falando com o restaurador que, de certo modo, era um artista e discorria com inteligência sobre os retratos e outras obras, cuja luz e cores

acabavam de ser resgatadas por meio da sua arte; mas *eu* ficava cada vez mais maravilhada, à medida que contemplava a pintura.

— O senhor deixa eu pendurar esse quadro no meu quarto, papai? — perguntei.

— Claro, querida — disse ele, sorrindo. — Fico feliz que você o considere tão realista. Deve ser mais belo do que eu achava, já que é tão fiel.

A jovem não esboçou qualquer reação às palavras elogiosas; parecia nada ter ouvido. Recostava-se na poltrona, contemplando-me com seus belos olhos, sob aqueles longos cílios, e sorrindo como se estivesse em êxtase.

— E agora é possível ler, claramente, o nome que está escrito no canto. Não é Marcia; parece grafado em ouro. O nome é Mircalla, Condessa de Karnstein, acima do nome há um pequeno diadema, e abaixo se lê “A.D. 1698”. Eu descendo dos Karnstein; isto é, mamãe descendia.

— Ah! — disse a jovem, com displicência. — Acho que eu também descendo deles, uma descendência distante. Ainda resta algum Karnstein?

— Ninguém que ainda mantenha o sobrenome, acho eu. A família perdeu tudo, creio, em guerras civis, muito tempo atrás, mas as ruínas do castelo ficam a apenas cinco quilômetros daqui.

— Que interessante! — ela disse, letargicamente. — Ora! Veja que belo luar! — acrescentou, olhando através da porta do vestíbulo, que estava entreaberta. — Você não gostaria de dar uma volta pelo pátio, até a estrada e o córrego?

— Esta noite está me fazendo lembrar aquela em que você chegou até nós — eu disse.

Ela suspirou, e sorriu.

Levantou-se e, uma com o braço por detrás da cintura da outra, saímos as duas pelo pátio.

Em silêncio, caminhamos devagar até a ponte levadiça, onde se descortinava diante de nós a bela paisagem.

— Então, estavas pensando na noite em que cheguei aqui? — ela disse, quase sussurrando. — Estás feliz que eu vim?

— Muito feliz, querida Carmilla — respondi.

— E queres um quadro que achas parecido comigo, para pendurar no teu quarto — ela murmurou, com um suspiro, apertando o braço em volta da minha cintura e encostando o belo rosto em meu ombro.

— Como és romântica, Carmilla — eu disse. — Sempre que me contas a tua história, o conteúdo esbanja romance.

Ela me beijou, em silêncio.

— Tenho certeza, Carmilla, que já estiveste apaixonada; que, neste momento, tens o coração comprometido.

— Jamais me apaixonei por quem quer que seja, e jamais me apaixonarei — ela murmurou — a menos que seja por ti.

Como era bela ao luar!

Com um olhar tímido e estranho, apressou-se em esconder o rosto no meu pescoço, entre os meus cabelos, suspirando sofregamente, quase soluçando, e apertando a minha mão com suas mãos trémulas.

Sua face macia brilhava ao lado da minha.

— Querida, querida — ela murmurou. — Vivo em ti; e morrerás por mim; amo-te demais.

Assustei-me e me afastei dela.

Carmilla me contemplava com um olhar do qual todo o ardor, todo o significado, desaparecera, e sua fisionomia era descorada e apática.

— Não sentiste uma corrente fria, querida? — ela disse, letargicamente. — Estou quase trémula; estive sonhando? Vamos entrar. Vem, vem; vamos entrar.

— Pareces abatida, Carmilla... um tanto fraca. Estás precisando de um gole de vinho — eu disse.

— Sim, estou mesmo. Já me sinto melhor. Em poucos minutos estarei bem. Sim, vou aceitar uma taça de vinho — respondeu Carmilla, enquanto nos aproximávamos da porta. — Olhemos a paisagem mais uma vez; quiçá será a última vez que verei o luar ao teu lado.

— Como te sentes agora, querida Carmilla? Estás mesmo melhor? — perguntei.

Eu começava a me preocupar, com receio de que ela estivesse contagiada pela estranha epidemia que, segundo diziam, grassava em nossa região.

— Papai ficará consternado — acrescentei — se souber que não te sentias bem e não nos comunicaste imediatamente. Temos um médico muito competente; aquele que esteve com papai hoje.

— Decerto, ele é competente. Bem sei como vocês são bondosos; mas, querida, já me recuperei. Não há nada de errado comigo, apenas uma leve fraqueza. Dizem que sou lânguida; mal posso aguentar qualquer esforço físico; não consigo caminhar a mesma distância que uma criança de três anos; e, às vezes, minha pequena força ainda me falha, e aí fico desse jeito que acabas de ver. Mas, logo me recupero; logo volto a mim. Podes ver que já estou bem.

E, deveras, estava restabelecida, e conversamos bastante; ela, muito animada; e o restante da noite transcorreu sem qualquer recaída do que eu chamaria de paixões de Carmilla. Isto é, aquela conversa e aqueles olhares despropositados, que me encabulavam, e até me assustavam.

Mas, ocorreu naquela mesma noite algo que provocou uma reviravolta em meus pensamentos, e que pareceu surpreender e abalar até mesmo a natureza letárgica de Carmilla.

VI — Estranha agonia

Quando voltamos ao salão de estar para tomar café e chocolate, embora declinasse de ambos, Carmilla estava totalmente recuperada, e madame Perrodon e mademoiselle De Lafontaine sentaram-se conosco, para um jogo de cartas; então, papai veio ao salão, para tomar o que ele chamava de seu "chazinho".

Quando o jogo acabou, ele sentou-se no sofá, ao lado de Carmilla, e perguntou-lhe, com alguma ansiedade, se ela havia recebido alguma notícia da mãe desde que chegara ao *schloss*.

Ela respondeu que não.

Papai perguntou-lhe então se ela saberia dizer para onde despachar uma carta endereçada à sua mãe.

— Eu não saberia — ela respondeu, de modo ambíguo — mas tenho pensado em deixá-los; vocês já se incomodaram demais comigo. Já lhes causei uma infinidade de problemas; amanhã pretendo tomar uma carruagem e sair à procura de minha mãe; sei onde, em última instância, poderei encontrá-la, embora ainda não lhes possa revelar o local.

— Nem pense nisso! — meu pai exclamou, para meu grande alívio. — Não podemos perdê-la assim, e não permito que a senhorita nos deixe, exceto sob os cuidados de sua mãe, que teve a bondade de permitir que a senhorita ficasse conosco até que ela voltasse. Eu ficaria feliz se soubesse que a senhorita teve notícias dela; ocorre que, esta noite, os relatos do avanço da misteriosa enfermidade que invadiu a nossa vizinhança se tornaram ainda mais alarmantes; e, minha cara hóspede, estou bastante ciente da minha responsabilidade, embora não conte agora com os conselhos de sua mãe. Farei o melhor possível; e uma coisa é certa: nem pense em nos deixar, sem que para tal tenhamos instruções explícitas de sua mãe. Sofreríamos demais se nos separássemos da senhorita; portanto, jamais permitiria tal coisa, assim tão facilmente.

— Agradeço ao senhor, mil vezes, a sua hospitalidade — ela respondeu, sorrindo timidamente. — Vocês todos têm sido bons demais comigo; raras vezes fui tão feliz em minha vida, como o sou em seu lindo *château*, sob os seus cuidados, e na companhia da sua querida filha.

Papai, então, galantemente, à moda antiga, beijou-lhe a mão, sorrindo de satisfação com o breve discurso de Carmilla.

Como de hábito, acompanhei-a até seu quarto e sentei-me para conversarmos, enquanto ela se preparava para dormir.

— Você acha — eu disse, afinal — que um dia poderá confiar em mim plenamente?

Ela voltou-se, sorrindo, mas não me respondeu; apenas continuou a sorrir.

— Não vais responder? — eu disse. — Não podes me dar uma resposta positiva; eu não deveria ter perguntado.

— Fizeste bem em me perguntar isso, ou qualquer outra coisa. Não sabes o quanto te prezo, ou não duvidarias da minha confiança. Mas estou sob juramento, pior do que uma freira, e não me atrevo a revelar a minha história, nem mesmo para ti. Está próximo o momento em que saberás de tudo. Vais me achar cruel, muito egoísta, mas o amor é sempre egoísta; quanto mais ardente, mais egoísta. Não sabes como sou ciumenta. Tens que vir comigo, amando-me, para a morte; ou então me odeie, mas vem comigo, e me *odeie* na morte e depois dela. Não existe a palavra indiferença na minha natureza apática.

— Ora, Carmilla! Lá vem você novamente com essas palavras bobas — apressei-me em dizer.

— Eu não; embora seja uma tola, cheia de caprichos e fantasias. Para te agradar, vou falar como um sábio. Já foste a um baile?

— Não; como falas! Mas, como é um baile? Deve ser fascinante.

— Quase não me lembro; faz anos.

— Não contive o riso.

— Não és tão velha assim. Não podes ter esquecido o teu primeiro baile.

— Lembro-me de tudo... mas preciso fazer um esforço. Vejo tudo, como mergulhadores enxergam o que lhes está acima, através de uma superfície densa, ondulante e transparente. Naquela noite aconteceu algo que tornou o quadro meio confuso, e as cores esmaecidas. Quase fui assassinada, em minha própria cama, ferida *aqui* — ela tocou o seio — e nunca mais fui a mesma.

— Você esteve à morte?

— Sim, um amor... muito cruel... um amor estranho, que quase me tirou a vida. O amor exige sacrifícios. Não há sacrifício sem sangue. Agora vamos dormir; sinto-me tão cansada! Como vou me levantar e trancar a porta?

Ela estava deitada com as mãozinhas sob a face, envoltas naqueles belos cabelos ondulados, a cabeça recostada no travesseiro e os olhos reluzentes seguindo-me detidamente; e exibia um sorriso acanhado cujo sentido eu não conseguia decifrar.

Desejei-lhe boa-noite e retirei-me do quarto, com uma sensação de desconforto.

Muitas vezes eu me perguntava se a nossa bela hóspede costumava rezar. *Eu* nunca tinha visto Carmilla de joelhos. Pela manhã, ela só descia muito tempo depois que havíamos feito as orações em família e, à noite, jamais deixava o salão de estar para participar de nossas breves preces no vestíbulo.

Se durante uma de nossas conversas aleatórias ela não tivesse mencionado seu batismo, eu até duvidaria que fosse cristã. Religião era um tópico sobre o qual eu jamais a ouvira pronunciar uma única palavra.

Se eu conhecesse melhor o mundo, tal negligência, ou mesmo antipatia, não teria me causado tanto espanto.

As precauções de gente nervosa são contagiantes, e outras pessoas cujo temperamento também é nervoso, certamente, com o passar do tempo, acabam agindo de modo semelhante. Eu havia adquirido um hábito de Carmilla — trancar a porta do quarto —, pois deixara-me influenciar pelo seu medo fantasioso de invasores que atacam à meia-noite, e de assassinos furtivos. E havia adquirido outro hábito de Carmilla — fazer uma busca pelo quarto, para me certificar de que nenhum assassino ou gatuno me “espreitava”.

Tendo posto em prática essas sábias medidas, deitei-me e peguei no sono. Uma vela ardia em meu quarto. Era um velho hábito, que eu adotara ainda criança, e do qual nada me faria desistir.

Devidamente segura, eu podia descansar em paz. Mas os sonhos atravessam paredes de pedra, iluminam quartos escuros, ou escurecem quartos claros, e os habitantes dos sonhos entram e saem à vontade, rindo-se dos chaveiros.

Naquela noite, tive um sonho que marcou o início de uma agonia demasiado estranha.

Não posso dizer que foi um pesadelo, pois eu tinha certeza que estava dormindo. Mas tinha certeza também de estar no meu quarto, deitada na minha cama, exatamente como, de fato, estava. Eu via, ou imaginava ver, o quarto e o mobiliário conforme de costume, exceto que tudo estava mergulhado na escuridão; ainda assim, eu via algo movendo-se ao pé da cama, algo que, a princípio, eu não conseguia enxergar com nitidez. Mas, de súbito, vi um animal preto, cor de fuligem, semelhante a um gato monstruoso. Parecia ter cerca de 1,20 m ou 1,50 m, pois era do tamanho do tapete que ficava diante da lareira; e andava de um lado para o outro, com o nervosismo ágil e sinistro de uma fera enjaulada. Eu não conseguia gritar, embora, como o leitor bem pode imaginar, estivesse apavorada. As passadas ficavam cada vez mais aceleradas, o quarto cada vez mais escuro, e acabou ficando tão escuro que eu só conseguia enxergar os olhos da tal coisa. Senti quando ela pulou, suavemente, na minha cama. Os dois olhos grandes se aproximaram do meu rosto e, de repente, senti uma pontada ardida, como se duas grandes agulhas penetrassem,

a dois ou quatro centímetros de distância uma da outra, fundo em meu peito. Acordei com um grito. O quarto estava iluminado pela vela que queimava a noite inteira, e vi um vulto de mulher ao pé da cama, um pouco à direita. Ela usava um vestido escuro e largo, e tinha os cabelos soltos, cobrindo-lhe os ombros. Um bloco de pedra não seria mais estático. Não havia sequer movimento de respiração. Enquanto eu olhava, o vulto pareceu se deslocar, aproximando-se da porta; então, a porta se abriu, e a figura se foi.

Senti-me, então, aliviada e novamente capaz de respirar e me mover. Meu primeiro pensamento foi que Carmilla decidira me pregar uma peça, e que eu havia esquecido de trancar a porta. Mas, correndo até lá, constatei que a porta estava trancada, como de hábito, pelo lado de dentro. Tive medo de abri-la — estava apavorada. Pulei na cama e cobri a cabeça com o lençol, e ali fiquei, mais morta do que viva, até o dia clarear.

VII — A descida

Seria inútil tentar descrever, leitor, o horror com que ainda hoje relembro o incidente ocorrido naquela noite. Não foi um terror passageiro, como o de um sonho. Era um medo que, com o passar do tempo, aumentava e se estendia ao próprio quarto e até aos móveis em cujo cenário a assombração aparecera.

No dia seguinte, não consegui ficar sozinha um minuto sequer. Deveria ter contado a meu pai o que tinha acontecido, mas não o fiz por duas razões contraditórias. Por um lado, achava que ele riria de minha história, e eu não toleraria ver meu relato tratado como piada; por outro, receava que ele pensasse que eu havia sido afetada pela enfermidade misteriosa que assolava a nossa região. Eu mesma não tinha qualquer dúvida a esse respeito e, considerando que meu pai não andava bem de saúde, não quis assustá-lo.

Reconfortava-me a presença das minhas amáveis companheiras, madame Perrodon e a alegre mademoiselle De Lafontaine. Ambas perceberam que eu estava deprimida e nervosa, e, finalmente, revelei-lhes o que me pesava no coração.

Mademoiselle riu-se, mas madame Perrodon pareceu-me ansiosa.
— A propósito — disse mademoiselle, rindo — aquele caminho das tílias, detrás da janela do quarto de Carmilla, é mal-assombrado!

— Bobagem! — exclamou madame, que provavelmente considerava o assunto bastante inoportuno — quem disse isto, minha cara?

— O Martin disse que passou por ali em duas ocasiões, antes do sol raiar, quando o velho portão do pátio estava sendo consertado, e nas duas vezes viu o mesmo vulto de mulher descendo a alameda de tílias.

— E deve ter visto mesmo, enquanto houver vacas para a ordenha na baixada do córrego — disse madame.

— É verdade; mas o Martin está assustado; nunca vi um bobão *mais* assustado.

— Não diga nada a Carmilla, pois, da janela do quarto, ela avista a alameda — eu disse — e ela é ainda mais covarde do que eu, se isso for possível.

Naquele dia, Carmilla desceu mais tarde do que de costume.

— Levei um tremendo susto ontem à noite — ela disse, assim que nos encontramos. — E acho que teria visto algo terrível, não fosse o amuleto que comprei daquele pobre corcunda que tanto achincalhei. Sonhei que uma coisa preta se aproximava da minha cama; acordei apavorada e, durante alguns instantes, achei que havia um vulto escuro perto da lareira; então, agarrei o amuleto que estava embaixo do travesseiro e, no momento em que toquei nele, a figura desapareceu; tive a convicção de que, se não tivesse o amuleto comigo, algo terrível teria me assombrado, e talvez me esganado, como fez com aqueles pobres infelizes de quem ouvimos falar.

— Então, ouça o que aconteceu comigo — eu disse, e relatei-lhe a minha aventura, diante da qual ela pareceu ficar horrorizada.

— E você estava com o amuleto? — ela perguntou, falando sério.

— Não, deixei o amuleto num vaso de porcelana, no salão, mas é certo que o terei comigo hoje à noite, visto que você confia tanto nele.

Passado tanto tempo, não sei como explicar, ou mesmo compreender, como consegui superar o pavor e deitar-me sozinha, em meu quarto, naquela noite. Lembro-me, nitidamente, que prendi o amuleto

no travesseiro. Peguei no sono quase imediatamente, e dormi melhor de que nunca, a noite inteira.

Na noite seguinte, dormi igualmente bem. Meu sono era relaxante e profundo, sem sonhos. Mas acordei com uma sensação de cansaço e melancolia, que, no entanto, não deixava de ser quase prazerosa.

— Bem que eu te disse — afirmou Carmilla, depois que falei a ela sobre o meu sono tranquilo — eu também dormi muito bem a noite passada — ela disse, — Prendi o amuleto na pala da camisola. Foi muito diferente da noite anterior. Tenho certeza que tudo não passou de imaginação, exceto os sonhos. Eu achava que os sonhos fossem criados por espíritos do mal, mas nosso médico me disse que não é nada disso. É uma febre, ou qualquer outra enfermidade, que passa por nossa casa, ele disse, bate à porta e, sem conseguir entrar, vai embora, assim como o susto também vai embora.

— E o que você acha que é esse amuleto? — perguntei.

— Deve ter sido fumegado ou imerso em alguma droga; é um antídoto contra a malária — ela respondeu.

— Então, atua somente sobre o corpo?

— Com toda certeza; você acredita que espíritos do mal se assustam com pedacinhos de fita, ou com perfumes criados no laboratório de um químico? Não, essas enfermidades, vagando pelo ar, começam por afetar os nervos, e depois infectam o cérebro; porém, o antídoto as repele, antes que consigam nos agarrar. Estou certa de que foi isso que o antídoto fez por nós. Não é nada mágico; é absolutamente natural.

Se pudesse concordar com Carmilla, eu ficaria mais animada; nesse sentido, fiz o possível, e a impressão começou a se dissipar.

Durante algumas noites, dormi profundamente; no entanto, toda manhã, eu sentia o mesmo cansaço, e uma prostração pesava sobre mim o dia inteiro. Eu estava bastante mudada. Uma estranha melancolia tomava conta de mim, uma melancolia da qual eu não queria me livrar. Comecei a ter estranhos pensamentos de morte; senti-me possuída pela noção de que meu estado se agravava lentamente, embora isso não fosse de todo desagradável. Se, por um lado, tal decadência era triste, por outro, o estado de espírito por ela induzido era prazeroso. Fosse lá o que fosse, minha alma se mostrava cordata.

Eu não admitia estar doente, e não queria contar nada a meu pai, nem chamar o médico.

Mais do que nunca, Carmilla dedicava-se a mim, e seus estranhos acessos de adoração e languidez tornaram-se mais frequentes. Quanto mais me falhavam as forças e mais deprimida eu ficava, com mais ardor ela me desejava.

Isso sempre me deixava escandalizada, como se o comportamento dela resultasse de lapsos de insanidade.

Sem sabê-lo, eu me encontrava num estágio bastante avançado da doença mais estranha que pode se abater sobre um ser mortal. Os sintomas iniciais vinham acompanhados de um enlevo inexplicável, que mais do que recompensava os efeitos debilitantes característicos daquele estágio avançado. Durante algum tempo, esse enlevo apenas aumentou, até alcançar um determinado ponto; então, aos poucos, uma sensação medonha, cada vez mais intensa, misturou-se ao tal prazer, até que, conforme o leitor haverá de constatar, o medonho passou a desbotar e corromper toda a minha vida.

A primeira mudança que experimentei foi bastante agradável. Ocorreu perto do momento crucial, em que teve início a descida ao Averno.

Comecei a ter sensações vagas e estranhas enquanto dormia. A mais marcante se assemelhava ao calafrio prazeroso que sentimos quando, banhando-nos num rio, caminhamos contra a corrente. Em seguida, tal sensação passou a ser acompanhada de sonhos intermináveis, e tão indistintos que eu jamais conseguia lembrar-me dos cenários, das pessoas, nem das ações. E esses sonhos causavam uma impressão terrível, e uma sensação de esgotamento físico, como se eu tivesse sido exposta a situações de perigo e a um longo período de esforço mental. Depois desses sonhos, quando eu acordava, restava-me a lembrança de ter estado num local tenebroso e falado com gente que eu não conseguia ver; lembrava-me, sobretudo, de uma voz clara, grave, de mulher, que falava como se estivesse ao longe, lentamente, e que sempre provocava em mim uma indescritível sensação de reverência e medo. Algumas vezes, eu sentia como se alguém passasse a mão, ternamente, pelo meu rosto e pelo meu pescoço. Outras vezes, parecia que lábios mornos me

beijavam, com mais vagar e paixão à medida que se aproximavam de minha garganta, e ali as carícias se concentravam. Meu coração batia aceleradamente, minha respiração se tornava ofegante; surgia então um soluço, que parecia me estrangular e se transformava numa terrível convulsão, durante a qual eu perdia totalmente os sentidos.

Já fazia três semanas desde que esse estado inexplicável se instalara. Na última semana, o meu sofrimento começou a se tornar visível na minha aparência. Eu empalidecera, meu olhos se dilataram e em meu rosto surgiram olheiras, a indolência que se abatera sobre mim havia algum tempo começou a transparecer no meu semblante.

Meu pai me perguntou várias vezes se eu estava doente; porém, com uma obstinação que hoje me parece misteriosa, eu afirmava que estava muito bem.

Em certo sentido, isso era verdade. Eu não sentia dores, e não podia me queixar de nenhum distúrbio físico. Meu sofrimento parecia pertencer à esfera da imaginação, ou dos nervos, e por pior que fossem minhas agruras, eu as guardava comigo, com uma discrição mórbida.

Não poderia ser o mal horrendo que os camponeses chamam de *oupire*, pois meu sofrimento já durava três semanas, e as vítimas do *oupire* raramente definham durante mais de três dias, pois a morte abreviava-lhes a aflição.

Carmilla também se queixava de sonhos e de uma sensação febril, mas os sintomas dela não eram, em absoluto, tão alarmantes quanto os meus. Afirmando que os meus eram por demais alarmantes. Se tivesse conhecimento da minha condição, eu teria pedido ajuda e conselho, de joelhos. O narcótico de uma influência insuspeita agia sobre mim, e minhas percepções estavam entorpecidas.

Passo a contar-lhe agora, leitor, um sonho que ensejou, imediatamente, uma estranha descoberta.

Certa noite, em vez da voz que costumava ouvir no escuro, ouvi outra, maviosa e meiga, e ao mesmo tempo medonha, que dizia: "Tua mãe te adverte a tomares cuidado com o assassino". No mesmo instante, surgiu uma luz, e vi Carmilla de pé, ao lado da minha cama, com sua camisola branca, coberta do queixo aos pés por uma imensa mancha de sangue.

Acordei com um grito, possuída pela ideia de que Carmilla estava sendo assassinada. Lembro-me que pulei da cama, e lembro-me também que fui até o vestíbulo pedir socorro.

Madame e mademoiselle saíram correndo de seus quartos, assustadas; uma lamparina ficava sempre acesa no vestíbulo e, assim que me viram, elas perceberam a causa do meu pavor.

Eu insistia em bater à porta do quarto de Carmilla. Nossas batidas não foram atendidas. Logo as batidas se transformaram em pancadas, uma gritaria. Berrávamos o nome dela, mas era inútil.

Ficamos aterrorizadas, pois a porta estava trancada. Voltamos, correndo, em pânico, até o meu quarto. Ali, penduramo-nos na sineta, com verdadeira fúria. Se o quarto de meu pai fosse daquele lado da casa, teríamos, de imediato, chamado por ele. Mas, infelizmente, seus aposentos ficavam longe dali, e chegar lá implicava um trajeto que nenhuma de nós tinha coragem de percorrer.

Os criados, porém, logo apareceram, correndo escada acima; nesse ínterim, eu havia vestido o penhoar e calçado meus chinelos. Reconhecendo as vozes dos criados no vestíbulo, saímos do quarto, juntas; e após voltarmos a bater à porta de Carmilla, sempre em vão, dei ordens aos homens para que forçassem a fechadura. Eles assim o fizeram, e nos posicionamos no vão da porta, erguendo nossas lamparinas, a fim de contemplar o interior do quarto.

Chamamos Carmilla pelo nome; mas não obtivemos resposta. Olhamos ao redor do quarto. Tudo parecia tranquilo. Tudo estava exatamente do jeito que eu havia deixado, quando lhe desejara boa-noite. Mas Carmilla não estava lá.

VIII — A busca

Ao constatarmos que o quarto, exceto por nossa entrada brusca, estava absolutamente sereno, começamos a nos acalmar, e logo nos recompusemos o suficiente para dispensar os homens. Ocorreu a mademoiselle que talvez Carmilla tivesse despertado com a gritaria à sua porta e, em pânico, houvesse pulado da cama e se escondido no armário, ou atrás de alguma cortina, de onde não poderia, evidentemente, sair até

que o mordomo e seus ajudantes se retirassem. Recomeçamos então a busca, e voltamos a chamá-la pelo nome.

Mais foi tudo em vão. Nossa perplexidade e apreensão aumentaram. Examinamos as janelas, mas estavam fechadas. Supliquei a Carmilla, que se estivesse escondida, parasse com aquela brincadeira cruel, aparecesse e pusesse um fim à nossa ansiedade. Tudo em vão. Àquela altura, eu já me convencera de que ela não estava no quarto, nem no quarto de vestir, cuja porta estava trancada pelo lado de cá. Ela não poderia ter passado por ali. Fiquei, simplesmente, atônita. Será que Carmilla tinha descoberto alguma daquelas passagens secretas que a velha arrumadeira dizia existir no *schloss*, mas cuja localização ninguém mais sabia? O tempo logo explicaria tudo, sem dúvida — por mais perplexas que estivéssemos naquele momento.

Passava das quatro, e preferi permanecer no quarto de madame durante as horas que restavam daquela noite escura. E a luz do dia tampouco trouxe qualquer solução para o nosso problema.

Na manhã seguinte, o castelo inteiro, comandado por meu pai, acordou em polvorosa. Todos os cantos do *château* foram vasculhados. As cercanias foram igualmente examinadas. Não foi descoberto nenhum sinal da jovem desaparecida. O córrego estava prestes a ser dragado; meu pai se mostrava transtornado; que relato ele teria de fazer à mãe da jovem! Eu também estava consternada, embora meu pesar fosse de outra natureza.

A manhã transcorreu num clima de medo e nervosismo. Agora já era uma hora da tarde, e nada de notícias. Corri até o quarto de Carmilla, e a encontrei de pé, ao lado da penteadeira. Fiquei pasma. Não pude acreditar nos meus próprios olhos. Ela me fez um sinal, com o belo dedinho, em silêncio. Seu semblante expressava extremo pavor.

Corri para ela com uma alegria incontida; beijei-a e abracei-a várias vezes. Corri até a sineta, e toquei-a com veemência, a fim de chamar outras pessoas, que, por seu turno, pudessem aliviar a ansiedade de meu pai.

— Querida Carmilla, onde você esteve todo esse tempo? Ficamos agoniados, de tanta ansiedade por sua causa! — exclamei. — Onde você esteve? Como você voltou?

— Na noite passada ocorreram coisas fantásticas — ela disse.

— Por misericórdia, explique tudo o que puder.

— Passava das duas, ontem à noite — ela disse — quando me deitei para dormir, como sempre, na minha cama, com as portas trancadas... a do quarto de vestir e a que dá acesso à galeria. Meu sono foi ininterrupto e, até onde me lembro, não tive sonho algum; mas acabo de acordar no sofá, ali no quarto de vestir, e encontrei a porta entre os dois cômodos abertas, e a outra porta forçada. Como é possível tudo isso ter acontecido sem que eu acordasse? Isso não pode ter sido feito sem causar muito barulho, e eu tenho um sono leve; e como pude ter sido carregada de minha cama, sem despertar, logo eu, que acordo com qualquer movimento?

Àquela altura, madame, mademoiselle, meu pai e vários criados já estavam dentro do quarto. Carmilla foi, evidentemente, inundada de perguntas, felicitações e expressões de boas-vindas. Ela repetia o mesmo relato e, entre os presentes, parecia ser a pessoa menos capaz de explicar o que havia acontecido.

Meu pai caminhava de um lado ao outro do quarto, imerso em pensamentos. Percebi que o olhar de Carmilla o seguiu, durante alguns instantes, com uma expressão artilosa e sombria.

Depois que dispensou os criados, e que mademoiselle se retirou, para buscar um frasco de valeriana e sais, e quando só restavam no quarto Carmilla, madame e eu, meu pai aproximou-se de Carmilla. Com toda consideração, tomou-a pela mão, gentilmente, levou-a até o sofá e sentou-se ao seu lado.

— Você me permite, minha cara, arriscar uma conjectura e lhe fazer uma pergunta?

— Quem teria mais direito a tal coisa? — ela disse. — O senhor pode perguntar o que quiser, e lhe contarei tudo. Mas a minha história fala tão-somente de espanto e escuridão. Não sei de absolutamente nada. Pergunte o que desejar; mas o senhor bem sabe, é claro, das restrições impostas por minha mãe.

— Perfeitamente, minha cara menina. Não preciso tocar em qualquer assunto sobre o qual sua mãe pede o nosso silêncio. Então, o acontecimento fantástico de ontem à noite diz respeito ao fato de você ter

sido removida da cama e do quarto, sem acordar, e que tal remoção, aparentemente, tenha ocorrido com as janelas fechadas e as duas portas trancadas pelo lado de fora. Vou apresentar a minha teoria, mas primeiro lhe faço uma pergunta.

Carmilla apoiava o rosto numa das mãos, com um ar abatido; madame e eu escutávamos, prendendo a respiração.

— Agora, eis a pergunta: a senhorita já passou por alguma suspeita de ser sonâmbula?

— Nunca mais, desde quando era criança.

— Mas, a senhorita era sonâmbula quando criança?

— Sim, eu sei que era. Minha velha ama me disse isso várias vezes. Meu pai sorriu e meneou a cabeça, indicando consentimento.

— Bem, aconteceu o seguinte: a senhorita levantou-se, dormindo, destravou a porta, sem deixar a chave na fechadura, mas trancando a porta pelo lado de fora; depois, retirou a chave e levou-a consigo, indo até um dos vinte e cinco cômodos existentes neste andar, ou talvez até algum cômodo do andar superior, ou inferior. Temos aqui tantos quartos e *closets*, tanta mobília pesada, e tamanho acúmulo de trastes que seria necessária uma semana para se realizar uma busca completa no castelo. A senhorita percebe onde quero chegar?

— Sim, até certo ponto — ela respondeu.

— Mas, papai, como o senhor explica o fato de ela ir parar no sofá do quarto de vestir, local que vasculhamos com toda atenção?

— Depois que vocês fizeram a busca, ela foi até lá, ainda dormindo, acordou espontaneamente, e ficou tão surpresa com o seu próprio paradeiro quanto nós. Quisera todos os mistérios fossem tão simples e inocentes quanto o seu, Carmilla — ele disse, rindo. — E, portanto, devemos nos felicitar, porque a explicação mais natural do ocorrido não implica entorpecente, arrombamento de fechadura, ladrão, veneno, ou bruxas... nada que possa assustar Carmilla, ou qualquer um de nós, no que concerne à nossa segurança.

Carmilla estava linda. Nada superava a beleza do seu tom de pele. A meu ver, sua formosura era acentuada pelo gracioso langor que lhe era tão peculiar. Acho que, no íntimo, meu pai comparava minha aparência com a dela, pois ele disse:

— Quisera ver a minha pobre Laura mais animada — e suspirou.

E assim o nosso susto acabou bem, e Carmilla voltou ao convívio dos amigos.

IX — O médico

Visto que Carmilla não admitia a presença de um acompanhante no quarto dela, meu pai determinou que uma criada dormisse diante da porta, de modo que nossa hóspede não pudesse voltar a praticar o sonambulismo, sem ser logo impedida.

Aquela noite passou rapidamente; na manhã seguinte, bem cedo, o médico, chamado por meu pai sem me comunicar, chegou para me ver.

Madame me acompanhou até a biblioteca, onde o médico, circunspecto e pequenino, de cabelos brancos e óculos, aguardava-me.

Contei-lhe minha história e, à medida que eu prosseguia, ele ficava cada vez mais sisudo.

Estávamos, os dois, de pé, diante do vão de uma das janelas, um de frente para o outro. Quando concluí meu relato, ele apoiou as costas contra a parede e olhou-me fixamente, com um interesse que deixava transparecer um toque de horror.

Após refletir durante cerca de um minuto, ele perguntou à madame se poderia falar com meu pai.

Papai foi logo chamado e, ao entrar na biblioteca, sorrindo, disse:

— Aposto, doutor, que o senhor dirá que sou um velho tolo, por tê-lo chamado aqui; espero que seja isso.

Mas o sorriso se desfez em sombras, quando o médico, com um ar de preocupação, fazendo um sinal, chamou-o para uma conversa.

Meu pai e o médico conversaram durante algum tempo, no mesmo vão da janela em que o doutor e eu acabávamos de nos encontrar. O diálogo parecia ser sério e intenso. O salão é espaçoso, e madame e eu, morrendo de curiosidade, posicionamo-nos na extremidade oposta. Não conseguíamos ouvir uma palavra sequer, pois ambos falavam num tom baixo, e o vão da janela impedia-me de avistar o médico, e quase obs-
tuía também a figura de meu pai, de quem só enxergávamos um pé, um

braço e um ombro; e suponho que as vozes se tornassem menos audíveis devido à reentrância formada pelas espessas paredes em torno da janela.

Passado algum tempo, meu pai voltou o rosto em nossa direção; estava pálido, pensativo, e parecia agitado.

— Laura, querida, venha até aqui um instante. Madame, o doutor diz que não vamos precisar da senhora, por enquanto.

Aproximei-me, pela primeira vez, um tanto assustada, pois embora estivesse bastante fraca, não me sentia doente; e força, sempre supomos, é algo que depende da nossa vontade.

Meu pai esticou a mão na minha direção, no momento em que me acerquei; então, olhou para o médico, e disse:

— De fato, é muito estranho; não consigo entender. Laura, venha cá, minha querida; atenda ao doutor Spielsberg, e fique tranquila.

— A senhorita mencionou uma sensação como a de duas agulhas penetrando-lhe a pele, perto do pescoço, naquela noite em que teve o primeiro sonho horrendo. O local ainda está dolorido?

— Não, absolutamente — respondi.

— A senhorita poderia me indicar o ponto em que teria sentido as agulhadas?

— Um pouco abaixo da garganta... *aqui* — respondi.

Eu estava usando um vestido que encobria o ponto por mim indicado.

— Agora, para o seu próprio bem — disse o médico a senhorita não se incomodará, se seu pai baixar um pouco a pala do seu vestido. Isso é necessário, para detectarmos um sintoma do mal que a tem importunado.

Concordei. O ponto ficava poucos centímetros abanco da gola.

— Deus me ajude! É isso! — exclamou meu pai, empalidecendo.

— O senhor pode ver agora, com os seus próprios olhos — disse o médico, expressando um triunfo sombrio.

— O que é? — perguntei, já com certo medo.

— Nada, minha cara jovem, exceto uma marquinha azulada, mais ou menos do tamanho da ponta do seu dedo mínimo; e agora—ele prosseguiu, voltando-se para meu pai—a questão é: qual será o melhor procedimento?

— Estou correndo perigo? — indaguei, com grande receio.

— Creio que não, minha cara — respondeu o médico.

— Não vejo por que a senhorita não possa se recuperar. É neste ponto que inicia a sensação de estrangulamento?

— Sim — respondi.

— E... por favor, tente se lembrar... este ponto centraliza a sensação excitante que a senhorita acaba de me descrever, similar à corrente de um riacho de água fria roçando pelo corpo?

— É possível; acho que sim.

—Ah! O senhor percebe? — ele acrescentou, virando-se para meu pai. — Posso falar com madame Perrodon?

— Certamente — disse meu pai.

O médico chamou madame e lhe disse:

— Sua jovem amiga não está nada bem. As consequências não serão graves, espero; mas será necessário tomar algumas providências, as quais lhe explicarei daqui a pouco; nesse ínterim, madame, por favor, não deixe a senhorita Laura a sós um instante sequer. Essa é a única instrução que preciso lhe dar neste momento. Isso é crucial.

— Sei que podemos confiar no seu zelo, madame — meu pai acrescentou.

Madame consentiu prontamente.

— E você, querida Laura, sei que vai obedecer às instruções do doutor.

— Preciso pedir a sua opinião sobre outra paciente, cujos sintomas se assemelham um pouco aos de minha filha, esses que ela acaba de detalhar para o senhor... são sintomas bem mais brandos, mas acho que têm características bastante parecidas. Trata-se de uma jovem... nossa hóspede; como o senhor disse que pretende voltar aqui hoje à noite, convido-o a jantar conosco, ocasião em que poderá vê-la. Ela só desce do quarto à tarde.

— Obrigado — disse o médico. — Aqui estarei, então, por volta das sete horas da noite.

Então, as instruções foram repetidas, para madame e para mim, e meu pai se retirou, acompanhado do médico; vi os dois caminhando juntos, de um lado para o outro, entre a estrada e o fosso, pelo gramado

que havia diante do castelo, evidentemente entabulando uma conversa das mais sérias.

O médico não voltou. Vi quando montou no cavalo, despediu-se e partiu pela floresta, tomando o sentido leste. Quase ao mesmo tempo, avistei um sujeito que chegava de Dranfled, trazendo cartas; ele desmontou e entregou uma bolsa a meu pai.

Entrementes, madame e eu nos ocupávamos em conjeturar as razões daquela instrução tão estranha e grave a nós imposta pelo médico e por meu pai. Madame me diria mais tarde que achava que o médico temia que eu tivesse uma convulsão e que, sem o devido socorro, morresse, ou me ferisse gravemente.

Essa interpretação não me convenceu; eu supunha, talvez para o bem dos meus nervos, que a recomendação tinha por objetivo apenas me propiciar uma companhia, alguém que impedisse que eu me cansasse, ou que comesse fruta verde, ou fizesse alguma das dezenas de tolices típicas dos jovens.

Cerca de meia hora depois, meu pai voltou, com uma carta na mão, e disse:

— Esta carta demorou a chegar; é do general Spielsdorf. Ele deveria ter chegado aqui ontem; talvez chegue amanhã, ou quiçá venha ainda hoje.

Entregou-me a carta aberta; mas parecia aborrecido, contrariando a reação que costumava ter quando esperava um convidado, em particular alguém tão estimado quanto o general. Na verdade, meu pai se comportava como se quisesse ver o general nas profundezas do Mar Vermelho. Era óbvio que havia algo em sua mente que ele não queria revelar.

— Papai, querido, o senhor pode me dizer uma coisa? — eu disse, subitamente, tocando-lhe o braço e olhando-o nos olhos, disso tenho certeza, com um ar de suplica.

— Talvez — ele respondeu, ajeitando com carinho o meu cabelo.

— O médico acha que estou muito doente?

— Não, querida; ele acha que, se as devidas providências forem tomadas, você vai melhorar muito, e estará no caminho de uma plena recuperação, dentro de um ou dois dias — ele respondeu, um pouco

secamente. — Eu preferiria que o nosso bom amigo, o general, tivesse escolhido um outro momento; isto é, eu preferiria que você estivesse totalmente restabelecida para recebê-lo.

— Mas, papai, diga-me — eu insisti —, *o que* o doutor acha que eu tenho?

— Nada; não me importune com perguntas — ele respondeu, e eu jamais o vira tão irritado; mas, creio, vendo que me magoara, beijou-me e acrescentou:

— Você ficará sabendo de tudo em um ou dois dias; isto é, tudo o que *eu* sei. Nesse ínterim, não ocupe a cabeça com isso.

Então, virou-se e deixou o salão, mas voltou, enquanto eu, ainda confusa, pensava sobre a estranheza de tudo aquilo; disse apenas que iria a Karnstein, que dera ordens para que a carruagem estivesse pronta ao meio-dia, e que madame e eu deveríamos acompanhá-lo; ele pretendia fazer uma visita de negócios ao padre que vivia naquela região pitoresca e, de vez que Carmilla não conhecia aquelas cercanias, ela poderia ir até lá, com mademoiselle, que levaria provisões para um piquenique, a ser preparado para nós nas ruínas do castelo.

Ao meio-dia, conforme solicitado, eu já estava pronta, e pouco tempo depois, meu pai, madame e eu partimos para o destino planejado. Passando a ponte levadiça, dobramos à direita, e seguimos pela estrada, cruzando a ponte gótica, no sentido oeste, em direção ao vilarejo abandonado e às ruínas do castelo de Karnstein.

Nenhum outro trajeto campestre pode ser mais belo.

A superfície do solo se altera entre colinas e vales, tudo coberto por lindos bosques, totalmente desprovidos da formalidade artificial característica de jardins planejados e podados.

As irregularidades do terreno muitas vezes fazem a estrada contornar, com muita graça, laterais de depressões e encostas de morros, em meio a uma variedade de solos quase inesgotável.

Ao contornar um desses pontos, repentinamente, deparamo-nos com nosso velho amigo, o general, cavalgando em nossa direção, em companhia de um laçao montado. Sua bagagem seguia no que chamávamos de carroça alugada.

O general desmontou, enquanto parávamos à beira da estrada, e, após os cumprimentos usuais, aceitou com satisfação o assento que estava vazio em nossa carruagem, despachando o cavalo, com o laçao, diretamente para o *schloss*.

X — Desolado

Fazia cerca de dez meses que não o víamos, mas esse tempo fora suficiente para alterar-lhe muito a aparência. Ele emagrecera; um ar lúgubre e angustiado se instalara no lugar da serenidade cordial que lhe caracterizava o semblante. Seus olhos, em tom azul escuro, sempre penetrantes, agora emitiam um brilho indignado, sob as sobranceiras espessas. Não era o tipo de alteração causada apenas pelo desgosto; sentimentos de ódio pareciam ter contribuído para aquela transformação.

Logo que nos pusemos novamente em movimento, o general começou a discorrer, com sua costumeira objetividade de militar, sobre a desolação, termo por ele usado, que se lhe abatera em decorrência da morte da querida sobrinha e protegida; depois, com intensa amargura e indignação, condenou as “artes infernais” às quais a jovem sucumbira, e expressou, com mais fúria do que reverência, seu espanto diante do fato de que o Céu permitisse que a luxúria e a perversidade do inferno desfrutassem daquela monstruosa indulgência.

Meu pai, logo percebendo que algo extraordinário havia ocorrido, pediu ao general que, se não fosse por demais doloroso, detalhasse as circunstâncias que justificavam a linguagem forte que usara.

— Teria prazer em contar-lhe — disse o general — mas o senhor não acreditaria em mim.

— Por que não? — ele perguntou.

— Porque — respondeu o general, um tanto irritado — o senhor não acredita em nada que não confirme as suas pressuposições e ilusões. Lembro-me do tempo em que eu era como o senhor, mas agora aprendi.

— Tente — disse meu pai. — Não sou tão dogmático quanto o senhor supõe. Além disso, sei muito bem que o senhor costuma exigir provas antes de acreditar em algo e, portanto, sinto-me bastante inclinado a respeitar as suas conclusões.

— O senhor está certo quando supõe que não me deixo levar facilmente pelo fantástico... pois o que experimentei é fantástico... mas fui obrigado, com base em provas extraordinárias, a dar crédito a algo que se opõe diametralmente às minhas teorias. Fui ludibriado por uma conspiração sobrenatural.

Embora houvesse professado confiança no tirocínio do general, meu pai, naquele momento, olhou para ele com um ar que me pareceu exprimir fortes dúvidas quanto à sanidade mental do militar.

Felizmente, o general não percebeu tal reação. Ele contemplava com tristeza e curiosidade as clareiras e o panorama das matas que se descortinavam diante de nós.

— O senhor está seguindo para as ruínas de Karnstein? — ele disse. — Que feliz coincidência! Sabe que eu ia lhe pedir para me levar até lá, para que eu pudesse inspecioná-las? Tem algo específico que pretendo explorar. Não existe lá as ruínas de uma capela, com vários túmulos daquela família extinta?

— Existe, sim... extremamente interessante — disse meu pai. — Suponho que o senhor tenha intenção de requerer posse do título e das propriedades?

Meu pai falou em tom jocoso, mas o general não respondeu com a risada, nem com o mero sorriso que a educação manda esboçar ao se ouvir o gracejo de um amigo; antes, o militar exibiu uma expressão grave, feroz, enquanto ruminava algo que lhe incitava a cólera e o horror.

— Minha intenção é muito diferente — ele disse, com aspereza. — Pretendo exumar alguns daqueles nobres indivíduos. Pretendo, com a bênção de Deus, cometer ali um sacrilégio piedoso que vai livrar a nossa terra de certos monstros, e permitir que gente honesta durma em paz, sem ser atacada por assassinos. Tenho coisas estranhas para lhe contar, caro amigo, coisas que eu mesmo reputaria inacreditáveis alguns meses atrás.

Meu pai olhou para o general, desta feita não com um olhar de desconfiança, mas, sim, com um ar que traduzia astúcia e temor.

— A casa dos Karnstein — ele disse — faz tempo que se extinguiu: ao menos, cem anos. Minha querida mulher descendia dos Karnstein, por parte de mãe. Mas o nome e o título deixaram de existir há muito tempo.

O castelo está em ruínas; o próprio vilarejo está deserto; faz cinquenta anos que ali não se vê fumaça saindo de chaminés; não restou um único telhado.

— É bem verdade. Tenho ouvido muitas histórias a esse respeito, desde a última vez que estive com o senhor; muitas histórias que o deixariam abismado. Mas, é melhor que eu relate tudo de acordo com a ordem dos eventos — disse o general. — O senhor conhecia a minha querida protegida... minha filha, assim posso chamá-la. Criatura alguma era mais bela e, até três meses atrás, criatura alguma era mais saudável.

— Sim, pobrezinha! A última vez que a vi, deveras, estava linda — disse meu pai. — Fiquei mais pesaroso e estarrecido do que sou capaz de expressar, meu caro amigo; sei o golpe que isso representou para o senhor.

Meu pai e o general trocaram um aperto de mão. Os olhos do militar se encheram de lágrimas. Ele não fez a menor questão de escondê-las. E disse:

— Somos velhos amigos; eu sabia que poderia contar com a sua compreensão, agora que não tenho mais minha filha. Ela havia se tornado o centro do meu maior interesse, e compensava o meu zelo com um afeto que alegrava minha casa e tornava minha vida feliz. Tudo isso acabou. Já não me restam muitos anos neste mundo; mas, pela misericórdia divina, antes de morrer, espero poder prestar um serviço à humanidade e lançar a vingança do Céu sobre os demônios que mataram minha pobre menina, na flor da idade e no auge da beleza!

— O senhor disse há pouco que pretende relatar tudo segundo a ordem dos eventos — disse meu pai. — Por favor, faça-o. Garanto-lhe, de minha parte, que não se trata apenas de curiosidade.

Àquela altura, havíamos alcançado o ponto em que a estrada de Drunstall, pela qual o general havia chegado, se bifurca com a estrada que seguiríamos rumo a Karnstein.

— A que distância ficam as ruínas? — indagou o general, olhando adiante, com ansiedade.

— A cerca de meia légua — respondeu meu pai. — Por favor, conte-nos a história que o senhor nos prometeu.

XI — A história

— Com todo prazer — disse o general, falando com esforço; após uma pausa para organizar o relato, ele deu início a uma das narrativas mais estranhas que já ouvi na vida.

— Minha querida menina estava ansiosa por fazer a visita que o senhor teve a bondade de programar, para que ela conhecesse a sua graciosa filha.

Ao dizer isso, o general me dirigiu uma mesura galante e melancólica.

— Nesse ínterim, recebemos um convite do meu velho amigo, o Conde de Carlsfeld, cujo *schloss* se situa a cerca de seis léguas, do outro lado de Karnstein. O convite era para uma série de bailes que seriam oferecidos ao conde por um visitante ilustre, o grão-duque Charles.

— Sim, e creio que tenham sido esplêndidos — disse meu pai.

— Principescos! E a hospitalidade do conde é majestosa. Ele parece dispor da lâmpada de Aladim. A noite da minha infelicidade foi dedicada a um fabuloso baile de máscaras. Os jardins foram abertos, e luminárias coloridas pendiam das árvores. A queima de fogos de artifício foi tal que nem Paris já presenciou algo semelhante. E a música... a música, o senhor sabe, é o meu fraco... que música maravilhosa! Tínhamos ali, talvez, o melhor conjunto instrumental do mundo, e os melhores cantores egressos dos grandes teatros líricos da Europa. Enquanto caminhávamos pelos jardins, magnificamente iluminados, o *château*, ao luar, irradiando uma luz rósea através das janelas enfileiradas, ouvíamos cantos estonteantes, vindos do interior de algum pomar silencioso, ou de algum barco no lago. Ouvindo e olhando aquilo tudo, tive a impressão de voltar ao romance e à poesia da minha juventude.

— Quando a queima de fogos acabou, teve início o baile, e voltamos aos salões, agora abertos aos dançarinos. Um baile de máscaras, o senhor sabe, constitui bela visão: um espetáculo com um brilho que eu nunca tinha visto igual.

— Os convidados eram aristocratas. Acho que eu era o único joão-ninguém presente.

— Minha querida menina estava linda. Não usava máscara. O entusiasmo e a alegria acrescentavam uma graça indescritível aos seus traços,

sempre belos. Notei a presença de uma jovem belissimamente trajada, mas com máscara, que me parecia observar minha protegida com extraordinário interesse. Eu tinha visto a tal jovem antes, no salão principal, e depois voltei a vê-la, durante alguns minutos, caminhando perto de nós, na varanda que ficava abaixo das janelas do castelo, sempre olhando para minha menina. Uma senhora, também mascarada, vestida com elegância e sobriedade, e exibindo porte imponente, como se fosse alguma figura ilustre, acompanhava a jovem. Se a jovem não usasse máscara, decerto, eu teria mais certeza se ela estava, de fato, observando a minha pobre menina. Hoje tenho certeza de que estava.

— Estávamos num dos salões. Minha pobre menina acabara de dançar, e descansava um pouco numa das cadeiras posicionadas próximas à porta; eu estava perto dali. As duas damas de que falei se acercaram, e a mais jovem sentou-se na cadeira que estava ao lado da minha protegida; enquanto isso, a outra dama, de pé ao meu lado, dirigia-se à jovem, falando num tom de voz baixo.

— Valendo-se da máscara, ela voltou-se para mim e, falando-me como se fosse uma velha amiga, chamando-me pelo nome, puxou conversa comigo, fato que muito despertou minha curiosidade. Ela mencionou vários locais onde havia me encontrado: na corte, em residências importantes. Referiu-se a pequenos incidentes dos quais eu não mais me lembrava, mas que me voltaram à memória assim que ela os citou.

— Fiquei cada vez mais curioso para saber quem ela era. Com astúcia e delicadeza, a senhora se evadia das minhas tentativas de descobrir-lhe a identidade. O conhecimento por ela demonstrado de diversas passagens da minha vida pareceu-me inexplicável; e ela exibiu uma satisfação sincera em frustrar-me a curiosidade e em me ver tropeçar, no meu ansioso embaraço, de conjetura em conjetura.

— Enquanto isso, a jovem, a quem a mãe, uma ou duas vezes dirigindo-lhe a palavra, chamou pelo estranho nome de Millarca, havia iniciado, com idêntica desenvoltura e graça, um diálogo com minha protegida.

— A jovem se apresentou, dizendo que sua mãe era conhecida minha de longa data. Discorreu sobre o atrevimento prazeroso ensejado por um baile de máscaras; falava como uma amiga; elogiou o vestido

da menina e insinuou, com muita graça, admiração por sua beleza. Divertiu-a com críticas acerca das pessoas que apinhavam o salão de baile, e fez gracejos à minha pobre menina. Sabia ser perspicaz e alegre, e em pouco tempo as duas haviam se tornado boas amigas; então, a estranha jovem baixou a máscara, revelando um rosto de extrema beleza. Nem eu nem minha filha tínhamos visto aquele rosto antes. Mas, embora nova para nós, a fisionomia era tão cativante, e tão bela, que era impossível não sentir forte atração. Foi o que aconteceu com a minha pobre menina. Nunca vi alguém mais fascinado por outra pessoa num primeiro encontro, exceto, é verdade, a própria estranha, que parecia igualmente arrebatada.

— Nesse ínterim, aproveitando a licença propiciada por um baile de máscaras, fiz várias perguntas à tal senhora.

— “A senhora me deixou perplexo”, eu disse, rindo. “Já não basta? Não vai agora, para ficarmos em pé de igualdade, fazer a gentileza de retirar a máscara?”

— “Pode haver pedido mais injusto?”, ela respondeu. “Pedir a uma dama que ceda vantagem! Além disso, como o senhor sabe que me reconheceria? Os anos produzem mudanças”.

— “Conforme a senhora bem pode ver”, eu disse, com uma mesura e, suponho, com um riso um tanto melancólico.

— “E conforme dizem os filósofos”, ela observou; “e como o senhor pode saber se a visão do meu rosto lhe será esclarecedora?”

— “Eu adoraria correr tal risco”, respondi. “Não adianta querer parecer idosa; a senhora é traída por sua própria silhueta”.

— “Contudo, anos já se passaram desde a última vez que eu o vi, e desde que o senhor me viu, e isso é o que estou levando em conta. Millarca, que ali está, é minha filha; portanto, não posso ser jovem, nem mesmo na opinião de pessoas às quais o tempo ensinou indulgência, e não me apraz ser comparada à imagem que o senhor tem de mim na memória. O senhor não tem máscara a retirar. Nada me pode oferecer em troca.”

— “Recorro tão-somente à sua compaixão, que remova a máscara.”

— “E eu recorro à sua, que a máscara fique onde está”, ela respondeu.

— “Muito bem, então, a senhora me dirá ao menos se é francesa ou alemã, pois fala ambas as línguas com perfeição.”

— “Não creio que lhe revelarei isso, general; o senhor planeja um ataque-surpresa, e busca o ponto fraco.”

— “Em todo caso, isso a senhora não poderá negar”, eu disse, “pois, tendo me permitido a honra de dialogarmos, mereço saber como tratá-la. Devo dizer, *madame la Comtesse*?”

— Ela riu, e teria sem dúvida escapado, com outra evasiva... se for de todo viável a hipótese de que qualquer detalhe de um diálogo no qual tudo foi prévia e argutamente esquematizado, conforme hoje acredito tenha sido o caso, possa estar sujeito a acidentes de percurso.

— “Quanto a isso”, ela disse, mas foi interrompida, quase no momento em que abriu a boca, por um cavalheiro de preto, extremamente elegante e distinto, mas com uma desvantagem: seu semblante era o mais pálido e funéreo que vi na vida, exceto em cadáveres. Ele não usava máscara alguma... vestia o traje a rigor completo de um cavaleiro, e disse, sem sorrir, mas com uma mesura cerimoniosa e acentuada: “*madame la Comtesse* permite que eu lhe diga algumas palavras do seu interesse?”

— A dama voltou-se, rapidamente, para ele e levou um dedo aos lábios, pedindo-lhe silêncio. “Guarde meu lugar, general; voltarei assim que trocar algumas palavras com esse senhor.”

— E com esse pedido, feito em tom de gracejo, ela deu alguns passos, acompanhada pelo cavalheiro de preto, e com ele conversou durante alguns minutos... e a conversa parecia ser séria. Depois, caminharam lentamente em meio à multidão, e os perdi de vista por alguns minutos.

— Enquanto isso, eu martelava o cérebro, para ver se conseguia identificar a dama que parecia me conhecer tão bem; pensei em juntar-me à conversa que transcorria entre minha bela protegida e a filha da condessa, na expectativa de surpreendê-la, quando voltasse, já tendo então descoberto seu nome, seu título, o nome do seu castelo e de suas propriedades. Mas, naquele momento, ela retornou, ainda acompanhada do sujeito pálido, trajando preto, que disse: “Voltarei para avisar à *madame la Comtesse* quando a sua carruagem estiver diante do portão”. E se retirou, fazendo uma reverência.

XII — Um pedido

— “Então, vamos nos privar da companhia de madame la Comtesse, mas espero que seja por apenas algumas horas”, eu disse, fazendo uma leve mesura.

— “Talvez por algumas horas; talvez por algumas semanas. Foi falta de sorte, ele ter se dirigido a mim como o fez agora. O senhor me reconhece?” — assegurei-a que não.

— “Mas, vai me reconhecer”, ela disse, “contudo, não agora. Nossa amizade é mais antiga e mais sólida, talvez, do que o senhor suspeite. Ainda não posso revelar minha identidade. Dentro de três semanas pretendo passar por seu belo *schloss*, sobre o qual tenho obtido algumas informações. Na ocasião, vou visitá-lo durante uma ou duas horas, e restabelecer uma amizade que sempre me traz mil lembranças agradáveis. Por ora, acabo de receber uma notícia que me atinge como um raio. Preciso partir, com toda a pressa possível, e seguir uma rota alternativa, que compreende mais de cem quilômetros. Estou extremamente apreensiva. Embora acanhada, detenho-me um instante apenas para lhe fazer um pedido muito especial. Minha pobre menina ainda não recuperou as forças. O cavalo foi ao chão com ela, durante uma caçada à qual ela assistia; seus nervos ainda não se recuperaram do choque, e nosso médico afirma que, durante algum tempo ainda, ela não deve se cansar. Chegamos até aqui avançando bem devagar... menos de seis léguas por dia. Mas agora preciso viajar dia e noite, numa missão de vida ou morte... uma missão cuja natureza crítica e grave pretendo explicar-lhe, com toda a franqueza, quando nos encontrarmos, o que espero possa acontecer, dentro de algumas semanas”.

— Ela, então, apresentou o pedido, e o fez no tom de alguém que transforma uma solicitação em determinação, e não em favor. Mas aquele era mesmo o jeito dela e, segundo parecia, tratava-se de algo bastante inconsciente. E nos termos em que o pedido foi expresso, nada poderia ser mais reprovativo. A solicitação era, simplesmente, que eu consentisse em cuidar de sua filha, enquanto *La Comtesse* estivesse ausente.

— No fim das contas, o pedido era estranho, para não dizer atrevido. De certo modo, ela me desarmou, ao afirmar e admitir todos os argumentos contrários, e ao se entregar inteiramente ao meu cavalheirismo.

Naquele momento, por uma fatalidade que parece ter predeterminado tudo o que viria a acontecer, minha pobre menina aproximou-me de mim e, falando baixo, pediu-me que convidasse a nova amiga, Millarca, para nos fazer uma visita. Minha protegida havia sondado a jovem, e achava que, se a mãe dela concordasse, Millarca aceitaria com todo prazer.

— Numa outra ocasião, eu teria dito a ela que esperasse um pouco, até que ao menos soubéssemos quem elas eram. Mas não tive tempo para pensar. As duas damas me assediavam; e devo confessar que o rosto refinado e belo da jovem, dotado de uma expressão extremamente cativante, bem como a elegância e o brilho do seu nobre berço convenceram-me; sem conseguir resistir, concordei e aceitei, precipitadamente, cuidar da jovem que a mãe chamava de Millarca.

— A condessa fez um sinal para a filha, que ouviu com toda atenção, enquanto a mãe lhe informava, em termos gerais, que tinha sido chamada súbita e peremptoriamente, e também que a havia confiado aos meus cuidados, acrescentando que eu era um de seus amigos mais antigos e estimados.

— Evidentemente, eu disse o que a ocasião parecia exigir e, quando reflito sobre o ocorrido, percebo que me via numa situação que pouco me agradava.

— O cavalheiro de preto voltou e, com toda cerimônia, acompanhou a dama enquanto esta se retirava do salão.

— A conduta desse cavalheiro provocou em mim a convicção de que a condessa era uma dama bem mais nobre do que o seu modesto título pudesse, por si só, sugerir.

— Sua última determinação foi de que nenhuma tentativa de obter maiores informações a seu respeito fosse levada a termo até que ela regressasse. Nosso distinto anfitrião, que a hospedava, tinha conhecimento dos motivos de tal solicitação.

— “Aqui”, ela disse, “nem eu nem minha filha podemos permanecer, com segurança, mais de um dia. Retirei a máscara, imprudentemente, por um instante, há cerca de uma hora; achei que o senhor tivesse me visto.

— Foi então que decidi aguardar uma oportunidade para conversarmos um pouco. Se o senhor *tivesse* me visto, eu recorreria à sua

elevada honradez, pedindo-lhe que guardasse segredo sobre a minha identidade durante algumas semanas. Mas, é um alívio saber que não me viu; porém, se agora o senhor *suspeitar*, ou, pensando melhor, *vier a suspeitar* da minha identidade, entrego-me inteiramente à sua honradez. Minha filha haverá de observar uma discrição idêntica, e bem sei que o senhor, de vez em quando, vai lembrar a ela que mantenha o segredo”.

— Ela sussurrou algumas palavras ao ouvido da filha, beijou-a duas vezes apressadamente e partiu, acompanhada do cavalheiro pálido, todo de preto, desaparecendo em meio à multidão.

— “No salão ao lado”, disse Millarca, “há uma janela de onde se avista a porta principal. Eu gostaria de ver mamãe uma última vez, e mandar-lhe um beijo”.

— Assentimos, evidentemente, e fomos com ela até a janela. Vimos uma carruagem bela e antiga, provida de uma tropa de cocheiros e lacaios. Vimos também a figura esbelta do cavalheiro pálido, vestido de preto, colocando sobre os ombros da condessa um manto de veludo espesso, e cobrindo-lhe a cabeça com um capuz. Ela fez-lhe um sinal, e apenas tocou-lhe a mão. Ele se curvou, mais de uma vez, enquanto a porta era fechada, e a carruagem pôs-se em movimento.

— “Foi-se”, disse Millarca, com um suspiro.

— “Foi-se”, repeti comigo mesmo, pela primeira vez... após a pressa que se instalara desde o meu consentimento... pensando na loucura do meu ato.

— “Ela nem olhou para cima”, disse a jovem, num tom queixoso.

— “Talvez a condessa tivesse retirado a máscara, e não quisesse mostrar o rosto”, eu disse; “e tampouco sabia que a senhorita estava à janela”.

— Ela suspirou e olhou-me nos olhos. Era tão bela que me inspirou compaixão. Por um momento, lamentei ter me arrependido da minha própria hospitalidade, e decidi me redimir da minha declarada falta de polidez.

— A jovem, recolocando a máscara, juntou-se à minha protegida, instando-me a voltar aos jardins, onde o concerto estava prestes a ser reiniciado. Assim fizemos, e caminhamos de um lado para o outro, ao longo da varanda situada abaixo das janelas do castelo. Millarca logo se tornou

íntima, e nos divertia com comentários e histórias animadas acerca dos ilustres que encontrávamos na varanda. A cada minuto aumentava o meu encanto por ela. Suas pequenas indiscrições, sem ser maldosas, eram-me sumamente divertidas, pois fazia tempo que eu não circulava pelo mundo da nobreza. Pensei na vivacidade que ela emprestaria às nossas noites, algumas vezes, solitárias.

— O baile só acabou quando o sol da manhã quase despontava no horizonte. O grão-duque dançou até o final, para que os mais persistentes não fossem embora, nem pensassem em dormir.

— Acabávamos de atravessar um salão repleto de convidados, quando minha protegida me perguntou onde estava Millarca. Eu pensava que ela estivesse ao lado da minha menina, e esta supunha que ela estivesse ao meu lado. O fato era que a havíamos perdido de vista.

— Foi totalmente em vão o meu esforço para localizá-la. Suspeitei que, na confusão que a separou de nós momentaneamente, ela tivesse nos confundido com outras pessoas e talvez as tivesse seguido, perdendo-se na vastidão dos jardins abertos aos convidados.

— Agora, reconheci a verdadeira dimensão da loucura de ter aceito assumir responsabilidade por uma jovem sem mesmo saber o seu nome; e refém das minhas próprias promessas, cujos motivos eu desconhecia, eu nem podia detalhar minha busca, revelando que a jovem desaparecida era a filha da condessa que se fora havia poucas horas.

— Amanheceu. O sol já estava claro quando desisti da procura. Somente por volta das duas horas, no dia seguinte, obtivemos alguma notícia da jovem desaparecida.

— Eram quase duas horas quando um criado bateu à porta de minha sobrinha, para lhe dizer que havia sido chamado por uma jovem, aparentemente em grande apuro, que precisava saber onde encontrar o barão general Spielsdorf e sua filha, sob cujos cuidados ela havia sido deixada pela mãe.

— Não havia dúvida, a despeito do pequeno equívoco, que a nossa jovem amiga havia reaparecido... e havia mesmo. Quisera o Céu a tivéssemos perdido!

— Ela contou à minha pobre menina uma história, a fim de justificar o longo período de tempo transcorrido até nos reencontrar. Disse

ter entrado, já bem tarde, no quarto da governanta, enquanto nos procurava, desesperadamente, e ter caído num sono profundo que, embora demorado, mal fora capaz de recuperar-lhe as forças após o cansaço provocado pelo baile.

— Naquele dia levamos Millarca para casa conosco. Sentia-me feliz, em última instância, por ter conseguido uma companheira tão graciosa para minha querida menina.

XIII — O lenhador

— No entanto, logo surgiram alguns problemas. Em primeiro lugar, Millarca se queixava de uma constante letargia... um cansaço que se instalara desde a última vez em que estivera adoentada... e ela só saía do quarto no meio da tarde. Além disso, descobrimos, por acaso, embora ela sempre trancasse a porta pelo lado de dentro e nunca retirasse a chave da fechadura, até o momento em que permitia a entrada de uma ama para auxiliá-la durante o banho, que ela se ausentava do quarto, algumas vezes de manhã cedo, outras vezes mais tarde, no decorrer do dia, antes de anunciar que estava desperta. Era vista com frequência, das janelas do *schloss*, nas primeiras luzes cinzentas da madrugada, caminhando entre as árvores, aparentemente com um destino certo, e parecendo estar em transe. Isso me convenceu de que ela era sonâmbula. Mas tal hipótese não resolvia o mistério. Como ela transpunha a porta do quarto, deixando a porta trancada pelo lado de dentro? Como conseguia sair da casa, sem destravar portas e janelas?

— Em meio à minha perplexidade, surgiu uma preocupação bem mais urgente.

— Minha querida menina parecia abatida e pouco saudável, e isso ocorreu de um modo tão misterioso, e até medonho, que fiquei simplesmente apavorado.

— A princípio, ela começou a ter sonhos horrendos; então, imaginava a presença de um fantasma, por vezes, parecendo-se com Millarca, por vezes, na forma de uma fera que caminhava de um lado para o outro ao pé de sua cama. Finalmente, vieram umas tais sensações. Uma delas, que não era de todo desagradável, mas muito estranha, parecia a corrente gelada de um riacho fluindo por seu peito. Posteriormente, ela teve

a sensação de que duas agulhas penetravam-lhe a pele, logo abaixo da garganta, provocando uma dor aguda. Algumas noites depois, seguiu-se a sensação gradual e convulsiva de um estrangulamento; depois disso, ela perdeu a consciência.

Eu ouvia cada palavra do relato do velho general, porque àquela altura a carruagem corria sobre a relva batida que cobre os dois lados da estrada, já nas imediações do vilarejo destelhado onde não se avistava fumaça saindo de chaminé havia mais de meio século.

O leitor pode imaginar a estranheza de que fui tomada ao ouvir a descrição de sintomas idênticos aos meus, e atribuídos à pobre jovem que, não fosse a catástrofe que se seguiu, seria naquele momento hóspede do *château* de meu pai. O leitor pode imaginar, também, como me senti enquanto ouvia o general detalhar manias e esquisitices que, de verdade, correspondiam àquelas da nossa bela hóspede, Carmilla!

Abriu-se um clarão na floresta; subitamente, estávamos passando diante das chaminés e fachadas do vilarejo em ruínas; as torres e muralhas do castelo desmoronado, em torno do qual cresciam árvores frondosas, contemplavam-nos do topo de uma colina.

Em meio a um sonho assustador, desci da carruagem, em silêncio, pois todos tínhamos muito em que pensar; sem demora, subimos a encosta e nos vimos entre os salões, entre as escadarias em espiral e os corredores escuros do castelo.

— E dizer que este local foi outrora a moradia suntuosa dos Karnstein! — comentou o velho general, finalmente, olhando para o povoado, desde uma grande janela, contemplando a vastidão ondulante da floresta. — Era uma família perversa, e aqui foram escritas as suas crônicas manchadas de sangue — prosseguiu o militar. — É terrível que, mesmo depois da morte, eles tenham continuado a perseguir a humanidade com sua luxúria atroz. Ali está a capela dos Karnstein.

Apontou, então, as paredes cinzentas da construção gótica, parcialmente visível entre a folhagem, um pouco abaixo na encosta.

— Estou ouvindo o machado de um lenhador — ele acrescentou — trabalhando na mata que cerca a capela; talvez ele possa nos prestar a informação que busco, e indicar o túmulo de Mircalla, Condessa de Karnstein. Esses camponeses costumam preservar as tradições das

grandes famílias, cujas histórias, no contexto dos ricos e nobres, desaparecem tão logo as famílias se extinguem.

— Temos, no castelo, um retrato de Mircalla, Condessa de Karnstein; o senhor gostaria de vê-lo? — perguntou meu pai.

— Em tempo — caro amigo, retrucou o general. — Acho que vi o original, e por isso antecipei a visita ao senhor, para que pudéssemos explorar a capela da qual agora nos aproximamos.

— O quê! Ver a Condessa Mircalla! — exclamou meu pai; — Ora! Ela morreu há mais de um século!

— Não está tão morta quanto o senhor imagina, segundo me dizem — respondeu o general.

— Confesso, general, que o senhor está me deixando totalmente confuso — disse meu pai, olhando para o amigo, assim me pareceu, com aquele mesmo ar de desconfiança que eu havia detectado anteriormente. Mas, embora a atitude do militar fosse às vezes colérica, nunca era insequente.

— Resta-me — ele disse, enquanto passávamos embaixo do arco da igreja gótica (as dimensões do edifício justificavam tal classificação) — apenas um objetivo capaz de me interessar durante os poucos anos que me restam na Terra: levar a cabo a vingança que, com a graça de Deus, haverá de ser perpetrada pelo braço de um mortal.

— A que vingança o senhor se refere? — perguntou meu pai, cada vez mais espantado.

— À decapitação do monstro — ele respondeu, enrubescendo, batendo o pé no solo, produzindo um eco espectral que reverberou pelas ruínas vazias, e erguendo o punho cerrado, como se brandisse no ar, furiosamente, um machado pelo cabo.

— O quê! — exclamou meu pai, mais assustado do que nunca.

— Decapitá-la!

— Cortar-lhe a cabeça?

— Sim, com um cutelo, uma pá, ou qualquer outra coisa capaz de rachar-lhe a garganta assassina. O senhor vai ouvir tudo — ele disse, tremendo de ódio; e adiantando-se, disse:

— Esta viga pode servir de assento; sua filha parece exausta; peça-lhe que se sente e, em poucas frases, logo concluirei a minha história pavorosa.

O bloco de madeira, depositado sobre o piso da capela agora coberto de relva, formava um banco sobre o qual me sentei com satisfação; nesse ínterim, o general chamou o lenhador, que estivera cortando alguns galhos que pesavam sobre as velhas paredes; então, empunhando o machado, um senhor robusto surgiu à nossa frente.

O lenhador nada sabia a respeito daqueles túmulos, mas havia um ancião, disse ele, um guarda-florestal, atualmente residindo na casa do padre, a cerca de três quilômetros de distância, que sabia identificar todos os túmulos da velha família Karnstein; e, por uma bagatela, ele iria buscá-lo, se pudéssemos lhe emprestar um dos nossos cavalos, e estaria de volta em pouco mais de meia-hora.

— Faz tempo que o senhor trabalha nesta floresta? — meu pai perguntou.

— Corto lenha aqui — ele respondeu, falando em dialeto —, obedecendo às ordens do guarda-florestal, desde criança; e antes de mim, trabalhou aqui meu pai, e o pai dele, e tantas gerações quanto sou capaz de contar. Posso mostrar ao senhor a casa, aqui no vilarejo, em que meus antepassados moraram.

— Por que o vilarejo foi abandonado? — perguntou o general.

— Foi atacado por assombrações, senhor; várias já foram perseguidas até o túmulo, identificadas pelos testes costumeiros e extintas pelos meios de sempre... decapitação, estaca e fogo; mas isso só aconteceu depois que muitos habitantes foram mortos.

— Porém, mesmo depois de todas essas providências — ele prosseguiu —, mesmo depois de tantos túmulos abertos e tantos vampiros privados de seu terrível alimento, o vilarejo não se libertou. Mas, um nobre morávio, que por acaso passava por aqui, soube da situação; versado nesses assuntos... conforme costuma ser o caso de muita gente no país dele... ofereceu-se para livrar o povoado daquele que o atormentava. E fez o seguinte; sendo aquela noite de lua cheia, ele subiu, logo após o pôr-do-sol, ao topo da torre desta capela, de onde podia ver o cemitério, lá embaixo; dá para ver o cemitério lá daquela janela. E ficou

ali, até que o vampiro saiu do túmulo, depositou ao lado da cova os panos de linho que lhe serviam de mortalha e deslizou em direção ao vilarejo, a fim de assombrar os habitantes.

— O estranho, depois de ver tudo isso, desceu da torre, pegou os panos de linho do vampiro e os levou consigo, de volta ao topo da torre. Quando retornou de sua perambulação e percebeu a falta dos panos, o vampiro, enfurecido, gritou para o morávio, por ele logo localizado lá no topo da torre; e o morávio acenou para ele, que subisse para pegar os tais panos. O vampiro, então, aceitando o convite, começou a escalar a torre; mas, assim que ele chegou à muralha, o morávio, com um golpe da espada, rachou-lhe o crânio ao meio, atirando-o lá embaixo, no cemitério; em seguida, descendo a escada em espiral, o estranho cortou-lhe a cabeça e, no dia seguinte, entregou a cabeça e o corpo aos habitantes, que os empatarem e queimaram.

— Esse nobre morávio foi autorizado pelo chefe do clã à época a remover o túmulo de Mircalla, Condessa de Karnstein, e assim o fez, de modo que, em pouco tempo, o local do sepultamento foi esquecido.

— O senhor saberia precisar onde o túmulo ficava? — perguntou o general, com ansiedade.

O lenhador sacudiu a cabeça e sorriu.

— Ninguém poderá responder a essa pergunta — ele disse. — Além disso, dizem que o corpo dela foi removido; mas ninguém tem certeza disso também.

Tendo falado assim, e pressionado pelo tempo, ele deixou o machado e se foi, deixando-nos a ouvir o restante do estranho relato do general.

XIV — O encontro

— Minha querida menina — ele prosseguiu — estava cada vez pior. O médico que a atendia não havia alcançado qualquer êxito no tratamento da doença, pois doença era o que eu pensava ser o caso. O médico percebeu a minha angústia e sugeriu que eu buscasse uma segunda opinião. Chamei um médico mais experiente, que trabalhava em Graz. Passaram-se vários dias até a chegada desse doutor. Tratava-se de um

homem gentil, religioso e erudito. Após examinarem, juntos, a minha pobre protegida, os dois médicos foram trocar ideias na biblioteca. Da sala ao lado, onde aguardava ser chamado, pude ouvir as vozes dos dois cavalheiros ecoando num tom mais veemente do que seria o caso de um debate estritamente filosófico. Bati à porta e entrei. Encontrei o velho médico de Graz defendendo a sua teoria. Seu oponente a refutava com ares de nítida galhofa, seguida de gargalhadas. No momento em que entrei na biblioteca, esta última manifestação despropositada diminuiu e a alteração foi suspensa.

— “Senhor”, disse o primeiro médico, “meu ilustre colega parece supor que o senhor precisa de um feiticeiro, e não de um médico”.

— “Perdão”, disse o velho médico de Graz, visivelmente contrariado, “prefiro expressar minha opinião sobre esse caso, à minha maneira, em outro momento. Lamento, *Monsieur le Général*, que minhas habilidades e meu conhecimento não possam ser úteis. Antes de me retirar, no entanto, permito-me sugerir-lhe algo”.

— Ele parecia imerso em reflexão; sentou-se à mesa e começou a escrever. Profundamente decepcionado, fiz uma reverência e, no momento em que me virava para sair, o outro médico apontou para o colega que estava escrevendo e, em seguida, sacudindo os ombros, fez um sinal, levando o dedo à frente.

— Essa segunda consulta, então, não trouxe qualquer avanço. Saí caminhando pelos jardins, quase desesperado. Passados dez ou quinze minutos, o médico de Graz me alcançou. Pediu desculpas por ter me seguido, e disse que, em sua consciência, não poderia partir sem antes me dizer algumas palavras a mais. Disse-me que não poderia estar enganado; que nenhuma enfermidade natural exibia aqueles sintomas; e que a morte era iminente. Restavam, contudo, um ou dois dias de vida. Se a convulsão fatal pudesse ser prontamente controlada, talvez, mediante grandes cuidados e competência, as forças da jovem pudessem ser recuperadas. Mas tudo agora dependia dos confins do irrevogável. Um assalto a mais talvez extinguisse a derradeira fagulha de vitalidade.

— “E que tipo de convulsão é essa à qual o senhor se refere?” perguntei.

— “Está tudo explicado, detalhadamente, nesta carta, que ora lhe entrego, sob a condição de que o senhor mande buscar o religioso que estiver mais próximo daqui, e que abra esta carta na presença dele, e que não a leia antes de tê-lo ao seu lado; se assim não for, o senhor vai acabar desprezando a carta, e ela trata de uma questão de vida ou morte. Se o padre não vier, então, o senhor pode e deve ler a carta.”

— Finalmente, antes de se despedir, ele me perguntou se eu gostaria de falar com um homem versado no assunto, um indivíduo que, após a minha leitura da carta, provavelmente me interessaria mais do que qualquer outro, e instou-me a convidar o tal sujeito; depois disso, ele se foi.

— O padre não estava em casa; eu, então, li a carta. Em algum outro momento, ou outro contexto, a carta teria me parecido ridícula. Mas, quem não recorre a qualquer charlatanice, como última esperança, quando todos os meios tradicionais já falharam, e a vida de um ente querido está ameaçada?

— Nada, o senhor dirá, poderia ser mais absurdo que a carta daquele médico erudito. O conteúdo era tão monstruoso que justificaria uma internação em manicômio. Ele afirmava que a paciente sofria em consequência das visitas de um vampiro! Os furos que ela dizia terem ocorrido próximos à garganta, insistia o médico, resultavam da inserção de dois caninos longos e finos, como é sabido, típicos dos vampiros; e não havia dúvida, ele acrescentava, quanto à presença bem definida da pequena marca, segundo constava, provocada pelos lábios do demônio, nem quanto ao fato de que todos os sintomas descritos pela paciente confirmavam, com exatidão, os sintomas registrados em casos similares.

— Sendo eu totalmente cético em relação à existência de vampiros, a teoria sobrenatural apresentada pelo médico, a meu ver, era apenas mais um exemplo de inteligência mesclada, estranhamente, com alucinação. Todavia, eu estava tão desesperado que, em vez de nada tentar, levei a sério as instruções contidas na carta.

— Escondi-me no quarto de vestir, às escuras, que ficava ao lado do quarto da paciente, onde queimava uma vela, e ali espreitei até que ela adormecesse. Fiquei de pé, espiando pela fresta da porta, com a espada em cima da mesa, ao meu lado, de acordo com as instruções; pouco depois de uma hora, vi um grande vulto preto, uma imagem

mal-definida, arrastando-se, segundo me parecia, pelo pé da cama e estirando-se sorrateiramente por cima da garganta da menina, ali regozijando-se por um momento, numa massa ofegante.

— Durante alguns instantes, fiquei petrificado. Então, dei um salto à frente, empunhando a espada. A criatura preta se contraiu, movendo-se em direção ao pé da cama, escorregou para o chão e se levantou, a cerca de um metro do pé da cama, fitando-me com um misto de ferocidade covarde e horror: estava diante de mim Millarca. Sem qualquer especulação, golpeei-a imediatamente com a espada; mas a vi de pé à porta, absolutamente ileso. Aterrorizado, persegui-a, e desferi-lhe um novo golpe. Ela se fora! E minha espada vibrou em consequência do impacto contra a porta.

— Eu não poderia descrever tudo o que ocorreu naquela noite medonha. A casa inteira despertou em grande alvoroço. O espectro de Millarca desaparecera. Mas a vítima do espectro definhava a cada minuto, e antes do nascer do sol, veio a falecer.

O velho general estava bem agitado. Não nos dirigimos a ele. Meu pai afastou-se um pouco e começou a ler as inscrições das sepulturas; assim entretido, entrou pelo vão da porta de uma capela lateral. O general encostou-se numa parede, enxugou os olhos e suspirou, profundamente. Senti-me aliviada ao ouvir as vozes de Carmilla e madame, que naquele momento se aproximavam. Mas o som das vozes diminuiu.

Sozinha, após ouvir um relato tão estranho acerca de mortos ilustres e nobres, cujas sepulturas se deterioravam em meio à poeira e à hera que nos cercavam, um relato no qual todos os incidentes se relacionavam de modo tão terrível ao meu próprio caso — naquele local mal-assombrado, na penumbra, envolto numa folhagem espessa que encimava aquelas paredes silenciosas —, senti-me tomada de pavor, e meu coração se comprimia, quando eu pensava que, afinal, meus amigos estavam prestes a entrar e perturbar aquela cena agourenta.

Apoiando uma das mãos na base de um túmulo em ruínas, o velho general mantinha os olhos cravados no solo.

Embaixo de um arco estreito, decorado com um daqueles demônios grotescos que costumam deleitar a imaginação cínica e fantasmagórica

das velhas esculturas góticas, avistei, com satisfação, a bela face e a bela figura de Carmilla entrando na capela sombria.

Eu estava prestes a me levantar e falar, enquanto sorria em resposta àquele sorriso tão singular e fascinante, quando, dando um grito, o velho que estava ao meu lado agarrou o machado do lenhador e avançou. Ao vê-lo, a fisionomia de Carmilla transformou-se de modo brutal.

Foi uma transformação instantânea e horrenda, e ela deu um passo atrás, agachando-se. Antes que eu pudesse gritar, ele a golpeou com toda a força, mas ela se esquivou do golpe e, ilesa, agarrou-o pelo pulso com aquela mão pequenina. Ele lutou para soltar o braço, mas sua mão se abriu, o machado caiu no chão, e a jovem se foi.

Ele então tentou apoiar-se na parede. Os cabelos grisalhos estavam arrepiados, e uma umidade lhe reluzia a face, como se ele estivesse agonizando.

A cena pavorosa não durou mais do que um instante. Minha primeira lembrança subsequente é madame, de pé diante de mim, repetindo, impacientemente, várias vezes, a pergunta:

— Onde está mademoiselle Carmilla?

Afinal, respondi:

— Não sei... não faço ideia... foi por ali — e apontei a porta pela qual a própria madame acabara de entrar. — Faz apenas um ou dois minutos.

— Mas eu fiquei ali, no vão da porta, desde que mademoiselle Carmilla entrou; e ela não voltou por ali.

Depois disso, madame começou a chamar Carmilla, por todas as portas e janelas sem, no entanto, obter qualquer resposta.

— Ela disse que seu nome era Carmilla? — perguntou o general, ainda agitado.

— Sim, Carmilla — respondi.

— É — ele disse —, é mesmo Millarca. É a mesma pessoa que muito tempo atrás se chamava Millarca, Condessa de Karnstein. Vá embora deste lugar maldito, pobre menina, o quanto antes. Vá até a casa do clérigo e fique lá até nós chegarmos. Vá! Nunca mais olhe para Carmilla; não a encontrará aqui.

XV — Sofrimento e execução

Enquanto o general falava, um homem com o aspecto mais estranho que já vi na vida entrou na capela, pela porta através da qual Carmilla havia entrado e saído. Era alto, tinha o tórax estreito e curvo, e os ombros arqueados; vestia-se todo de preto. O rosto era moreno e ressecado, com rugas profundas; usava um chapéu esquisito, de aba larga. Os cabelos, longos e grisalhos, caíam-lhe nos ombros. Usava óculos de armação de ouro, caminhava lentamente, com passos arrastados, e seu rosto, às vezes voltado para o céu, outras vezes encarando o chão, exibia um sorriso perpétuo; ele balançava os braços magros e longos, e as mãos delgadas, calçando luvas excessivamente grandes, gesticulavam exprimindo profunda consternação.

— Ei-lo! — exclamou o general, avançando, visivelmente exultante. — Meu caro barão, que satisfação vê-lo; não esperava encontrá-lo tão cedo — ele disse, e fez um sinal para meu pai, que acabara de voltar, trazendo o cavalheiro idoso e estranho, a quem o general chamara de barão. Ele o apresentou, formalmente, e logo iniciaram uma conversa séria. O estranho retirou do bolso um rolo de papel, e o desenrolou sobre a superfície gasta de uma lápide. Tinha na mão uma lapiseira, com a qual traçou linhas imaginárias, de um lado ao outro do papel, que, a julgar pelo modo como eles o olhavam, e em seguida dirigiam o olhar a determinados pontos da capela, concluí ser a planta do edifício. Enquanto prosseguia, com aquele, digamos, discurso, o estranho lia trechos de um livrinho todo sujo, cujas páginas amareladas estavam repletas de letras miúdas.

Desceram, caminhando, pela nave lateral, do lado oposto ao que eu estava, sempre dialogando; então, começaram a fazer medições, por meio de passadas, e finalmente se reuniram, diante de um determinado ponto da parede, o qual se puseram a examinar meticulosamente, afastando a hera que encobria o local, batendo no gesso com a ponta de suas bengalas, raspando aqui, tocando ali. Na sequência, localizaram uma grande placa de mármore, com letras gravadas em alto-relevo.

Com o auxílio do lenhador, que havia retornado, expuseram a inscrição de um sepulcro e a gravação de um brasão de armas. Era mesmo o túmulo perdido de Mircalla, Condessa de Karnstein.

O velho general, embora, creio eu, não fosse muito afeito a rezas, ergueu ao céu as mãos e os olhos, durante alguns instantes, num agradecimento mudo.

— Amanhã — ouvi ele dizer — o comissário vai estar aqui, e a inquisição será levada a termo de acordo com a lei.

Então, virando-se para o senhor dos óculos de aro de ouro, que já foi por mim descrito, ele o sacudiu, pelas duas mãos, dizendo:

— Barão, como poderei expressar meu agradecimento? Como poderemos, nós todos, expressar o nosso agradecimento? O senhor vai livrar esta região de uma praga que flagela os habitantes há mais de um século. O inimigo terrível, graças a Deus, foi finalmente localizado.

Meu pai afastou-se com o estranho, e o general os seguiu. Eu sabia que meu pai se distanciava para que eu não o ouvisse, pois pretendia relatar o meu caso, e vi quando olhavam, de relance, para mim, enquanto conversavam. Meu pai voltou até onde eu estava, beijou-me várias vezes e, levando-me para fora da capela, disse:

— Está na hora de regressarmos, mas, antes de voltarmos para casa, precisamos visitar o padre, que mora perto daqui, e convencê-lo a nos acompanhar até o *schloss*.

Quanto a isso, tivemos sorte; e, para mim, foi uma satisfação chegar em casa, pois eu me sentia absolutamente extenuada. Contudo, minha satisfação se transformou em desânimo, pois descobri que não havia qualquer notícia de Carmilla. Acerca da cena ocorrida nas ruínas da capela, nada me foi explicado; evidentemente, tratava-se de um segredo que meu pai, por enquanto, estava decidido a não me revelar.

A ausência sinistra de Carmilla tornava a lembrança da cena ainda mais horrenda para mim. Os preparativos para aquela noite foram singulares. Duas criadas e madame receberam ordens para ficar em meu quarto a noite inteira; e o padre, acompanhado de meu pai, manteve uma vigília no quarto de vestir.

O clérigo havia praticado naquela noite determinados ritos solenes, cujo significado eu não compreendia, assim como não compreendia o motivo das extraordinárias precauções tomadas em relação à minha segurança enquanto eu dormisse.

Poucos dias depois, vi tudo com clareza.

O desaparecimento de Carmilla foi seguido pela interrupção da minha agonia noturna.

O leitor já terá ouvido falar, sem dúvida, de uma superstição que corre pela Alta e pela Baixa Estíria, pela Morávia, Silésia, Sérvia turca, Polónia e até pela Rússia; trata-se da superstição, assim devemos chamá-la, do vampiro.

Se o testemunho humano, tomado judicialmente — com todo o rigor e o devido protocolo, perante inúmeras comissões, todas contando com a participação de vários integrantes, indivíduos selecionados por sua integridade e seu discernimento, e reunindo depoimentos mais volumosos talvez do que os que versam sobre qualquer outro tipo de caso — tem alguma valia, torna-se difícil negar, ou mesmo questionar, a existência do fenômeno do vampiro.

Da minha parte, nunca ouvi qualquer teoria capaz de explicar o que pude testemunhar e o que comigo aconteceu, exceto aquela propiciada por essa antiga e bem documentada crença.

No dia seguinte, foram oficiados os ritos formais, na Capela de Karnstein. A sepultura da Condessa Mircalla foi aberta; o general e meu pai reconheceram, na face agora exposta, a bela e pérfida hóspede. Embora 150 anos houvessem se passado desde o funeral, a fisionomia se mostrava corada com o calor da vida. Os olhos estavam abertos; o caixão não exalava qualquer fedentina cadavérica. Os dois médicos, um ali presente, o outro representado pela pessoa do promotor público, atestaram fatos absolutamente fabulosos: uma tênue respiração e um leve batimento cardíaco. Os membros superiores e inferiores se mostravam flexíveis, a pele elástica; o caixão forrado de chumbo estava inundado de sangue, com uma profundidade de cerca de vinte centímetros, e naquele sangue o corpo flutuava. Ali estavam, pois, todos os sinais e todas as provas do vampirismo. Então, segundo a antiga prática, o corpo foi exumado e uma estaca pontiaguda foi cravada no coração da vampira, que, naquele instante, emitiu um urro lancinante, comparável ao de um mortal em sua agonia derradeira. Em seguida, a cabeça foi decepada, e uma torrente de sangue jorrou do pescoço cortado. O corpo e a cabeça foram, posteriormente, depositados sobre uma pilha de lenha e reduzidos às

cinzas, sendo estas jogadas no córrego; e desde aquela época a região não foi mais atormentada pela aparição de vampiros.

Meu pai possui uma cópia do relatório da Comissão Imperial, com a assinatura de todos os que presenciaram os ritos, atestando a veracidade dos depoimentos. Com base nesse documento oficial, eu procedo ao relato, resumido, da cena final — aterrorizante.

XVI — Conclusão

Talvez o leitor suponha que escrevo com serenidade. Longe disso; não consigo pensar nesses fatos sem experimentar consternação. Nada, exceto a sua vontade, leitor, enfaticamente reiterada, poderia me levar à presente tarefa, que abalou meus nervos durante meses e fez ressurgir a sombra de um pavor indizível, o qual, anos após o meu resgate, continuou a atormentar meus dias e minhas noites e tornou a minha solidão insuportável, terrível.

Deixe-me aduzir uma palavra ou duas sobre o singular Barão de Vordenburg, cujas estranhas lendas levaram à descoberta do túmulo da Condessa Mircalla.

Ele se fixara em Graz, onde sobrevivia com os rendimentos miseráveis que lhe restaram do patrimônio outrora magnífico da família, na Alta Estíria; em Graz, Vordenburg dedicou-se à investigação minuciosa e incansável da tradição maravilhosamente documentada do vampirismo. Ele tinha à mão todas as obras, tanto as maiores como as menores, acerca do assunto: *Magia Posthuma*, de Flégon de Trales; *De Mirabilibus*, de Flégon de Trales; *De Cura pro Mortuis*, de Santo Agostinho; *Philosophicæ et Christianæ Cogitationes de Vampiris*, de John Christofer Harenberg, e mil outras, entre as quais me lembro de apenas algumas das que emprestou a meu pai.²² O barão possuía, ainda, um extenso compêndio reunindo casos judiciais, dos quais ele extraiu um sistema de princípios que parecem nortear — alguns sempre, outros apenas ocasionalmente — a questão do

²² Obras citadas por Calmet nas suas *Dissertations: Magia Posthuma* (Magia após a morte), de Charles Ferdinand de Schertz (Olmütz, 1706); *De Mirabilibus*, a versão latina do original grego *Peri thaumasion* (Das coisas extraordinárias), de Flégon de Trales; *De Cura pro Mortuis* (Dos cuidados com os mortos), de santo Agostinho, *Philosophicæ et Christianæ Cogitationes de Vampiris* (Reflexões filosóficas e cristãs sobre os vampiros), de John Christian Harenberg (Wolfenbiittel, 1739). A suposição de que Le Fanu consultou as *Dissertations* em suas pesquisas para a elaboração de “Carmilla” é baseada no fato de ele cometer o mesmo erro de grafia de Calmet no último autor citado, “Christofer” em vez de “Christian”.(N.E.)

vampiro. Quero mencionar, *en passant*, que a palidez mortífera atribuída a essas assombrações é mera ficção melodramática. Seja na cova, seja quando surgem no mundo, os vampiros apresentam um aspecto plenamente saudável. Quando revelados à luz, dentro do caixão, exibem todas as características que serviram para comprovar a vida vampiresca da Condessa de Karnstein, morta havia tanto tempo.

O modo como deixam os túmulos e para lá voltam, durante algumas horas, diariamente, sem remexer o barro, nem deixar qualquer vestígio de alteração no estado do esquife ou da mortalha, sempre foi considerado inteiramente inexplicável. A existência anfíbia do vampiro é mantida à custa de um sono diário e reparador, na cova. A pavorosa avidez por sangue vivo lhes propicia vigor para as horas despertas. O vampiro tende a se deixar fascinar por determinadas pessoas, com grande ardor, algo similar à paixão carnal. Nesses casos, o vampiro demonstra paciência e ardis inesgotáveis, visto que o acesso ao objeto desejado, por vezes, apresenta uma centena de obstáculos. O vampiro não descansa enquanto não sacia a paixão e drena a vida da vítima cobijada. Mas, ao mesmo tempo, sabe guardar e postergar o prazer assassino, com o refinamento de um epicurista, intensificando tal prazer por meio de abordagens sutis que caracterizam o amor cortês. Nesses casos, o vampiro parece ansiar por simpatia e consentimento. Em outras situações, age de maneira brusca, dominando a vítima com violência, estrangulando-a e dando cabo da infeliz num banquete único.

Segundo consta, em alguns casos, o vampiro fica sujeito a determinadas condições. No exemplo que acabo de relatar, parece que Mircalla estava circunscrita a um nome que, se não fosse o seu verdadeiro, deveria ao menos reproduzir, sem a omissão ou adição de uma letra sequer, os caracteres que o compõem, em anagrama. O nome *Carmilla* atende a tal preceito; o mesmo se aplica a *Millarca*.

Meu pai contou ao Barão de Vordenburg, que permaneceu conosco durante duas ou três semanas após a expulsão de Carmilla, a história sobre o nobre morávio e o vampiro, no cemitério, em Karnstein, e depois perguntou ao barão como ele havia descoberto o local exato da sepultura da Condessa Millarca, há tanto tempo ocultada. Os traços faciais grotescos do barão esboçaram um sorriso misterioso; ele baixou os olhos, ainda

sorrindo, contemplando e brincando com o velho estojo dos óculos. Em seguida, erguendo o olhar, disse:

— Tenho diversos diários e documentos escritos por aquele homem notável; o mais interessante de todos discorre sobre a visita da qual o senhor fala, a Karnstein. A tradição, evidentemente, sempre distorce as coisas um pouco. Talvez ele fosse conhecido como “nobre morávio”, pois havia transferido sua residência para aquela região, e era, de fato, nobre. Mas, na realidade, nascera na Alta Estíria. Basta dizer que, na juventude, ele amara e fora amado pela bela Mircalla, Condessa de Karnstein. A morte precoce da jovem mergulhou-o num desgosto inconsolável. Faz parte da natureza dos vampiros crescer e se multiplicar, mas de acordo com uma lei horrenda.

— Imaginemos, para começar, uma região totalmente livre dessa praga. Como ela surge? Como ela se multiplica? Vou lhe contar. Uma pessoa, mais ou menos perversa, acaba com a própria vida. E o suicida, em determinadas circunstâncias, torna-se um vampiro. O espectro desse indivíduo visita pessoas vivas durante o sono; *essas pessoas* morrem e, quase sempre, na cova, transformam-se em vampiros. Foi o que aconteceu no caso da bela Mircalla, que foi perseguida por um desses demónios. Um antepassado meu, Vordenburg, cujo título herdei, descobriu isso e, no decorrer dos estudos a que se dedicou, aprendeu muito mais.

— Entre outras coisas, ele deduziu que, cedo ou tarde, suspeitas de vampirismo recairiam sobre a falecida condessa, que em vida fora por ele idolatrada. Ele antevia o horror, fosse ela o que fosse, de seus restos mortais serem profanados pelo ultraje de uma execução póstuma. E deixou, então, um documento inaudito a fim de comprovar que, expulso de sua existência anfíbia, o vampiro assume uma vida ainda mais medonha; e decidiu, pois, salvar a outrora adorada Mircalla de tal situação.

— Ele criou o estratagema de uma viagem até lá, no intuito de remover-lhe os restos mortais e ocultar o local de sepultamento. Muitos anos depois, já vencido pela idade, e contemplando as cenas do passado, ele reconsiderou o que havia feito... e foi possuído pelo horror. Então, fez os desenhos e os apontamentos que haveriam de me levar ao local exato, e redigiu uma confissão da desfaçatez que cometera. Se ele pretendia tomar outras medidas, foi impedido pela morte; e a mão de um

descendente longínquo, para muitos, tardiamente, conduziu a busca ao covil da fera.

Conversamos um pouco mais e, entre outras coisas, ele disse o seguinte:

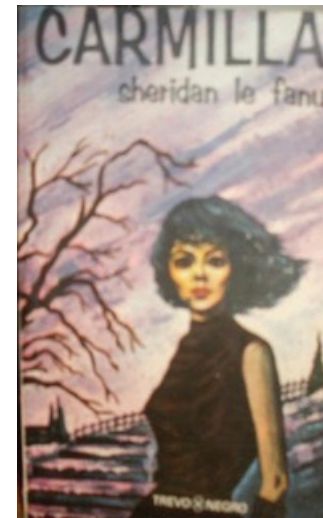
— Um sinal do vampiro é a força da mão, por exemplo, a mão pequenina de Mircalla, cerrada como uma prensa de aço sobre o pulso do general, quando este ergueu o machado para golpeá-la. Mas o poder da mão do vampiro não se restringe a isso; no ponto agarrado, a mão produz um entorpecimento cuja recuperação é lenta... quando ocorre.

Na primavera seguinte, meu pai levou-me a percorrer toda a Itália. Ficamos longe de casa durante mais de um ano. Foi preciso muito tempo até que o horror dos eventos recentes diminuísse; e até hoje a imagem de Carmilla volta à minha lembrança, alternando ambiguidades: às vezes, é a menina alegre, lânguida, bela; outras vezes, é o demônio contorcido que vi nas ruínas da igreja; e, tantas vezes, em devaneio, assusto-me, imaginando ouvir os leves passos de Carmilla à porta do salão de estar.

Tradução de José Roberto O’Shea, publicada em São Paulo, 2010, pela editora Hedra.

Sobre as Edições

Carmilla



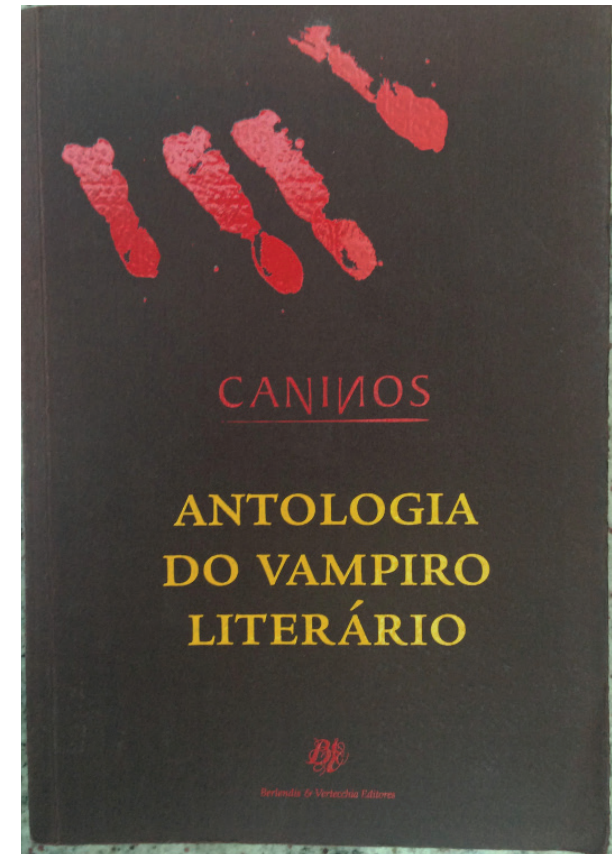
A primeira tradução da novela publicada no Brasil pela editora Bru-guera, conhecida pela publicação de livros do gênero pulp, é a única cuja casa editorial se localizava no Rio de Janeiro, e não em São Paulo. Conforme as informações localizadas no sistema de pesquisa da biblioteca nacional, a edição de 1971 foi traduzida por Pedro Porto Carreiro Ramires e pertence à coleção Trevo Negro.

Carmilla (Morrer de Prazer)



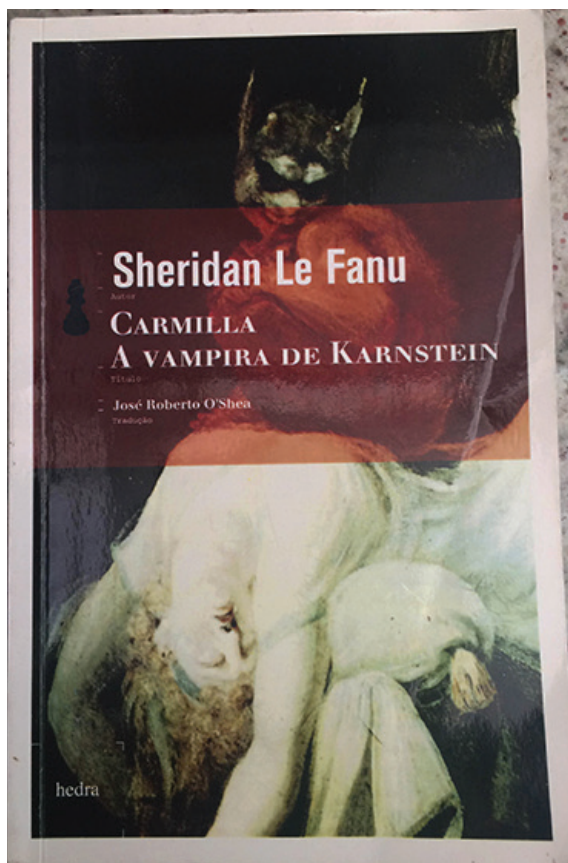
A publicação de 1985 foi traduzida por Maria Lucia Machado; anteriormente tradutora para a Editora Brasiliense, ela agora trabalha integralmente para a Companhia das Letras. Apesar do texto da edição ter sido adaptado e reduzido, essa informação não consta em nenhum dos paratextos. O livro faz parte da coleção Cantadas Literárias, cuja lista de obras é apresentada como um paratexto pré-textual; outro elemento pré-textual é o prefácio assinado por Ruy Castro, jornalista e escritor ganhador do prêmio Jabuti em 1996. O livro encadernado em brochura não traz informações sobre a impressão além do nome da gráfica W. Roth & Cia Ltda., mas aparenta ter sido impresso em papel offset com uma tipografia serifada.

Caninos – Antologia do Vampiro Literário



Esta antologia foi registrada na biblioteca nacional em 2009, mas consta como publicada em 2010 de acordo com sua ficha catalográfica. O livro da Editora Berlendis & Vertecchia conta com 23 textos do tema, dentre contos, poemas, capítulos e excertos de romances e novelas, como é o caso de "Carmilla", que foi traduzida por Renata Lúcia Bottini, além de diversos paratextos que discorrem sobre o assunto, como uma apresentação e um posfácio escritos pelo organizador, Bruno Berlendis de Carvalho, acenos históricos, um mapa e um índice remissivo. E edição não carrega nenhum colofão, mas é possível observar que foi impressa em tipologia serifada e em papel offset.

Carmilla – A Vampira de Karnstein



O livro da editora Hedra, de 2010, é a mais recente publicação da novela no Brasil conta com uma introdução de Alexandre Meireles da Silva, Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor adjunto de Língua Inglesa e Literaturas Correspondentes na Universidade Federal de Goiás, além de tradução por José Roberto O'Shea, pós-Doutor pela Universidade de Birmingham e pela Universidade de Exeter, ambas no Reino Unido, e pelo Folger Shakespeare Institute nos Estados Unidos. A edição de bolso contém apenas com o a novela e a introdução, mas anuncia apresentar a primeira tradução integral e comentada do texto. O livro apresenta brochura encadernada por aparente termoencadernação, sem costura, e conforme seu colofão, foi impresso na tipografia Minion Pro em papel offset.

Publicações Viva Voz de interesse para a área de estudos da tradução

Glossário de termos de edição e tradução

Sônia Queiroz (Org.)

Tradução, literatura e literatidade edição bilíngue

Octavio Paz (Org.)

Poesia traduzida

Sônia Queiroz (Org.)

12 retextualizações traduções comentadas - italiano e português

Patrizia Collina Bastianetto (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica no *site*: <www.lettras.ufmg.br/vivavoz>



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de edição.

Trabalho apresentado como trabalho de conclusão de curso de Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, na habilitação inglês com ênfase em Edição, sob a orientação da Professora Sônia Queiroz. Composto em caracteres Verdana e impresso a *laser* em papel reciclado 75 g/m² (miolo). Acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.